



Juan Gómez-Jurado

# O Emblema do Traidor

*Autor de* Espião de Deus

SUMA  
de leituras

ematerial

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*





**O Emblema do Traidor**

Juan Gómez-Jurado

Tradução

Joana Angélica d'Avila Melo



<https://www.facebook.com/julioecwmaciel>

julioecwmaciel@gmail.com

(Quem gostou desta formatação, me adicione como amigo no Facebook e veja todos os Títulos que tenho disponível)

- Geralmente faço formatações de Livros que ainda não estão no mercado, nos formatos EPUB/MOBI -

## Créditos

Copyright © 2008 by Juan Gómez-Jurado

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

[www.objetiva.com.br](http://www.objetiva.com.br)

Título original

*El emblema del traidor*

Capa

Rodrigo Rodrigues

Imagem de capa

Fox Photos/Getty Images

Preparação de originais

Elisabeth Xavier de Araújo

Revisão

Marina Couto

Michele Paiva

Juliana Santana

Coordenador de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

## Dedicatória

A traição e o assassinio sempre andam juntos,  
como um par de demônios que, fadados ao mesmo fim,  
trabalham tão grosseiramente por interesse natural  
que a imaginação não se assombra diante deles.  
Mas a ti, contra toda proporção, estava reservado  
provocar assombro diante da traição e do assassinio.  
Seja qual for o astuto demônio que agiu sobre ti,  
ganhou no inferno a fama de excelência.

WILLIAM SHAKESPEARE,

*Henrique V*, ato II, cena 2.

## Prólogo

*Estreito de Gibraltar,*

*12 de março de 1940*

Quando a onda o lançou contra a amurada, o capitão González se agarrou à madeira por puro instinto, esfolando toda a mão. Décadas depois, transformado no mais prestigioso livreiro de Vigo, ele tremia sempre que recordava aquela noite, a mais aterradora e extraordinária de sua vida. Velho e encanecido em sua poltrona, sentia voltar à boca o sabor do sangue, do salitre e do medo; aos ouvidos, o estrondo da *vuelcatontos*, aquela traiçoeira ondulação que se levanta em menos de vinte minutos e que os marinheiros do Estreito — e suas viúvas — haviam aprendido a temer; e, aos olhos atônitos, algo que, simplesmente, não poderia estar ali.

Ao ver aquilo, o capitão González esqueceu que o motor estava no limite de suas forças, que sua tripulação era de apenas sete homens quando devia ser de pelo menos 11, e que, entre todos, ele era o único a não se sentir enjoado no chuveiro. Esqueceu que pretendia derrubá-los a socos por não o terem despertado quando o balanço começara.

Agarrou-se a um olho de boi para girar o corpo e colocar-se diante da ponte de comando. Irrompeu ali dentro junto com um jorro de chuva e vento que encharcou o piloto.

— Largue meu timão, Roca — disse, dando um forte empurrão neste. — Você é um inútil.

— Capitão, eu... O senhor ordenou que não o incomodássemos, a não ser que a canhoneira fosse a pique.

— A voz de Roca tremia.

*Aliás, é exatamente o que vai acontecer*, pensou o capitão, balançando a cabeça. Na maioria, seus tripulantes eram os restos trôpegos de uma guerra que deixara o país arrasado. Não podia culpá-los por não terem intuído a chegada da *vuelcatontos*, assim como ninguém poderia culpá-lo se ele se limitasse a fazer a volta e pôr o barco a salvo. O mais sensato era não dar importância ao que acabava de ver. Porque a alternativa era suicídio. Algo que somente um imbecil tentaria.

*E eu sou esse imbecil*, pensou González.

O piloto o encarou boquiaberto quando o viu manobrar e deixar o barco meio atravessado nas ondas. A *Esperanza* era uma lancha canhoneira construída no m do século anterior, e seu casco misto de madeira e aço estalou selvagememente.

— Capitão! — gritou o piloto. — Que diabos está fazendo? Nós vamos virar!

— Rumo a bombordo, Roca — respondeu o capitão. Ele também estava morto de medo, embora não pudesse deixar transparecer nenhum indício.



O piloto obedeceu, achando que o capitão estava completamente louco.

Segundos depois, duvidou de sua própria lucidez.

A menos de 6 braços, uma espécie de balsa ou canoa se contorcia entre duas cristas, com a quilha em um ângulo impossível. Parecia prestes a virar, e de fato era um milagre que isso ainda não tivesse acontecido.

Houve um relâmpago, e de repente o piloto compreendeu por que o capitão estava apostando oito vidas com cartas tão ruins.

— Tem gente ali, senhor!

— Eu sei, Roca. Avise a Castillo e a Pascual. Eles que deixem as bombas, subam ao convés com duas cordas e se agarrem à amurada como uma rameira à sua bolsa.

— O senhor manda.

— Não... espere — disse o capitão, agarrando-o pelo braço antes que ele abandonasse o passadiço.

Hesitou um momento. Não podia dirigir o resgate e ao mesmo tempo segurar o timão. Se a proa casse perpendicular às ondas, estavam fritos. Mas, se ele não descesse, algum dos seus rapazes acabaria no fundo do mar.

*Bah, ao inferno.*

— Pode deixar, Roca. Eu mesmo farei isso. Segure o timão e mantenha-o assim.

— Não aguentaremos muito, capitão.

— Assim que subirmos esses pobres-diabos, pegue a primeira onda até um segundo antes do ponto mais alto e depois vire a estibordo com todas as suas forças. E reze!

Os marinheiros subiram ao convés com as mandíbulas cerradas e o corpo tenso, pobres disfarces de determinação para dois corpos cheios de medo. O capitão situou-se entre os dois, disposto a dirigir a perigosa coreografia.

— Quando eu mandar, lancem os ganchos. Agora!

Os dentes de aço cravaram-se nas extremidades da canoa; os cabos se tensionaram.

— Puxem!

Enquanto a embarcação se aproximava, o capitão acreditou escutar gritos e ver braços se agitando no interior.

— Segurem rme, mas mantenham alguma distância! — Agachou-se e pegou um croque com duas vezes a sua altura. — Se eles se chocarem conosco, estarão destruídos!

*E muito possivelmente nos abrirão um buraco*, pensou o capitão, que podia sentir sob o convés escorregadio como o casco estalava cada vez mais a cada nova onda que os sacudia.

Manobrou com o croque e conseguiu prender uma extremidade da canoa. A longuíssima vara coroadada por um gancho manteria a embarcação a uma distância xa. Ordenou aos marinheiros que amarrassem os cabos às abitas e baixassem uma escada de corda, enquanto se agarrava como podia ao croque, que empinava em suas mãos com uma força capaz de lhe abrir o crânio.

Um novo relâmpago iluminou por completo o fundo da embarcação. O capitão González pôde ver que havia quatro pessoas a bordo. E nalmente entendeu por que ainda havia gente em cima daquele prato de sopa que saltava entre as ondas.

*Malditos loucos. Eles se amarraram ao barco.*

Uma gura coberta por um impermeável escuro se inclinava sobre os outros ocupantes, empunhando uma faca e cortando freneticamente as cordas que os prendiam à canoa. Cabos recém-cortados pendiam de seus próprios pulsos.

— Venham! Subam antes que isso daí afunde!

As guras se aproximaram da borda, braços estendidos mal tocando a escada. O homem da faca conseguiu pegá-la e deixou os outros passarem primeiro. Os marinheiros foram ajudando-os a subir.

Finalmente, só restou na embarcação o homem da faca. Agarrou como pôde a escada, mas, quando se apoiou na borda para tomar impulso, o croque se desprende. O capitão tentou recuperá-lo, mas uma onda mais alta do que as outras levantou a quilha da canoa, lançando-a contra o costado da *Esperanza*.

Houve um estalido e um grito.

O capitão soltou o croque, horrorizado. A borda da canoa havia golpeado a perna do homem da faca.

Agora ele pendia da escada com uma só mão e as costas grudadas ao casco. A canoa estava se afastando, mas em questão de segundos as ondas voltariam a empurrá-la contra a canhoneira e a golpeá-la de novo.

— As amarras! — gritou o capitão aos dois marinheiros. — Cortem as amarras, pelo amor de Deus!

Um deles, o que estava mais perto da amurada, puxou do cinto sua faca e começou a cortar os

cabos.

O outro tentava conduzir os resgatados à escotilha do porão, antes que um vagalhão os carregasse.

Com a alma em suspenso, o capitão procurou abaixo da amurada, onde um machado se oxidava havia dez anos.

— Afaste-se, Pascual!

Saltaram chispas azuladas das abitas de aço, mas quase não se escutaram as machadadas no crescente fragor da tempestade. Por um momento, nada aconteceu.

Em seguida, o choque.

O convés estremeceu sob os pés dele quando a canoa, livre das amarras, elevou-se e se despedaçou contra a proa da *Esperanza*. O capitão se debruçou à amurada, convencido de que só encontraria a extremidade oscilante da escada. Mas estava enganado.

O naufrago continuava ali, tateando com a esquerda, tentando rmar-se de novo com as duas mãos aos degraus da escada. O capitão lhe estendeu o braço, mas havia mais de 2 metros de distância entre aquela figura desesperada, prestes a se soltar, e a ponta dos seus dedos.

Só podia fazer uma coisa.

Passou uma perna por cima da amurada e se agarrou à escada com a mão ferida, murmurando uma estranha mistura de oração e maldição àquele Deus que se empenhava em afogá-los. Por um instante, oscilou perigosamente, mas o marinheiro Pascual o segurou a tempo. Desceu três degraus, o su ciente para poder se agarrar às mãos estendidas de Pascual se perdesse o apoio. Não se atreveu além disso.

— Pegue minha mão!

O naufrago tentou girar o corpo para alcançá-lo, mas não conseguiu. Um dos dedos com que ele se agarrava à escada se soltou.

O capitão esqueceu as orações e se concentrou nas maldições, embora em voz muito baixa. A nal, não estava maluco o bastante para desa ar Deus, ainda mais num momento como aquele. No entanto, estava suficientemente louco para descer mais um degrau e agarrar o pobre sujeito pela lapela.

Durante um segundo eterno, tudo o que sustentou aqueles dois homens sobre a escada bamboleante foram nove dedos, uma bota de sola desgastada e uma gigantesca força de vontade.

Depois, o naufrago conseguiu se girar o su ciente para se segurar ao corpo do capitão. Enganchou

os pés nos degraus, e os dois iniciaram a subida.

Seis minutos mais tarde, debruçado sobre seu próprio vômito no porão, o capitão mal podia acreditar na sorte que todos tinham tido. Lutava para recuperar a calma. Ainda não percebia direito como o inútil do Roca havia conseguido se esquivar da tormenta, mas as ondas já golpeavam o casco com menor intensidade, e parecia claro que a *Esperanza* ia sair daquela.

Os marinheiros o olhavam fixamente, um semicírculo de rostos esgotados e tensos. Um deles lhe estendeu uma toalha. González o afastou com um gesto.

— Limpem esta porcaria — disse, apontando o chão e ficando de pé.

No extremo mais escuro do porão, apinhavam-se os naufragos gotejantes. À claridade trêmula da única lâmpada que iluminava o compartimento, o capitão mal podia distinguir seus rostos.

Deu três passos na direção deles.

Um se adiantou e lhe estendeu a mão.

— *Danke schön.*

Como o resto dos seus companheiros, estava coberto dos pés à cabeça por um impermeável negro com capuz. Um detalhe o diferenciava dos outros: uma correia que cruzava sua cintura. Nela, brilhava a faca de cabo vermelho que ele usara para cortar as cordas.

O capitão não se conteve.

— Maldito filho da puta. Podíamos estar todos mortos!

Jogou o braço para trás e golpeou o naufrago no crânio, derrubando-o. O capuz caiu e revelou uma cabeça loura, um rosto de traços angulosos. Um olho azulado e frio.

No lugar onde deveria estar o outro, havia um vazio de pele enrugada.

O naufrago se levantou e repôs o tapa-olho, que devia ter se deslocado com o soco. Depois levou a mão à faca. Dois dos marinheiros se adiantaram, temendo que ele destripasse o capitão ali mesmo, mas o outro se limitou a puxar a faca com a ponta dos dedos e jogá-la no chão. Voltou a estender a mão.

— *Danke schön.*

Muito a contragosto, o capitão sorriu. Aquele maldito alemão, aquele boche tinha mesmo muito colhão.

Balançando a cabeça, apertou-lhe a mão.

— De onde diabos vocês saíram?

O outro deu de ombros. Estava claro que não entendia uma só palavra de castelhano. González o estudou devagar. O homem teria entre 35 e 40 anos, e sob o impermeável negro usava roupas escuras e botas pesadas.

O capitão deu um passo em direção aos companheiros do caolho, desejoso de saber por quem havia arriscado seu barco e sua tripulação, mas o outro estendeu os braços e se moveu ligeiramente para aquele lado, interpondo-se. Plantava-se com rmeza, ou pelo menos tentava. Custava-lhe permanecer de pé, e seu rosto exibia um olhar de súplica.

*Não quer questionar minha autoridade diante dos meus homens, mas não está disposto a deixar que eu me aproxime dos seus misteriosos amigos. Pois muito bem, fodam-se, são todos seus. Mais tarde, vão se explicar à Capitania,* pensou González.

— Pascual?

— Pois não, senhor?

— Avise ao piloto que aproe em direção a Cádiz.

— Às suas ordens — disse o marinheiro, desaparecendo pela escotilha. O capitão se dispunha a segui-lo, rumo ao seu próprio camarote, quando a voz do alemão o interrompeu.

— *Nein. Bite. Nein Cadis.*

O rosto do alemão mudara por completo quando ele o ouvira mencionar a cidade.

*Por que você está tão morto de medo, boche?*

— *Komm, Komm. Bite* — disse o alemão, fazendo-lhe gestos para que se aproximasse. O capitão se inclinou e o outro lhe pediu ao ouvido: — *Nein Cadis. Portugal. Bite, Kapitän.*

González se afastou um pouco do alemão e o contemplou durante mais de um minuto. Tinha certeza de que não podia lhe arrancar mais nada além do que havia arrancado, já que seu domínio daquele idioma se limitava a *sim, não, por favor* e *obrigado*. Mais uma vez, via-se ante um dilema cuja solução mais fácil era a que menos lhe apetecia adotar. Mais uma vez, dizia a si mesmo que já fizera o suficiente salvando-lhes a vida.

*O que você quer esconder, boche? Quem são seus amigos? O que fazem quatro cidadãos da nação mais poderosa e dona do maior exército do mundo cruzando o Estreito numa canoa? Pretendiam chegar a Gibraltar naquela banheira? Não, acho que não, isto aqui está cheio de ingleses, seus inimigos. E por que não ir para a Espanha? Pelo gosto do nosso glorioso Generalíssimo, logo estaremos cruzando os Pireneus para lhes dar uma mãozinha matando franceses, suponho que a pedradas. Pois se somos unha e carne com seu Führer... A não ser que vocês mesmos não o sejam, claro.*

*Droga!*

— Vigiem estes homens — disse, dirigindo-se à tripulação. — Otero, encarregue-se de lhes arrumar umas mantas, além de algo quente para comer.

O capitão voltou à ponte de comando, onde Roca traçava o rumo para Cádiz, evitando a tormenta que já soprava no interior do Mediterrâneo.

— Capitão — disse o piloto, batendo continência. — Permita-me lhe transmitir minha admiração pelo...

— Sim, sim, Roca. Muito obrigado. Temos café?

Roca serviu uma xícara fumegante ao capitão, que se sentou para saboreá-la. Tirou o capote impermeável e o suéter que havia embaixo e que também estava encharcado. Por sorte, não fazia frio na cabine.

— Mudança de planos, Roca. Um dos boches que recolhemos me deu um aviso. Parece que há um bando de contrabandistas na foz do Guadiana. Iremos até Ayamonte, para ver o que conseguimos apurar.

— Como queira, capitão — disse o piloto, meio incomodado por ter de traçar um novo rumo.

Preocupado, González cravou o olhar na nuca do jovem. Havia alguns com quem não se podia falar de certas coisas, e ele se perguntou se Roca seria um dedo-duro. O que se propunha a fazer era ilegal. Podiam mandá-lo para a prisão por isso, ou algo pior. Mas não conseguiria fazê-lo sem seu imediato.

Entre um gole e outro de café, decidiu que podia con ar em Roca. O pai dele havia sido morto pelos nacionalistas após a tomada de Barcelona, dois anos antes.

— Já estive em Ayamonte, Roca?

— Não, senhor — respondeu o jovem, sem se voltar.

— É um lugar maravilhoso, 3 milhas Guadiana acima. Há bom vinho, e em abril paira um perfume de flor de laranjeira. Na outra margem do rio, começa Portugal.

Tomou mais um gole.

— Fica logo ali, por assim dizer.

Roca se voltou, surpreso, e o capitão lhe deu um sorriso cansado.

Quinze horas depois, o convés da *Esperanza* estava deserto. Subiam risadas do refeitório, onde os marinheiros disfrutavam um jantar temporão. O capitão lhes prometera que atracariam no porto

de Ayamonte depois do jantar, e muitos já podiam sentir sob os pés a serragem das tabernas. Supostamente, o capitão em pessoa vigiava a ponte, enquanto Roca tomava conta dos quatro náufragos.

— Tem certeza de que é necessário, senhor? — perguntou o piloto, meio temeroso.

— Vai ser uma mancha-roxa de nada. Não seja tão covarde, homem. Isso tem de parecer real. Fique caído por um tempo.

Souu um golpe seco, e uma cabeça assomou pela escotilha do porão. Em seguida vieram os náufragos.

Começava a anoitecer.

O capitão e o homem da faca desceram até a água o bote salva-vidas de bombordo, o costado mais distante do refeitório. Os náufragos se acomodaram dentro e esperaram o caolho da faca, que voltara a cobrir a cabeça com o capuz.

— Duzentos metros em linha reta — disse o capitão, apontando em direção a Portugal. — Deixem o bote a salvo na praia, porque preciso dele. Mais tarde vou recolhê-lo.

O alemão voltou a encolher os ombros.

— Sei que você não está entendendo patavina. Tome — disse González, devolvendo-lhe a faca.

O outro guardou-a no cinto com a mão esquerda, enquanto com a direita remexia sob o impermeável.

Tirou um pequeno objeto e o colocou na mão do capitão.

— *Verrat* — disse, tocando o próprio peito com o indicador. — *Rettung* — acrescentou, tocando o peito do espanhol.

González estudou atentamente o presente. Era uma espécie de medalha muito pesada. Aproximou-se da luminária que pendia da cabine, e o objeto emitiu um inconfundível brilho dourado.

Era feito de ouro maciço.

— Escute, eu não posso aceitar...

Mas estava falando sozinho. O bote já se afastava, e nenhum de seus ocupantes olhava para trás.

Até o m dos seus dias, Manuel González Pereira, ex-capitão da Marinha Espanhola, dedicou cada minuto que sua livraria lhe deixava a estudar, com notável interesse, aquele emblema de ouro. Era uma águia bicéfala sobre uma cruz de ferro. A águia sustentava uma espada, trazia o

número 32 acima das cabeças e um enorme diamante incrustado no peito.

Descobriu que era um símbolo maçônico de altíssimo nível, mas todos os especialistas com quem falou lhe disseram que certamente devia ser falso, sobretudo pela utilização do ouro. Os maçons alemães nunca empregavam metais nobres para os emblemas de seus Grão-Mestres. O talhe do diamante — até onde o joalheiro foi capaz de deduzir sem desmontar a peça — permitia datar a pedra entre o nal do século XIX e o início do XX.

Em longas noites de vigília, o livreiro meditava sobre a conversa que mantivera no convés com o Caolho Misterioso, como o batizara carinhosamente seu filho pequeno, Juan Carlos.

O menino não se cansava de escutar a história seguidas vezes e imaginava disparatadas teorias sobre a identidade dos náufragos. Mas, sobretudo, entusiasmavam-no aquelas últimas palavras. Havia decifrado o signi cado delas mediante um dicionário de alemão e as repetia pausadamente, como se dessa maneira pudesse compreendê-las melhor.

— *Verrat*, traição. *Rettung*, salvação.

O livreiro morreu sem ter jamais conhecido o enigma que se escondia no emblema. Seu lho Juan Carlos herdou a peça e por sua vez tornou-se livreiro. Numa tarde de setembro de 2002, um obscuro e velho escritor esteve na livraria para apresentar seu livro mais recente sobre maçonaria. Ninguém compareceu à apresentação, de modo que Juan Carlos decidiu, para matar o tempo e aliviar o evidente constrangimento de seu convidado, mostrar-lhe uma foto do emblema. Ao vê-lo, a expressão do escritor mudou.

— De onde o senhor tirou esta foto?

— É uma velha medalha que pertenceu ao meu pai.

— Ainda a tem?

— Sim. Pelo triângulo com o número 32, deduzimos que era...

— Um símbolo maçônico. Com toda a certeza falso, tanto pela forma da cruz quanto pelo diamante.

Mandou avaliá-lo?

— Sim. O valor dos materiais é de uns 3 mil euros. Desconheço se tem algum valor histórico.

O escritor ficou examinando a peça durante vários segundos antes de responder. Seu lábio inferior tremia.

— Não. Não, decididamente não. Talvez como curiosidade... mas duvido. Ainda assim, gostaria de comprá-lo. O senhor sabe, para minhas pesquisas. Dou-lhe 4 mil euros por ele.



Juan Carlos recusou educadamente a oferta, e o escritor foi embora ofendido. Começou a frequentar a livraria todos os dias, embora nem sequer morasse na cidade. Fingia rebuscar entre os livros, mas na realidade se dedicava a espiar Juan Carlos por cima de uns óculos grossos de resina. O livreiro começou a se sentir incomodado. Numa noite de inverno, ao voltar para casa, acreditou escutar passos que o seguiam.

Escondeu-se num pórtico e esperou. Instantes depois, apareceu o escritor, uma sombra escorregadia tiritando dentro de uma gabardina púida. Juan Carlos saiu do pórtico e o aciou contra a parede.

— Isto tem de terminar, fui claro?

O velho começou a chorar e caiu ao solo balbuciando, agarrando-se aos joelhos dele.

— O senhor não entende. Eu preciso tê-lo...

Juan Carlos se acalmou. Acompanhou o velho até um bar e colocou diante dele uma taça de *brandy*.

— Bom, me diga a verdade. É muito valioso, não é?

O escritor se deu um tempo antes de responder, estudando o livreiro, trinta anos mais jovem e 15 centímetros mais alto. Finalmente, deu a batalha por perdida.

— O valor dele é incalculável. Mas não o busco por isso — respondeu, fazendo um gesto de desprezo.

— Então, por quê?

— Pela glória. A glória da descoberta. Seria a base do meu próximo livro.

— Baseado na peça?

— Baseado no dono original. Consegui reconstituir a vida dele ao longo de anos de pesquisa, escarafunchando fragmentos de diários, hemerotecas, bibliotecas privadas... as cloacas da História. Em todo o mundo, somente uns dez homens pouquíssimo comunicativos a conhecem. Todos são grão-mestres, e nenhum tem todos os fragmentos, exceto eu. Mas ninguém acreditará em mim, se eu contar.

— Experimente comigo.

— Só se o senhor me prometer uma coisa. Que me deixará vê-lo. Tocá-lo. Só uma vez.

Juan Carlos suspirou.

— Está bem. Mas desde que isso que o senhor tem a me contar desperte meu interesse.

O velho se debruçou à mesa do bar e começou a sussurrar para o livreiro uma história secreta que até aquele instante havia passado de boca em boca, entre homens que haviam jurado não a repetir jamais. Uma história de mentiras, de um amor impossível, de um herói esquecido, do assassinato de milhares de inocentes pelas mãos de um só homem. A história do emblema do traidor...

## Profano

1919-1921



Onde o entendimento não vê adiante da própria pessoa

*O símbolo do profano é a mão estendida, aberta, solitária, mas capaz de agarrar-se ao conhecimento.*

## Cápítulo 1

Havia sangue na escada do palacete dos Schroeder.

Paul Reiner estremeceu ao vê-lo. Claro, não era o primeiro sangue que ele via. Entre 1º de abril e 1º de maio de 1919, todos os habitantes de Munique haviam vivido, em apenas trinta dias, todo o horror que não tinham sentido em quatro anos de guerra. Nos meses incertos entre o fim do Império e a proclamação da República de Weimar, numerosos grupos tentaram impor seus interesses. Os comunistas haviam tomado a cidade e declarado a Baviera uma república soviética. Os saques e os assassinatos tinham aumentado à medida que os Freikorps reduziam a distância entre Berlim e Munique. Os rebeldes, conscientes de que lhes restava pouco tempo, apressaram-se a liquidar quantos inimigos políticos pudessem. Civis executados em plena noite, sobretudo.

Portanto, Paul já vira rastros de sangue, mas nenhum na entrada da casa onde vivia. E este, embora pequeno, passava por baixo da grande porta de carvalho.

*Tomara que Jürgen tenha caído de boca e quebrado todos os dentes*, pensou Paul. *Talvez assim ele me deixe em paz por alguns dias.* Balançou a cabeça com tristeza. Não tinha essa sorte toda.

Tinha apenas 15 anos, mas uma sombra de amargura lhe cobria o coração, como as nuvens cobriam aquele preguiçoso sol de meados de maio. Menos de meia hora antes, Paul embromava entre os arbustos do Englischer Garten, contente por haver voltado ao colégio uma vez terminada a revolução, e não pelas aulas.

Paul estava sempre adiantado em relação aos seus colegas, e até ao professor Wirth, que o entediava totalmente. Lia tudo o que lhe caía nas mãos e absorvia aquilo como um bebê absorve a bebida em dia de pagamento. Fingia assistir à aula e era sempre o primeiro da classe.

Paul não tinha amigos, por mais que se esforçasse para se aproximar dos outros. Apesar de tudo, gostava do colégio porque as horas de aula eram horas sem Jürgen, que frequentava uma academia cujos pisos não eram de linóleo e cujas carteiras não tinham as bordas desbeichadas.

Sempre retornava para casa dando uma volta pelo Garten, o maior parque da Europa, que naquela tarde estava quase deserto, sem sequer os sempiternos guardas de jaqueta vermelha dispostos a repreendê-lo quando ele abandonava o caminho de terra. Paul aproveitou a circunstância e tirou os sapatos furados.

Gostava de pisar na grama com os pés descalços, e, enquanto caminhava, agachava-se distraído e recolhia alguns dos milhares de panetões amarelos que os aviões do Freikorps tinham lançado sobre Munique na semana anterior, exigindo a rendição incondicional dos comunistas. Ia jogando-os nas lixeiras. De bom grado teria permanecido limpando todo o parque, mas aquele dia era quinta-feira, e ele devia encerrar os pisos do quarto andar do palacete, tarefa que o ocuparia até a hora do jantar.

*Se pelo menos ele não estivesse em casa...*, pensava Paul. *Na última vez, me trancou no quarto das vassouras e derramou um balde de água suja em cima do mármore. Por sorte, mamãe me ouviu gritar e me soltou, antes que Brunhilda percebesse.*

Paul queria relembrar um tempo em que seu primo não se comportava daquele jeito. Anos antes, quando ambos eram muito pequenos e Eduard os levava ao Garten pela mão, Jürgen lhe sorria. Era uma recordação fugaz e breve, quase a única boa que lhe restava dele. Depois veio a Grande Guerra, com suas orquestras e seus desfiles. E lá se foi Eduard, acenando com a mão e sorrindo enquanto o caminhão que o levava ia cada vez mais depressa, e Paul corria junto dele, desejando seguir para a frente de batalha com seu primo mais velho, estar sentado ao seu lado e exibir aquele impressionante uniforme.

Para Paul, a guerra havia consistido nas notícias que ele lia todas as manhãs na parede do comissariado, a caminho do colégio, ao longo de quatro séries, muitas vezes abrindo passagem por um emaranhado de pernas, algo que nunca lhe custara trabalho porque era delgado como uma lâmina. Ali, lia satisfeito os avanços do Exército do Kaiser, que a cada dia fazia milhares de prisioneiros, ocupava cidades e expandia as fronteiras do Império. Depois, em aula, desenhava um mapa da Europa e se entretinha em imaginar qual seria a próxima grande batalha, e se Eduard estaria nela. De repente, e sem que ninguém notasse, as “vitórias” começaram a se produzir cada vez mais perto de casa, e os boletins de guerra quase sempre anunciavam “retorno às posições de segurança previstas inicialmente”. Até que, um dia, um enorme cartaz proclamou que a Alemanha havia perdido a guerra. Embaixo vinha uma lista do que ela teria de pagar por isso, e era muito longa.

Lendo aquela lista e aquele cartaz, Paul se sentira enganado e trapaceado. De repente, já não havia um colchão de fantasia que suavizasse a dor pelas surras cada vez mais frequentes de Jürgen. A gloriosa guerra não ia esperar que Paul crescesse e fosse reunir-se a Eduard na linha de frente.

*E, sem dúvida, não é gloriosa em absoluto.*

Paul cou olhando o sangue na entrada durante alguns instantes. Descartou mentalmente a hipótese de que a revolução tivesse recomeçado. Havia pelotões de Freikorps patrulhando Munique inteira. A poça, contudo, parecia fresca, uma anomalia minúscula sobre a grande escadaria de pedra, em cujos degraus cabiam dois homens deitados ao comprido.

*É melhor me apressar. Se eu chegar tarde de novo, tia Brunhilda me mata.*

Debateu-se mais um pouco entre o medo do desconhecido e o de sua tia, e este último prevaleceu. Puxou do bolso a chavezinha da porta de serviço e entrou no palacete. Lá dentro, parecia estar tudo calmo. Ele já se encaminhava para a escada interna quando ouviu vozes tensas, provenientes da área nobre da casa.

— Escorregou quando subíamos, senhora. Não é fácil carregá-lo, e nós estamos muito fracos. Os

ferimentos dele não param de se abrir há meses.

— Estúpidos, incompetentes! Não é de estranhar que tenhamos perdido a guerra.

Paul atravessou o vestibulo tentando fazer o mínimo possível de ruído. A mancha alongada de sangue que escoava por baixo da porta se transformara num gotejamento espaçado em direção ao salão maior do palacete. Dentro, sua tia Brunhilda se encontrava junto de dois soldados curvados sobre um sofá. Esfregava as mãos com força, até que se deu conta disso e escondeu-as entre as dobras do vestido. Mesmo escondido atrás da ombreira da porta, Paul não conseguiu evitar encolher-se de medo ao ver sua tia assim. As pálpebras dela se haviam transformado em nas riscas cinzentas; a boca, que normalmente mal revelava a idade da dona, estava retorcida em um sinal de interrogação, e a voz autoritária vibrava de ira.

— Vejam como está ficando o estofamento. Marlis!

— Sim, baronesa — respondeu a criada, adiantando-se e entrando no campo visual de Paul.

— Vá buscar uma manta, depressa. Chame o jardineiro. Temos de queimar estas roupas, estão cheias de piolhos. E que alguém avise ao barão.

— E ao patrãozinho Jürgen, senhora baronesa?

— Não! A ele, de jeito nenhum, compreendeu? Já voltou do colégio?

— Ele hoje tem esgrima, senhora baronesa.

— Chegará daqui a pouco. Quero que este desastre esteja resolvido antes que ele volte — disse Brunhilda.

— Vá logo!

A criada passou junto de Paul num revoluteio de avental e saias, mas ele não se moveu, porque acabava de vislumbrar entre as pernas dos soldados o rosto de Eduard. Seu coração começou a bater mais depressa.

Com que então, era ele que os soldados haviam trazido e deitado no sofá.

*Meu Deus do céu. O sangue é dele.*

— Quem é o responsável por isto?

— Um tiro de morteiro, senhora.

— Isso vocês já me disseram. O que pergunto é por que só agora me trouxeram meu filho, e neste estado.

Sete meses desde que acabou a guerra, e nenhuma notícia! Sabem quem é o pai dele?

— Um barão, ouvi dizer. O Ludwig aqui é pedreiro, e eu, servente de armazém. Mas, para a metralha, tanto fazem os títulos, senhora. E o caminho da Turquia até aqui foi muito longo. A senhora tem sorte de ele ter voltado, coisa que não aconteceu com meu irmão.

O rosto de Brunhilda ficou lívido.

— Vão embora daqui — disse ela, com um fio de voz.

— Muito bonito. Nós lhe devolvemos seu lho, e a senhora nos põe na rua, sem sequer uma caneca de cerveja.

Pode ser que um lampejo de remorso tenha atravessado o rosto de Brunhilda, mas foi apagado pela fúria.

Incapaz de falar, ela levantou um dedo crispado, apontando a porta.

— Porcaria, merda de nobreza — comentou um dos soldados, cuspidno no tapete.

Voltaram-se para sair, de cabeça baixa e arrastando os pés. Nos olhos fundos, mostravam cansaço e tédio, mas não surpresa. Paul disse a si mesmo que àquela altura poucas coisas poderiam assombrar aqueles homens. E quando os dois, com seus amplos capotes acinzentados, deixaram de bloquear sua visão, ele finalmente compreendeu a cena.

Eduard, primogênito do barão von Schroeder, jazia desmaiado sobre o sofá, em um ângulo estranho. O braço esquerdo se apoiava numas almofadas. Onde deveria estar o direito havia uma dobradura mal costurada na jaqueta. Onde deveriam estar as pernas, dois cotos de ataduras sujas, um deles ressumando sangue. Os cortes do cirurgião haviam sido desiguais, um acima do joelho esquerdo e outro logo abaixo do direito.

*Mutilação assimétrica*, pensou Paul, recordando estranhamente sua aula de história da arte naquela manhã e o professor falando da Vênus de Milo. E se deu conta de que estava chorando.

Ao escutar o soluço, Brunhilda levantou a cabeça e voou na direção de Paul a toda a velocidade. O olhar de desdém e desprezo que costumava lhe dedicar havia cedido espaço a uma expressão de ódio e vergonha.

Por um momento, Paul acreditou que ela ia bater nele e se jogou para trás, caindo de costas no chão, enquanto cobria o rosto com os braços. Ouviu-se uma tremenda pancada.

As portas do salão tinham se fechado.

## Cápítulo 2

Naquele mesmo dia, uma semana depois que o governo declarou segura a cidade de Munique e começou a enterrar os mais de 1.200 comunistas mortos, outros filhos voltaram para casa.

Ao contrário do de Eduard von Schroeder, este retorno em especial havia sido minuciosamente preparado. Para Alys e Manfred Tannenbaum, a viagem de regresso começou no *Macedonia*, de New Jersey até Hamburgo. Dali, continuou numa luxuosa cabine de primeira classe num trem para Berlim, onde os dois encontraram um telegrama de seu pai, ordenando-lhes que se hospedassem no Esplanade até novo aviso.

Para Manfred, isso signi cou a coincidência mais feliz dos seus dez anos de vida, já que no aposento ao lado se alojava Charlie Chaplin. O ator deu de presente ao menino uma de suas famosas bengalas de bambu e inclusive o acompanhou até o táxi, junto com a irmã, no dia em que nalmente chegou o telegrama do pai dizendo que já era seguro realizar a última etapa da viagem.

Assim, em 13 de maio de 1919, mais de cinco anos depois que seu pai os enviara aos Estados Unidos para afastá-los da guerra iminente, os lhos do industrial judeu mais importante da Alemanha puseram os pés na plataforma 3 da estação de Hauptbahnhof.

Já desde aquele instante, Alys soube que aquilo não ia dar certo.

— Vamos com isso, Doris, pode ser? Deixe, eu mesma levo — disse, arrebatando das mãos da criada que seu pai havia enviado para recebê-los uma caixa de chapéus e colocando-a no alto do carrinho. Já a tirara de um dos carregadores da estação que circulavam ao seu redor como moscas-varejeiras, tentando encarregar-se das malas. Alys afugentou todos eles. Não suportava que tentassem controlá-la ou, pior, que a julgassem incapaz de alguma coisa.

— Não me pega, Alys! — propôs Manfred, começando a correr. O menino não tinha as mesmas restrições da irmã e se limitava a empunhar sua inseparável bengala.

— Espere para ver, seu pirralho! — gritou Alys, empurrando o carrinho. — Não se atrase, Doris.

— Seu pai não aprovaria que a senhorita mesma levasse a bagagem. Por favor... — disse a criada, tentando inutilmente seguir a jovem enquanto lançava olhares de reprovação aos carregadores, que não paravam de trocar cotoveladas brincalhonas, apontando Alys.

Aquele era precisamente o problema da jovem com seu pai: ele programava cada instante da vida dela. Josef Tannenbaum era de carne e osso, mas a mãe de Alys sempre dizia que o marido parecia ter engrenagens e molas em vez de órgãos.

— Você pode acertar o relógio com base no seu pai, querida — sussurrava ao ouvido da lha, e as duas riam. Baixinho, porque o senhor Tannenbaum não gostava de brincadeiras.



Depois a gripe levou a mãe, em dezembro de 1913. Alys só melhorou de seu assombro e de sua tristeza quando se viu, junto com o irmão, a caminho de Columbus, Ohio, quatro meses mais tarde. Hospedaram-se com os Bush, uma família episcopaliana de classe média alta. O patriarca, Samuel, era o diretor-geral da Buckeye Steel Castings, uma fundição que fazia lucrativos acordos comerciais com Josef Tannenbaum. Em 1914, Samuel Bush foi nomeado responsável governamental de Armamento e Munições, e os produtos que adquiria do pai de Alys tomaram uma forma diversa. Concretamente, milhões de projéteis que viajaram através do Atlântico. Em caixas dirigidas ao oeste, enquanto os Estados Unidos foram neutros, e nas cartucheiras dos soldados na direção leste, em 1917, quando o presidente Wilson decidiu distribuir democracia pela Europa.

Em 1918, Bush e Tannenbaum trocaram cartas amáveis, lamentando que, “por inconveniências políticas”, seus negócios tivessem de cessar temporariamente. Reataram 15 meses depois, coincidindo com o retorno dos jovens Tannenbaum à Alemanha.

No dia em que recebeu a carta na qual Josef os chamava, Alys achou que ia morrer. Somente uma garota de 15 anos, secretamente apaixonada por um dos lhos da família que a acolhera, e tendo descoberto que devia ir embora para sempre, podia acreditar tão firmemente que sua vida acabara.

*Prescott, chorava ela no camarote de volta. Se pelo menos eu tivesse conversado com ele um pouco mais... Se lhe tivesse dado mais atenção quando ele voltou de Yale para seu aniversário, em vez de bancar a difícil, como todas naquela festa...*

Contra o próprio prognóstico, Alys sobreviveu e jurou sobre os encharcados travesseiros do camarote que nunca mais sofreria por um homem. A partir daquele instante, ela mesma tomaria as decisões sobre sua vida, sem se importar com a opinião dos outros. E com seu pai, menos ainda.

*Vou procurar um trabalho. Não, papai nunca permitiria. Será melhor pedir que ele me dê um emprego numa das fábricas, só até que eu tenha poupado o bastante para uma passagem de volta aos Estados Unidos.*

*Quando puser os pés em Ohio, agarrarei Prescott pelo pescoço e o apertarei até que ele me peça em casamento. Isso é o que farei, e nada poderá me impedir.*

Contudo, quando o Mercedes estacionou em Prinzregentenplatz, a resolução de Alys se desinara como um balão de 2 centavos. A jovem respirava entrecortadamente e mal prestava atenção aos nervosos saltos de seu irmão no assento. Parecia-lhe incrível ter trazido consigo sua decisão ao longo de 4 mil quilômetros — desde o meio do Atlântico — e deixá-la se desfazer nos escassos 4 mil metros que havia da estação até o luxuoso edifício. Um porteiro de libré abriu a porta do automóvel e, quando Alys se deu conta, já subiam no elevador.

— Acha que papai preparou uma festa, Alys? Estou morrendo de fome!

— Seu pai tem estado muito ocupado ultimamente, patrãozinho Manfred. Mas eu mesma me encarreguei de comprar pastéis de creme para a merenda.

— Obrigada, Doris — murmurou Alys, enquanto o elevador se detinha com um estalido metálico.

— Vou achar estranho morar em apartamento depois da casa de Columbus. Só espero que não tenham mexido em nada no meu quarto — disse Manfred.

— E, se mexeram, você não vai se lembrar de como era, seu anão — respondeu a irmã, esquecendo por um momento o temor do reencontro com o pai e coçando carinhosamente a cabeça de Manfred.

— Não me chame de anão. E eu me lembro de tudo *perfeitamente*.

— Perfeitamente.

— Foi o que eu disse, *perfeitamente*. Tinha a parede pintada com barcos azuis. E havia um chimpanzé tocando pratos ao pé da cama. Papai não me deixou levá-lo porque disse que aquilo ia furar os miolos do senhor Bush. Vou buscá-lo! — gritou Manfred, escorregando entre as pernas do mordomo quando a porta se abriu.

— Espere, patrãozinho Manfred! — gritou inutilmente a criada. O menino já disparava pelo corredor afora.

A residência dos Tannenbaum ocupava o último andar, um apartamento de nove aposentos e mais de 320

metros quadrados, ridículo em comparação com a casa onde os irmãos tinham vivido nos Estados Unidos, mas que para Alys ganhava uma dimensão completamente diferente. Quando saíra dali em 1914, ela não era muito maior do que Manfred era agora, e de algum modo voltava a enxergar tudo sob aquela perspectiva, como se tivesse encolhido 30 centímetros.

— ... senhorita?

— Desculpe, Doris. O que você estava dizendo?

— O patrão a receberá em seu escritório. Havia uma visita, mas acho que já está saindo.

Alguém se aproximava pelo corredor. Um homem alto e robusto, metido numa elegante sobrecasaca preta, que Alys não reconheceu. Atrás dele, vinha o senhor Tannenbaum. Quando chegaram ao vestibulo, o da sobrecasaca se deteve — tão bruscamente que o pai de Alys quase se chocou com ele — e cou olhando meticulosamente para ela através de um monóculo com aro de ouro.

— Ah, minha lha! Que bom que você está aqui — disse Tannenbaum, olhando seu acompanhante com ar cúmplice. — Senhor barão, permita-me lhe apresentar minha lha Alys, que acaba de chegar dos Estados Unidos com o irmão. Alys, este é o barão von Schroeder.

— Encantada — disse Alys, friamente. Omitiu a reverência de cortesia, que diante de um membro da nobreza era quase obrigatória. Não lhe agradava a altivez do barão.

— Uma moça muito bonita. Mas temo que tenha adquirido as maneiras da América.

Tannenbaum dirigiu à sua lha uma careta scandalizada. Com pesar, a jovem comprovou que seu pai mal havia mudado naqueles cinco anos. Fisicamente, continuava gordo e baixinho, com o cabelo em franca retirada. E, em seu modo de ser, permanecia tão complacente com os poderosos quanto rigoroso com os seus.

— Não sabe como lamento. Ela perdeu a mãe muito jovem e teve pouca vida social, o senhor compreende. Se pudesse entrar de novo em contato com gente de sua idade, bem-educada...

O barão deu um suspiro resignado.

— Por que o senhor e sua lha não vão à minha casa na terça-feira, por volta das seis? Comemoraremos o aniversário do meu filho Jürgen.

Pela forma como seu pai e o barão trocaram olhares, Alys teve a impressão de que tudo aquilo estava preparado de antemão.

— Com muito prazer, Excelência. Convidar-nos é uma autêntica gentileza de sua parte. Permita-me acompanhá-lo até a porta.

— Mas como você pôde ter sido tão desrespeitosa, filha?

— Lamento, papai.

Estavam sentados no escritório dele, um aposento luminoso e com uma parede coberta de estantes que Tannenbaum havia enchido de livros comprados a metro, baseando-se na cor das encadernações.

— Ah, lamenta? Um “lamento” não resolve nada, Alys. Saiba que estou fazendo negócios muito importantes com o barão Schroeder.

— Aço e metais? — perguntou ela, empregando o velho truque de sua mãe de se interessar pelos negócios de Josef quando este manifestava um de seus ataques de mau humor. Se comesse a falar de dinheiro, ele podia se estender durante horas e, ao terminar, já não recordava que estava aborrecido. Mas, naquela ocasião, não funcionou.

— Não, terras. Terras... e outras coisas. Você saberá no momento adequado. Enfim, espero que

tenha um belo vestido para a festa.

— Papai, eu acabo de chegar e realmente não sinto muita vontade de comparecer a uma festa na qual não conheço ninguém.

— Muita vontade? É uma festa na casa do barão Schroeder, pelo amor de Deus!

Alys teve um pequeno sobressalto ao escutar essa frase. Não era normal, num judeu praticante, mencionar o nome de Deus em vão. Então recordou um detalhe ao qual não dera grande atenção ao entrar. Na porta, não havia mezuzá. Olhou ao redor, intrigada, e viu um cruceiro pendurado na parede, junto a um retrato de sua mãe. Ficou muda de assombro. Ela não era particularmente religiosa — passava por aquela etapa na vida da adolescência em que a existência da divindade às vezes é questionada —, mas a mãe era, sim. Aquela cruz junto do retrato lhe parecia um insulto insuportável.

Josef seguiu a direção do olhar dela e teve a decência de se mostrar envergonhado durante alguns segundos.

— São os tempos que correm, Alys. É difícil fazer negócios com os cristãos sem ser um deles.

— Você já os fazia antes, papai. E se dava muito bem, acho — disse Alys, apontando ao seu redor.

— Durante sua ausência, as coisas ficaram feias para nosso lado. E ainda vão piorar, você vai ver.

— A ponto de você renunciar a tudo, meu pai? Convertido por... dinheiro?

— Não é questão de dinheiro, menina insolente! — reagiu Tannenbaum, abandonando seu tom envergonhado e dando um soco na mesa. — Um homem da minha posição tem responsabilidades. Sabe quantos operários estão sob meu encargo? Idiotas mal-agraçados, que se liam a ridículos sindicatos comunistas e acham que Moscou é o paraíso! Tenho de fazer malabarismos diariamente para pagar os salários, e eles só sabem reclamar. Portanto, nem pense em me lançar na cara de novo as coisas que faço para manter um teto sobre a cabeça de vocês.

Alys respirou fundo e, mais uma vez, incorreu em seu defeito favorito: dizer o que pensava no momento mais inoportuno.

— Quanto a isso, pode ficar tranquilo, papai. Tenho intenção de ir embora logo. Quero voltar para os Estados Unidos e fazer minha vida lá.

Ao ouvir isso, Tannenbaum ficou escarlate. Apontou um dedo gorducho embaixo do nariz de Alys e agitou-o ferozmente.

— Nem fale disso, está ouvindo? Você irá a essa festa e se comportará como uma senhorita bem-educada, certo? Tenho planos para você, e nenhum dos seus caprichos de menina malcriada vai estragá-los. Entendeu bem?

— Eu odeio você — disse Alys, olhando-o fixamente.

Seu pai não alterou a expressão.

— Isso não me importa, desde que você faça o que eu digo.

Com lágrimas nos olhos, a jovem abandonou correndo o escritório.

*Depois veremos, oh, sim, depois veremos.*

### Cápítulo 3

— Está dormindo?

Ilse Reiner se voltou no colchão.

— Agora, não mais. O que você quer, Paul?

— Estava me perguntando o que vamos fazer.

— São onze e meia da noite. Que tal dormir?

— Eu me referia ao futuro.

— O futuro — repetiu sua mãe, quase cuspiendo a palavra.

— Quero dizer, você não tem obrigação de trabalhar aqui na casa da tia Brunhilda, não é, mamãe?

— No futuro, vejo você frequentando a universidade, que por acaso ca no quarteirão ao lado, e vindo comer em casa a deliciosa comida que eu lhe preparo. E, agora, boa noite.

— Esta não é a nossa casa.

— Moramos aqui, trabalhamos aqui e damos graças aos céus por isso.

— Como se houvesse um motivo... — murmurou Paul.

— Eu ouvi, rapazinho.

— Desculpe, mamãe.

— O que deu em você? Brigou de novo com Jürgen? Por isso voltou todo encharcado hoje?

— Não foi uma briga. Ele e dois de seus amigos me acuaram no Englischer Garten.

— Estavam só brincando.

— Jogaram minha calça no lago, mamãe.

— Será que você não fez nada para aborrecê-los?

Paul deu um suspiro profundo, mas não disse nada. Aquilo era típico de sua mãe. Sempre que o lho tinha um problema, ela procurava achar um modo de que a culpa fosse dele e de mais ninguém.

— É melhor você dormir, Paul. Amanhã nos espera um grande dia.

— Ah, sim, o aniversário de Jürgen. Que bom.

— Haverá salgadinhos e doces.

— Que outros vão comer.

— Não entendo por que você tem de reagir assim a tudo.

Paul pensou que lhe parecia indecente com pessoas celebrarem uma festa no térreo enquanto Eduard — a quem ainda não lhe haviam permitido ver — definhava no quarto andar, mas preferiu calar-se.

— Amanhã haverá muito trabalho — concluiu Ilse, virando-se.

O jovem permaneceu olhando as costas da mãe durante um bom tempo. Os quartos da ala de serviço ficavam no fundo da casa, quase ao nível do porão. Para Paul, viver ali, e não na área nobre, não era algo que o incomodasse muito, porque ele não tinha conhecido outro lar em sua vida. Desde que se entendia por gente, aceitava como normal a estranha situação de ver Ilse lavando os pratos de sua irmã Brunhilda.

Um tênue retângulo de luz entrava por uma claraboia junto ao teto. Trazia o re exo amarelento de um poste da rua e se misturava com o bruxulear de uma vela que Paul sempre mantinha acesa junto à sua cama, pois tinha um medo terrível da escuridão. Os Reiner compartilhavam um dos quartos menores, no qual só havia duas camas, um guarda-roupa e uma mesa sobre a qual se espalhava o material escolar de Paul.

A falta de espaço agoniava o jovem. Como se houvesse escassez de aposentos livres... Desde antes da guerra, a fortuna do barão fora se esfumando, um fato ao qual Paul tinha assistido com a mesma naturalidade com que se vê enferrujar-se uma lata no meio de um campo. Era um processo de anos, mas irrefreável.

*As cartas*, cochichavam os criados, balançando a cabeça como se falassem de uma enfermidade contagiosa e mortal, *a culpa é das cartas*. Quando criança, Paul se aterrorizava com esses comentários, a tal ponto que, quando um menino de sua classe levou para o colégio um baralho francês que havia encontrado em casa, Paul saiu correndo e se trancou num banheiro. Só depois de algum tempo compreendeu o alcance do problema de seu tio, o barão: não contagioso, mas terrível.

Quando se acumularam os salários atrasados dos criados, estes começaram a se demitir. Agora, dos dez quartos de que a ala de serviço dispunha, só três estavam ocupados: o da cozeira, o da cozinheira e o que Paul compartilhava com a mãe. Para o jovem, às vezes era difícil dormir, porque Ilse sempre se levantava uma hora antes do amanhecer. Enquanto havia suficientes empregados, ela era apenas a governanta e cuidava para que todas as coisas estivessem em seus lugares. Quando os outros começaram a ir embora, teve de se encarregar do trabalho deles.

Para Paul, no princípio, aquela vida, as tarefas desalentadoras e estafantes de sua mãe, ou as que ele mesmo realizava desde quando podia recordar, eram o normal. No colégio, falava com os colegas de todas aquelas coisas, até que cresceu o suficiente para fazer comparações e perceber o que acontecia ao redor, o quanto era estranho que a irmã de uma baronesa dormisse com a criada.

Escutava incessantemente as mesmas três palavras que usavam para de nir sua família, deslizando ao seu lado ao passarem entre as carteiras, ou fechando-se às suas costas como portas sigilosas.

*Órfão.*

*Serviçal.*

*Desertor*, e essa era a pior de todas, porque se referia ao seu pai. Aquela pessoa que ele não tinha conhecido, de quem sua mãe nunca falava e sobre a qual sabia pouco mais do que o nome.

Hans Reiner.

E foi assim, unindo com lágrimas os retalhos de conversas, que Paul soube que seu pai tinha feito algo terrível,

*( lá nas colônias africanas, dizem )*

que havia perdido tudo,

*( até a camisa, na ruína )*

e que sua mãe vivia da caridade

*( uma faxineira na casa do próprio cunhado, e ainda por cima barão, o senhor pode acreditar? )*  
da tia Brunhilda. Algo que aparentemente não era mais honroso pelo fato de Ilse não receber um só marco por seu trabalho. Ou de que, durante a guerra, se visse obrigada a trabalhar numa fábrica de projéteis

“para contribuir no sustento da casa”. A fábrica cava em Dachau, uma aldeia a 16 quilômetros de Munique, e sua mãe mal tinha tempo para se levantar duas horas antes do alvorecer, colaborar nos trabalhos da casa e pegar um trem a caminho de seu turno de dez horas.

Foi precisamente num dia em que ela voltou da fábrica com o cabelo e os dedos verdes por causa da pólvora, olhos inchados após um dia inteiro respirando produtos químicos, que Paul perguntou pela primeira vez por que não procuravam outro lugar para viver. Um lugar onde não fossem humilhados constantemente.

— Você não entende, Paul.



Ela voltara a dar a mesma resposta muitas vezes, sempre desviando os olhos e saindo do aposento onde estivesse ou virando-se para dormir, como havia feito poucos minutos antes.

Paul observou as costas da mãe durante alguns instantes. Ela parecia respirar em ritmo regular e cadenciado, mas o jovem sabia que aquilo era fingido e se perguntou que fantasmas a perseguiriam no meio da noite.

Afastou o olhar e o cravou no teto. Se os olhares pesassem, o metro quadrado de gesso que cava bem acima do travesseiro de Paul já teria despencado havia tempo. Aquele era o ponto onde ele concentrava as fantasias sobre seu pai nas noites em que não conseguia conciliar o sono. Tudo o que sabia sobre ele era que fora capitão da Marinha do Kaiser e que comandara uma fragata na África do Sudoeste. Morrera quando Paul tinha 2 anos, e a única lembrança que restava dele era uma foto desbotada em que aparecia vestido de militar, os olhos escuros e o enorme bigode encarando a câmera, orgulhoso.

Ilse guardava a foto embaixo do travesseiro a cada noite, e o maior susto que Paul causou à sua mãe não foi no dia em que Jürgen o empurrou escada abaixo e ele quebrou a mão. Foi no dia em que furtou a foto e a levou para o colégio a fim de mostrá-la a todos os que o chamavam de órfão pelas costas. Quando voltou para casa, Ilse havia virado o quarto de pernas para o ar, procurando-a. Ao tirá-la devagar de entre as páginas do livro de matemática do filho, Ilse deu uma bofetada nele e depois começou a chorar.

— É a única que eu tenho. A única.

Abraçou-o, claro. Mas primeiro guardou a foto.

O garoto imaginava como teria sido aquele homem formidável. Sobre a brancura acinzentada do teto, à luz que vinha da rua, desenhava com sua mente o perfil da *Kiel*, a fragata em que Hans Reiner “tinha afundado no Atlântico junto com toda a sua tripulação”. Inventava centenas de causas diferentes para aquelas dez palavras, que eram toda a informação por ele recebida de Ilse sobre a morte do pai. Piratas, recifes, um motim... como quer que tivesse começado a tragédia, seu devaneio sempre terminava da mesma forma, com Hans agarrado ao timão, dizendo-lhe adeus enquanto as águas o cobriam.

Ao chegar a esse ponto, Paul sempre adormecia.

## Cápítulo 5

Os sete estavam ali.

Formavam um semicírculo amplo no vestibulo, bloqueando a entrada para o salão. Jürgen estava no meio deles, ligeiramente adiantado, como se não pudesse esperar para botar as mãos em cima de Paul.

— Desta vez, você passou do limite, primo. Não gosto de gente que não sabe se ater à posição que ocupa na vida.

Paul não respondeu: sabia que nada do que dissesse faria qualquer diferença. Se havia algo que Jürgen não suportava, era que o humilhassem. Que isso tivesse sido feito em público, e diante de todos os seus amigos, pelo pobre primo tonto, o criado, a ovelha negra da família, era algo inadmissível. Naquele momento, Jürgen estava decidido a machucá-lo muito. Quanto mais, e mais visível, melhor.

— Vou fazer você perder a vontade de bancar o cavaleiro andante, seu merdinha.

Paul olhou ao redor, desesperado. A encarregada do vestiário havia desaparecido, seguramente por ordem do aniversariante. Os amigos de Jürgen enchiam o centro do vestibulo, eliminando qualquer via de fuga, e avançavam devagarinho na direção dele. Se se voltasse e tentasse abrir a porta da rua, seria agarrado pelas costas e lançado ao solo ali mesmo.

— Você está tremendo — cantarolou Jürgen.

Paul descartou o corredor que levava à ala de serviço, já que era praticamente um beco sem saída, e o único caminho que lhe haviam deixado disponível. Embora jamais em sua vida tivesse ido caçar, havia escutado em várias ocasiões o barão contando aos seus convidados como tinha obtido cada uma das peças que pendiam da parede de seu escritório. O primo queria que ele fosse naquela direção porque ali não haveria ninguém que escutasse seus gritos.

Portanto, só havia uma possibilidade.

Sem pensar um só instante, Paul correu em direção ao grupo.

Jürgen cou tão surpreso ao vê-lo passar ao seu lado a toda a velocidade que simplesmente girou a cabeça para olhar. Seu amigo Krohn, que estava 2 metros atrás dele, teve mais um pouco de tempo para reagir.

Plantou ambos os pés no solo e se preparou para golpear o rapaz, que rumava para ele em linha reta. Mas, logo quando Krohn ia recebê-lo com um soco no rosto, Paul se jogou no chão, saltando com os pés para a frente. Caiu sobre o quadril esquerdo — o que lhe causou uma mancha-roxa que duraria duas semanas —, mas o impulso lhe permitiu deslizar sobre os polidos ladrilhos de mármore como um pedaço de manteiga quente sobre um espelho, aterrissando no nal do

vestíbulo, ao pé da escada que conduzia aos andares superiores.

— O que estão esperando, seus idiotas? Peguem-no! — gritou Jürgen, exasperado.

Sem se deter para ver o que acontecia, Paul se levantou e correu escada acima. Já não lhe ocorria nenhuma ideia, e ele simplesmente movia as pernas por mero instinto de sobrevivência. Os pés, que o tinham incomodado o dia inteiro, começavam a doer terrivelmente. Já no meio do lance do segundo andar, esteve a ponto de tropeçar e rolar para baixo, mas conseguiu se equilibrar bem a tempo, quando as mãos de um dos amigos de Jürgen já lhe roçavam os calcanhares. Agarrando-se ao corrimão de bronze para fazer as curvas, continuou subindo e subindo até que, no último lance, entre o terceiro e o quarto andares, a ponta de seu sapato se chocou com um degrau. O fugitivo caiu com os braços para a frente, quase perdendo os dentes contra a borda.

O primeiro dos perseguidores o alcançou ofegando, mas tropeçou por sua vez quando estava prestes a agarrá-lo e só conseguiu segurá-lo pela borda do avental com uma das mãos.

— Peguei! Venham depressa! — disse, firmando-se com a outra no corrimão, para não perder o apoio.

Paul tentou car de pé, mas o outro o puxou pelo avental, e o jovem desceu um degrau, batendo com a parte de trás da cabeça. Esperneou às cegas, acertando o ombro e o braço do que o segurava, mas sem conseguir se soltar. Durante intermináveis segundos, lutou com o nó que lhe atava o avental à cintura, escutando os outros cada vez mais próximos.

*Que diabo, por que eu tinha de fazê-lo tão apertado?* , pensou, enquanto planejava.

De repente, seus dedos encontraram o ponto exato por onde puxar, e o avental se desprendeu. Paul virou-se e alcançou o quarto e último andar. Sem outro canto para onde escapular, simplesmente entrou pela primeira porta e fechou-a, passando a tranca.

— Para onde ele foi? — guinchou Jürgen quando alcançou o patamar entre o terceiro e o quarto andares e viu o colega que havia segurado Paul pelo avental e que massageava o joelho dolorido. Este apontou para o lado esquerdo do corredor. — Vamos! — disse Jürgen aos outros, que haviam parado alguns degraus abaixo.

Eles não se moveram.

— Posso saber por que que diabos vocês...

Interrompeu-se de chofre. Da escada, sua mãe o contemplava.

— Estou decepcionada, Jürgen — disse ela, em tom gélido. — Reunimos aqui a nata de Munique para comemorar seu aniversário, e você desaparece no meio da festa para correr pelas escadas com seus amigos.

— Na verdade...

— Chega. Quero que desçam todos imediatamente e vão ao encontro dos convidados. Depois nós conversamos.

— Sim, mãe — disse o jovem, humilhado pela segunda vez naquele dia diante de seus amigos. Apertando os dentes, empreendeu o caminho de volta ao salão.

*Muitas coisas vão acontecer depois. E você também pagará por isso, Paul.*

## Cápítulo 6

— Que bom voltar a ver você.

Ocupado em acalmar os nervos e recuperar o fôlego, Paul demorou alguns instantes para compreender de onde vinha aquela voz. Estava sentado no chão, com as costas apoiadas contra a porta, temendo que a qualquer momento Jürgen a esmurrasse para entrar. Mas, ao ouvir aquelas palavras, levantou-se imediatamente.

— Eduard!

Sem perceber, tinha se metido no quarto de seu primo mais velho, um lugar onde não entrava havia meses. Tudo aparecia aos seus olhos tal como estava quando Eduard se fora, um lugar arrumado e tranquilo, mas cheio da personalidade do seu dono. Havia pôsteres de lmes nas paredes, a coleção de minerais de Eduard e sobretudo livros, livros por todo canto. Paul os conhecia bem, pois tinha lido a maior parte deles.

Romances de espionagem, de faroeste, de fantasia, livros de loso a e de história... Ocupavam as estantes, a mesa de estudo e até o chão ao lado da cama onde jazia Eduard, que precisava apoiar no colchão o exemplar que estava lendo para poder virar as páginas com uma só mão. Tinha sob o corpo vários travesseiros que lhe permitiam ficar soerguido, e o sorriso flutuava, triste, em seu rosto pálido.

— Não sinta pena de mim, Paul. Eu não suportaria.

Paul o tou nos olhos e compreendeu que o primo estava estudando atentamente sua reação, intrigado com o fato de ele não ter ficado surpreso ao vê-lo daquele jeito.

— Eu já o tinha visto, Eduard. No dia em que você chegou.

— E por que não veio falar comigo? Praticamente só vejo sua mãe desde que voltei. Sua mãe e meus amigos May, Salgari e Verne — disse Eduard, levantando o livro que estava lendo para que o outro pudesse ver o título. Era *O conde de Monte Cristo*.

— Fui proibido de vir.

Paul baixou a cabeça, envergonhado. Claro que Brunhilda e sua mãe o tinham proibido de visitar Eduard, mas, fosse como fosse, ele poderia ter tentado. Na realidade, tinha medo de rever Eduard assim, depois da horrível experiência da tarde em que ele voltara da guerra. O primo o tou com amargura, certamente adivinhando.

— Eu sei da vergonha que minha mãe sente de mim. Não notou? — disse, apontando uma bandeja na qual havia, intacto, um prato de pastéis da festa. — Não caria bem que eu estragasse o aniversário de Jürgen com meus cotos, de modo que não fui convidado. A propósito, como está indo a comemoração?

— Há um grupo musical, e as pessoas bebem, falam de política e criticam os militares por terem perdido uma guerra que já estava ganha.

Eduard resfolegou ao ouvir aquilo.

— Daqui, é fácil criticar. E o que mais dizem?

— Todos falam das negociações de Versalhes e se felicitam por termos rejeitado as condições.

— Malditos idiotas — disse Eduard, com amargura. — Como ninguém disparou um só tiro em solo alemão, não conseguem acreditar que tenhamos perdido a guerra. Enfim, suponho que a festa é como qualquer dia, só que com música e champanhe. Vai me contar de quem estava fugindo?

— Do aniversariante.

— Sua mãe me contou que vocês não se dão muito bem.

Paul concordou com a cabeça.

— Você não tocou nos pastéis.

— Agora eu preciso de pouca comida. Há bastante menos de mim... Pegue, vá, você está com cara de faminto. E aproxime-se, quero vê-lo melhor. Meu Deus, como você cresceu.

Paul se sentou na beira da cama e começou a devorar a comida. Não havia comido nada desde o jejum, não sequer tinha ido ao colégio para poder preparar a festa. Naquele momento, seguramente sua mãe o estava procurando, mas ele não se importava. Agora que vencera o medo, não podia perder a oportunidade de voltar a estar com Eduard, de quem tinha sentido tanta falta.

— Eduard, eu quero... Sinto não ter vindo ver você. Podia ter escapulado até aqui durante as tardes, quando tia Brunhilda sai para dar um passeio...

— Esqueça, Paul. Você está aqui agora, e isso é o que importa. É você quem deve me perdoar por não lhe ter escrito, como prometi que faria.

— O que o impediu?

— Eu poderia dizer que foram os disparos dos ingleses, primo, mas estaria mentindo. Certa vez, um sábio disse que a guerra são sete partes de tédio e uma de horror, e é verdade. Nas trincheiras, o tempo nos sobrava, até que começamos a nos matar.

— E então?

— Não fui capaz, simplesmente. Nem sequer no começo desta guerra absurda e injusta, da qual

só voltou um punhado de covardes como eu.

— Não diga isso, Eduard! Você é um herói! Foi voluntário na linha de frente, e dos primeiros!

Ao escutar isso, Eduard soltou uma gargalhada mecânica e inumana que deixou Paul de cabelos em pé.

— Herói. Quer saber quem decide que você se apresente como voluntário? Seu professor, quando lhe fala das glórias da pátria, do império e do Kaiser. Seu pai, que diz para você se comportar como um homem.

Seus amigos, com quem até há pouco você disputava na aula de ginástica para ver quem aguentava mais.

Todos juntos, que lançam à sua cara a palavra covarde se você mostrar a mínima dúvida, e o culpam pela derrota. Não, primo, nas guerras não há voluntários, só imbecis e desalmados. E estes últimos permanecem em casa.

Paul ficou boquiaberto. De repente, seus devaneios diários com a guerra, os mapas que desenhava em seus cadernos, seu gosto por ler diariamente no jornal os comunicados sobre os avanços das tropas, tudo isso lhe parecia ridículo e infantil. Pensou em falar do assunto com Eduard, mas teve medo de que o primo risse dele e o expulsasse do quarto. Naquele momento, viu a guerra diante de si. Não era uma lista sucinta de avanços contra posições inimigas, e tampouco os cotos atrozes que se escondiam sob os lençóis.

A guerra eram os olhos vazios e arrasados de Eduard.

— Você podia... ter resistido. Ter ficado em casa.

— Não, não podia — respondeu o primo, desviando o rosto. — Menti para você, Paul, pelo menos em parte. Eu fui para poder me afastar deles. Para não ser como eles.

— Eles, quem?

— Sabe como eu me zisto? Não faltavam nem cinco semanas para a guerra acabar, e todos sabíamos que tínhamos perdido. Que a qualquer momento seríamos chamados de volta para casa. E camos cada vez mais conados. Passávamos por alto os que iam caindo ao nosso lado, porque a nal faltava pouco para retornar. E um dia, no meio de uma retirada, um obus caiu perto demais.

Nesse ponto, Eduard baixou a voz, tanto que Paul precisou chegar mais perto para poder escutá-lo.

— Mil vezes me perguntei o que teria acontecido se eu tivesse corrido mais 2 metros para a direita. Ou se tivesse parado para dar dois golpes no capacete, como fazíamos sempre antes de

sair da trincheira — disse, dando na testa de Paul duas pancadinhas com os nós dos dedos. — Esses golpes nos tornavam invencíveis.

Naquele dia, não os dei, sabe?

— Quem dera você nunca tivesse ido.

— Não, primo, acredite. Saí daqui para não ser um von Schroeder, e, se voltei, foi só para me assegurar de que não me enganei ao ir.

— Não entendo, Eduard.

— Ah, querido Paul, você, melhor do que ninguém, deveria entender. Depois do que lhe zeram. Do que fizeram ao seu pai.

Essa última frase se enganchou como um anzol enferrujado no coração de Paul. Mal rasgou a superfície, mas os acontecimentos vindouros não demorariam a aprofundá-lo muito mais.

— A que você se refere, Eduard?

O primo o contemplou durante um tempo, em silêncio, mordendo o lábio inferior. Finalmente, balançou a cabeça e fechou os olhos.

— Esqueça o que eu lhe disse. Lamento.

— Não posso esquecer! Não conheci meu pai, e ninguém me fala dele, embora murmurem às minhas costas. Tudo o que eu sei é o que minha mãe me contou: que ele afundou com seu barco, voltando da África. Então, me diga: o que fizeram com meu pai?

Houve um novo silêncio, e este foi muito mais longo. Tanto que Paul se perguntou se Eduard tinha adormecido, até que ele voltou a abrir os olhos.

— Vou arder no inferno por isto, mas não me resta outro remédio a não ser esvaziar meu coração. Mas, antes, quero que você me faça um favor.

— O que você quiser.

— Vá ao escritório do meu pai, no andar de baixo, e abra a segunda gaveta da direita. Se estiver trancada, a chave costumava car na gaveta do meio. Encontrará uma bolsa de couro preto fechada por uma aba.

Traga-a para mim.

Paul obedeceu. Desceu ao escritório pé ante pé, temendo encontrar alguém no caminho, mas naquele momento a festa devia estar no auge. A gaveta da escrivaninha estava trancada, e durante alguns instantes ele não conseguiu encontrar a chave onde Eduard dissera, mas nalmente



localizou-a metida dentro de uma caixinha de madeira. O interior da gaveta estava repleto de papéis. No fundo de tudo, Paul encontrou um feltro preto com um estranho símbolo desenhado em ouro. Um compasso e um esquadro, com uma letra G dentro. Embaixo, estava a bolsa de couro.

O jovem a escondeu entre a camisa e o corpo e retornou ao quarto de Eduard. Sentia o peso da bolsa contra a pele do estômago e tremia só de pensar no que aconteceria se alguém o descobrisse pelos corredores com algo que não era seu dentro da roupa. Ao entrar no quarto, sentiu um alívio imenso.

— Trouxe?

Paul tirou a bolsa de couro e caminhou até a cama, mas a menos de 2 metros tropeçou numa das pilhas de livros que se espalhavam por todo o aposento. Os livros se esparramaram, e a bolsa caiu no chão. A aba que a fechava se abriu.

— Não! — disseram Eduard e Paul ao mesmo tempo. O do primeiro tinha uma inflexão de tristeza; o do segundo, de incredulidade.

A bolsa havia caído entre um exemplar de *A vingança do sangue*, de Karl May, e um de *O elixir do diabo*, de Hoffmann. O conteúdo aparecia ligeiramente, um reflexo nacarado sobre o couro preto.

Era o punho de uma pistola.

— Para que você quer uma arma, primo? — perguntou Paul, com voz trêmula.

— Você sabe para quê — respondeu Eduard, levantando o coto do braço para sublinhar.

— Pois não pretendo entregá-la.

— Escute bem, Paul. Mais cedo ou mais tarde, eu vou consegui-la, porque a única coisa que quero neste mundo é abandoná-lo. Você pode me dar as costas hoje, colocá-la de volta no lugar e me obrigar à terrível indignidade de precisar me arrastar sobre este braço destroçado, no meio da noite, até o escritório do meu pai. Mas, nesse caso, nunca saberá o que eu tenho para lhe contar.

— Não!

— Ou pode deixá-la em cima da cama, escutar o que eu tenho a lhe dizer e me dar a dignidade de escolher como quero ir embora. Você decide, Paul, mas, aconteça o que acontecer, conseguirei o que quero.

O que necessito.

Paul se sentou, ou melhor, se deixou cair ao solo, com a bolsa de couro nas mãos. Durante longos minutos, o único ruído que se escutou no quarto foi o tique-taque metálico do despertador de corda de Eduard. Ele voltou a fechar os olhos até que sentiu um movimento na cama.

O primo havia deixado a bolsa de couro cair sobre os lençóis, ao alcance de sua mão.

— Que Deus me perdoe — disse Paul. Estava chorando, de pé ao lado da cama, mas sem se atravessar a fita-lo diretamente.

— O que nós fazemos não importa muito para Ele — respondeu Eduard, acariciando com os dedos o delicado couro da bolsa. — Obrigado, primo.

— Conte, Eduard. Conte para mim o que você sabe.

O mutilado limpou a garganta antes de começar. Falou devagarinho, com se cada uma das palavras que pronunciava fosse arrastada para fora dos seus pulmões, mais do que dita.

— Aconteceu em 1905, como lhe contaram, e até aí corresponde mais ou menos à realidade. Recordo bem que tio Hans estava numa missão na África do Sudoeste, porque esse nome me encantava e eu o repetia várias vezes enquanto brincava de procurá-lo nos mapas. Uma noite, quando eu tinha dez anos, escutei uns gritos na biblioteca e desci para ver o que estava acontecendo. Fiquei muito surpreso ao ver seu pai nos visitando àquela hora. Discutia com o meu, sentados os dois em torno de uma mesa redonda. Havia outras duas pessoas no aposento. Vi um, um homem baixo e de traços delicados, como os de uma moça, que não dizia nada. E escutei o outro, que da porta eu não podia ver. Já ia entrando para falar com seu pai, que sempre me trazia presentes de suas viagens. Mas, pouco antes de eu entrar, minha mãe me agarrou pela orelha e me arrastou para o meu quarto. “Eles viram você?”, perguntou. Neguei várias vezes. “Bom, não diga uma só palavra sobre isto, nunca, ouviu bem?” E eu... jurei que nunca contaria nada.

Eduard se interrompeu, e Paul o agarrou pelo braço. Queria que ele continuasse de qualquer maneira, embora tivesse consciência do sofrimento pelo qual o primo estava passando ao trazer aquilo à luz.

— Sua mãe e você vieram morar conosco duas semanas depois. Você era pouco mais que um bebê, e eu me alegrei porque assim teria meu próprio pelotão de valentes soldados para brincar. Nem sequer pensei na óbvia mentira que meus pais me contaram, de que a fragata do tio Hans havia afundado. Depois ouvi por aí outras coisas, rumores, como o de que seu pai era um desertor que havia perdido tudo no jogo e tinha desaparecido na África. Esses rumores também eram falsos, mas não pensei neles e esqueci. Assim como esqueci o que escutei pouco depois de minha mãe sair do quarto. Ou ngi que havia me equivocado, embora não houvesse equívoco possível, com a excelente acústica desta casa. Era fácil ver você crescer, ver seu sorriso feliz quando brincávamos de esconde-esconde, era fácil mentir para mim mesmo. Depois você foi crescendo, cando mais velho para entender, mais velho até chegar à mesma idade que eu tinha naquela noite. E eu fui para a guerra.

— Diga logo o que ouviu — pediu Paul, com um fio de voz.

— Naquela noite, eu escutei um tiro, primo.

## Cápítulo 7

Durante algum tempo, o conhecimento que Paul tinha de si mesmo e do mundo em geral oscilou, como um jarro de porcelana no alto de uma escada no qual um demente fosse dando pequenos pontapés. Aquela última frase foi o pontapé definitivo, e o jarro de porcelana imaginário caiu, despedaçando-se. Paul escutou o estrondo que ele fez ao se quebrar, e Eduard também percebeu isso no rosto dele.

— Desculpe, Paul. Que Cristo me ajude. Agora, vá.

O jovem se levantou e se inclinou sobre a cama. A pele do primo estava fria, e quando ele o beijou na testa foi como beijar um espelho. Caminhou até a porta sem controlar totalmente as pernas, vagamente consciente de deixar aberta atrás de si a porta do quarto e de se deixar cair no corredor atapetado.

Quando soou o disparo, ele mal o escutou.

No entanto, a acústica do palacete, como Eduard havia dito, era excelente. Os primeiros convidados a deixar a festa, aqueles que trocavam beijos no ar e promessas vãs no vestibulo enquanto recolhiam os casacos, ouviram um estampido amortecido, mas inconfundível. Tinham escutado muitos nas últimas semanas para se enganar. As conversas foram se apagando, ao mesmo tempo em que o segundo e o terceiro ecos do estampido terminavam de ricochetear pelo vão da imensa escada de mármore.

Brunhilda, que em seu papel de perfeita anfitriã se despidia de um médico e da esposa dele, pelos quais não tinha grande predileção, identificou o ruído, mas ativou imediatamente seu mecanismo automático de defesa.

— Seguramente os meninos estão brincando com bombinhas.

Os rostos incrédulos brotaram ao seu redor como cogumelos após uma tormenta. Não havia ali nem uma dúzia de pessoas, mas outras já saíam pela porta do salão. Em breve, todos os convidados saberiam que algo estava acontecendo em sua casa.

*Em minha casa!*

Em menos de duas horas, se não intervisse, ela seria alvo de mexerico em toda Munique.

— Fiquem aqui, certamente não foi nada.

Brunhilda apertou o passo quando sentiu o cheiro da pólvora, que começava no meio da escada. Talvez esperando que ela lhes contasse que estavam enganados, alguns dos convidados mais ousados dirigiam a cabeça para o alto, embora sem colocar o pé nos degraus; o tabu social de não entrar nos aposentos íntimos durante uma festa era muito grande. O murmúrio ia crescendo, e a baronesa desejou que Otto não fosse tão imprudente e tão imbecil a ponto de segui-la, porque

inevitavelmente alguém iria querer acompanhá-lo.

Quando chegou em cima e viu Paul soluçando no corredor, soube o que havia acontecido sem necessidade de assomar à porta do quarto de Eduard.

Ainda assim, fez isso.

Sentiu um espasmo de bÍlis lhe subir até a garganta. Angustiam-na o horror e outro sentimento impróprio, que só mais tarde ela compreendeu, enojada, que era alívio. Ou pelo menos o desaparecimento da opressão que suportava no peito desde que o filho voltara mutilado da guerra.

— O que você fez? — disse, fitando Paul. — Estou perguntando: o que você fez?

O jovem não levantou a cabeça das mãos.

— O que vocês fizeram ao meu pai, sua bruxa?

Brunhilda deu um passo para trás. Pela segunda vez naquela noite, alguém retrocedia ante a menção de Hans Reiner, e, ironicamente, quem o fazia agora era a mesma pessoa que antes havia pronunciado o nome dele em atitude ameaçadora.

*Quanto você sabe, menino? Quanto Eduard lhe disse antes de...?*

Quis gritar, mas não pôde nem se atreveu.

Em vez disso, apertou os punhos até cravar as unhas nas mãos, tentando se acalmar e ao mesmo tempo decidir o que fazer, tal como zera 14 anos antes, numa noite como aquela. E, quando recobrou um mínimo de compostura, desceu de volta a escada. Apareceu no vestibulo com um amplo sorriso, do último patamar. Não desceu mais, porque achou que não era capaz de manter a farsa por muito tempo diante daquele mar de rostos tensos.

— Vocês têm de nos desculpar. Uns amigos do meu lho brincando com bombinhas, como eu imaginava. Se não se importam, vou resolver a bagunça que eles causaram. — Com um aceno, chamou a mãe de Paul: — Ilse, querida.

Os rostos se suavizaram ao escutar aquilo, e os convidados se tranquilizaram ao verem a governanta subir a escada atrás dela, com ar de normalidade. Já tinham mexericos suficientes sobre a festa, e mal podiam esperar para chegar às suas casas e aborrecer suas famílias com eles.

— Nem pense em gritar — foi tudo o que Brunhilda lhe disse.

Ilse esperava o cenário de uma travessura infantil e, ao ver Paul no corredor, teve medo. Quando entreabriu a porta de Eduard, precisou morder o punho para não berrar. Para alguém que a

observasse de fora, não foi uma reação muito diferente daquela da baronesa, só que, no caso de Ilse, houve também lágrimas de horror.

— Pobre criança — disse, torcendo as mãos.

Brunhilda contemplava a irmã com as mãos nos quadris.

— Pergunte ao seu filho quem deu a pistola a Eduard.

— Oh, meu Deus, diga que não é verdade, Paul.

O tom era de súplica, mas sem esperança. O jovem não respondeu, e Brunhilda se aproximou dele exasperada, agitando o indicador.

— Vou chamar o magistrado. Você vai apodrecer na prisão por dar uma pistola a um pobre enfermo.

— O que vocês zeram ao meu pai, sua bruxa? — repetiu Paul, levantando-se devagar e encarando a tia, que dessa vez não recuou, embora estivesse assustada.

— Hans morreu nas colônias — respondeu, sem muita convicção.

— Não é verdade. Meu pai esteve nesta casa antes de desaparecer, seu próprio filho me contou.

— Eduard voltou doente e transtornado, inventando todo tipo de histórias inverossímeis por causa dos ferimentos que sofreu na frente de batalha. E, mesmo tendo o médico proibido visitas, você andou excitando-o e lhe deu uma arma.

— Mentira!

— Você o matou.

— Isso é mentira — disse o jovem, que ainda assim foi percorrido por um calafrio de dúvida e desconcerto.

— Paul, já basta!

— Saiam da minha casa.

— Não iremos a lugar nenhum — respondeu Paul.

— Você decide — disse Brunhilda, virando-se para Ilse. — O juiz Strohmeyer ainda está lá embaixo, na festa. Dentro de dois minutos, descerei para chamá-lo. Se não quiser que seu lho durma esta noite em Stadelheim, vá embora com ele agora mesmo.

Ilse empalideceu de terror ao escutar o nome da prisão. Strohmeyer era um bom amigo do

barão, e não seria necessário muito para convencê-lo a acusar Paul de homicídio. Agarrou o filho pelo braço.

— Vamos, Paul.

— Não, até que...

Ela lhe deu uma bofetada, tão forte que seus dedos doeram. O lábio de Paul começou a sangrar, e ele ficou imóvel, olhando para a mãe.

Finalmente resolveu segui-la.

Isse não permitiu que o filho fizesse as malas, nem sequer passaram pelo quarto onde dormiam. Desceram pela escada de serviço e usaram a porta dos fundos para sair do palacete, escondendo-se pelos becos para não serem vistos.

Como criminosos.

## Cápítulo 8

— Posso saber onde diabos você estava?

O barão chegou furioso e cansado, com as abas da sobrecasaca amassadas, o bigode revoltado e o monóculo dependurado. Uma hora se passara desde que Ilse e Paul tinham ido embora, e a festa continuara até então.

Ele tivera de se multiplicar para se despedir de todos os convidados, até que o último saiu.

Só então o barão foi procurar a mulher. Encontrou-a sentada numa cadeira que ela mesma havia puxado para o corredor do quarto andar, onde aguardava com a porta do quarto de Eduard fechada. Nem com toda a sua imensa força de vontade Brunhilda fora capaz de descer de volta à festa. Quando o marido apareceu, ela lhe explicou o que havia no quarto, e Otto teve sua cota de dor e remorso.

— De manhã, você telefonará para o juiz — disse Brunhilda, com a voz desapaixonada e fria.

— Diremos que o encontramos assim quando fomos lhe levar o desjejum. Dessa forma, minimizaremos o escândalo. É possível que nada chegue a se espalhar.

Otto fez que sim com a cabeça. Retirou a mão da maçaneta do quarto de Eduard. Não se atrevera a entrar, nem o faria jamais. Nem sequer depois que as marcas da tragédia já tivessem sido removidas das paredes e do chão.

— O juiz me deve um favor, e acho que pode resolver isto. Mas me pergunto quem deu a arma a Eduard. Ele não pode tê-la apanhado sozinho.

Quando Brunhilda lhe contou o que Paul havia feito e sua própria reação ao expulsar os Reiner, o barão se enfureceu.

— Você se dá conta do que fez?

— Aqui, eles eram uma ameaça, Otto.

— Por acaso esqueceu o que está em jogo? De que adiantou, então, mantê-los nesta casa por tantos anos?

— Para me mortiçar e acalmar sua consciência — disse Brunhilda, com uma amargura contida durante anos, que ameaçava transbordar.

Otto não se deu ao trabalho de negar, porque era verdade.

— E por mais outro motivo.

— Eduard falou com seu sobrinho.



— Oh, Deus. E você sabe o que ele contou?

— Isso não importa. Depois de irem embora esta noite, eles se transformaram em suspeitos, mesmo que não os denunciemos amanhã. Não se atreverão a falar e não têm provas de nada. A não ser que o garoto apure alguma coisa.

— Acha que me preocupa que eles descubram a verdade? Para isso, seria preciso encontrar Clovis Nagel.

E Nagel não está mais na Alemanha há muito tempo. Mas isso não resolve nosso problema. Somente sua irmã sabe onde está a carta de Hans Reiner.

— Então, mande vigiá-los. A uma distância prudente.

Otto refletiu durante alguns instantes.

— Tenho o homem perfeito para isso.

Havia uma terceira pessoa presente àquela conversa, embora escondida numa esquina do corredor. Essa pessoa escutou sem compreender, e quando, longo tempo depois, o casal von Schroeder se retirou para seus aposentos, entrou no quarto de Eduard.

Ao ver o que havia ali dentro, caiu de joelhos. Quando se levantou, os restos de inocência que sua mãe não conseguira queimar, as parcelas de sua alma que ela não conseguira semear com ódio e inveja do primo ao longo de tantos anos estavam mortos, calcinados.

*Matarei Paul Reiner por isto.*

*Agora sou o herdeiro. Serei barão.*

Foi incapaz de distinguir qual dos dois pensamentos antagônicos lhe parecia mais excitante.

## Cápítulo 9

Paul Reiner tiritava sob a chuva na de maio. A mãe já não o puxava, mas caminhava ao seu lado pelo bairro de Schwabing, o bairro da boemia, o coração de Munique, o lugar onde ladrões e poetas se alternavam em tabernas com pintores e putas até altas horas da madrugada. Poucas, contudo, eram as que o jovem e sua mãe encontravam abertas, e eles não entraram em nenhuma, pois não tinham um centavo sequer.

— Vamos nos refugiar neste pórtico — disse Paul.

— O guarda-noturno virá de novo e nos expulsará, como nas três vezes anteriores.

— Você não pode continuar assim, mamãe. Vai pegar uma pneumonia.

Ambos se espremeram no estreito pórtico de um edifício que havia conhecido tempos melhores. Pelo menos, uma saliência da fachada os protegia da chuva, que encharcava calçadas desertas e paralelepípedos desiguais. A tênue luz dos postes criava estranhos reflexos na superfície das ruas molhadas, como Paul nunca havia visto.

Ele sentiu medo e se encolheu ainda mais contra a mãe.

— Você ainda está com o relógio de pulso de seu pai, não está?

— Sim — disse Paul, meio assustado.

Na última hora, Ilse já lhe perguntara isso três vezes. Estava apagada e vazia, como se o esforço que zera para esbofetear o lho e conduzi-lo através dos becos para longe do palacete dos von Schroeder tivesse gasto uma reserva de energia que nem ela mesma imaginava possuir, e que agora perdera para sempre. Tinha os olhos fundos e as mãos trêmulas.

— Amanhã nós o empenharemos, e tudo se resolverá.

O relógio de pulso não era nada extraordinário, nem sequer era de ouro. Paul se perguntou se daria para algo mais que uma noite de pensão e, no máximo, um jantar quente.

— É um plano excelente — forçou-se a dizer.

— Precisamos de um lugar para ficar, e depois pedirei meu antigo emprego na fábrica de pólvora.

— Mas, mamãe... a fábrica de pólvora não existe mais. Foi desmantelada quando a guerra acabou.

*E foi você quem me contou*, pensou Paul, agora realmente preocupado.

— O sol não demora a nascer — disse a mãe.

Paul não respondeu. Baixou a cabeça, atento aos passos rápidos e cadenciados das botas do guarda-noturno. Desejou que o homem demorasse o suficiente para que ele pudesse fechar os olhos por um momento.

*Estou tão cansado... E não entendo nada do que aconteceu esta noite. E ela está tão estranha... Talvez agora me diga a verdade.*

— Mamãe, o que você sabe sobre o que aconteceu ao papai?

Durante alguns instantes, Ilse pareceu acordar de seu estado letárgico. No fundo de seus olhos ardeu uma luzinha, como se o cansado sopro de um fole avivasse o último rescaldo de uma fogueira consumida havia tempos. Segurou o queixo de Paul e lhe acariciou o rosto com doçura.

— Paul, por favor. Esqueça isso, apague tudo o que escutou esta noite. Seu pai foi um bom homem que morreu em um trágico naufrágio. Prometa que se agarrará a isso, que não buscará uma verdade que não existe, porque eu não suportaria perdê-lo. Você é o único que me resta. Meu menino Paul.

Os primeiros lampejos do amanhecer alongaram as sombras sobre as ruas de Munique, levando consigo a chuva.

— Prometa — insistiu ela, em voz cada vez mais baixa.

Paul hesitou antes de responder.

— Prometo.

## Cápítulo 4

— Realmente, Otto, não aguento mais o judeu. Veja só como ele se empanturra de *dampfnudels*. Está com calda de baunilha na camisa.

— Brunhilda, fale baixo, por favor, e sossegue. Você sabe tanto quanto eu que precisamos de Tannenbaum. Gastamos até o último centavo nesta festa. Que, aliás, foi ideia sua.

— Jürgen merece o melhor. Você sabe o quanto ele está confuso desde que o irmão retornou... daquele jeito.

— Pois então, não reclame do judeu.

— Você não imagina o que é ser an triã dele, com sua adulação constante, com suas medidas absurdas, como se não fosse ele quem tem a faca e o queijo na mão. Agora há pouco, inclusive, teve a desfaçatez de me propor que sua filha e Jürgen se casassem — disse Brunhilda, esperando uma resposta desdenhosa de Otto.

— Isso poderia ser a solução dos nossos problemas.

Essa frase conseguiu abrir uma diminuta brecha no sorriso granítico de Brunhilda, que tou o barão com assombro. Estavam ambos na entrada do salão, mantendo sua tensa conversa entre dentes e interrompendo-a só para receber os convidados. Ela ia responder ao marido quando teve de fabricar novamente uma expressão de boas-vindas no rosto.

— Boa tarde, senhora Gerngross, senhora Sagebiel! Foram muito amáveis em vir!

— Desculpe o atraso, Brunhilda querida.

— As pontes, ah, as pontes.

— Sim, o tráfego está *ter-rí-vel*. Simplesmente *as-sus-ta-dor*.

— Quando é que você vai abandonar este palacete velho e frio e vir para a margem leste, querida?

A baronesa sorriu com complacência ante aqueles dardos de inveja. Qualquer um dos muitos novos-ricos que havia naquela festa mataria em troca da classe e do poder que emanavam do escudo de armas de seu marido.

— Por favor, sirvam-se de ponche, está delicioso — disse Brunhilda, apontando-lhes o centro do salão, com uma mesa enorme, totalmente coberta de comida e bebida e rodeada de gente. Um cavalo de gelo de um metro de altura encimava a poncheira, e, ao fundo do aposento, um quarteto de cordas acrescentava canções populares bávaras ao tumulto geral.

Quando se assegurou de que as recém-chegadas não podiam ouvi-la, a baronesa virou-se para Otto e disse num tom ferino, que muito poucas damas da alta sociedade de Munique considerariam aceitável:

— Você arranjou o casamento de nosso lho sem me dizer nada a respeito, Otto? Pois saiba que isso só acontecerá por cima do meu cadáver.

O barão nem sequer pestanejou. Um quarto de século de convivência lhe ensinara como sua esposa reagia quando sentia seu território ameaçado. Mas dessa vez ela teria de ceder, porque estava em jogo muito mais do que seu estúpido orgulho.

— Brunhilda, minha cara, não me diga que não pressentiu desde o início as intenções do judeu. Com seus trajés pretensamente elegantes, inclusive indo todos os domingos à mesma igreja que nós, ngindo que não escuta sempre que o chamam “o convertido” e encostando-se ao nosso assento.

— Sim, é óbvio, não sou burra.

— Claro que não, *baronesa*. Você sabe somar dois mais dois. E nós não temos nada de nada. As contas no banco estão completamente zeradas.

Desta vez, a cor realmente fugiu das faces de Brunhilda. Ela teve de se agarrar às molduras de alabastro da parede para não cair.

— Maldito seja você, Otto.

— Este novo vestido vermelho, tão elegante, que você está usando... A modista exigiu pagamento em espécie. Os rumores estão na rua, e, quando uma coisa assim começa, não para e você é arrastado pela correnteza.

— Acha que eu não sei? Acha que não sinto como nos observam, como dão pequenas mordidas nos docinhos e se entreolham quando percebem que não são da Casa Popp? Sei o que murmuram essas velhas gralhas, tão bem quanto se me gritassem no ouvido, Otto. Mas daí a permitir que meu lho, meu Jürgen, se case com uma judia suja...

— Não há outro remédio. Tudo o que nos resta são esta casa e os terrenos que coloquei em nome de Eduard no dia em que ele nasceu. Se eu não conseguir que Tannenbaum me empreste o capital para montar uma fábrica nesses terrenos, podemos nos considerar acabados. A polícia virá me buscar uma manhã, e terei de agir como um bom cavalheiro cristão e explodir os miolos. E você acabará como sua irmã, trabalhando como costureira para alguém. É isso o que deseja?

Brunhilda tirou a mão da parede. Aproveitou a pausa forçada pela entrada de novos convidados para acumular em seu interior suficiente raiva e lançá-la sobre Otto de repente, como uma pedrada.

— Você com seu vício no jogo foi quem nos meteu neste aperto, quem dilapidou a fortuna da família.

Resolva o problema, Otto, como resolveu 13 anos atrás o caso de Hans.

O barão deu um passo para trás, assustado, ao ouvir aquilo.

— Não se atreva a mencionar esse nome outra vez!

— Na época, foi você quem se atreveu. E de que nos serviu? Venho há 15 anos suportando minha irmã nesta casa.

— Ainda não encontrei a carta. E o garoto está crescendo. Talvez agora...

Brunhilda se inclinou para o marido. Otto era quase uma cabeça mais alto do que ela, mas ainda assim era ele quem parecia baixo ao seu lado.

— Minha paciência tem limite.

Com um gesto elegante, Brunhilda enveredou entre os convidados e deixou o barão com o sorriso congelado, lutando para não gritar.

No outro lado do ruidoso salão, Jürgen von Schroeder deixou de lado sua terceira taça de champanhe para abrir o presente que um de seus amigos lhe estendia.

— Não quis colocá-lo com os outros — disse este, apontando atrás de si uma mesa abarrotada de pacotes feitos com papéis de cores brilhantes. — O meu é especial.

— O que acham, rapazes? Abro o presente de Krohn primeiro?

Um coro de meia dúzia de adolescentes o rodeava, todos vestidos com os elegantes paletós azuis com escudo dourado da Academia Metzingen. Todos pertenciam a boas famílias alemãs e todos eram mais feios do que Jürgen, mais baixos do que Jürgen e riam de cada graça que Jürgen fazia. O lho caçula do barão tinha sem dúvida um dom para se rodear de garotos que não lhe zessem sombra, para depois se pavonear diante deles.

— Abra, mas só se depois abrir também o meu!

— E o meu! — ecoaram todos.

*São capazes de brigar entre si para eu abrir seus presentes, pensou Jürgen. Sem dívida me adoram.*

— Não quem nervosos — disse, levantando as mãos no que ele interpretou como um gesto equânime.

— Ignorando um pouco a tradição, abrirei primeiro os de vocês e, depois do brinde, os dos outros convidados.

— Excelente ideia, Jürgen!

— Bem, e o que se supõe que seja isto, Krohn? — perguntou o jovem, abrindo a caixinha e levantando o conteúdo à altura dos olhos.

Jürgen segurava entre os dedos uma corrente de ouro, de cuja extremidade pendia um estranho símbolo, composto por duas linhas negras simétricas, cujos braços dobrados formavam um desenho quase quadrado.

— É uma suástica. Um símbolo antissemita. Meu pai diz que está na moda.

— Engana-se, amigo — disse Jürgen, pendurando-a no pescoço. — *Agora*, está. Aposto que veremos muitas delas por aqui.

— Certamente!

— Tome, Jürgen, abra o meu. Este, porém, é melhor que você não exiba em público...

Jürgen desembulhou um pacotinho do tamanho aproximado de um maço de cigarros e deu com um pequeno estojo de couro com fecho. Abriu-o num gesto teatral. O coro de aduladores soltou risadinhas nervosas ao ver o conteúdo, uma espécie de capuz cilíndrico de borracha vulcanizada.

— Ora, ora... parece grande.

— Eu nunca havia visto uma!

— Um presente mais do que pessoal, hein, Jürgen?

— É uma proposta?

Durante alguns instantes o jovem sentiu que perdia o controle sobre os colegas, que de repente se acreditavam em condições de rir dele. *Não é justo. Não é justo em absoluto, e não vou permitir isso.* Sentiu crescer a raiva em seu interior e virou-se para o que havia feito o último comentário. Colocou a planta do pé direito sobre o esquerdo dele e descarregou todo o seu peso com força. O outro cou branco, mas apertou os dentes.

— Tenho certeza de que você vai querer se desculpar por essa brincadeira tão infeliz.

— Claro, Jürgen. Sinto muito. Jamais me ocorreria duvidar de sua masculinidade. Aaaa!

— Eu já imaginava — retrucou o jovem, levantando o pé devagar. O coro de adolescentes zera silêncio ao seu redor, um silêncio sublinhado pela festa que continuava no salão. — Bem, não achem que não tenho senso de humor. De fato, em breve este... artigo me será muito útil —,

disse, piscando um olho ao redor. —

Por exemplo, com ela.

Apontava uma mocinha morena, magra e de olhos sonhadores, que segurava um copo de ponche, perdida entre as pessoas.

— Belos peitinhos — sussurrou um dos acompanhantes.

— Algum de vocês quer apostar como eu estreio isto aqui e volto a tempo para o brinde?

— Aposto 50 marcos em Jürgen — apressou-se a dizer o da pisada, numa tentativa de se congarçar com ele.

— Topo — disse outro às suas costas.

— Bem, companheiros, esperem aqui e aprendam.

Jürgen engoliu saliva devagar, procurando evitar que os outros percebessem. Odiava falar com meninas, já que sempre o faziam se sentir desajeitado e inferior. Embora tivesse boa aparência, seu único contato real com o sexo oposto acontecera num bordel de Schwabing, onde havia experimentado mais vergonha do que excitação. Tinha sido levado pelo pai meses antes, ambos vestidos com casaco e chapéu pretos e discretos.

Durante a transa, Otto o esperou no andar térreo tomando conhaque. Quando tudo acabou, deu-lhe uma palmada no ombro e disse que ele já era um homem. Com isso, começara e terminara a educação de Jürgen von Schroeder sobre o amor e as mulheres.

*Mostrarei a eles como age um homem de verdade*, pensou o jovem, sentindo os olhares dos colegas cravados em sua nuca.

— Olá, senhorita. Está se divertindo?

Ela voltou a cabeça, mas não sorriu.

— Na verdade, não muito. Nós nos conhecemos?

— Já vi por que não está se divertindo. Eu me chamo Jürgen von Schroeder.

— Alys Tannenbaum — disse ela, apertando a mão dele sem muito entusiasmo.

— Quer dançar, Alys?

— Não.

Jürgen ficou boquiaberto com a resposta brusca da moça.



— Sabia que eu sou o anfitrião da festa? Que hoje é meu aniversário?

— Parabéns — respondeu ela, com um sorriso sonso —, certamente há um monte de moças neste salão desejando que você as tire para dançar. Eu não gostaria de ocupá-lo muito tempo.

— Mas pelo menos tem de dançar comigo uma música.

— Ah, é? E por quê?

— É o que manda a boa educação. Quando um cavalheiro convida uma dama...

— Sabe o que me aborrece nos prepotentes, Jürgen? A quantidade de coisas que vocês dão por estabelecidas. Pois escute bem: o mundo não é como você imagina. A propósito, acho que seus amigos estão trocando cotoveladas, sem tirar o olho de cima de você.

Jürgen olhou para trás disfarçadamente. Não podia se permitir fracassar, não admitia que aquela fedelha descarada o humilhasse.

*Está bancando a durona porque na realidade gostou de mim. Deve ser daquelas para as quais a melhor maneira de excitar um homem é rejeitá-lo até que ele quele louco. Bom, eu sei como tratar essas aí*, pensou Jürgen.

O jovem deu um passo à frente e, pegando a jovem pela cintura com a mão direita e segurando a dela com a esquerda, atraiu-a para si.

— Que diabos você acha que está fazendo? — reagiu ela.

— Ensinando-a a dançar.

— Se não me soltar agora mesmo, eu grito.

— Não vai querer fazer uma cena, não é mesmo, Alys?

A jovem tentou interpor os braços entre seu corpo e o de Jürgen, embora não fosse páreo para ele. O filho do barão apertou-a mais ainda contra si, sentindo-lhe os seios através do vestido e uma crescente ereção contra o estômago dela. Com um sorriso nos lábios, começou a se mover ao ritmo da música, sabendo que Alys não gritaria. Armar um escândalo numa festa como aquela seria apenas uma desonra para a moça e sua família. Viu como nos olhos da jovem se cristalizava um ódio frio, e de repente jogar com ela daquele modo lhe pareceu muito divertido, muito mais satisfatório do que se ela tivesse simplesmente concordado em dançar com ele.

— Aceita uma taça, senhorita?

Jürgen parou de chofre. Junto dele estava Paul, com os lábios rmemente apertados, segurando uma bandeja com várias taças de champanhe.

— Ora vejã, meu primo garçom. Dê o fora, imbecil — ladrou Jürgen.

— Bom, primeiro eu queria saber se a senhorita está com sede — disse Paul, adiantando ligeiramente a bandeja.

— Sim — apressou-se Alys a dizer. — Este champanhe tem um aspecto excelente.

Jürgen entrefechou os olhos, tentando pensar. Se soltasse a mão direita para pegar uma taça na bandeja, ela se separaria o suficiente para se safar. Afrouxou ligeiramente a pressão sobre o ombro dela, permitindo-lhe liberar o braço esquerdo, mas apertando ainda mais a mão direita. As pontas dos dedos da moça estavam ficando roxas.

— Vamos, Alys, pegue uma taça. Dizem que traz alegria — disse, aparentando jovialidade.

Alys se inclinou um pouco para a bandeja. Tentou se soltar, mas era inútil. Não lhe restou outra saída senão pegar o champanhe com a mão esquerda.

— Obrigada — disse, baixinho.

— Talvez a senhorita queira um guardanapo — disse Paul, levantando a outra mão, na qual trazia um pratinho com pequenas peças de tecido. Tinha se movimentado ao redor do casal e agora oferecia os guardanapos do lado contrário.

— Seria excelente — respondeu Alys, olhando fixamente o filho do barão.

Durante alguns segundos, nenhum deles se mexeu. Jürgen estudou calmamente a situação. Com a taça na mão esquerda, ela só poderia pegar o guardanapo com a direita. Finalmente, fervendo de raiva, ele teve de se dar por vencido. Solto a mão de Alys, que se afastou alguns passos e pegou o guardanapo.

— Acho que vou sair um pouquinho para tomar ar — disse a jovem, com muita dignidade.

Jürgen, como que desdenhando-a, virou-se para retornar aos seus amigos. Ao passar junto de Paul, empurrou-o com o ombro, sussurrando:

— Você vai pagar por isto.

De algum modo, Paul conseguiu manter equilibradas sobre a bandeja as taças de champanhe, que se limitaram a tilintar. Outra coisa, porém, era seu equilíbrio interior, que naquele momento equivalia ao de um gato encerrado num barril de pregos.

*Como pude ser tão imbecil?*

Na vida, ele tinha somente uma regra: manter-se o mais longe possível de Jürgen. Não era fácil de cumprir, já que os dois viviam sob o mesmo teto, mas pelo menos era simples. Não podia fazer grande coisa quando seu primo decidia tornar-lhe a vida impossível, mas de nitivamente

podia evitar cruzar o caminho dele e sobretudo humilhá-lo em público, como acabara de fazer. Aquilo ia lhe custar bem caro.

— Obrigada.

Paul levantou a vista e, durante alguns segundos, esqueceu absolutamente tudo: o medo de Jürgen, a bandeja pesada e a dor que sentia na planta dos pés depois de trabalhar 12 horas seguidas para que tudo ficasse pronto para a festa. Tudo desapareceu, porque ela estava sorrindo para ele.

Alys não era uma mulher capaz de tirar o fôlego de um homem à primeira vista. Mas, se você lhe dedicasse um segundo olhar, este seria provavelmente muito mais longo. Se escutasse sua voz rouca, podia se sentir atraído por ela. E, se ela lhe desse um sorriso como o que Paul recebeu naquele instante...

Paul não teve a menor chance de não se apaixonar imediatamente.

— Ah... não foi nada.

Durante o resto de sua vida, amaldiçoaria incontáveis vezes aqueles instantes, aquela conversa e aquele sorriso que haveriam de lhe causar tantos problemas. Mas naquele momento não sabia de nada disso. E tampouco ela, que estava sinceramente agradecida àquele garoto magrinho, acanhado e de olhos azuis e inteligentes. Claro que, logo a seguir, Alys voltou a ser Alys.

— Não pense que eu não poderia me livrar dele sozinha.

— Claro, claro — disse Paul, ainda abobalhado.

Alys pestanejou; não estava acostumada a uma vitória tão fácil. Preferiu mudar de assunto.

— Este não é um bom lugar para conversar. Espere um minuto e depois se encontre comigo no vestiário.

— Com prazer, senhorita.

Paul deu uma volta pelo salão para esvaziar quanto antes a bandeja e ter uma desculpa para desaparecer. No início da festa, fora escutando as conversas das pessoas, surpreso por comprovar a pouca atenção que lhe prestavam. Era realmente como se ele fosse invisível, e por isso estranhou que alguém lhe dirigisse a palavra quando o último dos convidados, ao pegar uma taça de sua bandeja, sorriu para ele e disse:

— Muito bem, filho.

— Perdão?

— “Nunca houve cavalheiro que salvasse uma dama com tanta galhardia e discrição.” É de

Chrétien de Troyes. Desculpe, eu sou Sebastian Keller, livreiro.

— Prazer em conhecê-lo.

O homem indicou a porta com o polegar.

— É melhor que você se apresse. Ela estará à sua espera.

Surpreso, Paul colocou a bandeja embaixo do braço e saiu do salão. O vestiário estava instalado no vestibulo e consistia em uma mesa alta e duas enormes araras com rodas que sustentavam a centena de casacos dos convidados. A jovem já tinha recolhido o seu das mãos de uma encarregada que a baronesa havia contratado para a festa e aguardava Paul junto à porta. Não lhe estendeu a mão quando se apresentou.

— Eu sou Alys Tannenbaum.

— Paul Reiner.

— É verdade que ele é seu primo?

— Infelizmente, sim.

— É que você não parece...

— O quê? Sobrinho de um barão? — disse Paul, apontando o avental de seu uniforme de garçom.  
— Esta é a última moda em Paris.

— Eu quis dizer que você não parece ser como ele.

— Porque não sou como ele.

— Folgo em saber. Só queria lhe agradecer outra vez. Cuide-se, Paul Reiner.

— Claro.

Ela apoiou a mão na maçaneta da porta, mas antes de abri-la virou-se rapidamente e beijou Paul na face.

Depois desceu correndo a escada e desapareceu. Durante alguns instantes ele contemplou a rua com ansiedade, como se ela fosse voltar sobre seus passos. Finalmente fechou a porta, apoiou a testa na ombreira e suspirou.

Sentia o coração e o estômago pesados e estranhos, como se um animal tivesse nalmente ocupado uma guarida que sempre fora sua, mas na qual ele jamais havia estado. Não soube lhe dar um nome, de modo que, à falta de algo melhor, decidiu — acertadamente — que era amor e se sentiu feliz.

— Bom, parece que o cavaleiro andante recebeu seu prêmio, não é, rapazes?

Ao ouvir aquela voz que conhecia tão bem, Paul se voltou às pressas.

E passou instantaneamente da felicidade ao medo.

## Cápítulo 10

– Oôôôô...!

A carroça do carvoeiro se deteve na Rheinstrasse com um chiado. Os dois cavalos pateavam intranquitos, caras cobertas pelos antolhos e garupas enegrecidas pelo suor e pelo pó de carvão. O carvoeiro saltou para o solo e passou distraidamente a mão pela lateral do veículo, onde estava pintado seu nome, Klaus Graf, embora só fosse possível ler as duas primeiras letras.

— Limpe isto, Willi! Gosto que os clientes saibam quem lhes traz a matéria-prima — disse, quase de bom humor.

O homem que o acompanhava na boleia tirou o chapéu, puxou de dentro um trapo no qual havia distantes lembranças da cor do tecido e começou a esfregar a madeira, assoviando. Era sua única maneira de se expressar, porque era mudo. A melodia era suave e rápida: ele também parecia contente.

Era o momento perfeito.

Paul vinha seguindo-os toda a manhã, desde que saíra da cocheira que Graf tinha em Lehel. Também os observara no dia anterior e compreendera que sua melhor oportunidade para que o carvoeiro lhe desse um emprego seria pouco antes de uma da tarde, logo depois do descanso do meio-dia. Os dois homens haviam dado conta de grandes sanduíches e uns 2 litros de cerveja cada um. Já tinham deixado para trás a mal-humorada sonolência da madrugada, com o orvalho se acumulando sobre a carroça enquanto esperavam que a carvoaria abrisse. Também estavam longe do cansaço irascível do nal do dia, quando sorviam em silêncio, com o pó fechando-lhes a garganta, a última cerveja da jornada, na taberna mais próxima da última casa que lhes coubera abastecer.

*Se eu não conseguir, que Deus nos ajude*, pensou Paul, desesperado.

Havia dois dias que tentavam encontrar trabalho, e não tinham comido quase nada em todo esse tempo. O penhor do relógio dera para duas noites de pensão e um desjejum à base de pão e cerveja. Sua mãe insistira em perguntar em muitos lugares, mas logo descobriram que, naquele período, um emprego era uma verdadeira utopia. As mulheres tinham sido expulsas dos postos de trabalho que ocupavam durante a guerra, uma vez que os homens haviam retornado do *front*. Não por gosto dos empregadores, claro.

— Maldito seja o governo com suas diretrizes — dissera-lhes o dono de uma padaria que eles haviam procurado em busca do impossível. — Há meses nos obrigam a contratar os veteranos de guerra, ao passo que as mulheres faziam o trabalho igualmente bem e ganhando muito menos.

— As mulheres faziam a mesma tarefa que os homens? — perguntou Paul, em tom insolente. Estava de mau humor. Seu estômago roncava, e o cheiro de pão assando nos fornos lhe crispava

os nervos.

— Algumas, até melhor. Eu tinha uma senhora que era capaz de manejar a massa como ninguém.

— Então, por que ganhavam menos?

— Bem, garoto, isso é óbvio — disse o padeiro, dando de ombros. — São mulheres.

Se havia uma lógica nisso, Paul não conseguia entendê-la, embora tanto sua mãe quanto o resto dos empregados que se afanavam ao redor concordassem com a cabeça.

— Você vai entender quando for mais velho — disse um dos empregados quando os dois se afastavam. E todos explodiram em gargalhadas às suas costas.

Paul não tivera melhor sorte. A primeira coisa que lhe perguntavam, antes de averiguar se sabia fazer alguma coisa, era se ele era veterano de guerra. Então, depois de muitas decepções em poucas horas, decidiu enfrentar o problema de modo mais racional. Condo na sorte, resolveu seguir o carvoeiro, estudá-lo e abordá-lo da melhor maneira possível. Ele e a mãe tinham conseguido dormir uma terceira noite na pensão, sob a promessa de pagar no dia seguinte; a proprietária se compadecera dos dois. Até lhes dera um prato de sopa espessa, com pedacinhos de batata flutuando e uma fatia de pão preto.

E ali estava Paul, cruzando a Rheinstrasse. Um lugar movimentado e alegre, cheio de camelôs, vendedores de jornais e amoladores, que apregoavam suas caixas de fósforo, as últimas notícias ou os benefícios de uma tesoura bem a ada. O cheiro das padarias se misturava com o da bosta dos cavalos, que em Schwabing proliferavam muito mais do que os automóveis.

Paul aproveitou o momento em que o ajudante do carvoeiro foi chamar o porteiro do edifício que iam abastecer para que lhes abrisse a porta do porão. Enquanto isso, o carvoeiro ia preparando as enormes cestas de bétula nas quais transportavam sua mercadoria.

*Talvez ele seja mais amável se estiver sozinho. As pessoas se comportam de forma diferente com os estranhos quando seus subordinados estão presentes,* pensou, enquanto se aproximava.

— Boa tarde, senhor.

— O que você quer, rapaz?

— Estou procurando trabalho.

— Desapareça, garoto. Não preciso de ninguém.

— Eu sou forte, senhor, e poderia ajudá-lo a descarregar esta carroça rapidamente.

O carvoeiro se dignou a olhar para Paul pela primeira vez, e o fez de cima abaixo. O jovem,

ainda usando calça preta, camisa branca e colete, continuava parecendo um garçom. Comparado ao corpulento e gordo homenzarrão que via à sua frente, Paul se sentiu um almofadinha.

— Quantos anos você tem, rapaz?

— Dezesete, senhor — mentiu Paul.

— Nem a pobre da minha tia Bertha, que era péssima para calcular a idade das pessoas, lhe daria mais de quinze. Além disso, você está esquelético. Suma daqui.

— No dia 22 de maio completo dezesesseis anos, senhor — disse Paul, em tom ofendido.

— Seja como for, não me serve.

— Posso perfeitamente carregar a cesta de carvão, senhor.

Com grande agilidade, subiu à carroça, pegou uma pá e encheu uma das cestas até a borda. Depois, procurando evitar que o homem notasse seu esforço, pendurou-a às costas pelas correias. Sentia como estas lhe destruíam os ombros e os flancos sob os mais de 50 quilos de peso, mas deu um jeito de sorrir.

— Viu? — disse, empregando toda a sua força de vontade para manter as pernas retas.

— Não se trata apenas de levantar uma cesta, menino — disse o carvoeiro, puxando um pacote de tabaco do bolso e acendendo um cachimbo estropiado. — Minha velha tia Lotte poderia levantar esta cesta sem se retorcer tanto, como você fez. Trata-se de caminhar com ela por escadas úmidas e escorregadias como virilha de meretriz. Nos porões aos quais descemos quase nunca há luz, porque os administradores dos edifícios não ligam a mínima se quebrarmos a cabeça. Pode ser que você descesse uma vez, talvez duas, mas na terceira...

Os joelhos e os ombros de Paul não suportaram mais o peso, e o jovem caiu de bruços sobre a pilha de carvão.

— Você desabaria, como acaba de comprovar. E, se isso lhe acontecesse numa daquelas escadas muito estreitas, seu cocuruto não seria o único a se rachar.

O jovem se reergueu a duras penas.

— Mas...

— Não adianta, garoto. Desça da minha carroça.

— Eu... eu poderia lhe dizer um modo de melhorar seu negócio.

— Era só o que me faltava... E qual seria? — disse o carvoeiro, soltando uma gargalhada irônica.



— O senhor demora muito tempo entre terminar uma entrega e começar a seguinte, porque precisa ir buscar mais material na carvoaria. Se comprasse uma segunda carroça...

— Essa é sua brilhante ideia? Uma boa carroça, com eixos de aço, para resistir a todo o peso que levamos de cima, custa pelo menos 7 mil marcos, e isso sem contar os arreios e os cavalos. Você tem 7 mil marcos nessa calça amarrotada, garoto? Acho que não.

— Mas o senhor...

— Eu mal tenho com que pagar o carvão e manter minha família. Acha que não pensei muitas vezes em comprar outra carroça? Sinto muito, garoto — acrescentou o carvoeiro, suavizando um pouco o tom ao ver o abatimento do rapaz —, mas não posso ajudá-lo.

Paul baixou a cabeça, derrotado. Precisava procurar trabalho em outro lugar, e depressa, porque a dona da pensão não teria paciência durante muito mais tempo. Estava descendo da carroça quando um grupo de pessoas se aproximou.

— Olá, Klaus! Funcionário novo?

O ajudante de Klaus estava retornando com o porteiro do imóvel, e junto com eles vinha um homem mais velho, baixinho e careca, com óculos redondos e pasta de couro, que era quem se dirigira em tom cordial ao carroeiro.

— Não, senhor Finken. É apenas um garoto que veio pedir trabalho, mas já estava de saída.

— É que ele traz na cara os sinais do ofício.

— Parecia empenhado em experimentar a tarefa, senhor. O que deseja?

— Bem, Klaus, tenho outro compromisso, e pensei em já deixar pago o carvão deste mês. Esta aí é toda a carga?

— Sim, senhor, as duas toneladas que encomendou, até a última onça.

— Confio plenamente em você, Klaus.

Ao escutar essas palavras, Paul se voltou. Acabava de compreender qual era o verdadeiro capital do carvoeiro.

*Con ança. E maldita seja se não puder ser transformada em dinheiro. Pelo menos, se me escutarem*, pensou, aproximando-se novamente do grupo.

— Bem, se não houver inconveniente... — estava dizendo Klaus.

— Um momento!

— Posso saber o que ainda está fazendo aqui, menino? Já lhe disse que não preciso de você.

— Precisaria se tivesse outra carroça, senhor.

— Está maluco ou o quê? Não tenho outra carroça! Desculpe, senhor Finken, este louco grudou nos meus calcanhares.

O ajudante do carvoeiro, que havia alguns minutos já vinha lançando olhares desconfiados a Paul, fez um movimento em direção a ele, mas seu chefe o deteve com um gesto. Não queria armar uma cena diante do cliente.

— Se eu lhe proporcionasse os meios para comprar outra carroça — continuou Paul, afastando-se do ajudante e tentando ao mesmo tempo parecer digno —, o senhor me contrataria?

Klaus coçou a cabeça.

— Bem, suponho que sim — disse, a contragosto.

— Certo. Poderia fazer a gentileza de me dizer qual é sua margem por trazer o carvão?

— A mesma que a de todo mundo, menino. Uma honrada margem de oito por cento.

Paul fez rapidamente os cálculos.

— Senhor Finken, concordaria em pagar ao senhor Graf mil marcos adiantados, agora mesmo, em troca de um desconto de quatro por cento no preço do carvão durante um ano?

— É uma boa quantidade de dinheiro, rapaz — respondeu Finken.

— Mas o que você está dizendo, garoto? Eu não aceitaria dinheiro adiantado dos meus clientes.

— Na verdade, é uma oferta muito tentadora, Klaus. Significaria uma grande economia para o imóvel — disse o velho administrador.

— Viu? — comemorou Paul, eufórico. — O senhor só precisa fazer a mesma oferta a outros seis clientes.

Todos vão aceitar. Notei que as pessoas confiam em sua palavra.

— Isto é verdade, Klaus.

Por um momento, o peito do carvoeiro se inflou como o de um pavão, mas em seguida vieram as queixas.

— Mas — disse ele, sem conseguir perceber claramente —, se reduzirmos as margens, do que eu vou viver?

— Com outra carroça, o senhor fará seu trabalho na metade do tempo. Logo recuperará o dinheiro. E terá duas carroças com seu nome pintado, circulando ao mesmo tempo por Munique.

— Duas carroças com meu nome...

— Claro que, no começo, vai ficar um pouco apertado. Afinal, terá de pagar mais um salário.

O carvoeiro olhou para o administrador e este sorriu.

— Pelo amor de Deus, Klaus, contrate este garoto, ou eu mesmo faço isso. Ele tem uma cabeça prodigiosa para os negócios.

— Certo. Estamos combinados, menino. Mas escute bem: se isso não funcionar, eu lhe tiro a pele.

Klaus levou Paul consigo durante o resto da jornada, e foi o jovem quem se encarregou de falar com os administradores dos imóveis. Dos dez primeiros, sete aceitaram o trato, e somente quatro exigiram uma garantia por escrito.

— Parece que terá sua carroça, senhor Graf.

— Agora, teremos um maldito monte de trabalho. E precisaremos procurar novos clientes.

— Eu tinha pensado que o senhor...

— Nada disso, menino. Você cativa as pessoas, embora seja um pouco tímido, como a minha boa tia Irmuska. Acho que fará o trabalho muito bem.

O rapaz guardou silêncio por alguns instantes, considerando os acontecimentos do dia, e em seguida se dirigiu de novo ao carvoeiro.

— Antes de aceitar, posso lhe fazer uma pergunta?

— Que diabos você quer? — retrucou Klaus, impaciente.

— É verdade que tem mesmo tantas tias, senhor Graf?

O carvoeiro soltou uma enorme gargalhada.

— Minha mãe tinha 14 irmãs, garoto. Acredite ou não.

## Cápítulo 11

Com Paul encarregando-se das coletas de carvão e de conseguir novos clientes, o negócio começou a prosperar. O jovem conduzia uma carroça cheia, da carvoaria localizada às margens do Isar até o prédio onde Klaus e Hulbert — esse era o nome do ajudante mudo — estivessem nalizando a entrega. Primeiro escovava os cavalos e lhes dava água em um balde. Em seguida trocava as parelhas e atrelava a dupla de animais descansados à carroça que acabava de trazer.

Depois dava uma mão aos companheiros para poder levar o quanto antes a carroça vazia. No princípio, com di culdade, mas, à medida que foi se acostumando e que seus ombros se alargaram, foi capaz de carregar as enormes cestas. Terminado aquele imóvel, incitava os cavalos de volta à carvoaria, cantarolando feliz, enquanto os outros se dirigiam a um novo local de entrega.

Ilse, por sua vez, tinha encontrado ocupação ajudando a dona da pensão onde se hospedavam, e em troca tinham um pequeno abatimento no aluguel, o que era ótimo, porque o salário de carvoeiro mal dava para os dois.

— Eu queria poder dar um desconto maior, senhor Reiner, mas não preciso de tanta ajuda assim — dissera a proprietária.

Paul concordou, sabendo que ela aludia ao fato de sua mãe tampouco ajudar em excesso. Outros inquilinos da pensão lhe haviam sussurrado que às vezes Ilse cava ensimesmada no meio do corredor varrido pela metade, ou com uma batata meio descascada, segurando a vassoura ou a faca e olhando para o nada.

Preocupado, falou com a mãe, que negou tudo. Quando Paul insistiu e insistiu, Ilse acabou admitindo em parte.

— Posso ter andado um pouco distraída ultimamente. Emoções demais — disse ela, acariciando-lhe o rosto.

*É tudo questão de tempo, pensou Paul. Tivemos de enfrentar situações muito ruins.*

Contudo, descon ava de que havia algo mais, algo que sua mãe lhe ocultava. Continuava disposto a averiguar a verdade sobre a morte do pai, mas não sabia por onde começar. Seria impossível aproximar-se dos von Schroeder, pelo menos enquanto eles contassem com o favor do juiz. Poderiam colocar Paul na prisão a qualquer momento, e isso era algo que ele não podia arriscar, ainda por cima com a mãe daquele jeito.

Aquela questão o carcomia durante as noites. Mas agora, ao menos, podia sonhar acordado sem medo de despertar a mãe, já que dormiam em quartos separados pela primeira vez na vida. Paul se mudara para um no segundo andar, interno e menor que o de Ilse, mas onde teria privacidade.

— Nada de levar garotas para o quarto, senhor Reiner — dizia a proprietária, pelo menos uma

vez por semana. E Paul, que tinha a imaginação e as necessidades de qualquer rapazinho saudável de 16 anos, também achava tempo para fantasiar sobre esse assunto.

Durante os meses seguintes, a Alemanha se reinventou, tanto quanto os Reiner. No nal de junho de 1919, um novo governo assinou o Tratado de Versalhes, que apontava um só culpado pela guerra, a Alemanha, e estabelecia reparações econômicas descomunais. Nas ruas, pulsava uma espécie de indignação tranquila ante a humilhação à qual os Aliados submetiam os germânicos, mas em geral as pessoas respiraram em paz durante algum tempo. Em meados de agosto, foi aprovada uma nova Constituição.

Paul começou a sentir que sua vida recuperava uma ordem. Precária, mas ordem, a nal. Também foi se esquecendo gradativamente do mistério sobre o pai. Fosse pela di culdade da tarefa, ou por medo de enfrentá-la, ou ainda pela crescente obrigação de cuidar de Ilse.

Até que um dia, no meio de um descanso matinal como aquele em que Paul fora pedir trabalho, Klaus afastou a jarra vazia de cerveja, fez uma bola com o papel do sanduíche e devolveu o jovem à realidade.

— Você parece um garoto inteligente, Paul. Como é que não está estudando?

— Coisas da vida. A guerra. As pessoas — respondeu ele, dando de ombros.

— Contra a vida e a guerra não se pode fazer nada, mas contra as pessoas... Contra as pessoas você pode revidar os golpes, Paul — disse o carvoeiro, expelindo uma nuvem de fumaça azulada. — Você é dos que revidam?

De repente, Paul sentiu desassossego e impotência.

— E quando a gente sabe que foi golpeado, mas não sabe nem por quem nem como?

— Nesse caso, não se deixa pedra sobre pedra até esclarecer tudo.

## Cápítulo 12

Munique guardava silêncio.

Em um luxuoso edifício na margem leste do Isar, porém, ouvia-se um murmúrio. Nada suficientemente alto para acordar algum dos habitantes da casa. Apenas um rumor surdo que vinha de um dos quartos voltados para a praça.

Era um dormitório fora de moda, infantil, que destoava da idade de sua dona. Ela o abandonara cinco anos antes e ainda não tivera tempo para mudar o papel de parede, as estantes repletas de bonecas ou a cama com dossel cor-de-rosa. Contudo, numa noite como aquela, seu coração vulnerável era grato a todos aqueles objetos que lhe devolviam a segurança de um mundo deixado para trás. Mas seu temperamento se maldizia por ter retrocedido tanto em independência e capacidade de decisão.

O rumor surdo era pranto, abafado pelo travesseiro.

Sobre a cama havia uma carta, da qual, em meio à confusão de lençóis, só se conseguiam ler os primeiros parágrafos.

*Columbus, Ohio, 7 de abril de 1920*

Querida Alys,

Espero que esta a encontre bem. Você não sabe como estamos sentindo sua falta, porque só restam duas semanas para que se inicie a temporada de bailes. Este ano poderemos ir todas as amigas juntas, sem nossos pais, mas com uma acompanhante. Pelo menos, poderemos ir a mais de um baile por mês!

A notícia do ano, porém, é o noivado de meu irmão Prescott com uma moça do leste, Dotty Walker.

Todo mundo fala da fortuna do pai dela, George Herbert Walker, e de como os dois formam um belo par. Mamãe está contentíssima com o casamento. Quem dera você pudesse estar aqui, porque será o primeiro casamento na família, e você é uma de nós.

A jovem chorava devagar, como se não reconhecesse as lágrimas como suas. Com o braço direito, agarrava uma boneca, e quando se deu conta lançou-a do outro lado do quarto.

*Sou uma mulher. Uma mulher.*

Lentamente, a mesma mão que acabava de jogar a boneca buscou às apalpadelas a barra da camisola, no meio das coxas, e puxou-a para cima. A outra mão lutou durante um instante com o elástico da calcinha, abrindo espaço para que a direita deslizasse para dentro, colada à fina pele do estômago.

A mão começou a mover-se devagar.

Ela pensou em Prescott, ou pelo menos no que recordava do rapaz; estavam juntos sob o caminho de carvalhos da casa de Columbus, e ele sussurrava em seu ouvido enquanto a abraçava. Seu corpo estava quente e suarento. Mas, quando ela ergueu o olhar, descobriu que o rapaz não era moreno e forte, como Prescott, mas louro e esguio. Um rosto que ela, mergulhada em seu devaneio, não conseguiu reconhecer.

Suas mãos se moveram mais depressa, e o rumor surdo foi cessando, até que começou outra vez.

Só que já não era pranto.

## Cápítulo 13

Aquilo aconteceu tão depressa que nem o destino poderia tê-lo preparado.

— Caramba, Paul, onde diabos você estava?

Paul acabava de chegar à Prinzregentenplatz com a carroça cheia e, como sempre que trabalhavam nos bairros dos ricos, Klaus estava de um humor infernal. O trânsito ali era terrível. Os automóveis e os bondes travavam uma eterna batalha contra as carroças dos cervejeiros, os carrinhos de mão pilotados por ressabiados entregadores e até as bicicletas dos funcionários públicos. Os guardas passavam pela praça a cada dez minutos, tentando dar ordem àquele caos, com suas caras insondáveis sob os capacetes de couro. Em duas ocasiões, já tinham avisado a Klaus que deveria descarregar depressa, se não quisesse receber uma bela multa.

Os carvoeiros não podiam permitir-se isso. Embora naquele mês de dezembro de 1920 tivessem recebido muitas encomendas, fazia apenas 15 dias que a encefalomielite havia levado dois dos cavalos, e eles tiveram de substituí-los entre as lágrimas de Hulbert, que só vivia para aqueles animais. Como não tinha família, até dormia com eles na cocheira. Klaus usara até o último centavo que havia conseguido reunir para comprar a nova parelha, e agora qualquer despesa imprevista poderia afundá-los na ruína.

Não era de estranhar que, naquela tarde, o carvoeiro estivesse gritando com Paul desde que a carroça dobrara a esquina.

— Havia um engarrafamento enorme na ponte, senhor.

— Não quero nem saber! Desça aqui e nos ajude com a carga, antes que aqueles abutres voltem.

Paul saltou da boleia e começou a carregar cestas. Agora fazia isso com muito menos esforço. Embora mais próximo dos 17 do que dos 16, e seu desenvolvimento ainda estivesse longe de ser completo e ele fosse magro, os braços e as pernas eram puro músculo.

Restavam apenas cinco ou seis cestas para terminar o descarregamento, e eles começaram a acelerar, escutando cada vez mais próximo o rítmico e impaciente clip-clop-clip dos cavalos dos guardas.

— Estão vindo! — berrou Klaus.

Paul baixou a penúltima carga quase correndo, lançou-a ao depósito no fundo do porão com as gotas de suor lhe descendo pela testa e voltou a correr escada acima até a rua. Justamente quando sua cabeça assomava, um objeto o golpeou em pleno rosto.

Durante um instante o mundo se deteve ao seu redor. Paul quase não notou como seu corpo, levado pela inércia, girou no ar durante meio segundo. Seus pés patinaram nos degraus escorregadios. Ele agitou as mãos no ar e depois caiu para trás. Não teve tempo de sentir dor,



porque a escuridão logo o envolveu.

Dez segundos antes, Alys e Manfred Tannenbaum desciam pela praça, passeando de volta de um parque próximo, aonde a jovem tinha levado o irmão para que ele corresse um pouco antes que a terra estivesse gelada demais. Naquela noite, haviam caído as primeiras neves. Embora não tivessem chegado a endurecer, dentro em pouco o menino passaria três ou quatro semanas sem poder movimentar as pernas à vontade.

Manfred aproveitava ao máximo os últimos minutos. No dia anterior havia resgatado de um armário sua velha bola de futebol, e agora ia dando-lhe chutes e fazendo-a ricochetear nas paredes, ante os olhares reprovadores dos transeuntes. Em outras circunstâncias, Alys teria fechado a cara para eles — não suportava os que consideravam as crianças uma praga incômoda —, mas naquele dia se sentia melancólica e insegura.

Ela concentrada no vapor formado pelo seu hálito naquela tarde tão fria, perdida em seus pensamentos e prestando a Manfred apenas atenção suficiente para que ele carregasse a bola nas mãos ao atravessar as ruas.

Justamente quando restavam alguns metros para chegarem ao seu edifício, o garoto viu as portas do porão abertas, imaginou que era o gol do estádio de Grünwalder e chutou com toda a força. A bola, de couro duríssimo, traçou um arco perfeito e acertou em cheio o rosto de um homem, que desapareceu escada abaixo.

— Manfred, cuidado!

O grito aborrecido de Alys se transformou em uivo quando ela viu que o irmão havia atingido uma pessoa. Manfred cou paralisado, morto de medo. A jovem correu até a porta do porão, mas um dos colegas do que caíra, baixinho e com um chapéu amorfo, já se adiantara a ela.

— Diabos! Eu sempre soube que esse idiota iria cair — disse outro dos carvoeiros, um homem mais velho. Ele não havia saído da carroça, retorcendo as mãos e lançando olhares inquietos à esquina da Possartstrasse como se temesse o que podia aparecer por ali.

Alys se deteve bem na beira da escada do porão, mas não se atreveu a descer. Durante segundos horríveis, cou olhando o retângulo de escuridão, até que uma gura surgiu, como se a cor negra tivesse assumido forma humana. Era o colega do carvoeiro, o que havia ultrapassado Alys, trazendo nos ombros o que havia caído.

— Deus do céu, mas é quase uma criança...

O braço esquerdo do ferido pendia em um ângulo estranho; a calça e a jaqueta estavam rasgadas. Havia ferimentos na cabeça e nos antebraços, e o sangue, misturado com o pó de carvão, formava uma pasta marrom e espessa sobre o rosto. Os olhos estavam fechados, e ele não reagiu quando o outro o depositou no solo e tentou enxugar o sangue com um trapo imundo que puxou do chapéu.

*Espero que esteja só inconsciente*, pensou, agachando-se e segurando a mão boa do jovem.

— Como ele se chama? — perguntou Alys ao sujeito do chapéu.

Ele deu de ombros, apontou a garganta e balançou a cabeça. Alys compreendeu.

— Você pode me ouvir? — disse, temendo que, além de mudo, o homem fosse surdo. — Temos de ajudá-lo!

O do chapéu não lhe deu ouvidos e se voltou, tando as carroças de carvão e arregalando os olhos. O outro carvoeiro, o velho, havia subido à boleia da primeira carroça, a que estava cheia, e buscava desesperadamente as rédeas. Estalou o chicote, traçando no ar um oito retorcido. Soltando um bufo, os dois cavalos arrancaram.

— Vamos, Hulbert!

O do chapéu hesitou um momento. Deu um passo para a outra carroça, mas depois pareceu se arrepender e se voltou. Colocou o trapo manchado de sangue nas mãos de Alys, que continuava assombrada com a canalhice daqueles homens. Depois ele se virou de novo e seguiu o exemplo do velho.

— Voltem! Não podem deixá-lo aqui sozinho!

A jovem deu uma pisada forte no chão. Enraivecida, furiosa e impotente.

## Cápítulo 14

Para Alys, a parte mais complicada não foi convencer os guardas a deixá-la cuidar do ferido em sua casa, mas vencer a resistência de Doris a permitir sua entrada. Teve de gritar quase tão forte quanto havia gritado com Manfred para que este se movesse de uma maldita vez e procurasse ajuda. Finalmente, o irmão obedecera e dois criados abriram caminho em meio ao círculo de curiosos e carregaram o jovem para o elevador.

— Senhorita Alys, sabe que o patrão não quer estranhos em casa, muito menos quando ele não está. Eu me oponho firmemente.

O carvoeiro pendia desconjuntado e inconsciente entre os criados, que eram velhos demais para sustentá-lo por muito tempo. Estavam no patamar, e a governanta lhes bloqueava a passagem.

— Não podemos deixá-lo aqui, Doris. Temos de chamar um médico para vê-lo.

— Não é responsabilidade nossa.

— É, sim, levando em conta que o acidente foi culpa de Manfred — disse Alys, apontando o menino, que estava pálido ao seu lado, segurando a bola bem longe do corpo, como se temesse que ela pudesse voltar a machucar alguém.

— Já disse que não. Existem hospitais para... para gente como ele.

— Em casa, será mais bem atendido.

Doris olhou-a xamente, como se não acreditasse no que ouvia. Depois torceu a boca em um sorriso condescendente. Sabia muito bem que palavras devia pronunciar para enfurecê-la e escolheu-as com crueldade.

— A senhorita é muito menina para...

*Ela agora passou do limite, pensou Alys, sentindo como a irritação e o rubor lhe coloriam o rosto. Mas, desta vez, não vai funcionar.*

— Doris, com todo o respeito do mundo, saia da minha frente.

Avançou para a porta e empurrou-a com as duas mãos. A governanta tentou fechá-la, mas era tarde demais, e a madeira golpeou-a o ombro. Caiu sentada sobre o tapete do vestibulo, olhando impotente como os irmãos Tannenbaum encabeçavam os dois criados rumo ao interior da casa. Estes desviaram o olhar, e Doris teve certeza de que tentavam conter o riso.

— Isto não vai ficar assim. Vou contar ao seu pai o que aconteceu — disse, furiosa.

— Pode car sossegada, Doris. Amanhã, quando ele voltar de Dachau, eu mesma conto —

respondeu Alys, sem se virar.

Internamente, não estava tão segura quanto suas palavras faziam supor. Sabia que haveria problemas com o pai, mas naquele momento não estava disposta a permitir que a governanta tivesse a última palavra.

— Feche um pouco mais os olhos. Não quero que entre iodo. Assim.

Alys entrou devagar no quarto de hóspedes, procurando não interromper o médico, que limpava a testa do ferido. Doris estava furiosa no canto do quarto, e não perdia ocasião de pigarrear, agitar os pés e mostrar sua impaciência a cada momento. Ao ver Alys entrando, duplicou seus esforços. A jovem ignorou-a e observou o carvoeiro deitado na cama.

*A colcha está completamente perdida, é claro,* estava pensando Alys, quando seus olhos se encontraram com os do ferido e o reconheceram.

*O garçom da festa! Não, não pode ser ele.*

Mas era, sim, porque o vira arregalar os olhos e erguer as sobrancelhas. Mais de um ano se passara, mas Alys ainda se lembrava dele. De repente, compreendeu qual era o rosto rodeado por cabelos louros que se insinuava em suas fantasias quando ela tentava visualizar Prescott. Com o canto do olho, comprovou que Doris não tirava os olhos dela, de modo que ngiu um bocejo e abriu a porta do quarto. Usando-a como anteparo entre ela e a governanta, olhou para Paul e levou um dedo aos lábios.

— Como está ele? — perguntou Alys quando finalmente o médico saiu para o corredor.

Era um homenzinho magricela, de olhos esbugalhados, que cuidava dos Tannenbaum desde antes de Alys nascer. Quando sua mãe morrera de gripe, a jovem passara muitas noites em claro odiando-o por não a ter salvo, mas agora seu estranho aspecto só lhe produzia calafrios, semelhantes aos do estetoscópio sobre a pele.

— Quebrou o braço esquerdo, mas parece uma fratura limpa. Coloquei uma tala e ataduras, e deve estar bem dentro de seis semanas. Procurem evitar que ele o movimente.

— E a cabeça?

— Os outros ferimentos são superficiais, deve tê-los sofrido ao roçar nas bordas dos degraus, mas sangraram bastante. Desinfetei o da testa, mas seria aconselhável que ele tomasse um bom banho o mais cedo possível.

— Ele já pode ir embora, doutor?

Com a cabeça, o médico saudou Doris, que acabava de fechar a porta atrás de si e parecia ansiosa por se livrar do enfermo quanto antes.

— Eu recomendaria que dormisse aqui hoje. Boa noite — disse o médico, colocando o chapéu.

— É o que faremos, doutor. Muito obrigada — despediu-se Alys, olhando de forma desadorna para Doris.

Paul se retorceu na banheira, com di culdade. Precisava deixar o braço esquerdo fora da água para não molhar a tala, e, com o corpo cheio de hematomas, não havia postura em que algo não lhe doesse. Olhava ao redor, assombrado com o luxo que o rodeava. As comodidades de que aquele apartamento dispunha, começando pela água quente vinda diretamente da torneira, não existiam no palacete do barão von Schroeder, que no entanto havia sido em tempos idos um dos imóveis mais valorizados de Munique. Com frequência, era ele quem tinha de carregar a água quente desde a cozinha quando alguém da família queria tomar banho, o que acontecia diariamente.

E isso para não comparar aquele enorme banheiro com o cubículo com pia e vaso sanitário de que ele e a mãe dispunham na pensão.

*É a casa dela. Achei que nunca voltaria a vê-la. É uma pena que se envergonhe de mim*, pensou, lembrando-se entristecido como a jovem o mandara calar.

— A água está muito preta.

Paul ergueu a vista, surpreso. Alys estava na porta do banheiro, com uma careta divertida no rosto.

Embora o nível da banheira lhe chegasse quase até os ombros e a superfície da água estivesse coberta de espuma acinzentada, o jovem não pôde evitar ruborizar-se.

— O que está fazendo aqui?

— Equilibrando a balança — disse ela, sorrindo ante a pobre tentativa de Paul de se cobrir com uma só mão. — Eu lhe devia uma, por ter me resgatado.

— Levando em conta que foi uma bolada do seu irmão que me jogou escada abaixo, eu diria que você continua me devendo uma.

Alys não respondeu. Fitou-o detidamente, demorando-se nos ombros e no braço broso, de músculos marcados. A pele, desprovida do pó de carvão, era muito clara.

*Eu me pergunto se será suave. À primeira vista, parece*, pensou Alys.

— Seja como for, obrigado, Alys — disse Paul, tomando o silêncio dela como uma reprovação muda.

— Ah, você se lembra do meu nome.

Agora, coube a Paul não responder. O brilho nos olhos de Alys era estranho, e ele teve de afastar o olhar.

— Você ganhou bastante corpo este ano — comentou ela após um instante.

— São aquelas cestas. Pesam muito, mas depois de algum tempo fortalecem a gente.

— Como você acabou entregando carvão?

— É uma longa história.

Ela puxou um banquinho que havia num canto do banheiro e se sentou mais perto dele.

— Pode contar. Temos tempo.

— Não tem medo de ser apanhada aqui?

— Eu fui me deitar meia hora atrás. A governanta se assegurou disso. Mas não foi muito difícil escapular para vir aqui.

Paul pegou o sabonete e começou a revirá-lo na mão. A espuma estava desaparecendo.

— Depois da festa, tive uma discussão muito forte com minha tia.

— Por culpa de seu primo?

— Por algo que aconteceu há muitos anos, algo relacionado com meu pai. Minha mãe me disse que ele morreu num naufrágio, mas no dia da festa eu soube que ela vinha mentindo para mim havia muito tempo.

— Isso é uma coisa que os adultos sempre fazem — disse Alys, com um suspiro.

— Fomos expulsos de lá, minha mãe e eu. E esse trabalho foi o melhor que eu pude conseguir.

— Acho que você tem sorte.

— Chama isto de sorte? — disse Paul, com uma sacudida. — Trabalhar desde antes do amanhecer até o pôr do sol, com tão pouco futuro como dinheiro no bolso. Bela sorte.

— Você tem um trabalho, tem independência, tem seu próprio respeito. Isso já é alguma coisa —

respondeu ela, agastada.

— Eu trocaria por um pouco disto — disse ele, apontando ao seu redor.

— Você não faz a menor ideia do que eu estou falando, não é, Paul?

— Mais do que você imagina — disparou ele, sem poder se conter. — O que tem de bonita e inteligente, você estraga com essa fachada de ranheta rebelde, que dedica mais tempo a se lamentar de sua luxuosa situação e a analisar como os outros a veem do que a correr riscos e lutar pelo que realmente quer.

Calou-se de repente, consciente de tudo o que dissera. Viu a emoção dançar nos olhos dela como uma fogueira soprada por um fole. Abriu a boca para se desculpar, mas imaginou que seria pior e não disse nada.

Alys se levantou do banquinho devagar. Por um momento, Paul acreditou que ela ia sair dali, embora essa fosse apenas uma das muitas vezes em que interpretaria mal a jovem nos anos seguintes. Ela se aproximou ainda mais da banheira, ajoelhou-se junto dele e, inclinando-se por cima da água, beijou-o nos lábios. No início, Paul ficou paralisado, mas em seguida, pouco a pouco, correspondeu ao beijo.

Alys recuou e encarou-o xamente. Paul compreendeu onde residia a beleza daquela mulher: era no brilho dela ante que pulsava através de suas pupilas. Inclinou o corpo e a beijou, desta vez abrindo ligeiramente a boca. Alys correspondeu com sua língua, tímida a princípio, desejosa depois. Após um momento, a jovem se afastou.

Voltaram a se olhar, e Alys introduziu o braço inteiro na água.

— O que está fazendo? — disse Paul, com a voz rouca.

— Correndo riscos.

A água estava mais fria do que ela esperava.

A primeira coisa que tocou foi o ventre dele, e encontrou-o terso e rme como uma tábua. Acariciou a linha dos músculos sem parar de tá-lo nos olhos, sem se importar com que a água suja ensoasse a manga de seu vestido. Roçou os pelos púbicos e a mão se chocou com o pênis, duro como uma vara. Paul soltou um gemido e fechou os olhos.

— Machuquei você?

— Não — disse ele, engolindo em seco. — Nada.

Alys contornou o pênis com os dedos. Achou-o muito mais grosso do que havia imaginado. Sua experiência se reduzia às gravuras das revistas que o pai guardava na escrivaninha do escritório. Às vezes ela escapulia do quarto durante a noite para folheá-las, com o coração batendo velozmente por medo de ser descoberta ali, agachada junto à janela, lendo à luz da lua. Os relatos que acompanhavam os desenhos tinham uma linguagem que lhe parecia ao mesmo tempo risível e provocadora, cheia de adjetivos extravagantes.

Agora, as emoções que havia sentido então lhe pareciam uma pálida sombra do que estava

experimentando ao acariciar Paul. Aquilo era real.

— Não pare — pediu ele, com uma voz ausente, estranha.

*Ninguém lhe havia feito isto antes*, pensou Alys, orgulhosa e excitada.

Desejou tirar a roupa e meter-se com Paul na banheira, introduzir o membro dele dentro dela.

Comprovou que ele continuava com os olhos fechados e deslizou uma mão por baixo da saia, acariciando-se devagar.

Então escutou a porta do quarto.



## Cápítulo 15

Alys ficou de pé imediatamente e se afastou de Paul, mas era tarde demais. Seu pai entrou no banheiro.

Quase não a olhou, não era preciso. A manga do vestido dela estava completamente ensopada, e até um homem sem muita imaginação como Josef Tannenbaum podia fazer uma ideia do que estava acontecendo ali um momento antes.

— Vá para o seu quarto.

— Mas, papai... — balbuciou ela, sem saber o que dizer.

— Agora!

A jovem começou a chorar e saiu correndo. No caminho, quase tropeçou em Doris, que lhe deu um sorriso de triunfo.

— Como vê, senhorita, seu pai voltou antes do previsto. Não é estupendo?

Paul se sentia completamente indefeso, nu dentro da água cada vez mais fria. Quando Tannenbaum se aproximou, tentou car de pé, mas o empresário o agarrou pelo ombro com crueldade. Embora fosse mais baixo do que Paul, tinha mais força do que seu aspecto roliço aparentava. O jovem lutou, mas, sentado na banheira escorregadia e com apenas um braço como ponto de apoio, foi-lhe impossível se levantar.

O outro se sentou no banquinho onde Alys estivera minutos antes. Não parou de lhe apertar o ombro em nenhum momento, e Paul temeu que de repente Tannenbaum decidisse empurrar sua cabeça e afundá-la na água.

— Como se chama, carvoeiro?

— Paul Reiner.

— Não é judeu, certo, Reiner?

— Não, senhor.

— Escute bem, Reiner — disse Tannenbaum, suavizando o tom, como um domadoralaria ao último cão da matilha, o que demora mais a aprender os truques. — Minha lha é herdeira de uma grande fortuna, é uma mulher de classe muito superior à sua. Você não passa de uma merda que grudou no sapato dela.

Compreendeu?

Paul não respondeu. Foi capaz de dominar a vergonha pela situação e olhou-o atentamente,

apertando os dentes com fúria. Naquele momento, não havia ninguém no mundo que ele odiasse mais do que aquele homem.

— Claro que você não entende — disse o empresário, soltando-lhe o ombro. — Enfim, pelo menos tive a sorte de voltar antes que ela fizesse alguma estupidez.

Levou a mão à carteira e puxou um enorme punhado de cédulas. Dobrou-as cuidadosamente e colocou-as em cima da bancada de mármore da pia.

— Isto é pelos ferimentos que a bolada de Manfred lhe causou. Você já pode ir.

Tannenbaum se dirigiu para a porta, mas, antes de sair, olhou Paul pela última vez.

— A propósito, Reiner, embora eu não pense que isso importe muito para você, passei esta tarde com o futuro sogro de minha lha, acertando os detalhes do casamento. Ela vai se casar com um nobre assim que começar a primavera.

“Você tem sorte, Paul. Tem independência”, dissera ela.

— Alys sabe disso? — perguntou Paul, conseguindo descerrar os dentes o suficiente para falar.

Tannenbaum bufou de desprezo.

— Não volte a pronunciar o nome dela.

Paul saiu da banheira e se vestiu, quase sem se enxugar. Naquele momento, não lhe importava pegar uma pneumonia. Pegou o maço de notas na bancada e saiu para o quarto, onde Doris o olhava de esguelha.

— Permita-me acompanhá-lo até a saída.

— Não se incomode — respondeu o jovem, saindo para o corredor. Ao fundo, a porta do apartamento estava bem visível.

— Oh, não gostaríamos que, por engano, o senhor colocasse alguma coisa nos bolsos — disse a governanta, sarcástica.

— Devolva isto ao seu patrão, senhora. Diga a ele que não preciso — respondeu Paul com a voz quebrada, estendendo-lhe as cédulas.

Quase correu para a saída, embora Doris tivesse parado de observá-lo. Agora olhava para o dinheiro, e um sorriso astuto dançava em seu rosto.

As semanas seguintes foram para Paul difíceis de engolir. Quando se apresentou de novo na cocheira, teve de suportar as desculpas esfarrapadas de Klaus, que se livrara da multa, mas continuava arcando com o remorso de ter deixado o jovem na mão. Pelo menos, isso acalmou um pouco seu aborrecimento pelo braço quebrado de Paul.

— Em pleno inverno e descarregando sozinhos, o pobre Hulbert e eu, com as muitas encomendas que temos. Uma tragédia.

Paul se absteve de comentar que eles dispunham de tantas encomendas graças ao seu plano para obterem uma segunda carroça. Na realidade, não tinha vontade de falar muito e afundou num mutismo tão grande quanto o de Hulbert, com o traseiro congelando durante longas horas na boleia e o olhar perdido.

Numa ocasião, tentou voltar ao apartamento da Prinzregentenplatz, numa hora em que acreditou que Tannenbaum não estaria, mas um criado lhe bateu a porta na cara. Colocou na caixa de correspondência vários bilhetes para Alys, marcando encontro numa cafeteria próxima, mas ela nunca compareceu. E aos domingos, o único dia em que podia se aproximar do lugar numa hora razoável e passar em frente à portaria, ela nunca apareceu. Quem veio foi um guarda — sem dúvida avisado por Josef —, que lhe recomendou sutilmente que não reaparecesse por ali se não quisesse ter de catar os próprios dentes na calçada.

Paul se fechava cada vez mais em si mesmo, e, nos poucos momentos em que cruzava com sua mãe na pensão, quase não havia palavras que rompessem o silêncio. Comia pouco, mal dormia e conduzia a carroça maquinalmente, sem prestar atenção ao que o rodeava. Em uma ocasião, a roda traseira da carroça que ele levava se esquivou miraculosamente de um bonde. Enquanto suportava as reclamações dos passageiros — os quais zeram-no ver que poderia ter matado todos eles —, o jovem disse a si mesmo que precisava fazer algo para sair da melancolia que utuava sobre sua cabeça como as nuvens densas e escuras que cobriam as montanhas.

Nesse estado, não é de estranhar que ele não percebesse a gura que cou olhando-o uma tarde em Frauenstrasse. Primeiro o homem se aproximou devagar da carroça para vê-lo mais de perto, sempre procurando se manter atrás da linha de visão de Paul. Depois tomou notas em uma caderneta que trazia no bolso, registrando cuidadosamente o nome de Klaus Graf — agora que Paul dispunha de mais tempo e de um braço são, as laterais das carroças estavam sempre limpas, e as letras, visíveis, algo que mitigava o aborrecimento do carvoeiro. Finalmente, o observador se sentou numa cervejaria próxima até que as carroças partissem. Só então se aproximou do imóvel que havia sido abastecido para fazer discretas averiguações com o porteiro.

Jürgen estava de muito mau humor. Acabara de receber as notas do primeiro quadrimestre, e não eram nada alentadoras.

*Terei de obrigar o tarado do Kurt a me dar aulas particulares. Talvez ele faça alguns dos meus*

*trabalhos de recuperação. Pedirei que venha à minha casa para usar minha máquina de escrever, para não nos descobrirem, pensava Jürgen.*

Aquele ano era o último do segundo grau, e estava em jogo a admissão na universidade, com tudo o que isso envolvia. Jürgen não tinha especial interesse em começar nenhuma carreira, mas tinha vontade de se exibir pelo campus e ostentar seu título de barão. Embora ainda não o tivesse.

*Aquilo estará cheio de meninas bonitas. Vou descartá-las como se fossem moscas.*

Estava em seu quarto, fantasiando com universitárias, quando a criada — uma nova, que sua mãe se vira obrigada a contratar após a expulsão dos Reiner — bateu à porta.

— O jovem Krohn veio vê-lo, patrãozinho Jürgen.

— Mande-o entrar.

Quando o amigo apareceu, Jürgen o saudou com um grunhido.

— Chegou na hora certa, amigo. Preciso que você rubrique minhas notas; se meu pai as vir, vai car uma fera. Fiquei a manhã inteira tentando falsificar a assinatura dele, mas não cou nem um pouco parecida — disse, apontando para o chão, que estava cheio de papéis amassados e rabiscados.

Krohn deu uma olhada no boletim, aberto sobre a mesa, e soltou um assovio de surpresa.

— Caramba, foi por pouco, hein?

— Você sabe que esse Waburg me odeia.

— Pelo que vejo, metade do corpo docente compartilha a mesma antipatia. Mas, neste momento, seu fraco rendimento escolar não deveria lhe importar, Jürgen, porque trago notícias. É melhor você se preparar para a caça.

— Do que você está falando? Caça a quê?

Krohn sorriu, saboreando antecipadamente a gratidão que Jürgen lhe dedicaria pelo que ele havia descoberto.

— A um pássaro que voou do ninho, meu amigo. Um pássaro com a asa quebrada.

Paul não desconfiou nem um pouco que algo não ia bem, até que foi tarde demais.

Como sempre, o dia começou para ele com uma viagem de bonde, da pensão até a cocheira de Klaus Graf na margem do Isar. Quando chegava, ainda era noite, e ele tinha de despertar Hulbert derramando-lhe garganta abaixo o café fervente que trazia numa garrafa térmica. O mudo e ele tinham feito boa amizade após a desconanção inicial, e Paul realmente apreciava aqueles momentos antes de raiar o dia, quando os dois atrelavam os cavalos às carroças e se dirigiam à carvoaria. Lá, colocavam a carroça na área de carga, na qual havia uma ampla calha de metal conectada a um enorme depósito, capaz de enchê-la em menos de dez minutos. Um empregado anotava o número de vezes que os homens de Graf vinham carregar diariamente, para que o carvoeiro liquidasse o total a cada semana. Depois, Hulbert e ele se dirigiam ao primeiro ponto de descarga do dia, onde Klaus os esperava dando impacientes baforadas em seu cachimbo. Uma rotina simples e estafante.

Ao chegar à cocheira, Paul empurrou a porta, como todas as manhãs. Nunca trancavam com chave, porque dentro não havia nada que valesse a pena roubar, afora os arreios dos cavalos. E Hulbert dormia a menos de meio metro deles, em um quartinho com um catre à direita das baías.

— Acorde, Hulbert! Hoje temos mais neve do que o normal, amigo. Teremos de sair um pouco antes, se quisermos estar em Moosach a tempo.

O mudo não deu sinal de vida, mas isso era normal. Sempre demorava um pouco a aparecer.

De repente, Paul escutou os cavalos patearem nervosos em seus compartimentos, e algo se remexeu em suas tripas, uma sensação que ele não experimentava havia muito tempo. Chumbo nos pulmões e um sabor ácido na língua.

Jürgen.

Deu um passo em direção à porta, mas logo voltou a car muito quieto. Estavam ali, saindo de todo canto, e ele se maldisse por não tê-los visto antes. De dentro do armário onde guardavam as pás, dos cubículos dos cavalos, de debaixo das carroças. Eram sete, os mesmos sete que o haviam acuado na festa de aniversário de Jürgen fazia uma eternidade. Os rostos eram mais largos, mais duros. Já não vestiam os paletós do colégio, mas grossos suéteres e botas. Uma roupa mais adequada para a tarefa.

— Desta vez, você não vai deslizar pelo mármore, primo — disse Jürgen, apontando ironicamente o chão de terra da cocheira.

— Hulbert! — gritou Paul, desesperado.

— Seu amigo retardado está amarrado no catre. Não foi preciso amordaçá-lo, porque é mudo —

disse um dos capangas do primo. Os outros pareceram achar isso muito engraçado.

Com um salto, Paul subiu a uma das carroças, enquanto os capangas convergiam sobre ele. Um tentou segurá-lo pelo tornozelo, mas Paul levantou o pé bem a tempo e o deixou cair sobre os dedos do que pretendia pegá-lo. Soou um estalo, e o outro agarrou a mão, gritando:

— Ele quebrou minha mão! Filho da puta!

— Cale a boca! Daqui a pouco esse merdinha vai querer estar como você agora — disse Jürgen.

Uns poucos se aproximaram da parte de trás da carroça. Pelo canto do olho, Paul viu outro segurando-se à boleia com intenção de subir, mas ainda hesitante. Percebeu o brilho de uma navalha.

Veio-lhe à cabeça, como um relâmpago, uma das muitas situações que, quando criança, havia inventado para o naufrágio do barco do pai: este se via cercado de inimigos que o abordavam por todos os lados. Disse a si mesmo que aquela carroça sobre a qual estava era seu barco.

*E não deixarei que o abordem.*

Olhou ao redor, procurando desesperadamente algo que pudesse usar como arma, mas a única coisa que havia por perto eram restos de carvão espalhados pelo assoalho da carroça. Eram tão pequenos que ele teria de atirar uns quarenta ou cinquenta para causar nos rapazes algum dano. Com o braço quebrado, sua única vantagem era a altura da carroça, que deixava a cara de quem tentasse subir na altura certa para receber um pontapé.

Outro deles fez menção de içar-se à parte traseira do veículo, mas Paul farejou o truque. O da boleia aproveitou para se agarrar com força e subir, sem dúvida para saltar sobre as costas do jovem. Com rapidez, Paul desatarraxou a tampa da garrafa térmica e jogou o café quente na cara do que estava atrás dele. O líquido não estava fervendo como uma hora antes, quando o preparara na estufa de seu quarto, mas estava suficientemente quente para que o outro levasse as mãos ao rosto, escaldado. Paul se precipitou contra ele e o empurrou para fora do carro. O outro caiu de costas, gemendo.

— Merda, o que estamos esperando? Todos ao ataque! — disse Jürgen.

Paul viu o brilho de uma navalha. Girou duas vezes sobre si mesmo, com os punhos no alto, querendo demonstrar que não tinha medo, algo que naquela cocheira imunda todos sabiam ser mentira.

Dez mãos se agarraram à carroça em dez pontos. Paul distribuiu pisadas à direita e à esquerda, mas em poucos segundos se viu cercado. Um dos capangas lhe agarrou o braço esquerdo, e Paul, ao tentar se safar, topou com o punho de outro deles em pleno rosto. Sentiu um estalo e uma pontada de dor enquanto seu nariz se quebrava.

Por um instante, não viu mais que uma luz vermelha e pulsante. Lançou um chute que passou a quilômetros de seu primo Jürgen.

— Segure-o, Krohn!

Paul sentiu que o agarravam por trás, pela cintura e pela jaqueta. Virou-se, mas foi inútil. Em poucos segundos, estava completamente imobilizado, com o rosto e o peito à mercê do primo. A férrea pressão que um dos captores lhe fazia no pescoço obrigava-o a olhá-lo diretamente.

— Não corre mais, hein?

Jürgen rmou bem o peso na perna direita e jogou o braço para trás. O golpe alcançou Paul em pleno estômago. Ele sentiu o ar fugindo de seu corpo como de um pneu estourado.

— Pode me bater o quanto quiser, Jürgen — murmurou quando conseguiu reunir algum fôlego.

— Você continuará sendo um porco inútil.

Outro soco, desta vez no rosto, abriu-lhe uma sobrelha. O primo sacudiu a mão com força e massageou os nós dos dedos doloridos.

— Não percebe? Vieram sete para cima de mim, um me segura e você se machucou mais do que eu — disse Paul.

Ignorando o dano em sua mão, Jürgen se adiantou e agarrou-o pelos cabelos com tanta força que Paul acreditou que ele lhe arrancaria metade da pele do crânio.

— Você matou Eduard, corno.

— Não fiz mais do que ajudá-lo. Mais do que o resto da família fez.

— Ah, agora de repente admite parentesco com os von Schroeder, primo? Achei que você nos renegava.

Não foi o que disse à putinha judia?

— Não a chame assim!

Jürgen se aproximou ainda mais, até misturar seu hálito com o de Paul. Seus olhos estavam cravados nos dele, como duas sanguessugas azuis dispostas a beber o sofrimento que suas palavras iam causar.

— Sossegue, ela não continuará por muito tempo sendo uma putinha. Vai se tornar uma dama respeitável. A futura baronesa von Schroeder.

Paul soube instantaneamente que aquilo era verdade, e não mais um dos abusos do primo. Uma dor ácida e amarga brotou no centro do estômago do jovem e produziu um grito informe e

desesperado, que Jürgen saboreou com os olhos bem abertos e uma gargalhada lhe despencando dos lábios. Por m, soltou o cabelo de Paul, que deixou cair a cabeça sobre o peito.

— Bom, rapazes, vamos dar o que ele merece.

Nesse momento, Paul jogou a cabeça para trás com toda a força de que dispunha. O que o agarrava pelas costas havia relaxado a pressão depois dos golpes dados por Jürgen, seguramente acreditando-o vencido. A parte superior do crânio de Paul se chocou contra a cara do capanga, que soltou o jovem, caindo de joelhos no chão. O resto se lançou em cima de Paul, e todos caíram no chão em um confuso emaranhado.

Paul agitou as mãos, lançando socos às cegas, enquanto a madeira da carroça rugia selvagemmente sob o peso de todos aqueles corpos. No meio da confusão, notou algo duro sob seus dedos e agarrou-o com rmeza. Tentou deslizar e car de pé, e quase tinha conseguido quando Jürgen o viu e se jogou sobre ele, lançando-se do alto do monte de corpos. Paul protegeu instintivamente o rosto, sem perceber que ainda trazia na mão o objeto que acabara de pegar.

Houve um grito terrível e em seguida silêncio.

Paul deslizou para um pouco mais longe, até se segurar na borda da carroça, e viu o primo se retorcendo no chão, de joelhos. Da órbita do olho direito, saía o cabo de madeira de uma navalha curta. Pouco mais que um canivete. Jürgen teve sorte: se o colega que tivera a ideia de trazê-la houvesse optado por algo maior, ele agora estaria morto.

— Tirem isto de mim! Tirem! — uivava.

Os outros caram olhando, paralisados, sem sair do bolo de corpos que haviam formado no assoalho da carroça. Já não queriam estar ali. Para eles, aquilo havia deixado de ser um jogo.

— Está doendo! Ajudem-me, porra!

Finalmente, um dos capangas conseguiu ficar de pé e se aproximou de Jürgen.

— Não faça isso — disse Paul, horrorizado. — É melhor levá-lo a um hospital para tirar.

O outro lhe dirigiu um olhar mecânico, inexpressivo. Quase deu a impressão de que não estava ali ou não controlava totalmente seus atos. Avançou para Jürgen e pôs a mão no cabo da navalha para extraí-la, mas não esperava que o ferido continuasse se contorcendo. Quando tentou segurá-la, Jürgen fez um movimento brusco e involuntário para o lado contrário, e a lâmina da navalha se transformou em uma pá, arrancando grande parte do globo ocular.

Jürgen parou de gritar e levou a mão ao lugar onde estivera a navalha um momento antes.

— Não estou enxergando. Por que não enxergo?



E desmaiou.

O que havia arrancado a navalha cou contemplando-a abobalhado, enquanto a massa rosada que havia sido o olho direito de Jürgen von Schroeder resvalava pela lâmina e caía no chão.

— Vocês têm de levá-lo a um hospital! — gritou Paul.

O resto dos capangas ia se levantando devagar, olhando para o chefe sem compreender o que havia acontecido. Ele tinha ido ali para obter uma vitória simples e esmagadora, e em vez disso acontecera o impensável.

Dois deles levantaram Jürgen pelas mãos e pelos pés e desceram-no da carroça. Caminharam até a porta, e o resto os seguiu. Nenhum deles disse uma palavra.

Só o da navalha ficou ali, encarando Paul com um olhar interrogativo. Paul ficou de pé.

— Vamos, atreva-se — disse, pedindo aos céus que ele não o fizesse.

O da navalha abriu a mão, deixou-a cair ao solo e saiu correndo. Paul o acompanhou com o olhar até que ele desapareceu pela porta e depois desatou a chorar.

## Cápítulo 18

- Não pretendo fazer isso.
- Você é minha filha e fará o que mandarem.
- Não sou um objeto para você me comprar e me vender!
- É a oportunidade da sua vida.
- Da sua, você quer dizer.
- É você quem vai ser baronesa.
- Você não o conhece, pai. Ele é um porco, um mal-educado, um insolente...
- Sua mãe me descreveu em termos muito parecidos quando nos conhecemos.
- Não meta minha mãe nisso. Ela não iria...
- Querer o melhor para você? Procurar garantir sua felicidade?
- Obrigar a filha a se casar com alguém que detesta. E, além disso, um góí.
- Preferiria alguém mais simpático? Um pobre morto de fome, como seu amigo carvoeiro? Ele também não é judeu, Alys.
- Pelo menos não é má pessoa.
- Isso é o que você acha.
- Ele me deu provas de que se importa comigo.
- Bem, você importa para ele exatamente 3 mil marcos.
- O quê?
- No dia em que seu amigo estava aqui, coloquei para ele um punhado de notas em cima da bancada da pia. Três mil marcos pelos ferimentos e para não voltar a aparecer.
- ...
- Eu sei, minha filha. Sei que é difícil...
- Você está mentindo.
- Juro pela memória de sua mãe, Alys, que seu amigo carvoeiro pegou o dinheiro em cima da

pia. Você sabe muito bem que eu não brincaria com isso.

— Eu...

— As pessoas a decepcionam, Alys. Venha cá, me dê um abraço e...

— Não toque em mim!

— Isso vai passar. E você aprenderá a amar o lho do barão von Schroeder como sua mãe acabou me amando, acredite.

— Tenho ódio de você!

— Alys! Volte aqui, Alys!

Foi embora dois dias depois, sob a proteção da neve e da madrugada.

Levou uma mala grande, cheia de roupas, e todo o dinheiro que conseguiu reunir. Não era muito, mas serviria para mantê-la durante alguns meses, até que pudesse encontrar um trabalho decente. Seu plano absurdo e infantil de ir procurar Prescott nos Estados Unidos, fruto de uma época em que achava normal viajar em camarotes de primeira classe e faltar-se de lagosta, cara para trás. Agora, intuía que existia uma Alys diferente lá fora, uma Alys que devia construir a si mesma.

Também levou um relicário que pertencera à mãe. Nele, havia uma foto sua e outra de Manfred. A mãe o levava ao pescoço até o dia em que morreu.

Antes de ir, deteve-se um momento no quarto do irmão. Apoiou a mão na maçaneta da porta, mas acabou não abrindo. Teve medo de que, ao ver o rosto redondo e inocente de Manfred, sua resolução fraquejasse. Sua força de vontade já demonstrara ser bem mais débil do que ela mesma supunha.

*E já é hora de mudar isso, pensou, saindo para a rua.*

Seus pés, calçados com boas botas de couro, deixavam marcas sujas na neve, mas o vento forte se encarregava de apagá-las à sua passagem.

## Cápítulo 19

Quando, no dia da briga, Hulbert e ele se apresentaram no local da primeira entrega com uma hora de atraso, o senhor Graf estava branco de raiva. Ao ver a cara destroçada de Paul e escutar seu relato — conformationado por constantes assentimentos de cabeça por parte de Hulbert, que Paul encontrara de pés e mãos atados sobre seu próprio catre e com a humilhação estampada no rosto —, mandou-o para casa.

Na manhã seguinte, Paul se surpreendeu ao encontrá-lo na cocheira, à qual quase nunca ia até o nal do dia. Ainda confuso pelos últimos acontecimentos, não soube ver o olhar estranho que o carvoeiro lhe dirigiu.

— Olá, senhor Graf. Por que está aqui? — disse Paul cautelosamente.

— Bem, queria me certi car de que não havia mais problemas. Você pode me assegurar que aqueles rapazes não voltarão, Paul?

O jovem hesitou um segundo antes de responder.

— Não, senhor.

— Eu já imaginava.

Klaus remexeu no capote, puxou algumas cédulas amarratadas e sujas e estendeu-as a Paul com uma expressão culpada.

O jovem pegou-as e somou-as mentalmente.

— A parte proporcional do meu salário do mês, incluindo o dia de hoje. Está me demitindo, senhor? — perguntou.

— Estive pensando no que aconteceu ontem... Não quero problemas em meu negócio, compreende?

— Claro, senhor.

— Você não me parece surpreso — disse Klaus, que exibia profundas olheiras, certamente causadas pela noite passada em claro, sabendo que ia dispensar o rapaz.

Paul o tou, sem saber se lhe explicava a profundidade do abismo ao qual ele o estava enviando com um no maço de notas na mão. Desistiu, porque o carvoeiro já sabia. Optou pela ironia, que estava se tornando cada vez mais sua moeda de troca.

— É a segunda vez que me trai, senhor Graf. Com a repetição, as coisas perdem a graça.

## Cápítulo 20

— O senhor não pode fazer uma coisa dessas!

O barão sorriu e sorveu seu chá de ervas com ar displicente. Estava adorando aquela situação, e, o que era pior, não se esforçava nem um pouco para disfarçar isso. Pela primeira vez, via a possibilidade de car com o dinheiro do judeu sem necessidade de casar Jürgen.

— Caro Tannenbaum, não acho que eu esteja fazendo nada.

— Exatamente!

— Bom, não há noiva, certo?

— Certo — reconheceu o outro, entre dentes.

— Então, não pode haver casamento. E, como a falta da noiva é — pigarreou — responsabilidade sua, é compreensível que o senhor arque com os gastos.

Tannenbaum se remexeu inquieto em seu assento, procurando inutilmente uma réplica. Serviu-se de mais chá e de metade do açucareiro.

— Vejo que o senhor gosta do chá bem doce — disse o barão, arqueando uma sobrancelha. À sua revelia, o asco que Josef lhe produzia fora se transformando lentamente numa estranha fascinação, à medida que a balança do poder mudava e era ele quem tinha as rédeas do relacionamento entre os dois.

— Afinal, quem pagou este açúcar fui eu.

O barão reagiu com uma careta de enfado.

— Não há nenhuma necessidade de ser mal-educado.

— Acha que eu sou imbecil, barão? O senhor me disse que usaria o dinheiro para montar uma fábrica de produtos de borracha, semelhante àquela que perdeu há cinco anos. Eu acreditei e lhe transferei a cifra exorbitante que me pediu. E o que vejo, dois anos depois? O senhor não somente não montou a fábrica como também o dinheiro foi parar numa carteira de valores à qual só o senhor tem acesso.

— São valores seguros, Tannenbaum.

— Pode ser. Mas não con o no responsável. Não seria a primeira vez que o senhor volatiliza o futuro de sua família em troca de uma mão ganhadora.

Otto estampou no rosto uma ofensa que não sentia. Ultimamente, havia começado a sentir de novo a febre do jogo e passava longas vigílias tando a pasta de couro que continha os

investimentos feitos com o dinheiro de Tannenbaum. Todos incluíam uma cláusula de liquidez instantânea, de modo que ele podia convertê-los em maços de notas em pouco mais de uma hora, apenas com sua assinatura e uma forte multa.

Não se enganava: sabia por que havia incluído aquela cláusula. Sabia o perigo que corria. Bebia cada vez mais, antes de ir para a cama, e na semana anterior voltara a se sentar diante de uma mesa de jogo.

Não a do Cassino de Munique; não era tão imbecil assim. Disfarçara-se com as roupas mais modestas que conseguira encontrar e visitara um casebre do Altstadt. Um antro com serragem no solo e putas com mais pintura do que a Alte Pinakothek. Pediu uma aguardente de milho e começou a jogar em uma mesa na qual a abertura era de apenas 2 marcos. No bolso trazia 500, o máximo que se permitiria desperdiçar.

Aconteceu o pior que podia lhe acontecer: ganhou.

Até mesmo com aquelas cartas sebosas que se grudavam entre si como noivos na lua de mel, até mesmo com o porre que a bebida caseira lhe causara e com a fumaça que lhe ardia nos olhos, até mesmo com o mau cheiro que pairava naquele porão, ganhou. Não muito, só o suficiente para sair do casebre sem uma navalhada nas tripas. Mas ganhou, e agora as agulhadas do jogo lhe vinham com maior frequência ainda.

— Acho que o senhor terá de confiar em meu critério sobre o dinheiro, Tannenbaum.

O industrial soltou uma risadinha cética.

— Vejo que carei sem dinheiro e sem casamento. Embora eu sempre possa executar antecipadamente a promissória que o senhor assinou, barão.

Otto engoliu em seco. Não permitiria que ninguém levasse a pasta da gaveta de sua escrivaninha. Não só porque os dividendos estavam pouco a pouco pagando suas dívidas.

*Não.*

Possuir aquela pasta, acariciá-la, imaginar o que podia fazer com o dinheiro era a única coisa que o ajudava a superar as longas noites.

— Como já lhe disse, não há necessidade de ser mal-educado. Eu lhe prometi um casamento entre nossas famílias, e é isso que o senhor obterá. Traga-me a noiva, e meu filho estará esperando por ela no altar.

Jürgen estava sem falar com a mãe havia três dias.

O barão, quando fora buscá-lo no hospital uma semana antes, tinha escutado o relato — profundamente deturpado — que o jovem lhe fez sobre como havia perdido o olho. Mostrara-se

preocupado e pesaroso pelo acontecido ( *até mais do que quando Eduard voltou mutilado*, pensou Jürgen estupidamente), mas se recusou a envolver a polícia no assunto, como lhe pediram aos gritos o filho e a esposa.

— Não podemos esquecer que foram eles que levaram para lá aquela navalha — justificou-se Otto.

Mas Jürgen sabia que o pai estava mentindo e que escondia uma poderosa razão. Tentou falar com Brunhilda, mas ela evitou o assunto várias vezes, com rmando as suspeitas dele de que os pais lhe escondiam algo. Jürgen se fechou num mutismo absoluto, aborrecido por não obter respostas, e acreditando que assim abrandaria a mãe.

Brunhilda sofreu, mas não cedeu.

Em vez disso, contra-atacou cumulando o lho de atenções, levando-lhe a toda hora presentes, doces e os manjares preferidos dele. A tal ponto que até alguém tão mimado, malcriado e acostumado a ser o centro do universo como Jürgen começou a se sentir asfixiado, desejoso de sair do palacete.

Por isso, quando Krohn foi vê-lo com uma proposta usual — que o acompanhasse a uma reunião política

—, Jürgen deu uma resposta inusual.

— Vamos — disse, pegando seu casaco.

Khrohn, que havia anos vinha tentando sem êxito envolver Jürgen em política — ele era membro de vários partidos nacionalistas —, mostrou-se encantado com a decisão do amigo.

— Certamente, isso ajudará você a se distrair — disse, ainda envergonhado pelo que havia acontecido na cocheira uma semana antes, quando sete não tinham podido contra um.

Jürgen não tinha muitas esperanças. Continuava tomando calmantes para a dor do ferimento, e, enquanto seguiam de bonde para o centro da cidade, tocava nervosamente a aparatosa venda que teria de continuar usando por mais uns dias.

*E depois um tapa-olho pelo resto da minha vida, tudo por culpa daquele miserável do Paul*, pensava, sentindo enorme pena de si mesmo.

Para completar, o jovem desaparecera. Dois dos amigos de Jürgen tinham ido espiar na cocheira e descobriram que ele já não trabalhava ali. Jürgen duvidava que houvesse um modo de localizá-lo em curto prazo, e isso lhe queimava as entranhas.

Perdido no ódio e na autocompaixão, o lho do barão mal escutou Krohn no caminho para a Hofbräuhaus.

— É um orador extraordinário. Um grande homem, Jürgen, você vai ver.

Também não prestou atenção à magnificência do lugar, uma antiga fábrica de cerveja construída mais de trezentos anos antes pelos reis bávaros, ou aos afrescos das paredes. Sentou-se junto a Krohn num dos bancos do enorme salão e sorveu sua caneca em carrancudo silêncio.

Quando o orador de quem Krohn lhe havia falado subiu ao estrado, Jürgen acreditou que seu amigo enlouquecera. Aquele homenzinho de passos bamboleantes era qualquer coisa, menos alguém com uma opinião firme. Tudo nele, desde o penteado e o bigode até o traje amassado e barato, desprendia o odor daquilo que Jürgen desprezava.

Cinco minutos depois, Jürgen olhava assombrado ao seu redor. A multidão congregada na sala, não menos de 2 mil pessoas, estava completamente em silêncio. Os lábios mal se descolavam, não mais do que para sussurrar algum “*bravo*” ou um “*tem razão*”. Eram as mãos que falavam, sublinhando com aplausos cada pausa do homenzinho.

Quase contra a vontade, Jürgen começou a escutar. Não compreendia muito o tema do discurso, pois vivia completamente à margem do mundo que o rodeava, preocupado somente com suas diversões.

Reconheceu partes soltas, retalhos de frases que seu pai soltava durante o desjejum, debruçado atrás do jornal. Maldições aos franceses, aos ingleses, aos russos. Tudo uma enorme lenga-lenga incompreensível.

Daquela confusão, contudo, Jürgen começou a extrair um significado comum. Não através das palavras, que mal compreendia, mas através da emoção que a voz do homenzinho transmitia, de seus trejeitos exagerados, dos punhos crispados a cada final de frase.

Tinha havido uma tremenda *injustiça*.

A Alemanha fora *apunhalada pelas costas*.

Os judeus e os maçons tinham segurado esse punhal em Versalhes.

A Alemanha estava *perdida*.

A culpa pela pobreza, pelo desemprego, pelos pés descalços das crianças alemãs era dos judeus, que controlavam o governo de Berlim como uma enorme e descerebrada marionete.

Ao cabo de 15 minutos, Jürgen, que não se importava em absoluto com os pés descalços das crianças alemãs, que não tomara conhecimento de Versalhes e que nunca se preocupara com ninguém que não fosse ele mesmo, viu-se de pé, aplaudindo entusiasmamente o orador. Antes do nal do discurso, o jovem disse a si mesmo que o seguiria aonde quer que ele fosse.

Após o comício, Krohn pediu licença e disse que retornaria em seguida. Jürgen voltou a



permanecer em silêncio, até que seu amigo o tocou no ombro. Vinha acompanhado pelo orador, que de novo tinha um aspecto desvalido e pobre, um olhar fugidio e desconado. Mas o herdeiro do barão já estava incapaz de vê-lo assim e adiantou-se para cumprimentá-lo quando Krohn lhe disse, sorrindo:

— Caro Jürgen, permita-me apresentar-lhe Adolf Hitler.



Onde o iniciado descobre uma nova realidade com novas regras

*Este é o aperto de mãos secreto do aprendiz e serve para que dois irmãos maçons se reconheçam como tais. Realiza-se pressionando o polegar contra a parte alta do nó do dedo indicador do cumprimentado, que retribuirá com um aperto idêntico. Seu nome secreto é BOAZ, o da coluna que representa a lua no Templo de Salomão. Se um maçom tiver dúvidas sobre outro que se apresente como tal, pedirá que ele solete esse nome. Os impostores começam pela letra B, ao passo que o autêntico iniciado começa pela terceira letra, assim: A-B-O-Z.*

## Cápítulo 21

— Boa tarde, senhora Schmidt — disse Paul. — O que deseja?

A mulher deu uma olhada rápida ao redor, como se quisesse aparentar que estava escolhendo, mas na realidade cravava a vista no saco de batatas, em busca de um cartaz com o preço. Era inútil. Paul, cansado de trocá-los diariamente, passara a memorizar os valores a cada manhã.

— Dois quilos de batata, por favor — disse ela, sem se atrever a perguntar.

Paul começou a colocar os tubérculos um a um sobre a balança. Atrás da senhora, duas crianças contemplavam a vitrine dos bombons com as mãos firmemente metidas nos bolsos vazios.

— O quilo está a 60 mil marcos — disse uma voz rascante e desagradável da ponta do balcão.

A mulher mal olhou para o senhor Ziegler, o dono da mercearia, mas começou visivelmente a enrubescer e não disse nada.

— Desculpe, senhora... Não me restam muitas batatas — mentiu Paul, que naquela manhã tinha se acabado acumulando sacos e mais sacos nos fundos da loja —, e ainda estamos esperando muitos clientes habituais. — Posso colocar só um quilo?

A expressão de alívio dela foi tão evidente que Paul precisou desviar o olhar para não sorrir.

— Está bem. Terei de me arranjar com isso, suponho.

Paul tirou algumas batatas da bolsa até que a balança se deteve no número 1.000. A última, especialmente grande, ele não tirou totalmente: manteve-a na mão, comprovando que o peso do restante era de um quilo, e depois soltou-a dentro, como que por descuido.

O gesto não passou despercebido à mulher, cuja mão tremeu um pouco quando pagou e apanhou a sacola no balcão. Quando já iam saindo, o senhor Ziegler deteve os três.

— Um momento!

A mulher se voltou, pálida.

— Sim?

— Seu filho deixou cair isto aqui, senhora — disse o merceeiro, estendendo o boné ao menorzinho.

A mulher murmurou um agradecimento e saiu do local às pressas.

O senhor Ziegler se dirigiu novamente ao fundo do balcão. Ajeitou os oclinhos redondos sobre o nariz espigado e proeminente e continuou esfregando as latas de ervilha com um pano suave.

Tudo estava impecável, porque Paul mantinha a mercearia muito limpa, e naqueles tempos nada permanecia ali o suficiente para acumular poeira.

— Eu vi você — disse Ziegler, sem parar de esfregar.

Paul puxou o jornal de sob o balcão e começou a folheá-lo. Naquela tarde, não viriam mais fregueses, pois era quinta-feira e fazia vários dias que os salários das pessoas tinham desaparecido. Mas o dia seguinte seria infernal.

— Eu sei, senhor.

— Então, por que fingiu?

— Eu tinha de aparentar que o senhor não percebia que eu estava dando a batata a ela. Do contrário, teríamos de dar uma grátis a todo mundo.

— Aquela batata será descontada do seu salário — disse Ziegler, tentando soar ameaçador.

Paul fez que sim e voltou a mergulhar na leitura. O merceeiro deixara de assustá-lo havia tempo, não só porque nunca cumpria suas ameaças como também porque todo o seu mau-caratismo era fachada. Sorriu internamente, recordando que, um minuto antes, Ziegler havia metido às escondidas um punhado de bombons no boné do menino.

— Não sei que diabo de informação tão interessante você acha nesses jornais — comentou o merceeiro, balançando a cabeça.

O que Paul buscava freneticamente nos jornais, desde algum tempo antes, era um modo de salvar o negócio do senhor Ziegler. Se não o encontrasse, a loja quebraria em menos de duas semanas.

De repente, se deteve entre duas folhas do *Allgemeine Zeitung*. Sentiu que seu coração dava um salto. Ali estava a ideia, numa notinha de duas colunas, ridícula ao lado dos grandes títulos que anunciavam desastres sem fim, talvez até a queda do governo. Se não a estivesse procurando, poderia tê-la deixado passar.

Era uma loucura.

Era impossível.

*Mas, se funcionar... ficaremos ricos*, pensou Paul.

Funcionaria. Paul tinha certeza. O mais difícil seria convencer o senhor Ziegler. Nem mesmo em sonhos um velho prussiano conservador como ele aceitaria seu plano. Paul não imaginava sequer a forma de apresentá-lo.

*Portanto, é melhor que eu pense depressa*, disse Paul a si mesmo, mordendo os lábios com força.

Tudo havia começado com o assassinato do ministro Rathenau.

É difícil fazer uma ideia do desespero em que a Alemanha se afundou entre 1922 e 1923, quando duas gerações viram transformada por completo sua escala de valores. Teria começado numa manhã em que três estudantes emparelharam seu carro com o de Rathenau e o encheram de tiros. Mas assim foi. No dia 24 de junho de 1922, plantou-se a terrível semente que, mais de duas décadas depois, iria deixar um saldo de 50 milhões de mortos.

Até esse 24 de junho, os alemães achavam que as coisas iam mal. A partir daí, enquanto o país se transformava num manicômio, só desejavam permanecer como antes. Aquele homem era o responsável pela pasta das Relações Exteriores. Numa época convulsa, em que a Alemanha estava nas mãos de seus credores, esse cargo era ainda mais importante do que a presidência da República.

No dia em que mataram Rathenau, Paul se perguntou se o teriam feito por ser ele judeu, por ser político ou por tentar conciliar a Alemanha com o desastre de Versalhes. As inalcançáveis reparações que o país teria de pagar — até 1984! — estavam afundando o povo na miséria, e Rathenau era o último baluarte do senso comum.

Após sua morte, o país se limitou a imprimir dinheiro para pagar. Saberiam, os que faziam isso, que cada marco que cunhavam desvalorizava o restante? É provável, mas que alternativa tinham?

Em junho de 1922, com um marco podiam-se comprar dois cigarros; com 272 marcos, um dólar americano. Em março de 1923, no mesmo dia em que Paul meteu disfarçadamente uma batata a mais na bolsa da senhora Schmidt, eram necessários 5 mil marcos para comprar um cigarro, e 20 mil para entrar em um banco e sair com uma reluzente nota de um dólar.

As famílias lutavam para se manter no ritmo daquela loucura. Às sextas-feiras, dia em que se pagavam os ordenados, as mulheres esperavam os maridos nas portas das fábricas e todos juntos invadiam as lojas e as mercearias, inundavam o Viktualienmarkt da Marienplatz e gastavam até o último centavo do salário no imprescindível. Retornavam às suas casas carregados de comida e tentavam resistir. Durante o resto da semana, faziam-se poucos negócios na Alemanha. Os bolsos estavam vazios, e, nas quintas-feiras à noite, um supervisor de fabricação da BMW tinha o mesmo poder aquisitivo que um veterano mendigo que arrastasse seu corpo mutilado sob as pontes do Isar.

Houve muitos que não puderam suportar isso.

Os velhos, as pessoas com pouca imaginação, todos os que consideravam muitas coisas imutáveis foram os que mais sofreram. Em suas mentes não havia espaço para aquelas mudanças, para aquele mundo pelo avesso. Muitos se suicidaram. Outros caíram na miséria.

Outros mudaram.

Paul foi um deles.

Paul passou um mês terrível quando o senhor Graf o despediu. Mal teve tempo para dominar o desassossego pelo que acontecera com Jürgen e pela revelação do destino de Alys, ou para dedicar mais do que um fugaz pensamento ao mistério da morte de seu pai. De novo, como quando se vira vagando pela primeira vez pelas ruas de Schwabing após o suicídio de Eduard, a urgência de sobreviver era tão angustiante que ele teve de reprimir seus próprios desejos e emoções em uma bola de dor ardente. Esse fogo se inflamava frequentemente à noite, povoando de fantasmas os seus sonhos. Dormia cada vez pior, e muitas foram as manhãs, enquanto percorria as ruas de Munique com os sapatos furados e cheios de neve, nas quais pensou em morrer.

Às vezes, ao retornar à pensão sem trabalho e sem forças, descobria-se contemplando o Isar com olhos vazios, do alto da Prinzregentenbrücke, desejando se lançar às águas geladas, deixar que a corrente arrastasse seu corpo até o Danúbio, e dali até o mar. Aquela fabulosa extensão de água que ele jamais tinha visto e na qual sempre acreditara que seu pai havia morrido.

A cada uma dessas vezes, precisava buscar uma razão para não apoiar os pés na mureta e pular. A imagem de sua mãe, esperando-o todas as noites na pensão, e a certeza de que, sem ele, ela não sobreviveria, impediam-no de apagar para sempre o fogo que carregava por dentro. Outras vezes, era retido pelas mesmas razões que o faziam arder.

Finalmente, houve um lampejo de esperança envolto em morte.

Certa manhã, um entregador desabou aos pés de Paul no meio da rua. O carrinho de mão vazio que o homem empurrava virou de lado. As rodas ainda giravam quando Paul se agachou e tentou ajudá-lo a levantar-se, mas o entregador não podia se mover. Ofegava desesperado, em busca de ar, e tinha os olhos vidrados. Outro transeunte se aproximou. Usava roupas escuras e trazia uma maleta de couro.

— Afaste-se! Eu sou médico.

Durante um instante, tentou reanimar o caído, mas não teve êxito. Finalmente, o doutor se levantou, meneando a cabeça.

— Um ataque do coração, ou uma embolia. Parece mentira, tão jovem!

Paul olhou para o rosto do morto. Devia ter 19 anos, talvez menos.

*Como eu*, pensou Paul.

— Doutor, o senhor se encarrega do cadáver?

— Não posso, tenho de ir para o hospital. Vamos esperar a polícia.

Quando os agentes chegaram, Paul lhes descreveu pacientemente o que havia acontecido. O médico confirmou suas palavras e conferiu credibilidade ao seu pedido.

— Os senhores me permitem levar o carrinho para o dono?

O agente olhou o carrinho e deu uma longa olhada para Paul. Não tinha vontade de arrastar aquela coisa até o comissariado. O jovem não desviou os olhos dos do agente nem por um momento.

— Como se chama, mocinho?

— Paul Reiner.

— E como sei se posso confiar em você, Paul Reiner?

— Se o levar ao dono da mercearia, tenho mais a ganhar do que se tentar vender no mercado negro estes quatro pedaços de madeira mal pregados — retrucou Paul, com franqueza absoluta.

— Está bem. Diga a ele que entre em contato com o comissariado. Precisaremos do nome do familiar mais próximo. Se ele não nos procurar dentro de três horas, você vai se ver comigo.

Então o agente lhe entregou uma fatura, da qual, com letra muito caprichada, constavam o endereço da mercearia — uma rua próxima do Isartor — e uma lista das últimas coisas que o morto havia transportado na vida:

1/2 quilo de café

3 quilos de batata

1 saquinho de limões

1 pote de sopa Kruntz

1/4 de quilo de sal

2 garrafas de aguardente de milho

Quando Paul entrou pela porta da loja com o carrinho e pediu o emprego do morto, o olhar desconcertado do senhor Ziegler não diferia muito daquele que este lhe dirigiu seis meses depois, quando o jovem explicou seu plano para salvá-los da ruína.

— Temos que transformar a mercearia num banco.

O lojista deixou cair o pano com o qual esfregava os potes de geleia. Um deles teria se

despedaçado no chão se Paul não estivesse atento para resgatá-lo em pleno voo.

— Mas o que está dizendo, menino? Andou bebendo? — disse o patrão, tando as enormes olheiras do rapaz e recordando que, na véspera, Paul havia levantado a cabeça do jornal com ar excitado e lhe pedira para chegar duas horas mais tarde naquela manhã.

— Não, senhor — respondeu Paul, que havia passado em claro quase toda a noite, re etindo sobre seu plano. Tinha saído de madrugada e se plantara na porta da prefeitura, meia hora antes de abrirem. Depois percorrera vários guichês, recolhendo informações sobre licenças, impostos e requerimentos. Chegara ao trabalho com uma pasta de papelão avultadíssima. — Sei que pode parecer loucura, mas não é. Neste momento, o dinheiro não tem nenhum valor. Os salários sobem diariamente, e nós temos que calcular nossos preços todas as manhãs.

— Sim, e isso me lembra que esta manhã precisei fazer isso sozinho — disse o merceeiro, aborrecido. —

E você não sabe quanto me custou. Ainda por cima, numa sexta-feira! Daqui a duas horas, a loja vai estar lotada de gente.

— Eu sei, senhor. E temos de nos esforçar ao máximo para liquidar tudo hoje. Nesta mesma tarde falarei com vários clientes, oferecendo-lhes mercadorias em troca de seu trabalho, porque a reforma precisa estar pronta na segunda-feira. Na terça de manhã, passaremos por uma inspeção municipal e, na quarta, abriremos.

Ziegler fez a mesma cara que faria se Paul tivesse acabado de lhe pedir que untasse o corpo com geleia e cruzasse a Marienplatz completamente despido.

— De maneira nenhuma. Esta loja está aberta há 73 anos. Foi fundada pelo meu bisavô, de quem a herdamos meu avô, meu pai e finalmente eu.

Paul viu a ameaça nos olhos do comerciante. Soube que estava a um passo de ser demitido por insubordinação e loucura. Então, decidiu apostar tudo numa carta.

— Uma bela história, senhor. Infelizmente, dentro de 15 dias, quando alguém que não se chamará Ziegler obtiver a loja em uma reunião de credores, toda essa tradição irá à merda.

O merceeiro levantou um dedo acusador, disposto a repreender Paul por sua linguagem, mas logo recordou a má situação em que se encontrava e despençou em uma cadeira. Tinha dívidas acumuladas desde o princípio da crise, dívidas que, ao contrário de muitas outras, não haviam desaparecido no vazio. A parte positiva — para alguns — daquela loucura era que quem tivesse uma hipoteca cujos juros fossem revisados anualmente poderia saldá-la em pouco tempo com aquele marco selvagem. Lamentavelmente, aqueles, como Ziegler, que haviam comprometido parte de sua renda, e não uma quantia xa em espécie, só podiam sair perdendo.

— Não entendi, Paul. Como é que isso vai salvar o meu negócio?



Com in nita paciência, o jovem lhe trouxe um copo d'água e lhe mostrou o recorte do jornal da véspera.

A tinta havia escorrido sobre o papel em vários pontos, de tanto que Paul o tinha lido e relido.

— É um artigo de um professor da universidade. Diz que, num momento como este, no qual as pessoas não podem confiar no dinheiro, é preciso voltar ao início. A antes do dinheiro. À permuta.

— Mas...

— Um momento, senhor. Infelizmente, ninguém pode andar por aí com uma mesinha de centro ou três garrafas de aguardente para trocá-las por outras coisas, e as casas de penhor já estão lotadas. Portanto, as pessoas precisam se refugiar em promessas. Em benefícios.

— Não estou entendendo — disse o comerciante, que começava a ficar tonto.

— Ações, senhor Ziegler. As ações substituirão o dinheiro. A bolsa subirá como espuma. E nós vamos vendê-las.

Ziegler cedeu.

No decorrer dos cinco dias seguintes, Paul quase não dormiu. Convencer pro ssionais quali cados — carpinteiros, estucadores, marceneiros — a levar produtos grátis naquela sexta-feira em troca de trabalho no m de semana não apresentou a menor di culdade. Os pobres caram tão agradecidos que Paul teve de oferecer seu lenço a mais de um.

*Como estão fodidas as coisas, se um encanador de bigodes grossos começa a chorar quando você lhe oferece uma salsicha em troca de uma hora de trabalho, pensou o jovem.*

A maior di culdade foi a burocracia, mas até nisso Paul teve uma sorte tremenda. Havia estudado cada um dos regulamentos e normas que os funcionários lhe indicaram, até que as cláusulas lhe saíam pelos ouvidos, enquanto a cada passo ele temia topar com a temida frase que lançaria por terra todas as suas esperanças.

Depois de rascunhar folhas e folhas de um caderninho no qual foi destrinchando os passos que devia dar, constatou que os requisitos para a criação do Ziegler Bank tinham ficado reduzidos a dois: 1o O diretor deve ser um cidadão maior de 21 anos.

2o Deve-se depositar um aval de meio milhão de marcos alemães na tesouraria da prefeitura.

O primeiro era simples: o senhor Ziegler seria o diretor, embora Paul já visse com bastante clareza que deveria car encerrado no escritório pelo maior tempo possível. O segundo... Um ano antes, aquela era uma cifra astronômica, uma maneira de assegurar que só pessoas solventes iniciariam um negócio de responsabilidade. Hoje, aquele meio milhão de marcos era

brincadeira.

— Ninguém atualizou a quantia! — gritou Paul, dando saltos pela loja, ante o olhar assombrado dos carpinteiros, que já tinham começado a arrancar as prateleiras das paredes.

*Eu me pergunto se o funcionário não preferirá dois presuntos cozidos, pensou Paul, divertido. Com isso, pelo menos ele teria algum rendimento.*

## Cápítulo 23

Ocaminhão ia descoberto, e os vinte homens que viajavam na parte traseira recebiam o vento noturno na cara.

Quase todos mantinham silêncio, concentrados no que ocorreria dentro de alguns minutos. As camisas pardas mal protegiam contra o frio, mas isso não importava, já que dali a pouco eles iam se desentorpecer à vontade.

Jürgen se agachou e começou a golpear o solo metálico do caminhão com o cassete. Havia adquirido esse costume em sua primeira saída, quando seus companheiros de batalhão ainda o viam com ceticismo. As SA, as tropas de assalto do partido nazista, eram um lugar para ex-combatentes endurecidos, gente das classes mais baixas, que mal conseguia ler um parágrafo em voz alta sem gaguejar. O aparecimento daquele jovem re nado — nada menos que o lho de um barão! — produziu-lhes uma imediata sensação de rejeição.

Quando Jürgen usou o assoalho do caminhão como um tambor pela primeira vez, um dos companheiros o apontou com o dedo.

— Está mandando um telegrama à baronesa, novato?

Todos os outros riram com malícia.

Naquela noite, ele sentira vergonha. Nesta, em contraposição, assim que começou a golpear o solo do caminhão todos os demais se apressaram a imitá-lo. No princípio, o ritmo era lento, cadenciado, marcado.

Mas, à medida que o caminhão se aproximava de seu destino, uma taberna próxima à estação de trem de Hauptbahnhof, o ritmo ia aumentando até se transformar em um repique acelerado e ensurdecedor, que encheu o grupo de adrenalina.

Jürgen sorriu. Custara-lhe ganhar a con ança dos colegas, mas agora sentia ter todos na palma da mão.

Quando, quase um ano antes, ele assistira pela primeira vez a um discurso de Adolf Hitler e insistira com um secretário do partido para preencher ali mesmo sua adesão ao NSDAP, seu amigo Krohn não coube em si de contente, mas teve uma grande decepção dias depois, quando Jürgen solicitou sua entrada para as SA.

— Que diabos você tem a ver com esses gorilas pardos? Você é inteligente, poderia fazer carreira política.

E esse tapa-olho... Se espalhássemos os rumores adequados, poderia ser sua carta de apresentação.

Poderíamos dizer que você perdeu o olho defendendo o Ruhr.

O lho do barão não lhe deu ouvidos. Tinha agido por um impulso irracional, mas, subconscientemente, sua ação tinha uma grande lógica. A brutalidade inerente ao ramo paramilitar dos nazistas, o orgulho de grupo e a impunidade para a violência que este lhe oferecia o atraíam. Um grupo no qual ele não se encaixara no princípio, transformado em alvo de insultos e zombarias como “Barão Ciclope” ou “Mariquinhas Caolho”.

Acovardado, Jürgen deixou de lado a atitude de valentão que usava antes com seus amigos do colégio.

Aqueles eram homens duros de verdade e cerrariam leiras imediatamente se ele tentasse algo pela força. Em vez disso, conquistou-lhes o respeito pouco a pouco, demonstrando em cada reunião política sua falta de escrúpulos.

Um rangido de freios se impôs ao violento golpear dos cassinetes. O caminhão se deteve com uma sacudidela brusca.

— Desçam, desçam!

Os camisas-pardas se aglomeraram na parte traseira do caminhão. Vinte pares de botas pretas pisotearam os paralelepípedos encharcados. Um dos SA escorregou no meio de uma poça de água suja, e Jürgen se apressou a oferecer o braço para o outro se levantar. Havia aprendido que esse tipo de gesto o fazia ganhar pontos com seus companheiros.

O local diante deles não tinha nome, apenas a palavra TABERNA pintada acima da porta, com um chapéu bávaro de cor vermelha desenhado ao lado. Era frequentemente usado por uma seção do Partido Comunista para suas reuniões, e nesse momento estava acontecendo uma delas. Mais de trinta pessoas se encontravam lá dentro, assistindo a uma conferência. Ao escutar o ruído dos freios do caminhão, várias levantaram a cabeça, mas era tarde demais. Aquele lugar não tinha porta dos fundos.

Entraram em la, fazendo todo o ruído possível. Um garçom se refugiou atrás do balcão, aterrorizado, enquanto os que encabeçavam o grupo pegavam canecas e pratos das mesas e os lançavam por cima do tampo, contra o espelho e as prateleiras repletas de garrafas.

— O que estão fazendo aqui? — perguntou um homem baixinho, seguramente o dono da taberna.

— Viemos dissolver uma reunião ilegal — disse o chefe do pelotão das SA, adiantando-se com um sorriso incongruente.

— Os senhores não têm nenhuma autoridade!

O chefe do pelotão levantou o cassinete até a cintura e golpeou o estômago do homem, que caiu ao solo com um gemido. O outro ainda lhe deu uns pontapés antes de se voltar para seus homens.

— Todos juntos!

Jürgen logo se colocou à frente. Sempre fazia assim, para, no momento crucial, dar um discreto passo atrás e deixar que outro fosse o primeiro a atacar — ou a levar um balaço ou uma facada. As armas de fogo estavam proibidas naquela Alemanha que os Aliados haviam despojado dos dentes, mas muitos veteranos de guerra conservavam sua pistola regulamentar ou uma arma arrebatada ao inimigo.

Formados ombro a ombro, avançaram até o fundo do local. Os comunistas, mortos de medo, reuniram todos os objetos que puderam e foram lançando-os. O companheiro que marchava ao lado de Jürgen recebeu na cara o impacto de uma caneca de vidro e cambaleou. Os que vinham atrás o seguraram, e outro ocupou o lugar dele na primeira fila.

— Filhos da puta! Vão chupar o pau do seu *Führer*! — gritou um jovem com boné de couro, tomando nas mãos uma banqueta.

Estavam a menos de 3 metros, ao alcance do mobiliário, e Jürgen escolheu esse momento para simular um tropeção e deixar passar o colega que vinha atrás dele.

Bem a tempo. Várias banquetas sulcaram o espaço entre o grupo da taberna e os camisas-pardas. Ouviu-se um gemido, e o que acabava de ocupar o lugar de Jürgen despencou para a frente, com a cabeça aberta.

— Prontos? — gritou o chefe do pelotão. — Hitler e Alemanha!

— Hitler e Alemanha! — ecoaram os outros.

Ambos os grupos atacaram ao mesmo tempo, como crianças no jogo do lenço que acabassem de receber a ordem do árbitro. Jürgen se esquivou de um grandalhão com macacão de mecânico que ia em sua direção e, de passagem, golpeou-o nos joelhos. O mecânico tropeçou, e os SA que vinham atrás começaram a bater nele impiedosamente.

Jürgen continuou avançando. Saltou uma cadeira derrubada e chutou uma mesa, que foi se chocar contra os quadris de um velho de óculos, que caiu ao chão, arrastando a mesa consigo. Ainda segurava na mão uns papéis rabiscados, e o lho do barão deduziu que aquele devia ser o orador cujo discurso eles tinham vindo interromper. Não lhe importava. Nem sequer sabia o nome do velho.

Jürgen passou por cima dele, assegurando-se de pisá-lo com ambos os pés antes de alcançar seu verdadeiro alvo, no qual havia fixado o olhar desde o outro extremo da taberna.

O jovem com o boné de couro enfrentava dois camisas-pardas empunhando uma banqueta. O primeiro dos camisas-pardas tentou anqueá-lo, mas o jovem girou a banqueta e conseguiu acertá-lo no pescoço, derrubando-o. O segundo deu um golpe de cassetete, acreditando que o pegaria desprevenido, mas o jovem comunista se agachou com agilidade e afundou o cotovelo

nos rins dele. Quando o camisa-parda se dobrou, retorcendo-se de dor, o do boné quebrou-lhe a banqueta nas costas.

*Ora veja... este sabe lutar*, pensou o filho do barão.

Normalmente, deixava os mais valentes para que outros os enfrentassem, mas aquele jovem magrinho e de olhos fundos tinha algo que lhe parecia ofensivo.

O do boné fitava Jürgen desafiadoramente.

— Venha, putinha nazista. Tem medo de quebrar as unhas?

Jürgen conteve a respiração diante do insulto, mas era esperto demais para se deixar enganar e contra-atacou.

— Não me admira que você goste dos vermelhos, seu merdinha seca. O cu de sua mãe é igualzinho à barba de Marx.

O rosto do rapaz se acendeu de ira sob o boné de couro; e, erguendo os restos da banqueta, ele partiu para cima de Jürgen.

Ele o esperava de lado, procurando mantê-lo no centro da visão de seu único olho. Quando o outro deu o golpe, Jürgen se esquivou e o jovem caiu ao solo, perdendo o boné. Jürgen o golpeou três vezes nas costas com o cassetete, em rápida sucessão, não com muita força, mas o suficiente para lhe tirar o fôlego e fazer com que ele casse de joelhos. O jovem tentou engatinhar para se afastar de Jürgen, mas isso era exatamente o que ele queria. Lançou para trás a perna direita e deu um pontapé com toda a sua força. A bota de ponta reforçada se impactou contra o estômago do rapaz, que se levantou do chão mais de meio metro e voltou a cair, retorcendo-se e lutando para respirar.

Com um sorriso radiante, Jürgen começou a chutá-lo com fúria vingativa. Notou como as costelas estalavam, e logo um dos braços do rapaz se quebrou como um ramo seco quando ele o pisoteou.

Agarrando o jovem pelos cabelos, Jürgen o obrigou a ficar de joelhos.

— Agora repita o que você disse sobre o *Führer*, comunista folgado!

— Vá à merda — balbuciou o garoto.

— Ainda se atreve a dizer besteira? — gritou Jürgen, incrédulo.

Agarrando com mais força ainda o jovem pelos cabelos, levantou o cassetete e descarregou-o sobre a boca de sua presa, paralelamente à linha dos lábios.

Uma.

Duas.

Três vezes.

Os dentes do jovem se transformaram num punhado de restos sanguinolentos sobre o piso de madeira da taberna. Seu rosto estava inchado e disforme, e instantaneamente a agressividade que alimentava os músculos de Jürgen parou de fluir. Ele compreendeu por que havia escolhido aquela vítima em particular.

O rapaz tinha certa semelhança com seu primo.

Soltou os cabelos do comunista, que caiu desconjuntado ao solo.

*Bom, a partir de agora, não se parecerá com ninguém*, pensou.

Jürgen levantou a vista e viu que ao redor a luta havia parado. Os únicos que restavam de pé eram os camisas-pardas, que o encaravam com um misto de aprovação e medo.

— Vamos embora! — gritou o chefe do pelotão.

De volta ao caminho, um SA que Jürgen nunca tinha visto e que não havia viajado com eles na ida sentou-se ao seu lado. O lho do barão mal o olhou. Depois de cada um daqueles episódios violentos, costumava cair num estado de melancolia e abandono, e não gostava que ninguém o incomodasse. Por isso, grunhiu com desagrado quando o outro lhe falou em voz baixa.

— Como se chama?

— Jürgen von Schroeder — respondeu, entre dentes.

— Então, é você. Ouvi falar do seu nome, e hoje vim especialmente para conhecê-lo. Eu sou Julius Schreck.

Jürgen notou que havia sutis diferenças no uniforme do outro. Trazia uma insígnia com uma caveira e tibias cruzadas, além de uma gravata preta.

— Para me conhecer? Por quê?

— Estou formando um grupo especial... gente com colhão, habilidade, inteligência. Sem escrúpulos burgueses.

— E como sabe que eu tenho essas coisas?

— Estive observando sua movimentação lá dentro. Você fez as coisas com astúcia, e não como o resto da carne de canhão. E também há a questão de sua família, claro. Ter você conosco nos dará prestígio, nos separará do populacho.

— Fale claramente. O que pretende?

— Quero que você se una às minhas *Stosstrupp*. A elite das SA, que só responderá ao *Führer*.



## Cápítulo 24

Alys estava tendo uma noite infernal, até que viu Paul no outro extremo do cabaré. Era o último lugar onde esperava encontrá-lo. Olhou de novo para ter certeza, já que as luzes e a fumaça do local podiam gerar confusão, mas seus olhos não a tinham enganado.

*Que diabos ele estará fazendo aqui?*

Seu primeiro impulso foi esconder a Kodak Brownie atrás das costas, envergonhada. Não demorou muito nessa posição, porque a câmera e o volumoso flash eram uma carga pesada demais.

*Além disso, estou trabalhando. Uma coisa de que devo ter orgulho, que diabo.*

— Lindo corpo! Tire uma foto minha, fofura!

Alys sorriu, levantou a lâmpada do ash — apoiada em um enorme cabo — e apertou o disparador para que funcionasse sozinho, sem lme. Os dois bêbados que lhe di cultavam a visão da mesa de Paul se colocaram de lado, aos trambolhões. Esse método, embora a cada minuto a obrigasse a recarregar o ash com pólvora de magnésio, era o mais eficaz para se livrar dos atrevidos.

Muitos revoluteavam ao seu redor em noites como aquela, nas quais ela devia fazer duzentas ou trezentas fotos dos clientes do BeldaKlub. Depois de reveladas, o dono escolhia meia dúzia para colocá-las numa parede perto da entrada, na qual cavam expostos os clientes se divertindo com as bailarinas do local. As melhores fotos — segundo o dono — eram obtidas de madrugada, quando era habitual ver os mais devassos bebendo champanhe nos sapatos das moças. Alys odiava aquele ambiente: a música estridente, as roupas de lantejoulas, as canções provocantes, o álcool e os que o consumiam demais. Mas era seu trabalho.

Hesitou em se aproximar de Paul. Não estava muito bonita com aquela roupa azul de segunda mão e um chapéuzinho que destoava bastante, no entanto continuava sendo um ímã para os babões. Havia chegado à conclusão de que os homens adoravam estar diante de sua objetiva. Decidiu usar isso para se avizinhar de Paul e quebrar o gelo. Ainda sentia muita vergonha pelo modo como seu pai o expulsara de sua casa, e uma vaga amargura pela mentira de que ele ficara com o dinheiro oferecido.

*Vou fazer uma brincadeira. Vou chegando perto com a câmera, cobrindo o rosto, bato a foto e depois deixo que ele veja quem sou. Com certeza, vai ficar louco de contente.*

Começou a se aproximar, esquivando-se de mesas e bêbados e esgrimindo um sorriso.

Oito meses antes, Alys se vira na rua procurando trabalho.

À diferença de Paul, sua busca não tinha sido desesperada, porque ela dispunha de dinheiro para

se manter por alguns meses. Mesmo assim, fora igualmente árdua. Os únicos empregos que lhe ofereciam — às vezes nas esquinas, ou sussurrados nos fundos das lojas — eram de prostituta ou de mulher sustentada, e esse era um caminho que Alys não se dispunha a tomar em nenhuma hipótese.

*Nem isso nem voltar para casa*, jurou a si mesma.

Pensou em ir para outra cidade. Hamburgo, Dusseldorf, Berlim. Mas as notícias que vinham de todos esses lugares eram tão ruins quanto o que acontecia em Munique, ou piores ainda. E havia algo — a esperança de voltar a encontrar alguém concreto, talvez — que a retinha em sua cidade natal. Mas à medida que suas reservas minguavam e ela não conseguia nada, Alys ia se desesperando. Até que uma tarde, caminhando pela Agnesstrasse em busca de um ateliê de costura do qual obtivera referências, viu um letreiro numa vitrine.

PRECISA-SE DE AJUDANTE

NÃO ACEITAMOS MULHERES

Nem sequer olhou de que tipo de negócio se tratava. Empurrou a porta com indignação, e as campainhas que anunciavam um novo visitante enlouqueceram. Pisando rme, aproximou-se da única pessoa que havia atrás do balcão. Era um homem magro e maduro, com enormes entradas no cabelo grisalho.

— Boa tarde, senhorita.

— Boa tarde. Vim me candidatar ao emprego.

O homenzinho encarou-a, muito sério.

— Posso me atrever a perguntar se a senhorita sabe ler?

— Sei, mas não consigo digerir sandices.

Diante daquilo, o rosto do homem mudou. Rugas divertidas se formaram no canto dos lábios, revelando um sorriso agradável ao qual se seguiu uma gargalhada.

— Contratada!

Alys o encarou, totalmente desconcertada. Entrara no local disposta a espinafrar o dono por um cartaz tão injusto como o que ele havia pendurado, acreditando que só conseguiria chamar a atenção.

— Surpresa?

— Bastante.

— Veja, senhorita...

— Alys Tannenbaum.

— August Muntz — disse o outro, fazendo uma reverência caprichada. — Veja, senhorita Tannenbaum, pendurei aquele cartaz para que atraísse exatamente uma mulher com suas características. O emprego que lhe ofereço requer habilidade técnica, presença de espírito e, sobretudo, altas doses de atrevimento e insolência. Parece que a senhorita dispõe das últimas, e a primeira pode ser alcançada, principalmente quando se dispõe da minha experiência...

— O que, exatamente, o senhor quer que eu faça? — perguntou Alys, desconfiada.

— Não é evidente, senhorita? — disse o outro, mostrando ao seu redor. Alys atentou para o local pela primeira vez. — Fotografias.

Embora Paul tivesse mudado com cada emprego que havia exercido, Alys fora totalmente transformada pelo seu. A jovem se apaixonou instantaneamente pela fotografia. Jamais estivera atrás de uma câmera, mas, quando aprendeu os rudimentos básicos, compreendeu que não desejava fazer outra coisa na vida. Gostava especialmente da sala de revelação, onde misturava os compostos químicos nas cubetas. Maravilhada, não conseguia desviar o olhar quando a imagem começava a aparecer sobre o papel, e distinguiam-se os traços e os rostos.

Não demorou a se relacionar bem com o fotógrafo. Embora, acima do letreiro da porta, estivesse escrita a frase “Muntz e Lhos”, Alys logo descobriu que não havia lhos nem haveria nunca. August morava num apartamento em cima da loja com um jovem delicado e branquelo a quem chamava de “meu sobrinho Ernst”. A jovem passava longas tardes jogando gamão com os dois, e aos poucos foi recuperando o sorriso.

Havia somente uma parte de seu trabalho que não a agradava, e que era precisamente aquela pela qual August a contratara. O dono de um cabaré próximo — August acabou confessando a Alys que era um antigo amante seu — tinha oferecido a ele uma boa soma em dinheiro para manter um fotógrafo no local, três noites por semana.

— Ele queria que fosse eu, claro. Mas acho melhor que vá uma moça bonita... que não se deixe subjugar

— disse August, piscando o olho para ela.

O dono do cabaré estava contente. As fotos na entrada do estabelecimento haviam contribuído para lançar a fama do BeldaKlub até transformá-lo no carro-chefe da noite muniquense. Nada comparável a Berlim, evidentemente, mas, em épocas tenebrosas, qualquer negócio que tenha suas bases no álcool e no sexo vê seu sucesso multiplicado. Circulava amplamente o rumor de que os clientes gastavam ali por completo o último salário, em cinco horas frenéticas, antes de recorrerem ao gatilho, à corda ou ao frasco de pílulas.

Enquanto se aproximava de Paul, Alys confiava em que o jovem não fosse um desses “clientes definitivos”.

*Deve ter vindo com um amigo. Por curiosidade*, pensava ela. A nal, naquela época todo mundo ia ao BeldaKlub, nem que fosse para sorver durante horas uma cerveja. Os *barmen* eram compreensivos e costumavam aceitar alianças de noivado ou casamento em troca de duas canecas.

Ao se aproximar, cobriu o rosto com a câmera. Havia cinco pessoas em torno da mesa, dois homens e três mulheres. Sobre a toalha estavam várias garrafas de champanhe meio vazias ou caídas, e um monte de comida quase intacta.

— Ei, Paul! Você tem que posar para a posteridade, companheiro! — disse o que estava mais perto de Alys.

Paul levantou a cabeça. Usava um smoking preto que não lhe caía bem nos ombros, e a gravata-borboleta estava desatada sobre a camisa. Quando falou, a fala estava pastosa e vacilante.

— Ouviram, meninas? Quero um sorriso nesses lábios.

As duas que ladeavam Paul usavam vestidos de festa prateados e chapéus combinando. Uma delas agarrou o queixo dele, obrigou-o a olhá-la e lhe deu um enorme e pegajoso beijo de língua, justamente no momento da foto. O jovem, surpreso, devolveu o beijo e depois caiu na gargalhada.

— Viu? Elas conseguiram fazer você sorrir! — disse o amigo, cambaleando de tanto rir.

Ao ver aquilo, Alys cou atônita, enquanto a Kodak quase lhe escorregava das mãos. Sentiu ânsias de vômito. Aquele bêbado, mais um daqueles que ela desprezava noite após noite havia semanas, estava tão distante da imagem do tímido carvoeiro que a jovem não podia acreditar que fosse Paul.

Mas era.

Através do álcool, o rapaz conseguiu reconhecê-la e ficou de pé, com expressão sobressaltada.

— Alys!

O homem que o acompanhava virou-se para ela e ergueu sua taça.

— Vocês se conhecem?

— Era o que eu achava — disse Alys, gélida.

— Maravilha! Pois saiba que seu amigo é o banqueiro de maior sucesso do Isartor... Vendemos mais ações do que qualquer um dos bancos que brotaram como cogumelos ultimamente! E eu

sou seu orgulhoso contador... Venha brindar conosco.

Alys sentiu uma onda de desprezo percorrer-lhe o corpo. Tinha ouvido falar sobre o fenômeno dos novos bancos. Quase todos aqueles criados nos últimos meses tinham sido fundados por jovens, e a cada noite, antes que os lucros do dia perdessem completamente o valor, muitos universitários vinham torrá-los em champanhe e putas.

— Quando meu pai me disse que você havia levado o dinheiro, não acreditei. Como estava enganada!

Agora, vejo qual é a única coisa que lhe interessa — disse, virando as costas.

— Alys, espere... — balbuciou o jovem, envergonhado. Contornou a mesa aos tropeções e tentou segurar a mão dela.

Alys se esquivou e lhe deu um bofetão que ressoou como uma badalada. Paul oscilou e despencou de bruços sobre a mesa. Tentou se agarrar à toalha, mas caiu ao chão, no meio de uma chuva de garrafas quebradas e das gargalhadas das três coristas.

— A propósito — disse ela, enquanto se afastava, suficientemente alto para que ele a ouvisse. — Com esse smoking, você continua parecendo um garçom.

Paul se apoiou na cadeira para se levantar, a tempo de ver as costas de Alys desaparecerem na multidão. Seu amigo, o contador, tinha levado as moças para a pista de dança. De repente, um braço o agarrou com força e o ajudou a ficar de pé, deixando-o cair na cadeira.

— Parece que você a aborreceu, hein?

O homem que o ajudara estava de pé junto dele. Seu rosto lhe era vagamente familiar, mas Paul, tomado pela bruma do álcool e pela vergonha, não conseguia identificá-lo.

— Quem diabos é o senhor?

— Um amigo do seu pai, Paul. Alguém que neste momento se pergunta se você é digno de usar o sobrenome dele.

— O que o senhor sabe do meu pai?

O homem puxou um cartão e colocou-o no bolso interno do smoking de Paul.

— Venha me ver quando passar a bebedeira, rapaz.



*Sebastian Keller*  
*Livreiro*

Kaufingerstrasse, junto à igreja de São Miguel

Paul ergueu a vista daquele cartão simples e contemplou o letreiro da livraria, ainda sem compreender o que fazia ali.

Estava a um passo da Marienplatz, no coração de Munique. Naquele lugar, os açougues e os vendedores ambulantes de Schwabing cediam lugar a relojoarias, chapelarias e lojas de bengalas. Um pequeno cinema, perto do estabelecimento de Keller, continuava projetando *Nosferatu*, de Murnau, mais de um ano depois da estreia. Era de tarde, e a segunda sessão já devia estar no meio. Paul imaginou o projecionista no interior da cabine, mudando várias vezes os rolos gastos da película, e teve pena dele. Tinha ido assistir àquele filme — seu primeiro e único — esgueirando-se na sala por uma porta dos fundos em um cinema próximo da pensão, quando metade da cidade falava do assunto. Não gostara muito daquela cópia feista\* ( *De feísmo*, tendência artística ou literária que valoriza a estética do feio. (N. da T.) do *Drácula* de Bram Stoker. Para ele, a autêntica emoção da história residia em suas palavras e em seus silêncios, no branco que rodeava o negro das letras. Aquilo do cinema lhe parecia simples demais, como um quebra-cabeça de duas peças.

Paul entrou na livraria com cautela, mas começou a esquecer seu receio à medida que ia estudando os volumes colocados cuidadosamente em prateleiras do chão ao teto e em amplas mesas junto à vitrine. Não havia balcão à vista.

Estava absorto, folheando uma primeira edição de *Morte em Veneza*, quando escutou uma voz às suas costas.

— Thomas Mann não é má escolha, mas este certamente você já leu, não?

Paul se voltou. Ali estava Keller, sorridente. Tinha o cabelo completamente branco, exibia um cavanhaque de estilo antiquado e a toda hora coçava as orelhas enormes, chamando ainda mais a atenção para elas. Paul voltou a sentir que o conhecia, mas não foi capaz de identificar de onde.

— Li, sim, mas às pressas. Peguei emprestado com um hóspede da pensão onde moro. Normalmente, os livros não duram muito tempo em minhas mãos, por mais que goste de relê-los.

— Ah, ah. Não releia, Paul. Você é muito jovem, e aqueles que releem tendem a se encher da sabedoria inadequada antes do tempo. Agora você tem de ler, ler tudo o que puder, do modo mais heterogêneo possível. Só ao chegar à minha idade a pessoa sabe que aquilo que relê não é uma perda de tempo.

Paul deu de novo uma boa olhada nele. Keller passava muito dos 50, embora tivesse as costas eretas como um poste e se mantivesse compacto sob um *antiquado* terno com colete. Era seu cabelo claro que lhe dava aparência venerável, mas o jovem suspeitou que na realidade o homem o tinha louro muito claro e o tingia para obter aquele branco uniforme. De repente, deu-se conta de onde o tinha visto antes.

— O senhor estava na festa de aniversário de Jürgen, quatro anos atrás.

— Você tem boa memória, Paul.

— Sugeriu que eu me apressasse... porque ela estaria me esperando lá fora — disse o jovem, com tristeza.

— Recordo o resgate da moça com total clareza, no meio do salão de baile. Ah, no meu tempo também tive meus bons momentos. E também maus, mas nenhuma bobagem tão grande como a que vi você fazer ontem, Paul.

— Não precisa me lembrar disso. Como diabos eu ia saber que ela estaria? Faz mais de dois anos que não a vejo!

— Bom, acho que a pergunta correta é: que diabos fazia você, embebedando-se como um marinheiro?

Paul se remexeu, inquieto, e não respondeu. Envergonhava-se por estar comentando aquelas coisas com um completo desconhecido, mas ao mesmo tempo sentia uma estranha tranquilidade ao falar com o livreiro.

Só que preferia mudar de assunto.

— Enfim — continuou Keller —, não quero atormentá-lo, porque suas olheiras e sua palidez já me dizem que você não deve ter dormido muito, se é que não acaba de se levantar.

— O senhor disse que queria me falar do meu pai — interrompeu Paul, ansioso.

— Não, não disse. Disse que você viesse me ver.

— E por quê?

Desta vez, foi Keller quem não respondeu. Conduziu Paul até a vitrine e lhe apontou a fachada da igreja de São Miguel, bem em frente à livraria. A árvore genealógica da dinastia Wittelsbach esculpida em bronze escoltava a estátua do arcanjo que dava nome ao edifício. Sob o sol do entardecer, as sombras das estátuas eram longas e agourentas.

— Observe... três séculos e meio de esplendor reluzente. E é só um pequeno prólogo. Inspirado pelas formas limpas desta igreja, Luís I decidiu em 1825 que transformaria nossa cidade numa nova Atenas. Cheia de luz, de espaço, de harmonia em suas avenidas e seus bulevares. Agora, desça um pouco o olhar, Paul.

Na porta do templo se aglomeravam mendigos, dispostos em fila para receber a sopa que a paróquia distribuía ao pôr do sol. A fila começava a se formar e já chegava até mais longe do que a visão a partir da vitrine permitia. Paul não estranhou ver veteranos de guerra ainda com seus encardidos uniformes, proibidos havia quase cinco anos. Tampouco velhos vagabundos, aqueles em cujas faces a rua e o vinho haviam imprimido a cor violácea da pobreza. O que o surpreendeu foi ver dezenas de homens adultos usando ternos gastos, mas com camisas perfeitamente passadas, todos eles sem nenhum agasalho, embora naquele entardecer de junho o vento soprasse com força.

*O agasalho de um pai de família que tem de sair diariamente para buscar o pão de seus filhos é uma das últimas coisas a serem empenhadas*, pensou Paul, movendo nervosamente as mãos nos bolsos do seu.

Comprara-o de segunda mão, surpreendendo-se por encontrar um tecido tão bom ao preço de um queijo de tamanho médio.

*Assim como o smoking.*

— Cinco anos depois da queda da monarquia: terror, assassinatos nas ruas, fome, pobreza. Que versão de Munique você prefere, rapaz?

— A autêntica, suponho.

Keller o encarou, evidentemente satisfeito com sua resposta. Paul notou como a atitude dele mudava ligeiramente, como se aquilo tivesse sido somente uma prova para algo muito maior que estava por vir.

— Conheci Hans Reiner muitos anos atrás. Não recordo a data exata, mas acho que foi por volta de 1895, porque ele entrou na livraria e comprou um exemplar recém-saído da gráfica de *O*



*castelo dos Cárpatos*, de Verne.

— Ele também gostava de ler? — quis saber Paul, sem conseguir ocultar a emoção. Sabia tão pouco sobre o homem que lhe dera a vida que qualquer ponto de semelhança com ele o enchia de um sentimento difuso de orgulho e confusão, como um eco de outros tempos. Sentiu uma necessidade cega de con ar no livreiro, de arrancar-lhe da cabeça qualquer indício da personalidade do pai que não lhe haviam permitido conhecer.

— Era um entusiasta! Seu pai e eu camos conversando duas horas naquela tarde. Isso era muito naquela época, quando minha livraria cava repleta desde a abertura até o fechamento, e não deserta como agora.

Descobrimos interesses comuns, como a poesia. Embora fosse muito inteligente, ele era desajeitado com as palavras e maravilhava-se com as coisas que gente como Hölderlin ou Rilke podiam fazer. Uma vez chegou até a me pedir que o ajudasse com um pequeno poema que havia escrito para sua mãe.

— Lembro que ela me falou desse poema há muitos anos — disse Paul, com tristeza —, mas nunca me deixou lê-lo.

— Talvez esteja entre os papéis do seu pai — sugeriu o livreiro.

— Infelizmente, os poucos pertences que tínhamos caram na casa onde morávamos antes. Tivemos de sair precipitadamente..

— Uma lástima. Enfim... a cada temporada que ele passava em Munique, usufruíamos juntos de interessantes serões. Foi assim que ouvi falar pela primeira vez da Grande Loja do Sol Nascente.

— O que é isso?

O livreiro baixou a voz.

— Sabe o que é a maçonaria, Paul?

O jovem o encarou com estranheza.

— Os jornais dizem que é uma seita secreta e poderosa.

— Dirigida por judeus e que dita os destinos do mundo? — disse Keller, irônico. — Eu também escutei muitas vezes essa mentira, Paul. E ainda mais nos tempos que correm, quando o povo procura alguém a quem culpar pelo fato de as coisas irem mal.

— Então, qual é a realidade?

— A maçonaria é uma sociedade secreta, e não uma seita. É formada por homens selecionados que buscam iluminação e o triunfo da moral no mundo.

— Por selecionados, o senhor quer dizer poderosos?

— Não. Esses homens escolhem a si mesmos. Nenhum maçom está autorizado a pedir a um profano que se faça maçom. O profano é quem deve pedir isso, assim como eu pedi ao seu pai que me admitisse na loja.

— Meu pai era maçom? — assombrou-se Paul.

— Espere um momento — disse Keller. Trancou a porta da livraria, colocou o cartaz de FECHADO e depois foi até os fundos. Ao voltar, mostrou a Paul uma velha fotografia de estúdio. Nela, um jovem Hans Reiner, Keller e outras três pessoas que Paul não reconheceu olhavam xamente para a câmera, na rígida atitude própria das imagens do início do século, quando as pessoas deviam permanecer quietas por um minuto para que a foto não casse tremida. Um dos desconhecidos segurava um estranho símbolo que Paul recordava haver visto anos antes no escritório do tio: um esquadro e um compasso confrontados, com um grande G no centro.

— Seu pai era o guarda do templo da Grande Loja do Sol Nascente. É aquele que se assegura de que a porta do templo esteja trancada antes de se abrirem os trabalhos... em linguagem profana, antes de se iniciar o ritual.

— Achei que o senhor havia dito que isso não tinha nada a ver com religião.

— Nós maçons acreditamos em uma entidade sobrenatural, à qual chamamos Grande Arquiteto do Universo. O dogma vai só até aí. Cada maçom, individualmente, venera o Grande Arquiteto sob a forma que considera oportuna. Em minha loja há judeus, católicos e protestantes, embora nenhum faça pro ssão disso diante dos outros. Dois assuntos são proibidos na loja: religião e política.

— A loja teve algo a ver com a morte do meu pai?

O livreiro fez uma longa pausa antes de responder.

— Sei muito pouco sobre a morte dele, exceto que o que lhe contaram é mentira. No dia em que o vi pela última vez, ele tinha me enviado um recado e nos encontramos perto da livraria. Conversamos apressadamente, no meio da rua. Ele disse que estava em perigo, e que temia pela vida dos dois: você, Paul, e sua mãe. Quinze dias depois, ouvi o boato de que o barco dele tinha naufragado nas colônias.

Paul re etiu se devia falar a Keller das últimas palavras de seu primo, sobre a noite em que seu pai visitara o palacete dos Schroeder, e sobre o disparo que Eduard havia escutado, e decidiu que não. Tinha meditado muito sobre essa informação, mas não conseguia vê-la como uma prova conclusiva de que seu tio, o barão, fosse o responsável pelo desaparecimento de seu pai. No fundo do coração, acreditava que o livreiro sabia alguma coisa, mas, até que tivesse certeza, não compartilharia aquele peso com ninguém.

— Ele também me pediu que lhe entregasse uma coisa quando você fosse adulto. Estou à sua procura faz alguns meses — continuou Keller.

Paul sentiu um vácuo no coração.

— O que é?

— Não sei, Paul.

— Bom, o que está esperando? Entregue-me logo! — disse Paul, quase gritando.

O livreiro lhe dirigiu um olhar gélido, para dar a entender ao jovem seu desagrado por pretenderem lhe dar ordens em sua própria casa.

— Você acha que é digno do legado de seu pai, Paul? O jovem que eu vi outro dia no Beldaklub não me pareceu mais do que um bobalhão bêbado, desperdiçando o enorme talento que teve a sorte de receber.

Paul abriu a boca para falar com insolência da fome e do frio que passara quando ele e a mãe foram expulsos do palacete do Schroeder. Do esgotamento por carregar carvão para cima e para baixo, por escadas úmidas. Do desespero por não ter nada e saber que, apesar de tudo, era preciso continuar buscando. Do tentador convite das águas frias do Isar. Mas logo se arrependeu, porque o que havia sofrido não lhe dava o direito de se comportar como fizera nas últimas semanas.

Na melhor das hipóteses, iria deixá-lo mais culpado.

— Senhor Keller... pertencer à loja me tornaria mais digno?

— Seria um começo, se você pedisse de coração. Mas lhe garanto que não será nada fácil, nem mesmo para alguém como você.

O jovem engoliu em seco antes de responder.

— Nesse caso, solicito humildemente que o senhor me ajude. Quero ser maçom, como meu pai.

## Capítulo 26

Alys terminou de agitar o papel na bandeja de revelação e o introduziu no líquido xador. Olhá-lo produzia nele uma sensação estranha. Por um lado, orgulho, porque a perfeição técnica do instantâneo era enorme. A atitude da puta, agarrando Paul. O brilho nos olhos dela, os dele entreabertos... Os detalhes tornavam a cena quase palpável, mas, acima de seu orgulho como profissional, Alys sentia suas entranhas roídas por aquela imagem.

Absorta em seus pensamentos, dentro da sala de revelação, ela mal atentou para o som da campainha anunciando um novo visitante na loja. Mas levantou a cabeça quando ouviu uma voz familiar. Espiou através da janelinha de vidro vermelho que dava uma clara visão do local, e seus olhos com rmaram o que seus ouvidos e seu coração já tinham anunciado.

— Boa tarde — disse Paul, aproximando-se do balcão.

O jovem tinha feito uma longa volta no caminho de retorno à pensão — onde continuava alojado com a mãe, consciente de que seu negócio de venda de ações podia ser sumamente efêmero — para se deter em Muntz e Filhos. Havia obtido o endereço do estúdio de fotografia com um dos encarregados do cabaré, depois de lhe soltar a língua com algumas notas.

Sob o braço levava um pacote embrulhado cuidadosamente. Continha um livrinho preto e grosso, com cinzeladuras em dourado. Ao entregá-lo a ele, Sebastian dissera que aquele tomo continha os fundamentos básicos que todo iniciante ou profano devia conhecer antes de se tornar maçom. Com ele, se haviam iniciado Hans Reiner, primeiro, e depois o próprio Sebastian. Paul morria de vontade de percorrer com seus olhos aquelas linhas que o pai também tinha lido, mas antes havia algo mais urgente a fazer.

— Já fechamos — disse o fotógrafo a Paul.

— É mesmo? Achei que ainda faltavam dez minutos — disse o jovem, dirigindo um olhar desconado ao relógio da parede.

— Para o senhor, estamos fechados.

— Para mim?

— Por acaso o senhor não é Paul Reiner?

— Como diabos sabe meu nome?

— Encaixa com a descrição. Alto, magro, olhar glacial, bonito como o demônio. Houve mais adjetivos, mas é melhor que eu não os repita.

Ouviu-se um forte estrondo vindo dos fundos da loja. Ao escutar aquilo, Paul tentou olhar por cima do ombro do fotógrafo.

— Alys está aí?

— Deve ter sido o gato.

— Não soou como um gato.

— Não. Soou como uma bandeja de revelação vazia, caindo ao solo intencionalmente. Mas, como Alys não está, deve ter sido o gato.

Houve novo estrondo, desta vez mais forte.

— Aí vai outra. Ainda bem que são de metal — disse August, acendendo um cigarro com um elegante trejeito.

— É melhor o senhor ir dar comida a esse gato. Ele parece faminto.

— Não, está é furioso.

— Posso compreender por quê — disse Paul, baixando a cabeça.

— Escute, amigo, ela lhe deixou uma coisa.

Munz lhe estendeu uma foto virada para baixo. Ao virá-la, Paul observou uma cena algo imprecisa, flagrada em um parque.

— É uma mulher adormecida num banco do Englischer Garten — concluiu o jovem.

August deu uma longa tragada no cigarro, lançando a fumaça em direção a Paul.

— O dia em que tirou este instantâneo... foi o primeiro em que ela saiu sozinha. Emprestei-lhe uma câmera para que circulasse pela cidade em busca de uma imagem que me comovesse. Ela se dedicou a passear por um parque, como todos os principiantes. De repente, viu essa mulher sentada num banco e foi atraída por sua quietude. Tirou uma foto e depois foi agradecer. A mulher não respondeu e Alys lhe tocou o ombro.

A mulher caiu no chão.

— Estava morta — disse o jovem, horrorizado, compreendendo então de verdade o que estava vendo.

— Morta de fome — respondeu August, dando uma última tragada no cigarro e apagando-o no cinzeiro.

Paul se agarrou ao balcão durante alguns instantes, com o olhar xo na foto. Finalmente, devolveu-a a Munz.

— Obrigado por me mostrar isto. Por favor, peça a Alys que vá a este endereço depois de amanhã —

disse, pegando papel e lápis no balcão e anotando algo em uma folha —, e ela verá como eu entendi.

Um minuto depois que ele foi embora, Alys saiu da sala de revelação.

— Espero que você não tenha amassado as bandejas. Do contrário, vai car batendo nelas com um martelo até que voltem à forma original, estou avisando.

— Falou demais, August. E aquilo da foto... eu não tinha pedido que desse nada a ele.

— Está apaixonado por você.

— Como sabe?

— Entendo muito de homens apaixonados. Principalmente, o quanto é difícil encontrá-los.

— Tivemos um início bastante obscuro — disse Alys, balançando a cabeça.

— E daí? O dia começa à meia-noite, em plena escuridão. E depois tudo é luz.

Havia uma fila enorme diante do ZieglerBank.

Na noite anterior, quando fora para a cama no quarto que alugava perto do estúdio, Alys havia decidido que não iria ver Paul. Repetiu-se o mesmo enquanto se arrumava, enquanto experimentava várias vezes sua coleção de chapéus — que chegava à ninharia de dois modelos — e enquanto tomava um bonde no qual habitualmente nunca subia. Foi uma total surpresa ver-se de repente diante da fila do banco.

Ao se aproximar, percebeu que na realidade eram duas las diferentes, ambas bem compridas. Uma terminava no banco, outra na porta ao lado. As pessoas saíam desta última com um sorriso de alívio no rosto, carregadas de sacolas das quais surgiam salsichas, pães e enormes talos de aipo.

Paul estava no novo local junto de outro homem que pesava verduras e presuntos e despachava com voz desagradável. Ao ver Alys, o jovem saiu imediatamente, abrindo caminho entre os que lutavam para entrar na loja.

— O senhor aqui ao lado precisou fechar a tabacaria dele quando o negócio quebrou. Nós a reabrimos e a transformamos na nova mercearia do senhor Ziegler. O homem está feliz.

— Pelo que vejo, as pessoas também.

— Vendemos as mercadorias a preço de custo e amos todos os clientes do banco. Estamos gastando até o último centavo dos lucros, mas os funcionários públicos e os aposentados, todos os que não podem seguir o ritmo absurdo da inflação, ficam muito agradecidos. O dólar hoje está mais de 3 milhões de marcos.

— Você está perdendo uma fortuna.

Paul deu de ombros.

— A partir da próxima semana, daremos à noite uma sopa para os necessitados. Não será como a dos jesuítas, porque mal bastará para 500 porções, mas já temos um grupo de voluntários que vai começar a ajudar.

Alys se demorou fitando-o, com os olhos semicerrados.

— Está fazendo tudo isso por mim?

— Estou fazendo porque posso. Porque é o correto. Porque me impressionou a foto da mulher no parque. Porque esta cidade está indo para o inferno. E, sim, porque me comportei como um idiota e gostaria que você me perdoasse.

— Já perdoei — respondeu a jovem, dando a volta e se afastando.

— Então, por que vai embora? — perguntou ele abrindo os braços, incrédulo.

— Porque continuo aborrecida com você!

Quando Paul ia correr atrás dela, Alys virou a cabeça e sorriu.

— Mas pode vir me buscar amanhã à noite, para ver se já passou.



## Cápítulo 28

— Portanto, julgo-o preparado e digno de começar esta viagem em que se provará seu valor. Incline-se.

Paul obedeceu, e o homem de terno colocou sobre sua cabeça um pesado capuz preto. Com um puxão seco, ajustou-lhe duas correias de couro em torno do pescoço.

— Enxerga alguma coisa?

— Não.

Sua própria voz soava estranha dentro do capuz. Os ruídos de fora pareciam provir de outro mundo.

— Há dois orifícios na parte de trás. Se ficar sem ar, puxe um pouco para trás da nuca.

— Obrigado.

— Agora, segure-se fortemente ao meu braço esquerdo com seu braço direito. Percorreremos juntos uma grande distância. É muito importante que você avance quando eu disser, sem vacilar. Não é necessário se apressar, mas sim escutar atentamente as instruções. Em alguns pontos, mandarei que você caminhe pondo um pé diante do outro. Em outros, que levante muito os joelhos para subir ou descer escadas. Está pronto?

O jovem fez que sim.

— Responda às perguntas em voz alta e clara.

— Estou pronto.

— Então, vamos dar início.

Paul começou a andar devagar, agradecido por nalmente se mover. Tinha passado a última meia hora respondendo às perguntas do homem de terno, a quem via pela primeira vez na vida. Conhecia de antemão as respostas que devia dar porque estavam todas no livro que Keller lhe dera três semanas antes.

— Devo aprendê-las de cor? — perguntara ele ao livreiro.

— Estas fórmulas são a parte do ritual que devemos manter e respeitar. Dentro em pouco você descobrirá que a maçonaria tem muito a ver com as cerimônias de iniciação, e como estas o modificam.

— Há mais de uma?

— Há uma para cada um dos três graus: aprendiz, companheiro e mestre. Acima do terceiro grau, há outros trinta, mas são graus honoríficos que você descobrirá na hora apropriada.

— Qual é o seu, senhor Keller?

O livreiro ignorou a pergunta.

— Agora, quero que você leia o livro e reflita atentamente sobre o conteúdo.

Paul fez isso. A obra relatava a origem da maçonaria: os grêmios de construtores da Idade Média e, antes deles, os míticos construtores do Antigo Egito.

Todos eles descobriram uma sabedoria inerente aos símbolos da construção e à Geometria. Sempre terá de escrever essa palavra com G maiúsculo, porque o G é o símbolo do Grande Arquiteto do Universo. Como o venerarás, é assunto teu. Na loja, a única pedra que talharás será tua consciência e o que trouxeres nela. Teus irmãos te darão as ferramentas para isso após a iniciação... se superares as quatro provas.

— Será difícil?

— Está com medo?

— Não. Bem, um pouco.

— Será difícil — admitiu o livreiro, após um tempo. — Mas você é valente e já está preparado.

Até então, Paul não tinha feito uso de sua valentia, embora as provas não tivessem começado. Fora convocado para uma reunião numa ruela do Altstadt, o centro histórico da cidade, às nove da noite de uma sexta-feira. Por fora, o local aparentava ser um casarão normal, talvez um pouco abandonado. Uma caixa de correspondência enferrujada e com o nome ilegível pendia junto à campainha, embora a fechadura do portal estivesse bem lubrificada e nova. O homem de terno azul abriu-a só para ele, fazendo-o passar a um vestibulo onde havia vários móveis de madeira. Ali, submetera-o ao interrogatório ritual.

Sob o capuz preto, Paul se perguntava onde estaria Keller. Havia imaginado que o livreiro, o único vínculo que ele tinha com seu pai na loja, seria seu apresentador. Em vez disso, topara com um perfeito desconhecido e não podia evitar sentir-se um tanto indefeso ao caminhar às cegas pelo braço de alguém a quem tinha visto pela primeira vez meia hora antes.

Depois do que lhe pareceu uma distância enorme — teve de subir e descer vários lances de escada e percorrer longos corredores —, o homem de terno finalmente se deteve.

Soaram três golpes fortes e depois uma voz desconhecida.

— Quem bate à porta do templo?

— Um irmão que traz um profano desejo de iniciar-se em nossos mistérios.

— Foi adequadamente preparado?

— Foi.

— Qual é o nome dele?

— Paul, filho de Hans Reiner.

Puseram-se de novo em marcha. Paul notou que o solo sob seus pés era mais duro e escorregadio, de pedra ou possivelmente mármore. Andou durante longo tempo, embora este, dentro do capuz, parecesse ter outra consistência, e ele não seria capaz de dizer quanto havia transcorrido. Em alguns momentos sentiu — mais por intuição do que por uma certeza real — que o faziam caminhar por lugares pelos quais já tinha passado, como se traçasse um círculo e depois fosse obrigado a refazer seus próprios passos.

Seu guia se deteve outra vez e começou a desatar as correias do capuz.

O jovem pestanejou quando lhe retiraram o pano preto e viu que se encontrava em um aposento pequeno e frio, de teto baixo. As paredes eram completamente cobertas de calcário, e nelas se liam frases desordenadas e soltas, escritas por mãos diferentes e em diversas alturas, nas quais Paul reconheceu várias versões dos mandamentos maçônicos.

Enquanto isso, o homem de terno foi despojando-o de todos os seus objetos metálicos, inclusive o cinto e as velas dos sapatos, que arrancou sem contemplações. Paul lamentou não ter pensado em usar sapatos que não tivessem nada metálico, porque aqueles ficaram destruídos.

— Usa algo de ouro? Entrar com um metal precioso na loja é um grave insulto.

— Não, senhor — respondeu Paul.

— Aí você tem pena, papel e tinta — disse o homem. Em seguida, desapareceu pela porta, fechando-a atrás de si.

Paul olhou na direção que ele havia apontado. Uma pequena vela iluminava uma mesa em que, além dos utensílios de escrita, repousava uma caveira. Aproximou-se e, com um calafrio, comprovou que era real.

Junto à caveira, havia vários frascos com elementos que signi cavam mudança e iniciação: pão e água, sal e enxofre, cinzas.

Estava na Câmara de Re exões. O lugar onde devia escrever seu testamento como o iniciante ou profano.

Pegou a pena e começou a escrever a antiquada fórmula, que não conseguia entender e que

carecia de sentido para ele.

*Tudo isto é ruim. Todo este simbolismo, toda esta repetição... Tenho a sensação de que não passa de letra morta, sem espírito, pensou.*

De repente, desejou desesperadamente caminhar livre pela Ludwigstrasse, à luz dos postes, com o vento na face. Seu medo da escuridão, que não diminuía nem um pouco, embora já fosse adulto, desencadeara-se dentro do capuz. Dali a meia hora voltariam para buscá-lo naquela cela escura, e ele podia simplesmente pedir que o deixassem sair.

Ainda estava em tempo de recuar.

*Mas, nesse caso, nunca conhecerei a verdade sobre meu pai.*

## Cápítulo 29

O homem de terno entrou novamente.

— Estou pronto — disse Paul.

A partir daquele instante, não sabia nada da cerimônia. Conhecia as respostas às perguntas que fariam, e só. E havia chegado o momento das provas.

O guia colocou uma corda ao redor do seu pescoço e voltou a cobrir seus olhos. Desta vez não usou o capuz preto, mas uma venda do mesmo material, na qual deu três nós bem fortes. O jovem se sentiu grato por poder respirar com mais liberdade e percebeu que sua sensação de estar indefeso diminuía, embora de modo efêmero. De repente o homem de terno lhe tirou o paletó e, agarrando com força a manga de sua camisa, arrancou-a com um forte puxão. Depois abriu-a no peito, deixando seu torso descoberto.

Finalmente, arregaçou-lhe a perna esquerda da calça e tirou o sapato e a meia desse pé.

— Vamos.

Voltaram a caminhar. Paul experimentava uma estranha sensação ao apoiar a planta nua sobre o chão frio, que, agora sim, era indubitavelmente de mármore.

— Alto!

Notou um objeto pontiagudo sobre o peito e sentiu que os pelos da nuca se eriçavam com a fricção.

— O aspirante traz seu testamento?

— Traz.

— Que o espete na ponta da espada.

Paul ergueu a mão esquerda, na qual segurava o papel em que havia escrito na Câmara e cravou-o com cuidado no objeto pontiagudo.

— Paul Reiner, veio até aqui por sua própria vontade?

*Essa voz... é Sebastian Keller!* , pensou Paul.

— Sim.

— Está pronto para enfrentar as provas?

— Estou — respondeu Paul, sem poder evitar um estremecimento.

A partir desse momento, a consciência do jovem começou a se apagar e se acender a intervalos. Ele compreendia e respondia às perguntas que lhe faziam, mas o medo e a falta de visão haviam potencializado tanto seus outros sentidos que estes quase tinham assumido o controle. Começou a respirar mais depressa.

Estava subindo uma escada. Tentou se esforçar para contar os degraus, para controlar a ansiedade, mas, ao chegar a dez, perdeu a conta.

— Aqui começa a prova do ar. O alento é a primeira coisa que recebemos ao nascer — trovejou a voz de Keller.

O homem de terno lhe sussurrou ao ouvido:

— Você está numa passarela estreita. Dê três passos à frente. Pare. Em seguida dê mais um passo, mas que seja firme, ou quebrará o pescoço!

Paul obedeceu, sentindo como a superfície do solo havia mudado. Uma madeira farpada tinha substituído o mármore. Antes de dar o último passo, moveu os dedos do pé esquerdo e notou que a passarela terminava ali. Perguntou-se a que altura estaria, e em sua mente o número de degraus que havia subido se multiplicou por dez, por cem, por mil. Teve a sensação de encontrar-se no cume das torres da Frauenkirche, escutando o arrulhar dos pombos junto dele e a agitação da Marienplatz a uma eternidade na vertical.

*Faça o que ele disse.*

*Faça agora.*

Deu um passo e perdeu o equilíbrio.

Nem sequer mudou a posição do corpo, tão contraído estava pelo medo. Caiu de bruços, durante o que não devia ter sido mais de um segundo. Seu rosto logo se chocou contra uma rede grossa, e o impacto fez seus dentes rangerem. Mordeu o interior das bochechas. Sua boca se encheu com o sabor do próprio sangue.

Quando recuperou o controle dos músculos, notou que estava fortemente agarrado à rede. Precisava arrancar a venda para comprovar que era isso mesmo, que uma rede havia aparado sua queda.

Precisava sair da escuridão.

Mal teve tempo de se entregar ao pânico, porque em seguida vários pares de mãos o puxaram, arrastaram-no e o colocaram em posição vertical. Voltou a estar de pé e caminhando, e a voz de Keller anunciava o próximo desafio.

— A segunda prova é a da água. É o que somos, é de onde viemos.

Paul obedeceu quando lhe ordenaram que levantasse os pés — primeiro o esquerdo, depois o direito — e começou a tiritar. Acabava de entrar num enorme recipiente de água fria, e o líquido chegava até acima dos joelhos.

De novo, escutou o sussurro do guia junto à sua orelha.

— Fique de cócoras. Encha os pulmões. Depois, deixe-se cair para trás e permaneça submerso. Não faça o menor movimento nem tente sair, ou não passará na prova.

O jovem dobrou os joelhos, encolhendo-se mais ainda quando a água lhe cobriu a virilha e o abdome.

Pontadas de dor percorreram em ondas sua coluna vertebral. Inspirou fundo e se lançou de costas para trás.

A água se fechou ao redor dele como uma manta.

No início, o frio foi a sensação dominante. Ele nunca havia sentido nada semelhante àquilo. Seu corpo parecia solidificar-se, tornar-se gelo, mármore ou rocha.

Então começou o lamento dos pulmões.

Começou com um gemido rouco, seguindo-se um ganido seco e depois um grito a ito, desesperado.

Inadvertidamente, moveu os músculos do braço e teve de reunir toda a sua força de vontade para não se impelir com as mãos no fundo do recipiente até a superfície que sabia tão próxima, como uma porta aberta para escapar do inferno gelado. Justamente quando acreditava que não poderia resistir nem mais um segundo, houve um puxão brusco e ele se viu fora da água, respirando desesperadamente pela boca, in ando de novo o peito.

Outra vez, caminhava. Continuava encharcado, os cabelos e as roupas pingando. Seu pé direito, que mantinha o sapato, fazia um ridículo som úmido ao se apoiar.

De novo a voz de Keller.

— A terceira prova é a do fogo. É a centelha do Criador, é o que nos impulsiona.

Algumas mãos o obrigaram a girar o corpo e, em seguida, a avançar. O homem que o segurava se aproximou muito, como se quisesse abraçá-lo.

— Diante de você há um círculo de fogo. Dê três passos para trás, para tomar impulso. Estenda os braços à sua frente. Depois corra e salte para a frente com todas as suas forças.

Paul começou a notar um ar quente no rosto, que secava sua pele e seus cabelos. Escutou um crepitar sinistro, e em sua imaginação o círculo ardente começou a adquirir dimensões

descomunais, até se transformar na boca de um imenso dragão.

Enquanto dava os três passos para trás, perguntou-se como poderia saltar através das chamas sem ser queimado vivo, e com ou em que a umidade de suas roupas o protegeria, se ele passasse muito perto do fogo. Ou, pior ainda, se calculasse mal o impulso e caísse de bruços bem em cima das chamas.

*Só preciso traçar uma linha no solo e saltar a partir dela*, foi o único pensamento coerente que ele conseguiu elaborar.

Procurou visualizar o salto, imaginar a si mesmo atirando-se no ar como se nada fosse capaz de machucá-

lo. Fez força com as panturrilhas, flexionou e esticou os braços. Deu três passadas para a frente.

Pulou.



## Cápítulo 30

Notou o calor abrasador junto às mãos e ao rosto enquanto estava no ar, e o chiado de sua camisa quando o fogo evaporou parte da água que a ensopava. Caiu com as mãos no solo e apalpou o rosto e o peito, buscando sinais de queimaduras. Afora os cotovelos e joelhos machucados, não havia nada.

Desta vez, não o deixaram sequer car de pé. Viu-se levantado como um saco trêmulo e foi lançado dentro de um espaço apertado.

— A última prova é a da terra, à qual temos de voltar.

Não houve conselho do guia nem maiores cerimônias. Ele escutou somente o ruído de uma pedra fechando a entrada.

Tateou ao seu redor. Estava em um compartimento reduzidíssimo, onde não podia car de pé. Agachado como estava, notou o contato de três paredes e, estendendo um pouco o braço, podia tocar a quarta e o teto.

*Calma, disse a si mesmo. Isto é o final. Dentro de alguns minutos, tudo terá terminado.*

Estava tentando regular sua respiração quando de repente escutou o teto começando a descer.

— Não!

Assim que essa palavra lhe saiu dos lábios, Paul os mordeu. Não podia falar durante nenhuma das provas, essa era a norma. Perguntou-se fugazmente se o teriam escutado do lado de fora.

Tentou fazer força com os braços para deter a descida, mas, na posição em que se encontrava, mal podia sustar o enorme peso que avançava sobre ele. Empurrou com toda a sua alma, mas era inútil. O teto continuava descendo, e ele logo precisou apoiar as costas contra o chão. Nessa postura, conseguia fazer menos força ainda.

*Preciso gritar. Pedir que PAREM!*

De repente, como se o tempo se tivesse detido, uma lembrança cruzou sua mente. Uma imagem fugaz de quando ele era um menino e retornava do colégio com a implacável certeza de que levaria uma surra ao chegar à sua casa. Cada passo que dava o aproximava mais daquilo que temia. Nem uma só vez havia recuado. Há escolhas que simplesmente não são tais.

*Não.*

Parou de empurrar.

Nesse momento, o teto começou a subir.

— Que se inicie a votação.

Paul estava de pé, agarrado de novo ao guia. As provas haviam terminado, mas ele ainda não sabia se as tinha superado. Caíra como uma pedra na prova de ar, e não como tinham ordenado. Movera-se durante a prova de água, embora fosse proibido. E falara durante a prova de terra, a falta mais grave de todas.

Um ruído começou a soar, semelhante ao agitar de um pote com uma pedra dentro.

No livro, tinha aprendido que nesse momento todos os membros presentes da loja estavam se dirigindo ao centro do Templo, onde haveria uma caixa de madeira. Nela, jogariam uma bola de mar m — branca, se dessem sua aprovação, ou preta, se a recusassem. O veredicto devia ser unânime. Bastava uma só bola preta para que o conduzissem de novo à saída, com os olhos ainda vendados.

O ruído da votação terminou e foi substituído por um repicar alvoroçado, que cessou quase instantaneamente. Paul imaginou que alguém havia vertido as bolas sobre um prato ou uma bandeja, e o resultado estaria ali, à vista de todos, menos dele mesmo. Talvez naquele momento houvesse uma solitária bola preta que inutilizava todas as provas pelas quais havia passado.

— Paul Reiner, o resultado da votação é definitivo e inapelável — trovejou de novo a voz de Keller.

Houve um momento de silêncio.

— Você foi admitido nos mistérios da Maçonaria. Tirem-lhe a venda!

Paul pestanejou quando a luz voltou aos seus olhos. Um acúmulo de sensações se produziu em suas retinas, misturado com uma euforia incontrolável. Tentou captar tudo de uma vez.

O lugar, um aposento enorme, com piso de mármore axadrezado, um altar e duas leiras de bancos encostadas às paredes.

Os membros da loja, quase uma centena de homens em trajes de gala, com elaborados aventais e medalhas, aplaudiam-no de pé com brancas mãos enluvadas.

Os instrumentos das provas eram ridiculamente inofensivos, uma vez recuperada a visão: uma escada de madeira sobre uma rede, uma banheira, dois homens segurando tochas, um caixote grande com tampa.

Sebastian Keller, no centro, junto a um altar adornado com um esquadro e um compasso, ofereceu-lhe um livro fechado para que ele prestasse juramento.

Ele pousou a mão esquerda sobre o livro, levantou a direita e jurou jamais revelar os segredos da maçonaria.

— Sob pena de que me arranquem a língua, rasguem minha garganta e enterrem meu corpo nas areias do mar — concluiu Paul.

Passeou o olhar pela centena de rostos anônimos que o rodeavam e perguntou-se quantos daqueles teriam conhecido seu pai.

E se entre eles estaria quem o tinha traído e assassinado.

## Cápítulo 31

Depois da iniciação, Paul voltou à sua vida normal. Naquela noite, retornou à pensão ao amanhecer, porque após a cerimônia todos os irmãos maçons tinham saboreado, numa sala adjacente, um banquete que se prolongara até altas horas. Sebastian Keller havia presidido à comilança da festa, pois, como Paul soube mais tarde com grande surpresa, era ele o Grão-Mestre, o cargo mais elevado da loja.

Apesar de todos os seus esforços, Paul ainda não conseguira averiguar nada sobre seu pai, de modo que decidiu deixar passar algum tempo para ganhar a confiança dos membros da loja, antes de começar a fazer perguntas. Em vez disso, dedicou todo o seu tempo a Alys.

A moça voltara a falar com ele, e os dois até começavam a sair juntos. Descobriram que tinham pouco em comum, mas, surpreendentemente, essas diferenças pareciam aproximá-los. Paul escutou com interesse o relato de como Alys tinha fugido de casa para evitar o casamento armado com o primo dele e não pôde deixar de admirar a coragem dela.

— E agora você se dedicará a quê? Não vai passar a vida inteira fazendo fotos no cabaré.

— Eu gosto de fotografia. Acho que vou tentar trabalhar para alguma agência internacional de notícias...

Pagam bem pelas fotos, embora seja complicado que aceitem alguma.

Paul, por sua vez, compartilhou com a jovem a história de seus últimos quatro anos, e como a busca da verdade sobre o que acontecera a Hans Reiner se tornara uma obsessão para ele.

— Belo casal nós formamos... — ironizou Alys. — Você tentando recuperar a memória do seu pai, e eu rezando para nunca mais voltar a ver o meu.

O jovem sorriu de orelha a orelha, mas não pela exatidão da comparação.

*Ela disse casal*, pensava.

Para tristeza de Paul, Alys ainda estava magoada por causa da cena com a meretriz do cabaré. Quando, certa noite, tentou beijá-la depois de levá-la de volta para casa, ela lhe deu um bofetão que deixou trêmulos os dentes dele.

— Caramba — disse Paul, segurando a mandíbula. — Que diabo deu em você?

— Nem pense em tentar.

— Não, se você me der outro igual. Aliás, você não bate como uma moça — disse ele.

Ao escutar isso, Alys sorriu e, puxando-o pela lapela, beijou-o. Um beijo intenso, apaixonado e

fugaz. Em seguida, com um empurrão, afastou-o e desapareceu escada acima, deixando Paul desconcertado, imóvel, com os lábios ainda entreabertos e tentando entender o que havia acontecido.

O jovem tinha de conquistar cada pequena aproximação, inclusive em temas que ele considerava básicos e simples, como ceder passagem a ela nas portas — algo que Alys especialmente não suportava —, oferecer-se para carregar um volume pesado ou pagar a conta de uma cerveja e alguns croquetes.

Duas semanas após a iniciação, Paul foi buscá-la no cabaré por volta das três da madrugada. Caminhando de volta à pensão de Alys, que não cava longe, o jovem perguntou por que diabos a incomodavam aquelas demonstrações de galanteria.

— Porque sou plenamente capaz de fazer essas coisas por mim mesma. Não preciso que ninguém me dê passagem ou me escolte até em casa.

— Bom... mas na quarta-feira passada eu não vim buscá-la no cabaré, porque adormeci, e você ficou furiosa.

— Você é tão inteligente para algumas coisas e tão estúpido para outras, Paul! — exclamou ela, agitando os braços. — Que droga, isso me dá nos nervos!

— Pois somos dois.

— Então, por que não para de correr atrás de mim?

— Porque tenho medo do que você faria, caso contrário.

Alys se deteve e o tou em silêncio. A luz dos postes e a aba de seu chapéu criavam sombras sobre seu rosto, e Paul, sem conseguir perceber de que modo ela recebera esse último comentário, temeu o pior.

Quando Alys se aborrecia por alguma coisa, os dois podiam passar dias sem se falar.

Chegaram à porta da pensão dela na Stahlstrasse sem trocar nem meia palavra. A ausência de conversa era sublinhada pelo silêncio tenso e calorento que cobria a cidade. Munique se despedia do setembro mais quente em décadas, um pequeno respiro em um ano de desgraças. A quietude das ruas, a hora avançada e a aspereza de Alys atormentavam o coração de Paul com uma estranha melancolia, e ele pressentiu que a jovem ia deixá-lo.

— Você está muito calado — disse ela, procurando as chaves na bolsa.

— Fui o último a falar.

— Acha que consegue se manter assim silencioso escada acima? Minha senhoria impõe regras

muito rigorosas sobre homens, e a safada tem um ouvido finíssimo.

— Está me convidando para subir? — perguntou Paul, boquiaberto.

— Pode ficar aqui, se quiser.

Paul quase perdeu o chapéu ao adentrar correndo na portaria.

O edifício não tinha elevador, e eles teriam que subir três andares por degraus de madeira que gemiam a cada passo. Alys subia colada à parede, por onde se fazia menos ruído, mas, mesmo assim, entre o segundo e o terceiro andar escutaram passos num dos apartamentos.

— É a bruxa! Suba, corra!

Paul se esgueirou por trás de Alys e alcançou o patamar um segundo antes de um retângulo de luz enquadrar em cheio a jovem, recortando sua figura esbelta contra a pintura descascada.

— Quem está aí? — perguntou uma voz que combinava com o rangido dos degraus.

— Olá, senhora Kasy n.

— Ah, senhorita Tannenbaum. Que hora imprópria para chegar em casa!

— A senhora sabe. O trabalho.

— Não posso dizer que aprovo esse tipo de comportamento.

— Nem eu as goteiras no meu banheiro, mas o mundo não é perfeito, senhora Kasy n.

Nesse momento, Paul se mexeu ligeiramente, e a madeira estalou sob seus pés.

— Há alguém aí em cima? — disse a senhoria, alarmada.

— Vou ver! — respondeu Alys, subindo às pressas o lance de escada que a separava de Paul e acenando-lhe para que se dirigisse ao seu apartamento. Meteu a chave na fechadura. Conseguiu abrir a porta e empurrar Paul lá para dentro justo antes que a velha, que a seguira coxeando, fosse colocando a cabeça.

— Tenho certeza de que ouvi alguém. Está com um homem aí?

— Não se preocupe, senhora Kasy n. É só um gato — disse Alys, batendo a porta na cara dela e fechando-a com o trinco e a corrente.

— A desculpa do gato nunca falha contra os importunos, hein? — sussurrou Paul, rodeando-a pelas costas com os braços e beijando-lhe o longo pescoço, logo abaixo das orelhas. Seu hálito ardia. Ela sentiu um calafrio, e a pele do braço e da perna esquerdos ficou arrepiada.

— Achei que iam nos interromper de novo, como naquele dia na banheira.

— Cale-se e me beije — disse ele, segurando-a pelos ombros e obrigando-a a se voltar.

Alys o beijou, esfregando-se contra Paul sem nenhum pudor e notando como o corpo dele lhe respondia.

O jovem quase arrancou o paletó enquanto tentava não se separar do beijo e depois atracou-se com a roupa dela.

Alys se deixou levar, agradecendo cada botão que ele conseguia abrir em seu desajeitado trajeto até a cama como uma pequena vitória que aproximava a pele dos dois. Recuperou um mínimo de orgulho quando caíram sobre o colchão e seu corpo ficou preso embaixo dele.

— Pare.

Paul se deteve no ato, tando-a com uma sombra de decepção e estranheza no rosto. Alys deslizou entre seus braços e se colocou em cima, impondo-lhe seu ritmo e tomando a iniciativa na tediosa tarefa de livrar ambos do resto da roupa. Quando já estavam os dois despidos, ela percorreu de novo com os dedos o abdome dele e voltou a fechar as mãos em torno do pênis, embora desta vez não houvesse duzentos litros de água suja entre seus olhos e aquilo que ela massageava fortemente com os dedos. Continuou fazendo isso até que Paul emitiu um gemido suave.

— Não aguento mais, Alys.

— Não se mexa.

Correu até a mesinha de cabeceira e tirou uma caixinha da gaveta. Tirou de dentro um preservativo e o encaixou no lugar apropriado com a mão trêmula. Depois montou sobre Paul.

— O que foi?

— Nada — respondeu ela.

— Você está chorando.

Alys hesitou um momento. Contar a causa de suas lágrimas seria despir-se de tudo, e ela não se achava capaz, nem mesmo num momento assim.

— É só que...

— O quê?

— Eu gostaria de ser a primeira.

Paul sorriu com timidez. Seu rosto permanecia na penumbra, mas Alys soube na hora que ele

estava ruborizado.

— Se é por isso, não se preocupe.

— Então, aquelas mulheres do cabaré...?

Paul ergueu-se sobre os cotovelos, secou as lágrimas dela com os lábios e obrigou-a a fitá-lo nos olhos.

— Você é a primeira.

Com um gemido, ela finalmente o levou até seu interior.



## Cápítulo 32

Quando recebeu de Sebastian Keller o envelope, Paul não conseguiu reprimir um estremecimento.

Os meses transcorridos desde sua entrada para a maçonaria tinham sido absolutamente decepcionantes. No princípio, entrar quase às cegas para a sociedade secreta tivera algo de romântico, de aventura emocionante.

Mas, passada a euforia inicial, Paul começava a se perguntar qual era a utilidade de tudo aquilo. Para começar, não podia falar nas reuniões da loja até que completasse três anos como aprendiz. Mas isso não era o pior, e sim o desenvolvimento dos longuíssimos rituais, que para o jovem eram uma perda de tempo.

Despojadas de formalidades, as reuniões não passavam de uma série de conferências e debates sobre simbolismo maçônico e sua aplicação prática para aperfeiçoar a virtude dos irmãos maçons. A única parte que Paul achava interessante era aquela na qual os membros decidiam em que se empregaria o óbolo, o dinheiro que era recolhido ao final de cada encontro e que os maçons destinavam a obras de caridade.

As reuniões começaram a se tornar para Paul uma penosa obrigação quinzenal que ele suportava com a intenção de poder conhecer a fundo os membros da loja. Mas até esse objetivo cava muito complicado, já que os maçons mais antigos, aqueles que seguramente haviam conhecido seu pai, sentavam-se em mesas diferentes no grande refeitório. Algumas vezes ele tentara se aproximar de Keller: queria pressionar o livreiro a lhe entregar o que o pai lhe havia deixado, mas, na loja, Keller o tratava com certo distanciamento, e na livraria desconversava educadamente.

O que Keller nunca havia feito era lhe escrever. Assim, quando a dona da pensão lhe estendeu o envelope marrom, Paul soube imediatamente que ali dentro estaria aquilo pelo que ele estivera esperando tanto tempo, fosse o que fosse.

Sentou-se na beira da cama, com a respiração entrecortada. Tinha certeza de que seria uma carta do pai para ele. Não conseguiu conter as lágrimas quando imaginou o quanto Hans Reiner devia estar encurralado para escrever uma carta ao lho de poucos meses, numa tentativa de congelar a própria voz no tempo durante duas décadas, até que o menino estivesse pronto para compreender o conteúdo.

Sem se atrever a abrir, tentou imaginar o que o pai teria a lhe dizer. Talvez lhe desse sábios conselhos.

Talvez lhe mandasse um abraço através do tempo.

*Talvez me dê pistas sobre a pessoa ou as pessoas que iam matá-lo, pensou, apertando os dentes.*

Com extremo cuidado, rasgou a aba e introduziu a mão. Dentro havia outro envelope menor, branco, e um bilhete manuscrito no verso de um dos cartões do livreiro.

Caro Paul:

Parabéns. Hans caria orgulhoso. Aqui está o que seu pai deixou comigo para você. Desconheço o conteúdo, mas espero que lhe sirva de ajuda.

S.K.

Abriu o segundo envelope e uma pequena folha branca, impressa em azul, caiu no chão. Paul cou paralisado, a meio caminho entre a decepção e o assombro ao apanhá-la e ver o que era.

### Cápítulo 33

A casa de penhores Metzger era um lugar frio, mais ainda do que a rua naquele princípio de novembro.

Paul limpou os pés no capacho antes de entrar, pois lá fora não parava de chover. Deixou o guarda-chuva no cabide e deu uma olhada curiosa ao redor. Recordava vagamente a manhã, já fazia quatro anos, em que sua mãe e ele tinham ido a uma casa de penhores de Schwabing para empenhar o relógio de seu pai. Era um lugar asséptico, com prateleiras de vidro e empregados de gravata.

A casa Metzger, contudo, era mais parecida com um descomunal balaio de gatos cheirando a naftalina.

Visto de fora, o local dava a impressão de ser pequeno e insignificante, mas, cruzado o umbral, descobria-se um aposento enorme, lotado de móveis, rádios de galena, guras de cerâmica e até uma gaiola de pássaros dourada. Por toda parte, a poeira e a ferrugem tinham se apossado dos mais variados objetos, que haviam ancorado ali pela última vez, sem a mínima possibilidade de voltarem a ser usados algum dia. Paul contemplou, assombrado, um gato empalhado no ato de pegar em pleno voo um pardal também empalhado. Entre a pata estendida do felino e a asa do pássaro se formara uma teia de aranha.

— Isto aqui não é um museu, rapaz.

Paul se voltou, sobressaltado. Ao seu lado, se materializara um velho magro e seco, envolto num guarda-pó azul que era grande para ele e acentuava ainda mais sua magreza.

— Metzger é o senhor?

— Sim, sou eu. E se o que você me traz não for de ouro, não quero.

— Na verdade, não vim empenhar, mas resgatar — respondeu Paul, com dureza. Aquele homem de modos traiçoeiros desagradava-o profundamente.

Um relâmpago de cobiça cruzou os olhinhos minúsculos do velho. Era evidente que o negócio não ia muito bem naqueles tempos.

— Desculpe, jovem... Todo dia entram aqui umas vinte pessoas achando que o antigo camafeu de cobre de sua bisavó vale alguns milhares de marcos. Mas vejamos, vejamos o que você me traz.

Paul lhe estendeu a papeleta azul e branca que havia encontrado no envelope enviado a ele pelo livreiro.

No canto superior esquerdo, estavam o nome e o endereço de Metzger, para o qual Paul se

precipitara a toda a velocidade assim que se recobrou da surpresa de não encontrar uma carta. No centro, estavam anotadas a mão quatro palavras.

Art. 91231

21 marcos

O velho apontou a papeleta.

— Falta um pedaço. Não aceitamos papeletas em mau estado.

O canto superior direito, onde deveria gurar o nome de quem havia feito o penhor, tinha desaparecido.

Só restava um rasgão de bordas irregulares.

— O número do artigo está perfeitamente legível — disse Paul.

— Mas não podemos entregar os objetos que nossos clientes depositam ao primeiro que aparecer.

— Este artigo pertencia ao meu pai.

O velho coçou o queixo, fingindo estudar a papeleta com interesse.

— Seja como for, o número é muito baixo, sem dúvida faz muitos anos que esse objeto foi penhorado.

Certamente já foi a leilão.

— Sei. E como poderíamos ter certeza?

— Suponho que, se o cliente estivesse disposto a resgatar o artigo levando em conta a inflação...

Finalmente, o prestamista abriu o jogo. Paul levou um susto e compreendeu que ele só pretendia obter o máximo de lucro. Estava decidido a recuperar o objeto, fosse o que fosse.

— Está bem.

— Então, espere aqui — disse o outro, com um sorriso de triunfo.

O velho desapareceu e voltou meio minuto depois com uma carcomida caixa de papelão, marcada com uma etiqueta amarelada.

— Aqui está, rapaz.

Paul adiantou a mão para pegá-la, mas o velho agarrou fortemente o seu pulso para impedi-lo. O

toque de sua pele enrugada e fria era repugnante.

— Que diabos o senhor está fazendo?

— Primeiro o dinheiro.

— Antes, quero ver o que há dentro.

— De jeito nenhum — disse o velho, movendo a cabeça devagar. — Eu con o em que você seja o legítimo proprietário desta caixa, e você con a em que o conteúdo dela valha a pena. Um duplo ato de fé, por assim dizer.

Paul discutiu consigo mesmo por alguns instantes, mas constatou que não tinha outra alternativa senão ceder à chantagem do prestamista.

— Solte-me.

Metzger abriu os dedos, e Paul levou a mão até o bolso interno do casaco. Puxou a carteira.

— Quanto?

— Quarenta milhões de marcos.

Era o equivalente a 10 dólares no câmbio do dia, o suficiente para alimentar uma família durante muitas semanas.

— É muito — disse Paul, apertando os lábios.

— É pegar ou largar, rapaz.

Paul suspirou. Trazia consigo o total necessário, pois no dia seguinte iria fazer alguns pagamentos para o banco. Teria de tirá-lo de seu salário dos seis meses seguintes, ou pelo menos do pouco que conseguia receber após destinar todos os lucros do negócio à associação de caridade do senhor Ziegler. Para completar, nos últimos tempos as ações tendiam a se estabilizar ou cair, e com elas todos os investidores, o que tornava cada dia mais longas as filas nos refeitórios beneficentes, sem que a crise tivesse um final à vista.

Puxou as enormes cédulas recém-impressas. Naqueles dias, o papel-moeda não envelhecia. As cédulas do trimestre anterior, já sem valor, alimentavam as lareiras de Munique, pois saíam mais baratas que a lenha.

O prestamista arrebatou-as de Paul, sem lhe dar tempo de oferecê-las. Contou-as devagar, estudando uma por uma na contraluz. Por fim, encarou o jovem e sorriu, mostrando várias falhas na dentadura.

— Satisfeito? — perguntou Paul, sarcástico.

Metzger retirou a mão.

Paul abriu a caixa com cuidado, levantando uma nuvem de poeira que cou utuando ao seu redor, dançando sob o foco de luz. Dali, extraiu outra caixa, quadrada e plana, em mogno liso e escuro. Não tinha adornos nem remates, apenas um fecho que se abria ao ser pressionado. O jovem o apertou, e a tampa se abriu devagar e em silêncio, como se não tivessem se passado 19 anos desde a última vez.

Paul sentiu um sopro gelado de medo sobre o coração ao contemplar o conteúdo da caixa.

— É melhor tomar cuidado, rapaz — disse o prestamista, de cujas mãos as cédulas tinham desaparecido, como num passe de mágica. — Você pode se meter numa confusão enorme se for encontrado na rua com esse brinquedo aí.

*O que você queria me dizer com isto, pai?*

Sobre um fundo acolchoado, recoberto de veludo vermelho, repousavam uma reluzente pistola e um carregador de dez balas.

## Cápítulo 34

— É melhor que seja importante, Metzger. Estou muito ocupado. Se for a respeito das cotas, volte outro dia.

Otto von Schroeder esperava sentado junto à lareira de seu escritório e não lhe ofereceu assento nem algo para beber. O prestamista, obrigado a car de pé e com o chapéu na mão, conteve o desconforto e fabricou uma inclinação servil e um falso sorriso.

— Na realidade, senhor barão, trata-se de outro assunto. O dinheiro que investiu todos estes anos está prestes a dar frutos.

— Ele voltou a Munique? Nagel voltou? — quis saber o barão, tenso.

— É algo mais complicado, Excelência.

— Bem, não se faça de rogado. Diga o que deseja.

— Na realidade, Excelência, antes de comunicar esta importante informação, eu gostaria de lembrar que os objetos cuja venda paralisei durante todo este tempo, com grande prejuízo econômico para meu negócio...

— Abrevie, Metzger.

— ... se revalorizaram muito. Vossa Excelência me prometeu uma quantia anual para lhe avisar se Clovis Nagel retirasse algum deles. E, com todo o respeito, Vossa Excelência não pagou nem este ano nem o anterior.

O barão baixou a voz, imprimindo-lhe um tom ameaçador.

— Metzger, não se atreva a me chantagear. O que paguei durante duas décadas compensa de sobra a sucata que guarda naquela sua ratoeira.

— O que eu posso dizer? Vossa Excelência deu sua palavra e não a cumpriu. Enfim, consideremos encerrado o trato. Boa tarde — disse o velho, colocando o chapéu.

— Espere — disse o barão, levantando o braço.

O prestamista se voltou, reprimindo um sorriso.

— O senhor barão deseja algo mais?

— Não tenho dinheiro, Metzger. Estou arruinado.

— Mas o que me diz, Excelência!

— Tenho bônus do Tesouro, que poderiam valer algo se o governo pagasse os dividendos ou restabelecesse a economia. Até lá, são papéis inúteis.

O velho olhou ao redor, entrecerrando as pálpebras.

— Bom, Excelência... suponho que, como pagamento das cotas atrasadas, eu poderia aceitar esta mesinha de bronze e mármore que está junto à sua poltrona.

— Isto vale muito mais do que a cota anual, Metzger.

O velho deu de ombros e não disse nada.

— Está bem. Fale.

— Claro que eu precisaria garantir os pagamentos dos anos vindouros, Excelência. Este aparelho de chá em prata lavrada, que está sobre a mesinha, poderia servir, suponho.

— Você é um canalha, Metzger — disse o barão, com um olhar de ódio indisfarçado.

— São apenas negócios, senhor barão.

Otto se manteve calado por alguns instantes, mas não viu outra saída que não fosse ceder à chantagem do velho.

— Você venceu. Pelo seu próprio bem, espero que valha a pena — disse, afinal.

— Hoje veio alguém retirar um dos objetos que seu amigo empenhou.

— Era Nagel?

— Não, a não ser que ele tenha descoberto um modo de rejuvenescer trinta anos de uma só vez. Era um garoto jovem.

— Disse o nome?

— Magro, olhos azuis, cabelo louro-escuro.

— Paul...

— Como eu já disse, não se identificou.

— E o que ele resgatou?

— Uma caixa de mogno com uma pistola dentro.

O barão saltou tão depressa de sua poltrona que esta virou, e o espaldar se chocou com estrépito contra a mureta da lareira.



— Como assim?! — exclamou, agarrando o prestamista pelo pescoço.

— Está me machucando!

— Fale, ou eu lhe quebro o pescoço aqui mesmo.

— Uma caixa de mogno sem enfeites — respondeu o velho, com um fio de voz.

— A pistola! Descreva-a!

— Uma Mauser C96 com punho “cabo de vassoura”. A madeira das placas laterais não era de carvalho, como no modelo original, mas de mogno, combinando com a caixa. Uma arma excelente.

— Oh, meu Deus. Como é possível? — disse o barão.

Repentinamente sem forças, soltou o prestamista e deixou-se cair no primeiro assento que encontrou.

O velho Metzger se endireitou, massageando o pescoço.

— Louco. Ele ficou louco — disse, afastando-se às pressas.

O barão não se deu conta de que o prestamista saíra. Continuava sentado, a cabeça entre as mãos, mergulhado em negros pensamentos.

Ilse estava varrendo o corredor quando a luz da luminária recortou a sombra do visitante contra o chão.

Ela soube quem era antes mesmo de levantar a cabeça e se deteve.

*Deus do céu, como será que nos encontrou?*

Ao chegar à pensão com o lho, Ilse se comprometera a pagar com seu trabalho uma parte do aluguel, pois o salário de Paul como carvoeiro não era suficiente. Mais tarde, quando transformou a mercearia de Ziegler em um banco, o jovem sugeriu que procurassem um alojamento melhor. Ilse se negou. Tinha havido um excesso de mudanças em sua vida, e ela se agarrava ao pouco que lhe dava segurança.

Uma dessas coisas era o cabo da vassoura. Paul e a dona da pensão, para quem Ilse era de pouca ajuda, haviam insistido em que parasse de trabalhar, mas ela não lhes dera ouvidos. Precisava se sentir útil de algum modo. No início, o mutismo distante no qual havia mergulhado após a expulsão do palacete tinha sido fruto da tensão nervosa; mais tarde, porém, transformara-se em uma manifestação voluntária de seu amor por Paul. Ela evitava as conversas com o lho porque temia as perguntas dele. Quando falava, era de coisas sem importância, às quais procurava imprimir toda a ternura de que era capaz. No resto do tempo, limitava-se a admirá-lo em silêncio e a distância, e a se lamentar pelo que lhe haviam arrebatado.

Por isso, sentiu uma enorme angústia ao se encontrar com uma das pessoas responsáveis por sua perda.

— Bom dia, Ilse.

Ela deu um passo cauteloso para trás.

— O que você quer, Otto?

O barão tamborilou no piso com a ponteira da bengala. Era óbvio que não se sentia à vontade naquele lugar, e que sua visita tinha um propósito sinistro.

— Podemos conversar em um local mais reservado?

— Não quero ir à parte alguma com você. Diga o que tiver de dizer e vá embora.

O barão bufou contrariado ante a negativa. Depois, apontou com desprezo ao seu redor. O papel de parede mofando, o piso levantado em alguns pontos, as lâmpadas mortíferas que criavam mais sombras do que luzes.

— Olhe para você, Ilse. Varrendo os corredores de uma pensão de terceira classe. Devia se

envergonhar.

— Varrer é varrer, tanto faz se é um palacete ou uma pensão. E há linóle mais honrados do que mármore.

— Ilse, querida, você sabe que, quando a acolhemos, estávamos em situação ruim. Eu não gostaria...

— Não continue, Otto. Eu sei de quem foi a ideia. Mas não creia que vou aceitar essa comédia que você representa, de barão marionete. Foi você quem controlou minha irmã desde o princípio, fazendo-a pagar caro pelo erro que cometeu. E pelo que você mesmo fez, escudando-se no dela.

Otto recuou um passo, assustado com a ira que as palavras de Ilse destilavam. O monóculo caiu de seu olho e ficou balançando sobre a lapela de seu casaco, como um condenado pendente da forca.

— Você me surpreende, Ilse. Me disseram que você estava...

Ilse soltou uma gargalhada sem sombra de alegria.

— Desorientada? Maluca? Não, Otto. Estou muito lúcida. Escolhi me calar durante todo esse tempo porque tenho medo do que meu filho poderia fazer se soubesse a verdade.

— Então, detenha-o. Porque ele está indo longe demais.

— Ah, foi por isso que você veio — disse ela, sem conseguir conter o desprezo. — Tem medo de que o passado o alcance.

O barão avançou para Ilse. A mãe de Paul se jogou para trás, chocando-se com a parede, enquanto Otto aproximava o rosto até que ela pôde sentir sua respiração.

— Ilse, agora me escute bem. Você é o único vínculo que existe com aquela noite. Se não o detiver antes que seja tarde demais, eu terei que romper esse vínculo.

— Vá em frente, Otto — retrucou ela, ngindo uma coragem que não tinha. — Pode me matar. Mas saiba que eu escrevi uma carta na qual conto tudo. Tudo. Se me acontecer alguma coisa, Paul a lerá.

— Mas... você não pode estar falando sério. Não pode contar isso por escrito! E se caísse em mãos erradas?

Ilse não respondeu. Limitou-se a olhá-lo xamente, pois todo o atrevimento que exibira para enfrentar o barão estava agora esgotado. Otto tentou aguentar esse olhar, um homem alto, corpulento e bem-vestido diante da mulher frágil, de roupas desbotadas, que se agarrava à vassoura para não cair.

Finalmente, o homem perdeu.

— Isto não vai ficar assim — disse Otto, virando-se e saindo com passos apressados.

— O senhor me chamou, pai?

Otto dirigiu a Jürgen um olhar receoso. Passara várias semanas sem vê-lo e ainda lhe custava identi car como seu lho aquela gura fardada que ocupava o centro da sala de jantar. De repente, tomou consciência de como os ombros de Jürgen enchiam a camisa parda, de como a braçadeira vermelha com a cruz gamada marcava um grosso bíceps, de como as botas pretas aumentavam a estatura do jovem a ponto de obrigá-lo a inclinar ligeiramente a cabeça para não bater na moldura das portas. Sentiu um ímpeto de orgulho, mas na mesma hora foi afogado por uma onda de pena de si mesmo. Não pôde evitar comparar-se com ele e sentir-se velho e cansado aos 52 anos.

— Faz muito tempo que você não vem para casa, Jürgen.

— Tenho ocupações importantes.

O barão não respondeu. Embora apreciasse os ideais nazistas, jamais acreditara muito neles. Como a grande maioria da sociedade de Munique, considerava-os um partido com poucas possibilidades, condenado à própria extinção. Se tinham chegado tão longe, era só porque contavam a seu favor com uma situação social tão dramática que os desfavorecidos acreditavam de pés juntos nos extremistas que faziam promessas mirabolantes. Mas, naquele momento, ele não tinha tempo para fazer ressalvas, pois sua própria situação era ainda mais dramática.

— A ponto de ignorar sua mãe? Ela anda preocupada. Pode-se saber onde você dorme agora?

— Nos quartéis da SA.

— Neste semestre, você deveria ter iniciado seus estudos na universidade, com dois anos de atraso! — disse Otto, balançando a cabeça. — Já estamos em novembro, e você ainda não assistiu a uma aula sequer.

— Ocupo um posto de responsabilidade.

Ouvindo-o falar, Otto constatou como os restos da imagem que conservava daquele adolescente malcriado — que pouco tempo antes ainda lançava uma xícara contra o piso de mármore porque o chá estava doce demais para seu gosto — se despedaçavam. Perguntou-se qual seria a melhor maneira de abordá-lo. Muitas coisas dependiam de que o jovem cumprisse suas ordens.

Havia passado várias noites em claro, virando-se desassossegadamente no colchão e meditando sobre o assunto antes de decidir chamar o filho.

— Um posto de responsabilidade, você diz.

— Eu protejo o homem mais importante da Alemanha.

— O homem mais importante da Alemanha — macaqueou o pai. — Você, o futuro barão von Schroeder, como guarda-costas de um obscuro cabo austríaco com pretensões de grandeza. Deve estar orgulhoso, não?

Jürgen estremeceu como se tivesse acabado de receber uma bofetada. Por um instante, seu olhar oscilou como uma chama agitada por um vento forte. Seu único olho tremia de fúria.

— Você não compreende...

— Chega. Quero lhe pedir algo importante. Não posso con ar em mais ninguém além de você para fazer isso.

O jovem cou confuso ante aquela mudança de rumo na discussão. A réplica lhe morreu nos lábios, substituída pela curiosidade.

— O que é?

— Encontrei sua tia e seu primo.

Jürgen não respondeu. Sentou-se junto do pai, tirou o tapa-olho e deixou descoberto o vazio antinatural que a pele enrugada das pálpebras mal dissimulava. Acariciou devagar aquela área.

— Onde? — perguntou com voz fria, ausente.

— Numa pensão de Schwabing. Mas proíbo você de pensar em vingança, nem mesmo por um instante.

Agora, temos algo muito mais importante para fazer. Quero que você vá ao quarto de sua tia, reviste tudo e me traga todos os papéis que encontrar. Principalmente, os escritos a mão. Cartas, anotações, qualquer coisa.

— Por quê?

— Não posso dizer.

— Não pode dizer! Você me chama, me pede ajuda depois de ter se negado a perseguir quem me fez isto, o mesmo que deu uma pistola ao meu irmão doente para ele explodir a cabeça. Proíbe que eu busque uma justa vingança, e espera que eu lhe obedeça sem uma só explicação!

— disse Jürgen, elevando progressivamente o tom de voz, até acabar gritando.

— Você fará o que eu mandar, se não quiser ser deserdado!

— Faça isso, pai. Nunca gostei de dívidas. E a única coisa de valor que me resta você não pode me tirar: a lei. Portanto, herdarei seu título de barão, quer você queira quer não.

Jürgen atravessou a porta da sala, bateu-a com força e cruzou o vestibulo. Já ia saindo para a rua

quando uma voz o deteve.

— Espere, filho.

Virou-se. Brunhilda descia a escada, aproximando-se.

— Mãe — disse o jovem, engolindo em seco.

Ela chegou junto dele e o beijou na face. Precisou car na ponta dos pés para fazer isso. Ajeitou-lhe a gravata preta sobre a camisa e estendeu as pontas dos dedos para acariciar o lugar que antes fora ocupado pelo olho direito. Jürgen, ao notar o contato, recuou e colocou de novo o tapa-olho.

— Você deve fazer o que seu pai lhe pediu.

— Eu...

— Deve obedecer, Jürgen. Ele se sentirá orgulhoso de você. E eu também.

Brunhilda continuou falando durante longo tempo. A voz dela era doce, mais do que Jürgen havia acreditado ser possível. Reunia imagens e sensações que ele não experimentava havia muito. Ele sempre fora o favorito da mãe. Brunhilda sempre o tratara de maneira diferente, nunca lhe negara nada. Jürgen desejou se aninhar no colo dela, como quando era criança e o verão era infinito.

— Quando?

— Amanhã.

— Amanhã é dia 8 de novembro, mãe. Não posso...

— Tem que ser amanhã à tarde. Seu pai andou vigiando a pensão, e nesse horário Paul nunca está.

— Mas eu tenho um compromisso!

— Por acaso existe algo mais importante do que sua própria família, Jürgen?

Brunhilda se esticou de novo na ponta os pés e aproximou as mãos do rosto dele. Desta vez, Jürgen não fugiu ao contato.

— Suponho que poderia fazer isso, se me apressar.

— Bom menino. E, quando tiver os papéis — disse ela, baixando a voz até transformá-la num sussurro

—, traga-os primeiro para mim. Sem dizer nada ao seu pai.



## Cápítulo 37

Da esquina, Alys observou Manfred descendo do bonde. Como todas as semanas havia dois anos, plantara-se nos arredores de sua antiga casa, na expectativa de ver o irmão por alguns instantes. Em todo aquele tempo, nem uma vez tinha sentido tão imperiosamente a necessidade de se aproximar, falar com ele, finalmente ceder e retornar à casa. Perguntou-se o que seu pai faria se a visse aparecer.

*Não posso fazer isso, muito menos nesta... situação. Seria como dar razão a ele de nitivamente. Seria como morrer.*

Com o olhar, seguiu Manfred, que estava se tornando um adolescente charmoso. Um cabelo rebelde brotava sob o boné. Ia com as mãos nos bolsos e, embaixo do braço, levava o caderno de partituras.

*Com certeza, continua sendo péssimo ao piano,* pensou Alys, com uma mistura de irritação e saudade.

Manfred caminhava pela calçada e, antes de chegar à portaria do edifício, parou na confeitaria. Alys sorriu. Vira-o fazer isso pela primeira vez dois anos antes, desde que descobrira casualmente que às quintas-feiras o irmão voltava das aulas de piano usando o transporte público em vez do Mercedes com chofer do pai, que àquela hora estava ocupado. Meia hora depois, Alys entrou na confeitaria e subornou uma empregada para que, na semana seguinte, desse a Manfred um pacote de balas com um bilhete dentro.

Rabiscado às pressas no verso do papel de embrulhar doces, dizia: Sou eu. Venha todas as quintas, eu lhe escreverei um bilhete. Pergunte sempre por Ingrid e entregue a ela a resposta.

Com amor, A.

Durante sete dias, aguardara impaciente, temerosa de que o irmão não quisesse lhe responder ou estivesse aborrecido com a maneira pela qual ela fora embora sem se despedir. A resposta, porém, foi típica de Manfred. Como se tivesse acabado de vê-la dez minutos antes, começava com uma piada engraçada sobre suíços e italianos e terminava contando coisas do colégio e do tempo que passara sem ter notícias dela.

Embora voltar a ter notícias do irmão a enchesse de felicidade, havia uma frase, a última, que veio com rmar seus piores temores:

Papai continua à sua procura.

Alys saiu correndo da confeitaria, temendo que alguém pudesse reconhecê-la. Apesar do perigo, voltou toda semana, mas sempre enterrando o chapéu até as sobranceiras e usando um casaco ou um lenço que lhe dissimulasse as feições. Nunca levantava o rosto para a janela do pai, por medo de que ele estivesse olhando e a reconhecesse. E a cada semana, por mais terrível que

fosse sua situação, sentia-se reconfortada pelos sucessos cotidianos, pelas pequenas vitórias e grandes derrotas da vida de Manfred. Quando ele ganhou uma medalha de atletismo aos 12 anos, ela chorou de felicidade. Quando ele levou uma surra no pátio do colégio porque enfrentou vários meninos que o tinham chamado de “judeu sujo”, ela rugiu de cólera. Por mais tênue que fosse, o fio daquelas cartas a ligava à lembrança de um passado feliz.

Naquela quinta-feira, 8 de novembro, Alys esperou um pouco menos que o habitual, pois temia que, se continuasse perto da Prinzregentenplatz por muito tempo, as dúvidas acabassem conquistando sua alma, levando-a a optar pela solução mais fácil e mais equivocada. Entrou no local, pediu um pacote de balas de menta, como sempre, e pagou o triplo do preço, como sempre. Em geral, esperava estar de novo no bonde, mas nesse dia procurou logo o bilhete metido no celofane e o abriu dissimuladamente. Só havia quatro palavras, mas foram suficientes para que suas mãos começassem a tremer.

Ele me descobriu. Corra.

Precisou dominar-se para não gritar.

*Baixe a cabeça, caminhe devagar, não olhe para os lados. Talvez não estejam vigiando a loja.*

Abriu a porta do local e colocou um pé na rua. Sem conseguir se conter, olhou para trás enquanto se afastava.

Dois homens de gabardina e chapéu a seguiam, a menos de 50 metros de distância. Um deles, ao perceber que ela os vira, fez um sinal ao outro e ambos apertaram o passo.

*Merda!*

Alys tentava andar o mais depressa possível sem correr. Bastaria que um policial a parasse e eles a alcançariam, e então estaria perdida. Com certeza, eram detetives contratados pelo pai, que inventariam uma história qualquer para retê-la ou levá-la ao domicílio familiar. Legalmente, não era maior de idade — ainda faltavam 11 meses para completar 21 anos —, e portanto, se isso acontecesse, estaria totalmente à mercê do pai.

Atravessou a rua sem parar para olhar. Uma bicicleta passou rente a ela e agitou sua saia. O garoto que pedalava perdeu o controle e caiu, freando os perseguidores de Alys, que se viram obrigados a desviar da bicicleta tombada.

— Está maluca ou o quê? — gritou o garoto ainda no chão, massageando os joelhos doloridos.

Alys olhou de novo para trás e viu que os dois homens haviam conseguido atravessar, aproveitando um vazio no tráfego. Agora estavam a menos de 10 metros e rapidamente encurtavam a distância.

*Um quarteirão até o bonde. Só um.*

Maldisse seus sapatos, que tinham sola de madeira e deslizavam ligeiramente na calçada encharcada naquela tarde chuvosa. A bolsa de couro e papelão na qual guardava a câmera lhe golpeava os quadris, e ela se agarrou à alça, que usava a tiracolo.

Estava claro que não ia conseguir se não se esforçasse para pensar numa saída. Já podia sentir as pisadas de seus perseguidores. Se um deles esticasse o braço, poderia segurá-la a qualquer momento.

*Não pode ser. Não assim, tão perto de conseguir.*

Naquele momento, dobrou a esquina diante dela um grupo de colegiais de uniforme encabeçado por um professor que acompanhava as crianças à parada militar. As crianças, umas vinte em perfeita formação, interpunham-se entre ela e a rua. Agora, não havia outro remédio, exceto dar-se por vencida.

*A não ser...*

Meteu a mão esquerda no bolso do casaco até apalpar o pacote de balas que acabara de comprar na confeitaria e rasgou o celofane com as unhas. Tirou um bom punhado e mostrou as formas arredondadas e verdes às crianças que bloqueavam a passagem.

— Ei, meninos, quem quer balas?

Todos levantaram o braço ao mesmo tempo e começaram a gritar. Alys lançou o punhado para o alto e se meteu entre os garotos, aproveitando a confusão e a ruptura das leiras. Quando estava no meio deles, puxou outro punhado e também o lançou para cima. As crianças brigavam para pegar as balas, e Alys conseguiu atravessar para o outro lado bem a tempo. O bonde rodava nos trilhos, fazendo soar a campainha enquanto se aproximava. O professor tentava elevar a voz acima da gritaria das crianças, que estavam se divertindo como nunca com aquela incomum alteração da ordem.

Alys, estendendo a mão, agarrou-se à barra do bonde e apoiou o pé no degrau. O condutor reduziu levemente a marcha para que ela pudesse subir, e, assim que se sentiu segura no veículo lotado, Alys se voltou para olhar a rua.

Seus perseguidores não estavam em lugar nenhum.

Dando um suspiro de alívio, Alys pagou e rmou-se na barra com mãos trêmulas, completamente alheia às duas figuras de chapéu e gabardina que nesse momento tomavam o bonde pela parte traseira.

Paul a esperava na Rosenheimerstrasse, perto da Ludwigsbrücke. Quando a viu descer do bonde, foi beijá-la, mas se deteve ao ver aquele rosto preocupado e abraçou-a.

— O que houve?

Alys fechou os olhos e deixou-se envolver pelos fortes braços de Paul. Em tão confortável refúgio, não percebeu que seus perseguidores desciam do bonde e entravam numa cafeteria próxima. Paul, na expectativa das palavras de Alys, não prestou a menor atenção àqueles homens que, para ele, eram apenas mais dois transeuntes.

— Fui pegar a carta do meu irmão, como todas as quintas, mas parece que alguém me seguiu. Não posso mais usar esse método.

— Isso é terrível. Você está bem?

Alys hesitou antes de responder. Devia contar tudo a ele?

*Seria tão fácil dizer... Simplesmente abrir a boca e deixar que saíssem aquelas duas palavras. Tão fácil e tão impossível.*

— Sim, acho. Consegui despistá-los antes de tomar o bonde.

— Bom... acho que você devia cancelar o compromisso desta noite — disse Paul, pensativo.

— Não posso fazer isso, Paul. É meu primeiro trabalho.

Após meses de insistência, nalmente havia conseguido a atenção de alguém no *Munchen Allgemeine*, um jornal de tiragem média cujo chefe de fotogra a a mandara ir naquela tarde à Burgerbräukeller. Nessa cervejaria, que cava a menos de trinta passos de onde eles se encontravam, o comissário da Baviera Gustav von Kahr faria um discurso dali a meia hora. Para Alys, deixar de estar escravizada às noites no cabaré e poder viver daquilo de que mais gostava, a fotografia, era um sonho.

— Mas depois do que aconteceu... podíamos ir para seu cantinho, nos meter embaixo dos cobertores, e eu a consolaria — sussurrou Paul ao ouvido dela, com voz sedutora.

— Esta é a única coisa em que você consegue pensar? — disse Alys, separando-se dele com um empurrão.

— Eu apenas...

— Você, nada! Tem ideia de como o trabalho desta noite é importante para mim? Venho há meses esperando uma oportunidade dessas!

— Calma, Alys. Não precisa fazer uma cena.

— Não me mande ter calma, imbecil! Você é que precisa de uma ducha fria! Ou acha que eu não notei quando me abraçou?

— Alys, por favor. Você está exagerando — disse Paul, sem compreender nada.

— Exagerando. Era só o que me faltava ouvir — bufou a jovem, virando-se e dirigindo-se à cervejaria.

— Espere! Não íamos tomar um café?

— Tome você.

— Quer que eu a acompanhe, pelo menos? Essas reuniões políticas costumam ser perigosas, as pessoas bebem e às vezes acontecem brigas.

Assim que essas palavras saíram de sua boca, Paul teve consciência de que acabava de meter os pés pelas mãos. Desejou poder capturá-las no ar, mastigá-las e engoli-las de volta, mas era tarde demais.

— Não preciso de sua proteção, Paul, muito obrigada — respondeu Alys, com a voz gelada.

— Desculpe, Alys. Na verdade, eu não queria...

— Boa tarde, Paul — disse ela, deixando-o com a desculpa nos lábios e unindo-se à maré de pessoas que entravam no local.

Paul, sozinho no meio de uma rua abarrotada, teve vontade de estrangular alguém, de gritar, de dar chutes no chão e chorar, tudo ao mesmo tempo.

Eram sete da tarde.

Omais difícil havia sido esgueirar-se na pensão.

A senhoria circulava pela portaria como um cão de caça, de macacão e vassoura. Jürgen teve de aguardar umas duas horas, passeando pela vizinhança e olhando de esquelha a entrada do prédio ao passar. Não podia se arriscar a fazê-lo abertamente, pois devia evitar que o reconhecessem depois. Na rua movimentada, era difícil que alguém se xasse naquele homem de casaco e chapéu pretos que caminhava com um jornal embaixo do braço.

No jornal dobrado, escondera seu cassetete. Por medo de que caísse, apertava-o com tanta força contra a axila que no dia seguinte teria uma considerável mancha roxa. Sob as roupas de civil, vestia o uniforme marrom das SA, que chamaria atenção demais em um bairro cheio de judeus como aquele. Levava o boné num bolso e deixara as botas no quartel, escolhendo em vez delas sapatos fortes.

Finalmente, após muitas passadas, conseguiu encontrar uma falha na defesa. A senhoria deixou a vassoura apoiada na parede e sumiu por uma portinha interna, talvez para preparar o jantar. Jürgen aproveitou para entrar sorrateiramente e trotar escada acima, até o último andar. Depois de passar por vários patamares e corredores, seguindo indicações de velhas placas de madeira com aspecto de estarem ali havia mais de um século, viu-se diante da porta de Ilse Reiner.

Bateu com os nós dos dedos.

*Se ela não estivesse, talvez fosse tudo mais fácil*, pensou Jürgen, ansioso por concluir quanto antes aquela tarefa e atravessar até a margem leste do Isar, onde deveria estar duas horas antes, pois para lá haviam sido convocados os membros da *Stosstrupp*. Aquele era um dia transcendental, histórico, e ele estava perdendo tempo em intrigas que lhe importavam bem pouco.

*Se ao menos eu tivesse podido lidar com Paul... isto seria diferente.*

Um sorriso lhe cruzou o rosto. No mesmo instante, sua tia abriu a porta e o tou diretamente nos olhos.

Talvez lesse neles a traição e o assassinato, talvez sentisse medo da presença de Jürgen ali. Fosse o que fosse, reagiu tentando fechar rapidamente a porta.

Jürgen foi mais ágil. Conseguiu meter a mão esquerda bem a tempo. A dobradiça lhe golpeou com força os nós dos dedos e o jovem conteve um grito de dor, mas o dano já estava feito. Por mais que Ilse pressionasse para fechar, seu pequeno e frágil corpo nada pôde contra a brutalidade que Jürgen empregou.

Apoiou seu peso sobre a porta, e tanto a corrente que a protegia como sua tia foram lançadas ao chão.

— Se gritar, eu mato você, sua velha — disse Jürgen em voz baixa e grave.

— Tenha mais respeito. Sou mais jovem do que sua mãe — disse Ilse ainda no chão, dividida entre o medo e o orgulho ferido.

Jürgen não respondeu. Seus dedos sangravam, a pancada havia sido mais forte do que parecia. Deixou o jornal com o cassete no chão e se aproximou da cama, caprichadamente feita. Rasgou um pedaço do lençol. Estava atando-o em torno da mão quando Ilse, acreditando-o distraído, cou de pé e abriu a porta.

Mas, justamente quando ela ia começar a correr, Jürgen puxou-a com força pelo vestido, fazendo-a cair de novo.

— Boa tentativa. Podemos conversar?

— Você não veio aqui para conversar.

— É verdade.

Puxando-a fortemente pelo cabelo, obrigou-a a levantar-se e a olhá-lo diretamente.

— Onde você guarda seus papéis, tia?

— Típico do barão — bufou Ilse. — Mandar você para fazer o que ele não se atreve a fazer. Sabe o que ele o mandou buscar?

— Vocês e seus segredos. Não, meu pai não me disse nada, só me pediu todos os seus papéis. Por sorte, minha mãe foi mais específica. Tenho que pegar uma carta sua, cheia de mentiras, e outra de seu marido. E

quero-as imediatamente.

— Não pretendo lhe dar nada.

— Você parece não ter entendido o que eu estou disposto a fazer, tia.

Tirou o casaco e o deixou sobre uma cadeira. Levou a mão às costas e puxou uma faca de caça de cabo vermelho. À luz do lampião, a lâmina desprende um tímido brilho prateado, que se refletiu nos olhos trêmulos de Ilse.

— Você não se atreverá.

— Oh, sim, creio que sim.

Apesar de suas bravatas, foi-lhe mais difícil do que ele havia imaginado. Aquilo não era como uma luta em uma taberna, na qual deixava os instintos e a adrenalina assumirem o controle

enquanto sua cabeça pilotava uma máquina selvagem e brutal.

Quando agarrou o braço direito da mulher e o segurou com força contra a mesinha, quase não sentiu emoção alguma. Somente uma tristeza de agudos dentes em forma de serra. Raspou-lhe o fundo do estômago, com a mesma piedade com que ele aplicou a faca contra os dedos dela e seccionou o indicador com dois cortes não muito limpos.

Ilse berrou de dor, mas Jürgen estava preparado e tampou-lhe a boca com sua manzorra. Perguntou-se onde estava a emoção da violência, aquela que o levava às SA.

*Será a ausência de desafio? Este velho corvo assustado não representa nenhum, é claro.*

Pouco a pouco, o berro afogado sob a palma de Jürgen foi se transformando em um soluço inaudível. O rapaz cravou os olhos nas pálpebras lacrimejantes da mulher, tentando obter da situação o mesmo prazer que havia sentido duas semanas antes, ao quebrar os dentes do jovem comunista, mas foi em vão. Deu um suspiro resignado.

— Vai colaborar agora? Isto não é agradável para ninguém.

Ilse fez que sim com decisão.

— Muito bom. Então, me entregue o que pedi — disse ele, soltando-a.

Ela se afastou de Jürgen e, com passo vacilante, caminhou até o armário. A mão mutilada, apertada contra o peito, deixava uma mancha crescente no vestido creme. Sem desgrudá-la, Ilse procurou entre suas roupas até encontrar um pequeno envelope branco.

— Esta é a minha carta — disse, estendendo-a a Jürgen.

O jovem pegou o envelope, em cuja superfície ficara uma risca sangrenta. No anverso aparecia o nome de seu primo. Rasgou uma lateral do envelope e extraiu cinco folhas escritas à mão, com letra apertada e redonda. Quase não havia riscos ou borrões.

Jürgen deu uma olhada por alto nas primeiras linhas, mas em seguida foi atraído pelo que leu nelas e continuou. Lá pelo meio do texto, seus olhos se arregalaram, e ele começou a respirar agitadamente. Dirigiu a Ilse um olhar desconfiado e transtornado, sem conseguir acreditar no que tinha diante de si.

— Isto é mentira! Uma mentira asquerosa! — disse, avançando para a tia e colocando-lhe a faca na garganta.

— Não é, Jürgen. Lamento que tenha sabido assim — disse ela.

— Lamenta? Está com pena de mim? Eu acabo de cortar seu dedo, velha! O que vai me impedir de lhe rasgar a garganta agora? Diga que é mentira! — insistiu Jürgen, baixando a voz até o nível



de um sussurro frio que deixou Ilse de cabelos em pé.

— Fui vítima dessa verdade durante muitos anos. Em parte, foi ela que o transformou no monstro que você é agora.

— Ele sabe?

Esta última pergunta foi demais para Ilse. Ela cambaleou, tonta pelas emoções e pela perda de sangue, e Jürgen teve de segurá-la para que não caísse.

— Não vá desmaiar agora, sua velha insignificante!

Havia perto uma bacia com água. Jürgen jogou a tia na cama e derramou o líquido na cara dela. Ilse se recobrou um pouco.

— Já chega — disse debilmente.

— Responda. Paul sabe?

— Não.

Jürgen a deixou recuperar-se durante alguns instantes. Por m, havia achado a emoção, embora não da forma que esperava. Uma onda de sentimentos lhe varria a cabeça enquanto ele lia a carta, desta vez até o final.

Quando acabou, voltou a dobrar cuidadosamente as páginas e guardou-as no bolso. Agora compreendia por que o pai o encarregara com tanta insistência de obter aquele papel, e por que a mãe pretendia que ele o levasse a ela primeiro.

*Quiseram me usar. Achem que sou imbecil. Mas ninguém terá esta carta além de mim... E vou usá-la no momento certo. Ah, sim. Quando menos esperarem.*

Mas havia algo mais que ele devia obter. Caminhou devagar até a cama e se inclinou sobre o colchão.

— Quero a carta de Hans.

— Não a tenho. Juro por Deus. Seu pai sempre a procurou, mas não está comigo, nem sequer tenho certeza de que exista — disse Ilse, que voltava a soluçar, agarrando a mão mutilada.

— Não acredito em você — mentiu Jürgen. Ilse não parecia ser capaz de esconder nada no estado em que se encontrava, mas ainda assim ele quis saber que reação sua incredulidade provocava nela. Exibiu de novo a face diante de seu rosto.

Quase sem forças, Ilse tentou afastar-lhe a mão, mas era como se uma criança empurrasse uma tonelada de granito.

— Deixe-me. Pelo amor de Deus, já não me fez o bastante?

Jürgen deu uma olhada ao redor. Afastando-se da cama, pegou o candeeiro aceso sobre a mesa próxima e lançou-o contra o fundo do armário. O vidro se despedaçou, derramando querosene ardente sobre a roupa e os sapatos.

Voltou para junto da cama e tou Ilse nos olhos, disposto a não perder nenhum detalhe daquele momento. Apoiou a ponta da faca contra o ventre dela. Respirou fundo.

Depois afundou a lâmina até a empunhadura.

— Agora, sim.

## Cápítulo 39

Após a desagradável discussão com Alys, Paul estava de péssimo humor. Optou por não dar importância ao frio e voltar para casa caminhando, naquele que seria o erro que ele mais lamentaria na vida.

Ao longo dos 7 quilômetros entre a cervejaria e a pensão, nos quais levou quase uma hora, Paul mal prestou atenção ao que o rodeava. Sua cabeça estava perdida na conversa com ela, imaginando possíveis frases que talvez tivessem levado a um resultado diferente. Num minuto ele desejava ter sido conciliador a tempo, e no minuto seguinte queria ter dado uma réplica que causasse verdadeira mágoa em Alys, para que ela compartilhasse o que havia feito a ele. Perdido na espiral interminável do amor, não se deu conta do que estava acontecendo até chegar a poucos passos da portaria.

Então sentiu o cheiro da fumaça e viu as pessoas correndo e o carro de bombeiros diante do edifício.

— Aonde vai, insensato?

Paul levantou a vista. Havia um incêndio no último andar.

— Oh, meu Deus. Mamãe!

Do outro lado da rua havia uma multidão crescente, composta por curiosos e por hóspedes da pensão.

Paul correu em direção a eles, procurando rostos conhecidos e chamando Ilse aos gritos. Finalmente deu com a senhoria, sentada no meio-fio, com a cara manchada de fuligem, na qual as lágrimas formavam sulcos.

Paul sacudiu-a pelos ombros.

— Minha mãe! Onde está?

Incapaz de olhá-lo nos olhos, a senhoria começou a chorar.

— Não saiu ninguém do quarto andar. Ai, se meu pai, que descansa em paz, visse como está cando o edifício dele!

— E os bombeiros?

— Ainda não subiram, mas não podem fazer nada. O fogo bloqueou a escada.

— E do outro terraço? O do número 22?

— Pode ser — disse a mulher, retorcendo de angústia as mãos calosas. — Pode-se pular de lá

para cá. Às vezes, os filhos da zeladora vêm caçar gatos em nosso terraço...

Paul não escutou o nal da frase, pois já corria para a portaria vizinha. Na entrada havia um policial com cara de poucos amigos, interrogando uma das inquilinas da pensão. Franziu o cenho ao ver Paul correndo até onde ele se encontrava.

— Aonde acha que vai, cavalheiro? Estamos desaloj... Ei!

O jovem afastou o policial com um empurrão que o jogou ao solo.

O imóvel tinha cinco andares, um a mais que a pensão. Todos os aposentos eram residências particulares, embora devessem estar vazias naquele momento. Os passos de Paul ressoavam como toques de tambor enquanto ele subia quase às apalpadelas, porque a zeladora devia ter cortado a eletricidade do edifício.

No último andar, precisou se deter, porque não via em nenhum lugar o acesso ao terraço, até compreender que para subir precisava abrir um alçapão que cava no meio do corredor. Deu um salto, na tentativa de segurar o puxador que o fazia descer, mas ainda faltavam uns 60 centímetros para alcançá-lo.

Desesperado, buscou alguma coisa onde pudesse subir, mas não havia nada que servisse.

*Não me resta outro remédio a não ser arrombar a porta de algum apartamento.*

Partiu contra a mais próxima. Tentou golpeá-la com o ombro, tal como havia lido nos romances de Sax Rohmer, mas não obteve outro resultado além de uma dor aguda que se estendeu pelo braço, entorpecendo-o por vários minutos.

Começou a chutar a porta na altura da fechadura, e nalmente, após meia dúzia de golpes, ela se abriu.

Paul agarrou a primeira coisa que encontrou à mão na sala escura, que era uma cadeira. Em cima dela, conseguiu alcançar o puxador e fazer descer uma escada de madeira, pela qual subiu ao terraço.

Ali, o ar estava irrespirável. O vento jogava toda a fumaça contra aquela área, e Paul teve de cobrir a boca com o lenço para poder continuar avançando. Esteve a ponto de cair pelo vão entre os dois edifícios — um espaço de pouco mais de um metro. Mal enxergava o terraço vizinho.

*De onde diabos eu pulo?*

Puxou do bolso sua penca de chaves e lançou-a diante de si, traçando um arco. As chaves provocaram um ruído que Paul identificou como de pedra ou madeira, e pulou naquela direção.

Durante um breve instante, sentiu como se seu corpo utuasse no meio da fumaça. Depois caiu sobre as mãos e os joelhos, machucando as palmas e rolando para um lado. Finalmente estava no

edifício da pensão.

*Aguenta, mamãe. Já estou aqui.*

Precisou caminhar com as mãos estendidas até conseguir sair da zona enfumaçada, que era a mais próxima da rua. Até mesmo através dos sapatos, sentia o intenso calor que o teto desprendia. Em direção ao interior, havia um vão onde a fumaça clareava. No fundo havia um toldo, uma velha cadeira de balanço sem pés e aquilo que Paul estivera buscando desesperadamente.

*O acesso ao andar inferior!*

Correu para lá, temendo encontrá-lo fechado a chave. As forças começavam a lhe falhar, e ele sentia as pernas pesadas como se aquele terraço estivesse coberto de melação. Quando chegou à porta, teve de parar uns instantes para recuperar o fôlego.

*Meu Deus, por favor, que o fogo não tenha se espalhado até o quarto dela. Por favor, mamãe, diga que foi rápida o suficiente para abrir a torneira da pia e tapar as frestas da porta com algo molhado.*

A porta do acesso estava entreaberta, e no vão da escada havia fumaça, embora suportável. Ele desceu às pressas e, no penúltimo degrau, tropeçou num volume ao qual não deu muita atenção. Seguiu adiante, acreditando reconhecer o lugar em que se encontrava pelo desenho de um tapete sujo e gasto que havia aos seus pés. Tinha de percorrer aquele corredor até o nal e em seguida dobrar à direita, e estaria diante do quarto da mãe.

Tentou avançar, mas era impossível. Ali, a fumaça havia adquirido uma cor alaranjada e suja. Não havia ar e, embora estivesse coberto pelo casaco e pelas luvas, sentia na pele o calor do fogo, tão forte que não foi capaz de dar nem mais um passo.

— Mamãe! — disse, querendo gritar, mas a única coisa que saiu de sua garganta foi um gemido seco, sufocado e lastimoso.

O papel de parede começou a arder ao seu lado, e o jovem se deu conta de que seria cercado pelo fogo se não se apressasse a sair dali. Voltou sobre seus passos, e as chamas, que não tinham estado presentes quando ele descera, iluminaram o vão da escada. Paul compreendeu então em que volume havia tropeçado e o que eram aquelas manchas escuras sobre o tapete.

No solo, caída junto ao primeiro degrau, estava sua mãe. E estava ferida.

— Não! Mamãe!

Agachou-se junto dela, buscando-lhe o pulso. Ilse pareceu reagir e conseguiu olhá-lo.

— Paul — disse, com um fio de voz.

— Você tem que aguentar, mamãe! Vou tirá-la daqui!

O jovem ergueu do chão aquele corpo frágil e correu escada acima. Ao sair, afastou-se tanto quanto pôde da escada, mas ainda assim logo percebeu que a zona livre de fumaça era cada vez mais reduzida.

Paul se deteve, completamente bloqueado. Não podia atravessar a densa cortina de fumaça com a mãe naquele estado, muito menos saltar o espaço entre os edifícios às cegas e com ela nos braços. Tampouco podia car ali. Diante dele, seções inteiras do teto haviam despencado, e nas bordas do buraco dançavam afiadas lanças vermelhas. As chamas afundariam o telhado em questão de minutos.

— Tem que aguentar, mamãe. Vou tirá-la daqui, levá-la a um hospital e você cará bem. Juro. Mas você tem que aguentar.

— O chão... — disse Ilse, tossindo debilmente. — Desça-me...

Paul se ajoelhou e apoiou as pernas dela no solo, para que casse mais confortável. Pela primeira vez conseguiu se deter para ver o estado em que sua mãe se encontrava. O vestido cheio de sangue. O dedo seccionado na mão direita.

— Quem fez isto? — perguntou, com um esgar de raiva.

A mulher mal conseguia falar. Seu rosto estava lívido, e os lábios tremiam. Arrastara-se para fora do quarto, fugindo das chamas na direção correta por pura casualidade, deixando uma trilha de sangue atrás de si. O ferimento, que a obrigara a avançar de gatinhas, paradoxalmente a conservara com vida durante mais tempo, já que nessa posição seus pulmões tinham absorvido menos fumaça. Mas esta acabara enchendo até a parte traseira do edifício, e no corpo de Ilse Reiner só restava um sopro de vida.

— Quem, mamãe? — repetiu Paul. — Foi Jürgen?

Ilse abriu os olhos. Estavam tão vermelhos que Paul demorou a dar-se conta de que ela havia feito isso.

— Não...

— Então, quem? Você o reconheceu?

Ilse ergueu uma mão vacilante para o rosto do lho, acariciando-o debilmente. As pontas de seus dedos estavam frias, mas o queimaram na pele da alma como se zessem parte do incêndio que rugia embaixo.

Cheio de dor, Paul soube que aquela era a última vez que sua mãe o tocara e sentiu medo.

— Não foi...

— Quem?

— Não foi Jürgen.

— Diga, mamãe. Diga quem. Vou matá-lo.

— Você não deve...

Um novo ataque de tosse cortou em seco as palavras de Ilse. Seus braços caíram inertes sobre os ancos.

O filho tentou abaná-la com a mão, mas o ar estava tão quente que o patético gesto não teve efeito algum.

— Você não deve fazer mal a Jürgen, Paul.

— Por que, mamãe?

Sua mãe lutava para respirar, mas também consigo mesma. Paul viu a dor e a luta nos olhos dela. Ilse precisou fazer um enorme esforço para reunir ar nos pulmões. Mais ainda, porém, para arrancar do coração suas quatro últimas palavras.

— Ele é seu irmão.

*Irmão.*

Sentado na beira da calçada, perto do lugar onde menos de uma hora antes estava a dona da pensão, Paul meditava sobre aquela palavra. Em menos de trinta minutos, seu mundo havia virado de cabeça para baixo duas vezes, com a morte da mãe e a revelação que ela lhe fizera com seu último alento.

Quando Ilse morreu, o jovem abraçou-a e cou tentado a se deixar morrer. Simplesmente car quieto até que as chamas devorassem o solo sob seus pés.

*Isto é a vida. Correr sobre um terraço que está condenado a desabar*, pensou Paul, tomado por uma dor amarga, negra e espessa como petróleo.

Foi medo o que o reteve naquele terraço durante os instantes seguintes à morte da mãe? É possível que ele temesse voltar a um mundo no qual estaria sozinho. Talvez, se as últimas palavras de Ilse tivessem sido “Eu o amo muito”, Paul se tivesse deixado morrer. Mas a a rmação dela sobre Jürgen dava um sentido completamente diferente às perguntas que o haviam atormentado durante toda a sua existência.

O que o zera reagir? Teria sido o ódio, a sede de vingança ou a necessidade de saber? Talvez uma mistura dos três. O fato é que Paul deu um último beijo na testa da mãe e correu para a extremidade oposta do terraço.

Esteve a ponto de escorregar e cair pela borda, mas conseguiu frear a tempo. Perguntou-se o que usariam as crianças que vinham brincar naquele edifício para atravessar de volta e deduziu que provavelmente uma tábua larga. Sem tempo para procurá-la em meio à fumaça, Paul despiu o casaco e a jaqueta, aliviando o próprio peso para dar o salto. Se falhasse, ou se a parte do telhado contrário à qual ele se agarraria se soltasse, cairia os cinco andares daquele abismo em miniatura, mas mortal. Tomou impulso e pulou sem pensar muito, com uma confiança cega e absurda que acabou dando certo.

Já na rua, Paul tentava organizar mentalmente aquele quebra-cabeça do qual Jürgen *meu irmão* transformara-se na mais complexa peça imaginável. Jürgen podia ser lho de Ilse? Paul não achava possível, pois a diferença entre eles dois não passava de oito meses. Fisicamente, parecia verossímil, mas o jovem se sentia mais inclinado a pensar que Jürgen devia ser lho de Hans e Brunhilda. O falecido Eduard não se parecia em nada com Jürgen, nem na compleição nem na pele mais escura e uniforme. Jürgen, no entanto, apresentava uma ligeira semelhança com Paul. Ambos tinham os olhos azuis e os pômulos marcados, embora Jürgen tivesse o cabelo escuro.

*Como pôde meu pai ter se deitado com Brunhilda? E por que minha mãe me escondeu essa história durante tanto tempo? Eu sempre soube que ela queria me proteger do que aconteceu com meu pai, mas por que não me contar isso? E o mais importante: como é que eu vou averiguar algo agora sem recorrer aos von Schroeder?*



Nesse momento, a senhoria se aproximou de Paul, ainda soluçando.

— Senhor Reiner, os bombeiros dizem que o incêndio está controlado, mas que o edifício terá de ser demolido porque já não é seguro. Pediram que eu diga aos inquilinos dos dois primeiros andares que já podem entrar por turnos, a fim de pegar alguma roupa para passar a noite em outro lugar. Eles se encarregarão do resto.

Como um autômato, Paul se uniu à dúzia de pessoas que iam buscar uma parte de suas coisas. Passou por cima das mangueiras que continuavam bombeando água em arco, percorreu corredores enlameados e escadas acompanhado por um dos bombeiros, e finalmente se viu em seu quarto, colocando objetos ao acaso dentro de uma bolsa de mão.

— Já chega — pressionou-o o bombeiro, que ficara na porta, intranquilo. — Temos que ir.

Ainda transtornado, o jovem o seguiu sem opor resistência. Mas, alguns metros adiante, na confusão de seu cérebro brilhou o lampejo de uma ideia, como a borda de uma moeda de ouro em um balde de areia.

Voltou correndo.

— Senhor, escute! Temos que sair daqui!

Paul não lhe deu ouvidos. Entrou correndo em seu quarto e meteu-se embaixo da cama. No espaço estreito, lutou por afastar uma pilha de livros que havia colocado como camuflagem.

— Já lhe disse para sair! Isto aqui não é seguro, senhor — disse o bombeiro, puxando com rudeza as pernas do jovem, até que todo o corpo dele estava fora.

Paul não se importou. Tinha em mãos o que fora buscar.

Uma caixa de mogno, lisa, sem enfeites.

Eram nove e meia da noite.

Paul pegou sua bolsa de mão e correu através da cidade.

Se não se encontrasse naquele estado, teria seguramente percebido que algo estava acontecendo em Munique, algo que transcendia inclusive sua enorme tragédia pessoal. Havia mais gente na rua do que o habitual para aquela hora da noite. Os bares e as tabernas estavam lotados, e vozes iradas provinham de dentro. Homens preocupados formavam grupos nas esquinas, e não havia um só policial à vista.

Mas o jovem não prestou atenção a nada do que o rodeava. Limitou-se a percorrer no menor tempo possível as 15 quadras que o separavam de seu objetivo. Nesse momento, era a única pista de que dispunha.

Amaldiçoava-se cruelmente por não ter sido capaz de percebê-la, de chegar mais cedo àquela conclusão.

A casa de penhores de Metzger estava fechada. As portas eram grossas e sólidas, e Paul não perdeu tempo golpeando-as. Tampouco chamou, embora imaginasse — corretamente — que um velho avaro e mesquinho como o prestamista morasse ali mesmo, talvez numa cama miserável na parte de trás.

Deixou a bolsa junto da porta e procurou algo sólido ao redor. Não havia paralelepípedos soltos na rua, mas encontrou a tampa de um bueiro, do tamanho de uma bandeja pequena. Levantou-a com grande esforço e lançou-a contra a vitrine, que se quebrou em mil pedaços. O coração golpeava alucinado no peito e nos ouvidos, mas Paul não prestava atenção a isso. Se alguém chamasse a polícia, esta poderia chegar antes que ele conseguisse seu objetivo, ou talvez não.

*É melhor que não, pensou Paul. Do contrário, o próximo lugar onde buscarei respostas será o palacete von Schroeder. Mesmo que os amigos do meu tio me mandem para a prisão pelo resto da vida.*

Com um salto, encapitou-se no interior. Seus sapatos rangeram ao esmagar uma massa informe de cacos. Os vidros quebrados da vitrine haviam se misturado com uma baixela de cristal da Boêmia, também arrasada pelo projétil do jovem.

A loja estava completamente às escuras. A única luz saía da parte traseira, de onde provinham fortes gritos.

— Quem está aí? Vou chamar a polícia!

— Faça isso! — respondeu Paul, também gritando.

Um retângulo de luz apareceu no solo, lançando contra as paredes as formas fantasmais dos objetos da casa de penhores, transformadas em monstros ameaçadores. Paul se ergueu no meio deles, esperando que Metzger desse sinal de vida.

— Vão embora, malditos nazistas! — disse o prestamista, surgindo na loja, piscando com olhos ainda entrefechados pelo sono.

— Não sou nazista, senhor Metzger.

— Quem diabos é você, rapaz? — O velho emergiu do quarto e acendeu a luz ao comprovar que só havia uma pessoa na loja. — Aqui não há nada de valor!

— Talvez, mas há uma coisa de que eu preciso.

Nesse momento, a vista de Metzger clareou o suficiente para que ele reconhecesse Paul.

— Do que você está...? Oh.

— Vejo que se lembra de mim.

— Você esteve aqui há pouco tempo — disse Metzger. A desculpa era tão evidente quanto o temor e o desconforto que o invadiam.

— Sempre se lembra de todos os seus clientes?

— Que diabos você quer? Vai ter que pagar esta vitrine!

— Não tente mudar de assunto. Quero saber quem foi a pessoa que empenhou aquela pistola que eu resgatei.

— Não me lembro.

Paul não respondeu. Limitou-se a puxar a arma do bolso da calça e a mirar o velho com ela. Este, ao vê-

la, retrocedeu, pondo as mãos diante do corpo à maneira de escudo.

— Não atire! Juro que não me lembro! Isso foi há quase duas décadas, rapaz!

— Suponhamos que eu acredite. E seus registros?

— Baixe essa arma, por favor... Não posso lhe mostrar os registros, essa informação é confidencial. Por favor, jovem, seja razoável...

Paul deu seis passos para ele e levantou a pistola em ângulo reto com seu ombro. O cano cou a 2 centímetros de distância da testa do prestamista, que estava encharcada de suor. O velho jogava a cabeça para trás como se quisesse se transformar em mais um dos cinquenta relógios de cuco que adornavam a parede contra a qual ele se chocara em sua fuga.

— Senhor Metzger, vou explicar. Ou me mostra seus registros ou eu atiro. A escolha é simples.

— Está bem! Está bem!

Com as mãos levantadas, o velho encabeçou a marcha até os fundos. Atravessaram um grande depósito ainda mais empoeirado e cheio de teias de aranha do que a própria loja. Em estantes metálicas enferrujadas, havia caixas de papelão empilhadas do piso até o teto. O fedor de mofo e umidade era insuportável. Havia algo mais por trás, indefinível e podre.

— Como aguenta esse cheiro, Metzger?

— Cheiro? Não estou sentindo nenhum cheiro — disse o velho, sem se voltar.

Paul imaginou que o prestamista acabara se acostumando àquilo depois de incontáveis anos passados em torno dos objetos perdidos das outras pessoas. Metzger nunca desfrutara de uma vida própria, e o jovem não pôde evitar compadecer-se. Precisou se esforçar para afastar de sua mente esses pensamentos e poder continuar empunhando a pistola do pai com a mesma segurança.

No nal do depósito havia uma porta de metal. Metzger puxou algumas chaves do bolso e abriu a porta.

Fez um aceno para que Paul passasse.

— O senhor primeiro — disse Paul.

O velho o encarou de maneira estranha, as pupilas xas e contraídas. À mente de Paul veio a imagem de um dragão defendendo sua caverna do tesouro, e disse a si mesmo que precisava car mais atento do que nunca. Naquela situação, o avaro seria como uma perigosa ratazana encurralada, e podia virar-se e morder.

— Jure que não vai me roubar nada.

— Adiantaria alguma coisa? Lembre que sou eu quem está segurando a arma.

— Jure — insistiu o outro.

— Juro que não vou lhe roubar nada, Metzger. Diga o que eu quero saber, e eu o deixarei em paz.

As palavras de Paul não trouxeram nem um vislumbre de tranquilidade ao velho, mas pelo menos ele se dispôs a entrar no quartinho.

À direita havia uma estante de madeira repleta de livros de capa preta. À esquerda, uma enorme caixa-forte. O prestamista se colocou imediatamente diante dela, protegendo-a com o corpo.

— Aí o tem — disse, apontando para Paul a estante.

— Procure o senhor.

— Não — respondeu o velho, com voz tensa. Não estava disposto a sair daquele canto.

*Está cando valentão. Se eu pressionar mais, pode pular em cima de mim. Que droga: por que carreguei a pistola? Não precisaria dela para dominá-lo, e agora não posso nem quero continuar apontando-a, nem quero baixá-la.*

— Diga pelo menos em qual volume eu procuro.

— Na prateleira à altura de sua cabeça, o quarto a partir da esquerda.

Paul procurou o livro com o tato, sem parar de olhar para Metzger. Puxou-o com cuidado e o estendeu ao prestamista.

— Localize a referência.

— Não me lembro do número.

— É 91231. Vamos, depressa.

O velho esticou o braço a contragosto e virou as páginas com cuidado. Paul lançava olhares de esguelha para o depósito, temendo que a qualquer momento aparecesse um grupo de policiais para detê-lo. Já passara tempo demais ali.

— Aqui está — disse o velho, devolvendo-lhe o livro, aberto numa das primeiras páginas.

Paul consultou o registro sustentando-o com a mão esquerda, sem parar de lançar rápidas olhadelas para Metzger a intervalos de poucos segundos. Não estava anotado o dia, apenas um lacônico “1905/Semana 16”.

No final da página, localizou o número.

— Só há um nome. Clovis Nagel. O item endereço está em branco.

— O cliente preferiu não dar mais detalhes.

— Isso é legal, Metzger?

— A lei é meio confusa a respeito.

Aquela não era a única entrada na qual aparecia o nome de Nagel. Havia outras dez em que ele constava da coluna “*empenhador*”.

— Quero ver os outros objetos que ele empenhou.

Aliviado por afastar o intruso de sua caixa-forte, o prestamista não opôs resistência e conduziu Paul até uma das estantes do depósito maior. Pegou uma das caixas de papelão e mostrou o conteúdo a Paul.

— São estes.

Dois relógios de baixa qualidade, um anel de ouro, uma pulseira de prata... Paul examinou aquelas bugigangas sem compreender que relação tinham entre si os objetos de Nagel. Começava a se desesperar, porque, depois de todo aquele esforço, via-se com mais perguntas do que antes.

*Uma única pessoa empenhando tantos objetos no mesmo dia? Este homem estava fugindo de*

*alguém, provavelmente de meu pai. Mas, para saber mais, eu precisaria encontrá-lo, e só um nome não ajuda muito.*

— Quero saber onde encontrar Nagel.

— Você já viu, rapaz. Não há endereço nem...

Paul levantou a mão esquerda e deu um tapa no velho com toda a sua força. Metzger caiu no chão e levou as mãos ao rosto. Um fio de sangue lhe escorreu entre os dedos.

— Não! Não, por favor, não me bata mais!

Com a mão ainda no alto, Paul teve de se conter para não golpear de novo. Todo o seu corpo se enchera de uma energia perversa, um ódio indecível e acumulado durante anos, que por m encontrava um alvo naquela patética figura ensanguentada que suplicava aos seus pés.

*O que estou fazendo?*

De repente, viu-se a si mesmo de fora, e sentiu nojo do que acabava de fazer. Aquilo tinha de acabar o quanto antes.

— Fale, Metzger. Sei que está me escondendo alguma coisa.

O velho levantou as mãos à maneira de escudo, e a palma estava tingida de vermelho.

— Não me lembro muito bem. Era um militar, percebi pelo modo de falar. Talvez um marinheiro.

Disse que ia retornar à África do Sudoeste, e que lá não precisaria de todas essas coisas.

— Como era ele?

— Meio baixinho, de rosto fino. Não recordo bem. Por favor, não me bata mais!

*Baixo, de rosto no. Eduard descreveu o homem que estava no escritório com meu pai e meu tio como baixo e de traços delicados, como os de uma moça. Poderia ser Clovis Nagel. E se meu pai o tiver descoberto roubando no barco? Talvez ele fosse um espião. Ou terá sido meu pai que lhe pediu para empenhar a pistola em seu nome?*

*Evidentemente, sabia que estava em perigo.*

Com a cabeça a ponto de explodir, Paul abandonou o depósito e deixou Metzger choramingando no chão. Subiu à vitrine com um salto, mas de repente se lembrou de que havia deixado sua bolsa de mão junto à porta e desejou que ninguém a tivesse roubado. Por sorte, ela ainda continuava.

O que havia mudado era todo o resto.

Dezenas de pessoas enchiam a rua, apesar da hora avançada. Formavam rodas tanto na calçada quanto na rua. Algumas iam de uma roda a outra, transmitindo informação como abelhas polinizando ores. Paul se aproximou do grupo mais próximo.

— Estão dizendo que os nazistas incendiaram um edifício em Schwabing...

— Não, foram os comunistas...

— Ocuparam os comissariados...

— Estão organizando controles nas ruas...

Desconcertado, Paul segurou um dos homens pelo braço e obrigou-o a se voltar.

— O que está acontecendo?

O homem retirou um cigarro da boca e lhe dirigiu um sorriso torto e amarelento. Estava encantado por encontrar alguém a quem pudesse transmitir as más notícias.

— Não soube, amigo? Hitler e seus nazistas estão dando um golpe de Estado. É a hora da revolução.

Finalmente, veremos mudanças.

— Um golpe de Estado, o senhor diz? Como assim?

— Entraram à força na Burgerbräukeller com centenas de homens. Estão mantendo todo mundo sequestrado, a começar pelo comissário da Baviera.

Paul sentiu um baque no coração.

— Alys!

## Cápítulo 41

Até começarem os disparos, Alys sentia que aquela era sua noite.

Após a discussão com Paul, um gosto amargo se instalara em sua garganta. Compreendeu que estava cegamente apaixonada por ele, agora via isso claramente. Precisamente por essa razão, tinha mais medo do que nunca.

Decidiu se concentrar no que tinha em mãos. Entrou no grande salão da cervejaria, que já estava quase completamente cheio. Mais de mil pessoas se aglomeravam nas mesas, e logo haveria outras quinhentas, pois não parava de entrar gente. Bandeiras da Alemanha pendiam das altas paredes, quase invisíveis por causa da fumaça do tabaco. Devido ao calor úmido e as xianxe que fazia, os fregueses atarefavam as dezenas de garçonetes. Elas trabalhavam ativamente entre as pessoas, sustentando, acima das cabeças e sem derramar uma gota, bandejas com meia dúzia de canecas.

*Este, sim, é um trabalho duro*, pensou Alys, agradecendo ainda mais a oportunidade que estava tendo naquele dia.

Abrindo caminho a cotoveladas, conseguiu um lugar ao pé do estrado de oradores. Havia mais três ou quatro fotógrafos, e um deles ficou olhando para ela, intrigado, e deu uma cotovelada nos colegas.

— Cuidado, lindinha! Não se esqueça de tirar o dedo da objetiva!

— E você, lembre-se de tirar o seu do cu, imbecil. Suas unhas estão pretas.

O fotógrafo olhou rapidamente as pontas dos dedos e cou vermelho como um tomate. Os outros aplaudiram a resposta de Alys.

— Bem-feito, Fritz!

Sorrindo internamente, Alys se colocou em um lugar do qual pudesse ver bem. Conferiu a luz e fez vários cálculos rápidos. Dali, com um pouco de sorte, poderia obter um bom instantâneo. Começou a se animar.

Colocar aquele idiota no devido lugar lhe servira como estimulante. Além disso, a partir daquele dia as coisas mudariam para melhor. Falaria com Paul, enfrentariam juntos seus problemas. E com um trabalho novo e estável, no qual ela se sentisse verdadeiramente realizada, tudo poderia dar certo.

Continuava imersa em seu agradável devaneio quando Gustav von Kahr, comissário da Baviera, subiu ao estrado. Alys tirou várias fotos, inclusive uma que lhe pareceu bastante interessante, na qual von Kahr gesticulava de forma curiosa.



De repente, houve uma agitação na parte de trás do local. Alys esticou o pescoço para averiguar o que acontecia, mas, em meio às fortes luzes que rodeavam o estrado e à muralha de gente que havia diante dela, não conseguiu ver nada. O rugido da multidão, unido ao estrondo de mesas e cadeiras caindo e de dezenas de canecas espatifando-se contra o solo, era ensurdecedor.

Da multidão, alguém surgiu ao lado de Alys, um homenzinho suarento e com o impermeável enrugado.

Afastou um sujeito sentado à mesa mais próxima do estrado, subiu à cadeira recém-desocupada e, dali, à mesa.

Nesse momento Alys virou a câmera para ele, captando em um instante o olhar alucinado, o leve tremor da mão esquerda, as roupas de terceira classe, o penteado de proxeneta emplastrado na testa, o bigodinho cruel, o braço no alto com a pistola apontando para o teto.

Alys não teve medo nem dúvidas. Apenas ressoaram em sua cabeça as palavras que August Muntz lhe dissera anos antes:

*Há momentos na vida de um fotógrafo nos quais passará diante de você uma foto, uma só, que pode mudar sua vida e as dos que estiverem ao seu redor. Esse é o instante decisivo, Alys. Você o perceberá antes que ele ocorra.*

*Quando isso acontecer, se acontecer, fotografe. Não pense, fotografe.*

Ela apertou o botão ao mesmo tempo em que o outro apertava o gatilho.

— A revolução nacional começou! — gritou o homenzinho, com voz potente e desagradável. — Seiscentos homens armados circundam este local! Ninguém sairá daqui. E, se não houver silêncio imediato, ordenarei que seja colocada uma metralhadora na galeria.

A multidão se calou, mas Alys não apreciou o silêncio, nem se alarmou com os camisas-pardas que surgiam por todos os lados.

— Declaro deposto o governo da Baviera! A polícia e o Exército se uniram à nossa bandeira, a suástica, que já pende de cada barracão e comissariado de polícia!

Um novo grito fervoroso ressoou pelo local. Houve aplausos entremeados de vaia e gritos de *México!*

*México! e América do Sul!* . Alys também não prestou a mínima atenção a isso. Seus ouvidos ainda escutavam o tiro, suas pupilas ainda retinham a imagem do homenzinho disparando, sua mente havia cado emperrada em três palavras.

O instante decisivo.

*Eu consegui,* pensou.

Apertando a câmera contra o peito, Alys submergiu na multidão. Naquele exato momento, sua única prioridade era sair dali e chegar a uma sala de revelação. Não era capaz de recordar exatamente o nome do sujeito que havia disparado, embora seu rosto lhe lembrasse muito... Era um dos muitos antissemitas energúmenos que vociferavam nas tabernas.

*Ziegler. Não, Hitler. Isso, Hitler. O austriaco maluco.*

Alys não acreditava que um golpe como aquele tivesse a mínima possibilidade. Quem ia seguir um tarado que proclamava a eliminação dos judeus da face da terra? Nas sinagogas, faziam-se piadas sobre idiotas como ele. E aquela imagem que ela havia captado dele, com o suor gotejando testa abaixo e o olhar frenético, colocaria aquele tipo no devido lugar.

*Que é um manicômio.*

Mal conseguia avançar pelo mar de corpos. As pessoas haviam voltado a falar aos gritos, e algumas lutavam entre si. Um homem espatifou uma caneca de cerveja na cabeça de outro, e os restos do líquido ensoparam a jaqueta de Alys. Ela demorou quase vinte minutos para alcançar o extremo oposto do salão, e a essa altura descobriu que uma parede de camisas-pardas armados com ri es e pistolas impedia a saída.

Tentou dialogar com eles, mas os SA se negaram a lhe dar passagem.

Hitler e os poderosos interrompidos por ele tinham desaparecido por uma porta lateral. Um novo orador o substituíra, e na sala a temperatura continuava subindo.

De cara amarrada, Alys se colocou num lugar onde recebesse o mínimo possível de empurrões e tentou pensar em como sair dali.

Três horas depois, seu ânimo beirava o desespero. Hitler e seus acompanhantes já tinham feito vários discursos, e a banda de música instalada na galeria havia interpretado mais de uma dúzia de vezes o *Deutschland über alles*. Alys tentara se mover discretamente para aquela zona, em busca de uma janela por onde pudesse escapular, mas os SA também bloqueavam o caminho. Nem sequer permitiam que alguém fosse ao toalete, algo que, em um lugar tão cheio de gente e com as garçonetes servindo cerveja após cerveja, não demoraria a constituir um problema. Ela já vira mais de um aliviando-se contra a parede do fundo.

*Espere um instante. As garçonetes!*

Assaltada por uma repentina inspiração, aproximou-se de uma mesa auxiliar. Pegou uma bandeja vazia, tirou a jaqueta, embrulhou nela a câmera e colocou-a sobre a bandeja. Depois retirou de uma das outras mesas duas canecas de cerveja vazias e se dirigiu à cozinha.

*Talvez não se deem conta. Estou de blusa branca e saia preta, como as garçonetes. Talvez não notem que não estou de avental. Só espero que não prestem atenção à jaqueta sobre a bandeja...!*

Erguendo-a sobre a cabeça ao se esgueirar entre as pessoas, Alys teve de morder os lábios para não insultar dois fregueses quando passaram a mão em seu traseiro. Não queria chamar atenção sobre si mesma.

Colocou-se atrás de outra garçõete ao chegar às portas batentes, e passou junto aos SA que vigiavam aquela área sem que, por sorte, eles lhe dirigissem um segundo olhar.

A cozinha era comprida e enorme. Ali reinava o mesmo ambiente de tensão que lá fora, só que sem tabaco e sem bandeiras. Dois garçons enchiam canecas de cerveja sem parar, enquanto os ajudantes e cozinheiros conversavam entre si junto aos fogões apagados, sob o olhar atento de dois camisas-pardas que obstruíam a saída. Ambos portavam fuzis e pistolas.

*Merda.*

Sem saber muito bem o que fazer, Alys se deu conta de que não podia car parada no meio do corredor.

Sem dúvida, alguém logo perceberia que ela não fazia parte do pessoal e a expulsaria dali. Deixou as canecas na imensa pia de metal onde as outras garçõetes as deixavam e pegou um trapo sujo que encontrou por ali.

Colocou-o embaixo da torneira, espolpou-o, escorreu-o e ngiu limpar o chão enquanto tentava traçar um plano, segurando na mão direita o trapo e na esquerda a jaqueta embolada, com a câmara dentro.

Aproximava-se da porta pouco a pouco, olhando discretamente ao redor, até que lhe ocorreu uma ideia.

Levantou-se e se aproximou de uma das lixeiras junto à pia. Estava quase transbordando de restos de comida. Colocou a jaqueta dentro, junto à borda, pôs a tampa e o ergueu. Com todo o descaramento, começou a andar diretamente para a porta.

— Não pode passar, senhorita — disse um dos camisas-pardas.

— Tenho de tirar o lixo.

— Deixe aí.

— Mas as lixeiras estão cheias. Não se pode manter lixo dentro de uma cozinha, isso é contra a lei.

— Não se preocupe, senhorita, agora a lei somos nós. Leve a lixeira para onde estava.

Alys, arriscando tudo ou nada, pousou a lixeira no chão e cruzou os braços.

— Leve o senhor, se quiser.

— Tire isto daqui, estou lhe dizendo.

A jovem continuou a encará-lo. Todo o pessoal da cozinha percebera o que estava acontecendo e olhava naquela direção, com cara de poucos amigos. Como Alys estava de costas, não podiam se dar conta de que ela não era da equipe.

— Vamos, homem, deixe-a passar — interveio o outro SA. — Estar na cozinha já é ruim o bastante, é pior ainda com esse mau cheiro. Teremos que car a noite toda com esta mesma roupa. O fedor vai grudar na minha camisa.

O que havia falado primeiro deu de ombros e se afastou para o lado.

— Vá você mesmo. Acompanhe a moça até a caçamba e voltem quanto antes.

Xingando mentalmente, Alys encabeçou a marcha para o exterior. Uma porta estreita dava para um beco ainda mais estreito. A única claridade provinha de uma lâmpada solitária na outra extremidade do beco, a que cava mais perto da rua. A caçamba cava ali, rodeada de gatos esquilidos. Eram tempos ruins para os felinos vira-latas na Alemanha.

— E... trabalha aqui há muito tempo, senhorita? — perguntou o camisa--parda, com voz meio tímida.

*Não acredito. Estamos caminhando por um beco, eu levando uma lixeira, e ele, uma metralhadora, e o idiota pretende fazer amizade comigo!*

— Pode-se dizer que sou nova — respondeu Alys, com ngida amabilidade. — E o senhor? Faz muito tempo que dá golpes de Estado?

— Não, este é o primeiro — disse o outro muito sério, sem captar a ironia.

Chegaram perto da caçamba.

— Bom, o senhor já pode voltar. Eu fico aqui, esvaziando a lixeira.

— Oh, não, senhorita. Esvazie a lixeira, e depois eu a acompanho para dentro.

— Eu não queria fazer o senhor me esperar.

— Eu a esperaria onde a senhorita quisesse. É tão bonita...

Aproximando o rosto, quis beijá-la. Alys tentou retroceder, mas estava acuada entre a caçamba e o camisa-parda.

— Por favor, não — disse ela.

— Ora, vamos, senhorita...

— Não, por favor.

O camisa-parda recuou, compungido.

— Perdoe-me se a ofendi. Imaginei que...

— Não se preocupe. É que já estou comprometida.

— Lamento. Ele tem muita sorte.

*Tem?*

— Não se preocupe — repetiu Alys, inquieta.

— Permita-me ajudá-la com o balde.

— Não!

Alys se lançou para segurar a mão do camisa-parda, que, confuso, soltou a lixeira. Esta virou e rolou pelo chão. Parte dos restos de comida se espalhou, fazendo um semicírculo, em cujo início estava a jaqueta de Alys.

— Que droga é esta?

A trouxe se abriu ligeiramente, deixando aparecer a câmera. O soldado encarou Alys, que trazia a culpa escrita no rosto. Não foi necessária nenhuma confissão.

— Maldita puta! Você é uma espiã comunista! — disse o camisa-parda, levando a mão ao cinto, em busca do cassetete.

Sem lhe dar tempo, Alys apanhou a tampa metálica da lixeira e tentou atingir o SA na cabeça. Ao vê-la avançar, ele levantou o braço direito, e a tampa o golpeou no pulso com um ruído surdo.

— Aaaaaii! Você me machucou, filha da puta!

Com a mão esquerda, ele lhe arrebatou a tampa, lançando-a longe. Alys tentou correr para um lado, mas o beco era estreito demais. O nazista agarrou-a pela blusa e puxou com força. O corpo de Alys girou, e a blusa cou rasgada de um lado, deixando entrever um de seus seios, coberto pelo sutiã. O nazista, que já levantara um braço para golpeá-la, cou paralisado durante um instante ao ver aquilo, entre a fúria e a excitação. Aquele olhar encheu de medo o coração da jovem.

— Alys!

Ela olhou para a entrada do beco.

Paul estava ali, com aspecto lamentável, mas era ele. Apesar do frio, usava apenas um suéter. Respirava agitadamente e comprimia os ancos, que doíam devido à corrida através da cidade. Meia hora antes, pretendia entrar na Burgerbräukeller pela porta da frente, mas nem sequer havia conseguido passar da Ludwigsbrücke, pois os nazistas haviam bloqueado a rua com uma barricada e um posto de metralhadoras.

Precisou dar uma longa volta, tentando descobrir uma forma de entrar. Procurou policiais, Exército, alguém que desse uma resposta sobre o que estava acontecendo na cervejaria, mas tudo o que encontrou foram cidadãos que aplaudiam ou viajavam os golpistas a uma distância prudente.

Depois de atravessar para a outra margem pela Maximiliansbrücke, começou a perguntar às pessoas que encontrava na rua. Finalmente alguém lhe falou do beco que dava para a cozinha, e Paul correu naquela direção, rezando para chegar antes que fosse tarde demais.

Foi tão grande seu espanto ao ver Alys ali fora, lutando com aquele homem, que, em vez de atacá-lo de surpresa, Paul anunciou sua chegada como um idiota. Quando o outro sacou a pistola, não lhe restou outro remédio além de lançar-se para a frente. Bateu com o ombro no estômago do nazista, derrubando-o.

Ambos rolaram pelo solo, disputando a arma. O outro era mais forte do que Paul, que, para piorar, estava absolutamente esgotado pelos acontecimentos das últimas horas. A luta desigual durou menos de cinco segundos, ao cabo dos quais o outro empurrou Paul, ficou de joelhos e apontou-lhe a pistola.

Nesse momento, Alys, que havia agarrado de novo a tampa metálica da lixeira, aproveitou a oportunidade e, segurando-a com ambas as mãos, golpeou o nazista com raiva. O impacto ressoou pelo beco como o retinir dos pratos de uma orquestra, e o soldado virou os olhos, mas não caiu. Alys bateu de novo até que finalmente ele despencou para a frente e aterrisou de cara no chão.

Paul se levantou e correu para abraçá-la, mas ela o afastou e se agachou no chão.

— Mas afinal o que aconteceu? Você está bem?

Alys se levantou, enfurecida. Tinha nas mãos os restos da câmera, completamente destruída. Durante sua luta com o nazista, o aparelho fora pisoteado.

— Veja isto.

— Está quebrada. Não se preocupe, compraremos uma melhor.

— Você não entende! Eu tinha feito fotos que estavam aí dentro!

— Alys, agora não há tempo para isso. Temos que ir embora, antes que os amigos dele venham

procurá-lo.

Paul tentou segurar a mão da jovem, mas ela a retirou e correu diante dele em direção ao norte.

Não olharam para trás até estarem suficientemente longe da Burgerbräukeller. Não havia ninguém à vista. Detiveram-se nalmente ao pé da igreja de Saint Johannes, cuja impressionante torre apontava para o céu noturno como um dedo acusador. Paul conduziu Alys até embaixo do arco da porta principal, para que ela se resguardasse do frio.

— Santo Deus, Alys, você não sabe o medo que eu tive — disse ele, beijando-a na boca. Ela devolveu o beijo sem muito empenho.

— O que houve?

— Nada.

— Não parece — disse Paul, irritado.

— Já disse que não é nada.

Paul desviou a vista e decidiu não continuar. Quando Alys estava naquele humor, tentar tirá-la daquele estado era como sair de areias movediças: quanto mais você se esforça, mais afunda.

— Você está bem? Foi ferida ou... algo assim?

Ela negou com a cabeça. Foi então que, pela primeira vez, atentou para como estava Paul. A camisa manchada de sangue, o rosto cheio de fuligem, os olhos vermelhos.

— O que aconteceu com você, Paul?

— Minha mãe morreu — respondeu ele, baixando a cabeça.

Enquanto Paul ia lhe relatando os acontecimentos daquela noite, Alys foi sentindo pena dele e vergonha pela dureza com que o tratara. Em mais de uma oportunidade abriu a boca para lhe pedir perdão, mas nunca havia acreditado no significado dessa palavra. Uma descrença alimentada por seu poderoso orgulho.

Quando ele mencionou as palavras nais da mãe, Alys cou atônita. Não compreendia como o brutal e vicioso Jürgen podia ser irmão de Paul, embora ao mesmo tempo isso não a surpreendesse. Havia em Paul um lado escuro que em certas ocasiões ondulava por trás de seus olhos como um repentino vento de outono que sacudisse as cortinas de uma casa bem aquecida. Do mesmo modo, e ainda que ela preferisse morrer a confessar isso em voz alta, no dia em que conhecera Jürgen na festa havia percebido na fogsidade animal dele algo que lhe agitara os sonhos, não precisamente com o asco que a mente racional do rapaz lhe produzia.

Quando Paul descreveu o arrombamento da casa de penhores e como tivera de bater em Metzger para que ele falasse, Alys começou a sentir muito medo por ele. Tudo o que rodeava



aquele assunto lhe parecia insuportável, e ela queria afastá-lo logo daquilo, antes que Paul fosse engolido por completo.

Ele concluiu o relato com sua posterior corrida rumo à cervejaria.

— E isso foi tudo.

— Suponho que é mais do que suficiente.

— Como assim?

— Você não está pensando seriamente em continuar fuçando esse tema, não é? Está claro que nisso existe alguém disposto a tudo para silenciar a verdade.

— Na realidade, essa é uma razão muito boa para continuar. É uma prova de que existe alguém por trás do assassinato do meu pai.

Ele fez uma breve pausa.

— De meus pais.

Paul não chorou. Depois do acontecido, seu corpo lhe pedia para chorar, sua alma precisava disso e seu coração transbordava de lágrimas. O jovem guardou-as dentro de si, formando uma pequena couraça ao redor, talvez por um ridículo senso de masculinidade que não lhe permitia mostrar seus sentimentos diante da mulher que amava. Esse talvez tenha sido o estopim do que aconteceu instantes depois.

— Paul, você deve desistir — disse Alys, cada vez mais assustada.

— Não pretendo fazer isso.

— Mas você não tem nenhuma prova. Nenhuma pista.

— Tenho um nome, Clovis Nagel. Tenho um lugar, África do Sudoeste.

— A África do Sudoeste é muito grande.

— Começarei por Windhoek. Ali, um branco não deve ser muito difícil de encontrar.

— A África do Sudoeste é muito grande... e ca muito longe — repetiu Alys, com uma entonação bem diferente.

— Tenho que fazer isso. Viajarei no primeiro barco.

— Assim, sem mais nem menos?

— Sim, Alys. Não escutou nada do que lhe contei desde que nos conhecemos? Quanto é importante para mim saber o que aconteceu há 19 anos? E agora... agora isto.

Por um momento, Alys pretendeu retê-lo. Explicar-lhe o quanto ia sentir saudade, o quanto precisava dele. O quanto estava apaixonada. Mas o orgulho lhe travava a língua. Assim como a impedia de contar a Paul a verdade sobre seu estranho comportamento nos últimos dias.

— Pois então vá, Paul. Faça o que tiver de fazer.

O jovem a encarou, desconcertado. Por um momento o tom gélido da voz dela levou-o a sentir que lhe arrancavam o coração e o enterravam na neve.

— Alys...

— Mas vá agora mesmo. Pode ir.

— Alys, por favor!

— Vá embora, eu já disse.

Paul parecia prestes a chorar, e ela rezou para que ele o zesse, para que ele não mantivesse sua decisão e dissesse que a amava, e que o amor dela importava mais para ele do que uma busca que não lhe trouxera senão dor e morte. Podia ser que o jovem estivesse esperando algo semelhante, ou então apenas tentando gravar em sua memória o rosto de Alys. Durante longos e amargos anos, ela iria se maldizer pela soberba que a dominara, assim como Paul se culparia por não ter voltado de bonde à pensão, enquanto sua mãe era apunhalada.

Ou por ter-se voltado e começado a caminhar rua abaixo.

— Sabe de uma coisa? Acho bom. Assim, você não voltará a irromper em meus sonhos pisoteando tudo

— disse Alys, lançando aos seus pés os pedaços destroçados da câmera, que estivera segurando até aquele instante. — Desde que o conheço, só me aconteceram coisas ruins. Quero você fora da minha vida, Paul.

Paul se deteve por um instante e, sem olhar para trás, disse:

— Assim será.

E continuou caminhando.

Alys permaneceu na porta da igreja durante vários minutos, durante os quais travou contra as lágrimas uma batalha silenciosa que acabou perdendo, como era inevitável. De repente, da escuridão da rua surgiu uma figura, vinda do mesmo ponto por onde Paul se afastara. Alys tentou se recobrar e exibir um sorriso.

*Está voltando. Percebeu e está voltando*, pensou, dando um passo em direção à figura.

Quando ela chegou mais perto, as luzes dos postes revelaram que quem se aproximava era um homem vestido com gabardina e chapéu cinzentos. Tarde demais, Alys se deu conta de que aquele era um dos sujeitos que a tinham seguido naquela tarde e que acreditara haver despistado no bonde.

Virou-se para começar a correr, mas, ao fazê-lo, viu o companheiro dele, que havia dobrado a esquina e estava a menos de 3 metros de distância. Tentou escapar, mas os dois se jogaram em cima dela e a seguraram pela cintura.

— Seu pai está à sua procura, senhorita Tannenbaum.

Alys se debateu em vão. Não havia nada a fazer.

Um carro surgiu de uma rua próxima, e um dos capangas do pai abriu a porta. O outro a obrigou a se aproximar e tentou forçá-la a baixar a cabeça.

— É melhor vocês me tratem com cuidado, seus imbecis — disse Alys com desprezo. — Eu estou grávida.

*Elizabeth Bay, 28 de agosto de 1933*

Querida Alys,

Perdi a conta das vezes que lhe escrevi. À razão de uma por mês, já devem ter sido mais de cem cartas, todas sem resposta.

Desconheço se elas chegam até você e se decidiu me esquecer. Ou talvez tenha se mudado sem deixar endereço. Esta será enviada à casa do seu pai, para onde escrevo de vez em quando, mesmo sabendo que é inútil. Tenho a esperança de que alguma delas escape à censura dele. Seja como for, continuarei lhe escrevendo. Estas cartas se transformaram no único contato com minha vida anterior.

Quero começar, como sempre, pedindo-lhe perdão pela maneira como fui embora. Muitas vezes rememorei aquela noite dez anos atrás, e sei que não devia ter agido como agi. Sinto ter despedaçado seus sonhos. Rezei todos os dias para que você conseguisse realizar seu sonho de ser repórter e espero que, ao longo desses anos, tenha conseguido.

A vida nas colônias não é simples. Desde que a Alemanha perdeu o controle sobre estas terras, a África do Sul exerce um mandato sobre o antigo território alemão. Não somos bem-vindos nesta terra, embora nos tolerem.

Não há muitos empregos. Trabalho em granjas e nas minas de diamantes durante várias semanas para poder ganhar a vida. Quando junto algum dinheiro, percorro o país em busca de Clovis Nagel. Não é uma tarefa muito fácil. Encontrei marcas de sua passagem nas aldeias da bacia do Orange. Em uma ocasião, estive numa prospecção mineira que ele acabara de abandonar. Perdi-o por causa de uns poucos minutos.

Também segui um indício que me conduziu rumo ao norte, à península de Waterberg. Ali conheci uma tribo estranha e orgulhosa, chamada hereró. Passei alguns meses com eles, e me ensinaram a caçar e a coletar no deserto. Caí doente de febres e estive fraco por muito tempo, mas eles cuidaram de mim.

Apreendi muito com essa gente, para além das habilidades físicas. São um povo excepcional. Vivem à beira da morte a cada dia, numa luta constante para encontrar água e adaptar sua vida ante o avanço dos brancos.

Está acabando o papel, o último da remessa que comprei de um vendedor ambulante no caminho de Swakopsmund. Amanhã parto de novo para lá, em busca de novas pistas. Vou a pé, pois meu dinheiro acabou, e por isso a busca terá que ser breve. O mais duro nesta terra, além da falta de notícias suas, é o tempo que preciso empregar para ganhar a vida. Muitas vezes, estive prestes a desistir. No entanto, não pretendo me render. Mais cedo ou mais tarde, eu o encontrarei.

Penso em você, no que terá acontecido nestes dez anos. Espero que esteja bem e seja feliz. Se decidir me escrever, mande a carta para a agência de correios de Windhoek. O endereço está no envelope.

Mais uma vez, me perdoe.

Com amor,

PAUL

## Companheiro

1934



No qual o iniciado compreende que o caminho não pode ser solitário

*O aperto de mãos secreto do grau de companheiro começa pressionando-se com força o nó do dedo médio e termina quando o irmão maçom devolve uma saudação idêntica. O nome secreto desse aperto de mãos é JACHIN, como o da coluna que representa o sol no Templo de Salomão. De novo, há uma armadilha escondida em sua soletração, que deve ser realizada assim: A-J-C-H-I-N.*

## Cápítulo 44

Jürgen se olhou no espelho com admiração.

Puxou levemente as lapelas, adornadas com a caveira e a insígnia das SS. Não se cansava de se ver com o novo uniforme.

O desenho de Walter Heck e a excelente confecção do alfaiate Hugo Boss, muito elogiados pelos jornais do partido, impunham um respeito reverencial às pessoas. Quando Jürgen caminhava pela rua, muitas crianças se per lavam e o saudavam com o braço no alto. Na semana anterior, duas velhinhas o haviam detido para dizer-lhe como era bonito ver jovens saudáveis e fortes levando a Alemanha de volta ao bom caminho. Perguntaram se ele tinha perdido o olho lutando contra os comunistas. Jürgen, muito satisfeito, ajudara-as a carregar as sacolas de compras até um prédio próximo.

Nesse momento, bateram à porta.

— Entre.

— Você está com ótima aparência — disse sua mãe, entrando no amplo dormitório.

— Eu sei.

— Vem almoçar hoje?

— Acho que não, mamãe. Fui chamado para uma reunião no Serviço de Segurança.

— Certamente, querem lhe dar uma promoção. Você já foi *untersturmführer* por tempo demais.

Jürgen concordou, gentil, e pegou seu quepe para sair.

— O carro está à sua espera na porta. Vou mandar a cozinheira lhe preparar alguma coisa, para o caso de você vir cedo.

— Obrigado, mamãe — disse Jürgen, beijando Brunhilda na testa. Saiu para o corredor. Suas botas pretas ressoavam com força nos degraus de mármore. Uma criada o esperava no vestibulo, com o casaco dele na mão. Desde que Otto e seu baralho haviam saído de suas vidas 11 anos antes, a situação econômica da família fora melhorando paulatinamente. De novo, um esquadrão de criados cuidava diariamente do palacete, ainda que agora o dono da casa fosse ele.

— O patrão vem almoçar?

Jürgen encolheu um pouco o estômago ao escutar esse tratamento. Isso sempre lhe acontecia quando estava nervoso, como naquela manhã. Os detalhes mais insigni cantes rompiam sua gélida cobertura e deixavam ver o oceano de conflitos que se agitava embaixo.

— A baronesa lhe dará instruções.

*Dentro em pouco se dirigirão a mim com o título que me cabe*, pensou, enquanto saía para a rua. Suas mãos tremiam ligeiramente. Por sorte, levava o casaco dobrado sobre o antebraço, de modo que o motorista não percebeu quando abriu a porta para ele.

No passado, Jürgen havia canalizado suas pulsões para a violência, mas, após a vitória do Partido Nazista nas eleições, no ano anterior, os indesejáveis se mostravam mais cautelosos. Para Jürgen, era cada dia mais difícil manter o próprio controle. Ao longo do trajeto, procurou respirar devagar. Não queria chegar agitado e nervoso.

*E menos ainda se eu for receber uma promoção, como diz mamãe.*

— Francamente, meu caro von Schroeder, o senhor me provoca muitíssimas dúvidas.

— Dúvidas, senhor?

— Sobre sua lealdade.

Jürgen notou que sua mão voltava a tremer e, para se controlar, precisou apertar com força os nós dos dedos.

A sala de reuniões estava completamente vazia, à exceção de Reinhard Heydrich e ele. O chefe do Serviço de Segurança, o órgão de inteligência do Partido Nazista, era um homem alto e de testa ampla, apenas dois meses mais velho do que Jürgen. Apesar de sua juventude, tornara-se um dos homens mais poderosos da Alemanha. Sua organização se encarregava de descobrir ameaças, reais ou imaginárias, contra o partido.

Jürgen tinha ouvido que Himmler, no dia em que entrevistara Heydrich para o cargo, pedira que ele descrevesse como organizaria uma agência de inteligência nazista, e o outro respondera com uma miscelânea de todos os romances de espionagem que havia lido. De todo modo, quer fosse proveniente da cção barata, quer de um talento inato, o Serviço de Segurança já era temido em toda a Alemanha.

— Por que diz isso, senhor?

Heydrich abriu uma pasta que estava à sua frente, com o nome de Jürgen escrito na etiqueta.

— O senhor começou nas SA nos primeiros dias do movimento. Isso é bom, é interessante. Surpreende, porém, que alguém de sua... estirpe tenha pedido especi camente um posto em um batalhão das SA. E

depois temos os constantes episódios de violência registrados por seus superiores. Consultei um psicólogo a seu respeito...

*Consultou um psicólogo sobre mim!*



— ...e ele sugere que o senhor pode ter um grave transtorno de personalidade. Enfim, isso, por si só, não é um delito, embora pudesse — assinalou o “pudesse” com um meio-sorriso e um soerguimento de sobrancelhas — vir a ser incapacitante. Mas agora chegamos à parte que mais me preocupa. O senhor tinha sido convocado, como o resto do *Stosstrupp*, para o evento especial na Burgerbräukeller no dia 8 de novembro de 1923. No entanto... não se apresentou.

Heydrich fez uma pausa, deixando que as últimas palavras utuassem no ar como uma acusação sinistra.

Jürgen começou a transpirar. Após a vitória nas eleições, havia-se iniciado uma lenta mas sistemática vingança dos nazistas contra todos aqueles que tinham impedido o levante de 1923, retardando em uma década a ascensão de Hitler ao poder. Havia meses, Jürgen vivia com o medo de que alguém o apontasse.

Quando Heydrich continuou, sua voz tinha adquirido um tom mais sombrio.

— Seu superior informou que o senhor não se apresentou no local do evento, como era sua obrigação.

No entanto, parece que, e estou citando, “o SA Jürgen von Schroeder se encontrou com um esquadrão da 10ª companhia na noite de 8 de novembro. Sua camisa estava encharcada de sangue, e ele disse ter sido atacado por vários comunistas, e que o sangue pertencia a um deles, a quem havia esfaqueado. Solicitou unir-se ao esquadrão, que manteve sob controle um comissariado de polícia do distrito de Schwabing até que o golpe se encerrou”. Esta é a versão correta?

— Até a última vírgula, senhor.

— Sei. É o que deve ter pensado a comissão de revisão dos fatos, já que lhe concedeu a insígnia de ouro do partido e a medalha da Ordem do Sangue — disse Heydrich, apontando para o peito de Jürgen.

A insígnia de ouro do partido era uma das condecorações mais desejadas da Alemanha. Consistia em uma bandeira nazista de forma circular, rodeada por uma coroa de louros em ouro.

Distinguia os membros do partido que se haviam inscrito antes da vitória de Hitler em 1933. Até essa data, os nazistas precisavam pedir que as pessoas aderissem às suas leiras. Desde aquele dia, as las nas sedes do partido para solicitar admissão eram intermináveis. E isso não era concedido a todo mundo.

Quanto à Ordem do Sangue, era a mais valiosa das medalhas do Reich. Só a ostentavam aqueles que haviam participado da tentativa de golpe de Estado de 1923, que se concluíra tragicamente com a morte de 16 nazistas quando a polícia acabou com a aventura. Nem mesmo o próprio Heydrich tinha essa condecoração.

— Eu me pergunto — continuou o chefe do Serviço de Segurança, dando pequenos golpes com a

borda da pasta nos lábios grossos — se não teríamos de criar uma comissão de investigação sobre sua pessoa, meu amigo.

— Não creio que isso seja necessário, senhor — disse Jürgen, com um o de voz, sabendo como costumavam ser breves e concludentes as comissões de investigação naquele período.

— Não? Os últimos informes dizem que o senhor tem estado um pouco “frio no cumprimento do dever”, “desprovido de envolvimento”... Quer que eu continue?

— Isso é porque me afastaram das ruas, senhor!

— É possível que o senhor esteja despertando inquietação em mais gente, não acha?

— Asseguro-lhe que meu compromisso é total, senhor.

— Bem, há uma forma de o senhor recuperar a confiança deste Serviço.

Finalmente, Jürgen se deu conta. Heydrich o chamara com um propósito. Queria obter algo dele, por isso o pressionara com força desde o princípio. Provavelmente, nada sabia do que Jürgen estivera fazendo na realidade naquela noite de 1923, mas o que Heydrich sabia ou deixava de saber não importava em absoluto.

Sua palavra era a lei.

— Farei o que for preciso, senhor — disse, um pouco mais tranquilo.

— Verá, Jürgen. Posso chamá-lo de Jürgen, não?

— Claro, senhor — respondeu, engolindo a raiva ao ver que o outro não lhe devolvia o tratamento cortês.

— Já ouviu falar da maçonaria, Jürgen?

— Sem dúvida. Meu pai foi membro de uma loja na juventude. Acho que depois se cansou.

Heydrich fez que sim com a cabeça. Aquilo não o surpreendia, e Jürgen deduziu que ele já sabia.

— Algo muito apropriado.

— A que se refere, senhor?

— Desde que estamos no poder, os maçons têm sido... fortemente desmotivados.

— Eu sei, senhor — disse Jürgen, sorrindo ante o eufemismo. Em *Mein Kampf*, um livro que todo alemão havia lido (e que mantinha em casa bem à vista, se soubesse o que lhe convinha), Hitler já proclamara seu ódio visceral à maçonaria.

— Muitas lojas se dissolveram voluntariamente ou se reestruturaram. Essas lojas eram pouco importantes para nós. Todas eram lojas prussianas, com membros arianos e de tendência nacionalista. Como se dissolveram voluntariamente e entregaram as listas de seus membros, não tomaremos medidas contra elas...

por enquanto.

— Devo então deduzir que há lojas preocupantes, senhor?

— Consta que há uma boa quantidade de lojas que continuam ativas. São as autodenominadas lojas humanitárias. O grosso dos membros é formado de gente de ideologia liberal, judeus e ralé desse tipo.

— Por que não as proibir simplesmente, senhor?

— Jürgen, Jürgen — disse Heydrich, tolerante. — Isso, no melhor dos casos, apenas impediria sua atividade. Enquanto conservarem uma pontinha de esperança, elas continuarão se reunindo e falando de seus compassos e esquadros e de toda essa merda judaica. Eu quero o nome de cada um deles, em cartõezinhos de 14 por 7.

No partido, eram famosas as chas de Heydrich. Um gigantesco aposento junto ao seu escritório em Berlim guardava informações sobre aqueles que o partido considerava “indesejáveis”: comunistas, homossexuais, judeus, maçons e em geral qualquer pessoa que casualmente comentasse que o *Führer* parecia cansado em seu discurso de hoje. Sempre que alguém se dispusesse a denunciar outro alguém, uma nova cha se uniria a outras dezenas de milhares. O destino dos que apareciam em um desses cartões ainda era desconhecido, mas evidentemente nada tranquilizador.

— Se a maçonaria fosse proibida, eles se esconderiam como ratazanas.

— Exato! — disse Heydrich, dando um tapa na mesa. Inclinou-se para Jürgen e imprimiu à voz um tom confidencial. — E, diga-me, sabe por que eu quero os nomes dessa gentilha?

— Porque a maçonaria é uma marionete da conspiração judaica internacional. É bem sabido que os banqueiros como Rothschild e...

Uma enorme gargalhada de Heydrich interrompeu o apaixonado discurso de Jürgen. Ao ver a cara do filho do barão, o chefe do Serviço de Segurança se conteve.

— Caralho, Jürgen, não me repita os editoriais do *Völkischer Beobachter*. Eu mesmo ajudo a escrevê-los.

— Mas, senhor, o *Führer* diz...

— Eu me pergunto até onde a navalha que lhe arrancou o olho penetrou realmente, meu amigo

— disse Heydrich, fitando-o especulativamente.

— Não há nenhuma necessidade de ser ofensivo, senhor — disse Jürgen, confuso e furioso.

Heydrich retrocedeu um pouco ante aquela reação de Jürgen, mas depois sorriu enigmaticamente.

— Você está cheio de energia, Jürgen. Mas essa paixão precisa ser canalizada. Não se transforme em uma das ovelhas que cam balindo nas manifestações, faça-me o favor. Permita-me dar-lhe uma pequena aula de história — disse, cando de pé e começando a passear ao redor da grande mesa. — Em 1917, os bolcheviques dissolveram todas as lojas na Rússia. Em 1919, Bela Kun acabou com todos os maçons da Hungria. Em 1925, Primo de Rivera proibiu as lojas na Espanha. Nesse mesmo ano, Mussolini fez a mesma coisa na Itália. Seus camisas-negras arrancavam os maçons da cama no meio da noite e os matavam a pauladas na rua. Um exemplo instrutivo, não lhe parece?

Jürgen concordou com a cabeça, surpreso. Desconhecia completamente tudo aquilo.

— Como verá — continuou Heydrich —, a primeira coisa que um governo forte e com vocação de permanência faz é eliminar, entre muitos outros, os maçons. Não porque eles estejam sob as ordens de uma hipotética conspiração judaica. Mas sim porque os que pensam por si mesmos incomodam muito.

— O que, exatamente, o senhor quer de mim?

— Quero que se inltre na maçonaria. Vou lhe dar os contatos adequados. O senhor é de família nobre, e seu pai pertenceu a uma loja, há alguns anos. Portanto, será aceito sem muitas restrições. Depois, seu objetivo será conseguir as listas dos membros. Quero o nome de cada maçom da Baviera.

— Terei carta branca, senhor?

— Até nova ordem, sim. Aguarde um momento.

Heydrich se dirigiu à porta, abriu-a e ladrou umas instruções a um assistente sentado num banco no corredor. O assistente bateu os calcanhares e voltou após alguns instantes, com outro jovem em trajes civis.

— Entre, entre, Adolf. Caro Jürgen, permita-me apresentar-lhe Adolf Eichmann. É um rapaz muito promissor, que trabalha em nosso campo de concentração em Dachau.

— Muito prazer — disse Jürgen, estendendo a mão.

— O mesmo digo eu.

— Adolf pediu para ser incorporado ao meu escritório, e estou disposto a facilitar a transferência dele, mas antes quero que colabore com o senhor por alguns meses. O senhor transmitirá a ele toda informação que conseguir, e ele tratará de detalhá-la. E, quando terminarem esse trabalho, penso que poderei encarregá-

los de um de maior envergadura, em Berlim.

*Eu o vi. Tenho certeza*, pensou Clovis, abrindo caminho, a cotoveladas, para fora da taberna.

Tinha a camisa encharcada de suor. A noite de junho, especialmente quente, não lhe trouxe grande alívio. Mas o calor não o incomodava tanto assim. Havia superado isso no deserto, quando soube pela primeira vez que Reiner o seguia. Teve de abandonar uma prospecção de diamantes na bacia do Orange, que parecia promissora, e sumir na África do Sul. Havia deixado para trás até o último de seus equipamentos de escavação, levando apenas o imprescindível. No alto de uma colina, com o ri e na mão, tinha observado o rosto de Paul pela primeira vez e chegou a colocar o dedo no gatilho.

Teve medo de falhar e deslizou para baixo pela outra face da colina, como uma serpente no meio do capim alto.

Depois o perdeu durante muitos meses, até que voltou a precisar fugir precipitadamente de um puteiro em Johannesburg. Dessa vez teve mais sorte, já que Reiner o viu primeiro, mas no outro extremo do local.

Quando os olhares dos dois se cruzaram, Clovis foi suficientemente estúpido para fazer cara de susto. Na mesma hora, soube que o duro e frio brilho de reconhecimento que se produziu nos olhos de Paul era o do caçador memorizando o contorno de sua presa pela primeira vez. Conseguiu escapar por uma porta secreta na parte dos fundos e ainda dispôs de tempo suficiente para voltar ao hotelzinho vagabundo onde se hospedara e meter toda a sua roupa em uma mala.

Passaram-se três anos até que Clovis se cansasse de sentir o bafo de Reiner em sua nuca. Não podia dormir à noite sem uma arma embaixo do travesseiro. Não podia caminhar durante muito tempo sem se voltar para ver se o seguiam. E não permanecia mais do que poucas semanas em algum lugar, por medo de acordar uma noite com o brilho de aço daqueles olhos tando-o da outra extremidade do cano de um revólver.

Finalmente se rendera. Sem dinheiro, não poderia fugir inde nidamente, e o que o barão lhe dera havia acabado fazia muito tempo. Começou a escrever para ele, mas nenhuma de suas cartas obteve resposta, e Clovis entrou num navio rumo a Hamburgo. De novo na Alemanha, a caminho de Munique, sentira-se momentaneamente aliviado. Durante os três primeiros dias, esteve convencido de que conseguira despistar Paul. Até que, numa noite, entrou numa taberna próxima à estação de trem e viu o rosto dele surgir em meio à massa de fregueses.

Clovis sentiu um nó se formar em seu estômago e fugiu.

Enquanto corria com toda a velocidade que suas pernas curtas lhe permitiam, deu-se conta do erro terrível que havia cometido. Viajara para a Alemanha sem armas de fogo, pois não eram permitidas, e ele tinha medo de que o detivessem na alfândega. Ainda não tivera tempo de arranjar uma, e tudo o que podia usar para se defender era uma navalha automática.

Puxou-a do bolso cuidadosamente, enquanto corria rua abaixo. Entrava e saía dos cones de luz formados pelos postes, correndo de um para o outro como se fossem ilhotas de salvação, até compreender que, se Reiner o seguia, estava facilitando demais as coisas para ele. Dobrou à direita em uma ruela menos iluminada, que corria paralela aos trilhos do trem. Um deles se aproximava, chacoalhando a caminho da estação. Clovis não o viu, mas sentiu o cheiro da fumaça e a vibração no solo.

Houve um ruído metálico na outra ponta da ruela. O ex-marinheiro deu um salto e mordeu a língua.

Voltou a correr, com o coração quase saindo pela boca. Sentiu na língua o gosto do sangue, um funesto presságio do que sabia que iria acontecer se o outro o alcançasse.

Topou com um beco sem saída. Sem poder continuar, camuou-se junto a uma pilha de caixotes com cheiro de peixe podre. As moscas esvoaçavam ao redor e pousavam-lhe no rosto e nas mãos. Ele tentou afugentá-las, mas um novo ruído e uma sombra na entrada do beco zeram-no car quieto, lutando para reduzir sua respiração ao mínimo.

A sombra ficou menor e desenhou claramente a silhueta de um homem. Clovis não conseguia distinguir o rosto, mas não era necessário. Sabia perfeitamente quem era.

Sem poder resistir mais, lançou-se para o nal do beco, derrubando a pilha de caixotes. Duas ratazanas correram espavoridas entre suas pernas, soltando guinchos agudos. Clovis as seguiu às cegas e viu-as desaparecer por uma porta entreaberta, que lhe teria passado despercebida se ele não tivesse atentado para elas. Encontrou um corredor escuro e puxou seu isqueiro para se orientar. Permitiu-se alguns segundos de luz antes de apagá-lo e de se lançar para percorrer o caminho que xara na memória. No nal do corredor, tropeçou e caiu, machucando as mãos em úmidos degraus de cimento. Sem se atrever a acender o isqueiro, galgou os desgastados degraus com calma forçada, sempre atento ao mínimo ruído às suas costas.

Subiu durante o que lhe pareceu uma eternidade. Perdera por completo a noção do tempo. Só havia lances de escada que não pareciam conduzir a lugar algum e paredes vazias que não ofereciam nenhum refúgio.

Finalmente seus pés encontraram um trecho plano, e Clovis se atreveu a acender de novo o isqueiro. A luz trêmula e amarelenta revelou que ele se encontrava de novo em um corredor, em cujo nal havia uma porta. Empurrou-a com a mão. Não estava trancada, e ele entrou cautelosamente.

*Finalmente o despistei. Isto parece ser um armazém abandonado. Passarei algumas horas aqui, até ter certeza de que ele não me segue,* pensou, voltando a respirar normalmente.

— Boa noite, Clovis — disse uma voz às suas costas.

Clovis se voltou, apertando o botão da navalha automática. A lâmina saltou com um clique quase

inaudível, e o ex-marinheiro se lançou com o braço estendido na direção da gura que o esperava junto à porta. Foi como tentar alcançar um raio de lua. A gura se desviou para um lado, e a ponta da arma falhou por quase meio metro, indo cravar-se na parede. Clovis lutou com o cabo da navalha para tentar desprendê-la, mas só conseguiu remover o reboco seboso antes que um golpe o jogasse no chão.

— Procure se instalar confortavelmente. Ficaremos algum tempo aqui.

A voz provinha da escuridão. Clovis tinha perdido o isqueiro ao cair, e este se apagara. Tentou se levantar, mas uma mão o empurrou, e ele caiu de novo. De repente, um raio branco partiu as trevas ao meio. Seu perseguidor acendeu uma lanterna, e apontou-a para o próprio rosto.

— Conhece esta fisionomia?

O ex-marinheiro olhou Paul Reiner atentamente.

— Você não se parece com ele — disse. Sua voz tinha um matiz duro e cansado.

A lanterna apontou para Clovis. Ele colocou a mão esquerda diante dos olhos, tentando evitar que o ofuscasse.

— Aponte para outro lado!

— Farei o que quiser. Agora sou eu que dito as regras.

O feixe de luz se desviou da cara de Clovis e focalizou a mão direita de Paul. Ele empunhava a Mauser C96 do pai.

— Está bem, Reiner. Você manda.

— Que bom que estamos de acordo.

Clovis levou a mão ao bolso. Paul deu um passo ameaçador em direção a ele, mas o ex-marinheiro puxou um maço de cigarros e o levantou até a luz. Também tirou alguns fósforos do bolso, que levava para o caso de acabar o combustível do isqueiro. No envelope só restavam dois.

— Você tornou minha vida impossível, Reiner — disse, acendendo um cigarro sem filtro.

— De vidas destruídas eu sei um pouco, filho da puta. Você fodeu com a minha.

Clovis soltou uma gargalhada, um som cacarejante e desarticulado, tão fora de lugar naquela situação como um padre em um bordel. Os ecos da gargalhada ressoaram pelo armazém vazio, tornando-se mais fantasmagóricos a cada ricochete nas paredes distantes.

— Acha engraçado estar a ponto de morrer, Clovis? — perguntou Paul.



A risada se atravessou na garganta de Clovis. Se aquela pergunta tivesse sido feita com raiva ou aos gritos, ele não se assustaria tanto. Mas fora feita em um tom coloquial, tranquilo. O ex-marinheiro estava certo de que havia um sorriso do outro lado do feixe de luz.

— Calma, rapaz. Vamos ver...

— Não vamos ver nada. Quero que você me diga como matou meu pai e por quê.

— Eu não o matei.

— Não, claro. Por isso vem fugindo há 29 anos.

— Não fui eu, juro!

— Então, quem?

Clovis meditou alguns instantes. Tinha medo de que, se desse a resposta, o jovem se limitasse a disparar.

Aquele nome era seu único trunfo, e ele tentou usá-lo.

— Direi se você prometer me deixar ir.

Como única resposta, o som de um percussor se engatilhando ecoou no escuro.

— Não, não, Reiner! — ganiu Clovis. — Escute, não é só quem matou seu pai. De que lhe adiantaria saber? O importante é o que aconteceu antes. O porquê.

Houve alguns instantes de silêncio.

— Prossiga. Estou ouvindo.

— Tudo começou em 11 de agosto de 1904. Até aquele dia, tínhamos passado duas semanas maravilhosas em Swakopsmund. A cerveja, embora africana, era aceitável, cava-se à vontade, e as moças eram complacentes. Acabávamos de retornar de Hamburgo, e o capitão Reiner havia me nomeado seu assistente.

Nosso barco tinha que car alguns meses bancando a babá no litoral das colônias, para meter medo nos malditos ingleses.

— Mas o problema não eram os ingleses, certo?

— Não, garoto... Os nativos tinham se rebelado alguns meses antes. Havia chegado um general novo para comandar os exércitos da colônia. Era o maior lho da puta, o mais sádico e malvado com quem já topei.

Chamava-se Lothar von Trotta. Começou a pressionar os negros. Ele tinha ordens de Berlim no sentido de chegar a um acordo político com eles, mas isso não lhe importou nem um pouco. Dizia que os negros eram sub-humanos, macacos caídos das árvores, que haviam aprendido a usar ri es por imitação. Acossou-os até que os outros o enfrentaram em Waterberg, e lá estávamos todos os de Swakopsmund e Windhoek, com uma arma na mão e amaldiçoando nossa sorte.

— Vocês ganharam.

— Eles eram três vezes mais que nós, mas não sabiam lutar como um exército. Caíram mais de 3 mil, e nós ficamos com todo o gado e as armas deles. E depois...

Antes de continuar, o ex-marinheiro acendeu outro cigarro com a guimba do anterior. À luz da lanterna, seu rosto havia ficado sem expressão e sua voz, sem matizes nem cor.

— Von Trotta mandou vocês avançarem — disse Paul, para incitá-lo a prosseguir.

— Devem ter lhe contado essa história, garoto, mas na verdade ninguém que não estivesse lá sabe o que foi aquilo. Nós os empurramos para o deserto. Sem água, sem comida. Ordenamos que não retornassem.

Envenenamos todos os poços em um raio de centenas de quilômetros, sem colocar avisos. Os que haviam se escondido e os que voltaram para buscar água foram o primeiro aviso. Os outros... mais de 25 mil, sobretudo mulheres, crianças e velhos, meteram-se pelo Omaheke. Nem quero imaginar o que foi feito deles.

— Morreram todos, Clovis. Ninguém cruza o Omaheke sem água. Só sobreviveram umas poucas tribos hereró, no norte.

— Recebemos uma licença. Seu pai e eu quisemos nos afastar o máximo possível de Windhoek.

Roubamos alguns cavalos e fomos para o sul. Não recordo exatamente a rota que seguimos, porque nos primeiros dias estávamos tão bêbados que mal sabíamos nossos próprios nomes. Lembro que passamos por Kolmanskop, onde um telegrama de Von Trotta aguardava seu pai. Dizia que a licença dele havia acabado e ordenava que voltasse para Windhoek. Seu pai rasgou o telegrama em mil pedaços e disse que não pretendia voltar nunca. Tudo aquilo o abalara demais.

— Estava realmente abalado? — quis saber Paul. Clovis leu a ansiedade na voz dele e soube que havia encontrado uma brecha na armadura de seu adversário.

— Nós dois estávamos. Continuamos bebendo e cavalgando, afastando-nos do horror sem saber para onde. Certa manhã chegamos a uma granja isolada na bacia do Orange. Havia uma família de colonos alemães, e que o diabo me carregue se o chefe não era o ser mais estúpido que já vi na vida. Eles tinham um pequeno riacho na propriedade, e as lhas reclamavam que era cheio de pedrinhas que machucavam os pés quando elas tomavam banho. O pai removeu as pedras, uma a uma, e amontou-as na parte de trás da casa,

“para fazer um caminhozinho calçado”, dizia. Só que não eram pedras.

— Eram diamantes — disse Paul, que, após anos trabalhando nas minas, sabia que esse erro acontecera mais de uma vez. Sem talhe nem polimento, algumas variedades de diamantes tinham um aspecto tão grosseiro que muita gente inculta as confundia com pedras translúcidas.

— Alguns eram gordos como ovos de pomba, garoto. Outros, muito pequenos e brancos, e havia inclusive um rosado, deste tamanho — acrescentou Cloris, levantando o punho fechado até o feixe de luz.

— Naquela época, eles podiam ser encontrados no Orange sem muito esforço, embora você se arriscasse a levar um tiro dos inspetores do governo se casse circulando perto das prospecções, e sempre havia cadáveres secando ao sol nas encruzilhadas, sob o cartaz de “ladrão de diamantes”. Pois bem, no Orange, havia muitos, mas nunca vi uma concentração como a daquele granjeiro. Nunca.

— O que o homem disse quando soube?

— Ele era um estúpido, eu já disse. Só se preocupava com sua Bíblia e seus cultivos, nunca deixava que ninguém de sua família descesse à cidade, e eles não recebiam visitas, pois viviam longe de tudo. Ainda bem, porque qualquer um com dois neurônios que tivesse passado por ali antes de nós saberia de imediato o que eram aquelas pedras. Seu pai viu a pilha de diamantes quando nos mostravam a propriedade e me deu uma cotovelada nas costelas. Bem a tempo, porque eu estava prestes a falar como um idiota, podem me enforcar se for mentira. A família nos acolheu sem reservas, e durante o jantar seu pai estava de péssimo humor. Disse que queria ir dormir logo, que estava cansado, e, quando o granjeiro e sua mulher nos ofereceram o quarto deles, seu pai insistiu em dormir na sala, em cima de umas mantas.

— Para poder se levantar à meia-noite.

— E foi o que zemos! Havia um baú de couro e madeira junto da lareira, no qual a família guardava suas tralhas. Pusemos tudo no chão, com cuidado para não fazer barulho. Fomos para a parte de trás e colocamos todas as pedras no baú, e acredite: embora fosse grande, as pedras enchiam três quartos do espaço.

Colocamos uma manta por cima e depois içamos o baú até a pequena carroça que o dono da casa usava para ir resolver coisas na cidade. Tudo teria corrido bem, se não fosse o maldito cachorro que dormia embaixo.

Quando atrelamos nossos próprios cavalos à carroça e os zemos avançar, atropelamos o rabo do cachorro sem nos dar conta. Caramba, como ganiu o puto do animal! O granjeiro se levantou, já de escopeta na mão.

Embora fosse bastante estúpido, não o era totalmente, e de nada serviram nossas explicações estapafúrdias, inventadas na hora, porque ele farejou a coisa. Seu pai teve que sacar essa pistola, essa mesma que você me aponta agora, e explodiu a cabeça dele com um tiro.

— É mentira — disse Paul. O feixe de luz tremeu ligeiramente.

— Não, garoto, que um raio me parta agora mesmo se eu não estiver falando a verdade. Ele o matou para valer, e eu tive que incitar os cavalos porque a mãe e as duas lhas saíram para a varanda e começaram a gritar. Saímos dali como alma que o diabo leva. Não tínhamos percorrido nem 10 milhas quando seu pai me mandou parar e descer da carroça. Eu disse que ele estava louco, e creio que não me enganei. A soma de tanta violência e tanto álcool já o tinha transformado em uma sombra do que era. Matar o granjeiro foi o empurrão na l. A partir dali, ele faria qualquer coisa. Tinha sua pistola, e eu havia perdido a minha numa noite de bebedeira. Então, ao inferno com tudo aquilo, pensei e desci.

— O que você teria feito se estivesse com sua pistola, Clovis?

— Daria um tiro nele — respondeu o ex-marinheiro, sem pensar duas vezes. A essa altura já descobrira como podia mudar a seu favor o rumo daquela situação.

*Só preciso levá-lo ao ponto adequado.*

— Continue — disse Paul. Em sua voz havia menos confiança do que antes.

— Sem saber o que fazer, segui pelo caminho de terra que nos levaria de volta ao povoado. Seu pai sumiu na madrugada. Já passava do meio-dia quando voltou, e dessa vez não trazia a carroça, apenas nossos cavalos. Disse que havia enterrado o baú em um lugar que só ele conhecia, e que retornaríamos para buscá-lo quando as coisas se acalmassem.

— Não confiava em você.

— Claro que não. E fazia bem. Deixamos o caminho, pois tínhamos que a mulher e as lhas do colono morto alertassem alguém de alguma maneira, e não entramos na cidade. Rumamos para o norte, dormindo ao relento e mal, porque seu pai falava dormindo e gritava muito. O granjeiro não lhe saía da cabeça. E assim continuou até que voltamos a Swakopsmund e camos sabendo que éramos procurados por deserção e que seu pai tinha perdido o comando do barco. Se não houvesse no meio a história dos diamantes, provavelmente seu pai teria se apresentado, mas tivemos medo de que nos relacionassem com o que acontecera no Orange, e então fomos embora. Fugimos da polícia militar por um triz, tomando um barco para a Alemanha como clandestinos, e bem ou mal conseguimos chegar vivos.

— Foi então que vocês procuraram o barão?

— Hans estava obcecado por retornar ao Orange em busca daquele baú, e eu também. Passamos uns dias no palacete, escondidos. Seu pai contou tudo ao barão, que enlouqueceu, como seu pai, como todos. Quis saber a localização exata, mas Hans se negou a dizer. O barão estava arruinado e não dispunha do dinheiro necessário para cumprir suas condições, e então Hans assinou uns papéis nos quais transferia para ele a casa onde você morava com sua mãe e um pequeno negócio que os dois possuíam. Supunha-se que o barão os venderia para nanciar as despesas de recuperação do baú. Nenhum de nós dois podia se encarregar disso, já que, àquela altura, também éramos procurados na Alemanha.

— Na noite da morte dele, o que aconteceu?

— Houve uma discussão forte. Muito dinheiro, quatro pessoas furiosas gritando. Seu pai levou uma bala nas tripas.

— Como aconteceu?

Com gestos contidos, Clovis puxou o maço e o envelopezinho de fósforos. Arrancou o último e riscou-o cuidadosamente. Depois acendeu outro cigarro e expeliu a fumaça em direção ao feixe da lanterna.

— Por que isso lhe interessa tanto, Paul? Por que lhe importa tanto a vida de um assassino?

— Não chame meu pai assim!

*Vamos... aproxime-se.*

— Ah, não? Que nome você dá ao que zemos em Waterberg, garoto? Como chama o que ele fez ao granjeiro? Explodiu a cabeça do coitado, atirou bem aqui — disse, tocando a própria testa.

— Cale a boca, estou dizendo!

Soltando um grito de raiva, Paul se aproximou e levantou o braço direito para golpear Clovis. O cano da pistola deixou de apontar para ele por um segundo, e Paul cou suficientemente perto

para que Clovis visse seu rosto. Com um hábil movimento, o ex-marinheiro jogou na cara dele o cigarro aceso. O jovem desviou o rosto e deu um passo para trás, protegendo-se instintivamente. O cigarro não o machucou, mas proporcionou a Clovis tempo suficiente para se voltar e fugir correndo, jogando desesperadamente sua última cartada.

*Ele não vai atirar em mim pelas costas.*

— Pare, desgraçado!

*E muito menos sem saber quem foi.*

Paul começou a correr atrás dele. As costas de Clovis entravam e saíam do feixe da lanterna, enquanto o ex-marinheiro corria para os fundos do armazém, tentando sair pelo lugar por onde seu perseguidor havia entrado. Conseguiu distinguir no final uma porta junto a uma janela cujos vidros eram pintados de preto.

Apertou ainda mais o passo e já estava prestes a alcançar a porta quando seus pés se enredaram em algum lixo que os antigos ocupantes do lugar tinham deixado para trás.

Caiu de bruços. Estava tentando se levantar quando Paul o alcançou e o agarrou pelo paletó. O ex-marinheiro tentou car de pé e ao mesmo tempo golpear o jovem, mas falhou e tropeçou perigosamente em direção à janela.

— Não! — gritou Paul, tentando agarrá-lo.

Clovis, lutando para manter o equilíbrio, estendeu os braços para Paul. Seus dedos roçaram os do jovem por um instante, antes que ele perdesse por completo a verticalidade e se chocasse contra a janela. Os velhos vidros cederam como se fossem de papel. O corpo do ex-marinheiro passou através da abertura e desapareceu na escuridão.

Houve um grito breve e um baque seco.

Paul se debruçou na janela e apontou a lanterna para o solo. Dez metros abaixo, o cadáver de Clovis jazia no meio de uma mancha crescente de sangue que empapava o lixo do beco.

Jürgen franziu o nariz ao entrar no asilo. O lugar fedia a mijo e sujeira, mal camuados por um odor de desinfetante.

Precisou perguntar o caminho a uma enfermeira, pois era a primeira vez que ia visitar Otto desde que o tinham internado ali, 11 anos antes. A mulher, debruçada atrás de uma escrivaninha, lia uma revista com cara de tédio e os pés fora dos tamancos brancos. Ao ver o ameaçante *obersturmführer* que se erguia à sua frente, a enfermeira cou de pé com o braço para o alto, tão depressa que o cigarro que estava fumando caiu de sua boca. Insistiu em acompanhá-lo pessoalmente.

— Não tem medo de que algum fuja? — perguntou Jürgen, enquanto caminhavam pelos corredores, apontando os anciãos que perambulavam sem rumo perto da entrada.

— Às vezes acontece, sobretudo quando vou ao banheiro. Mas não há problema, o homem do quiosque da esquina costuma trazê-los de volta.

A enfermeira o deixou na porta do quarto do barão.

— Ele está muito bem aqui, senhor. Tem até uma janela. *Heil Hitler!* — disse, antes de se afastar.

Jürgen retribuiu a saudação sem vontade, achando bom que aquela mulher desaparecesse. Queria aquele momento só para si.

A porta do quarto estava aberta, e Otto jazia adormecido numa cadeira de rodas junto à janela. Um o de baba gotejava sobre seu peito, escurecendo-lhe o roupão e sujando seu velho monóculo com aro de ouro, cuja lente estava agora quebrada. O jovem recordou o quanto era diferente a aparência dele no dia seguinte ao da tentativa de golpe de Estado. O quanto estava furioso porque tudo havia fracassado, ainda que ele, pessoalmente, não tivesse contribuído em absoluto.

Jürgen tinha sido momentaneamente detido e interrogado, embora, muito antes de que tudo acabasse, tivesse tido o bom senso de substituir a camisa parda encharcada de sangue por outra limpa e não portasse nenhuma arma de fogo. Não houve consequências para ele, assim como para quase ninguém. O próprio Hitler passara somente nove meses na cadeia.

Jürgen voltou para casa, pois os quartéis das SA tinham sido lacrados e a organização, dissolvida. Passou vários dias trancado no quarto, sem fazer caso das tentativas de sua mãe para averiguar o que havia acontecido com Ilse Reiner e imaginando como utilizar a carta que roubara da mãe de Paul.

*Da mãe de meu irmão*, repetiu para si mesmo, confuso.

Finalmente, mandou fazer cópias fotostáticas da carta e, numa manhã, depois do café, mostrou

uma à mãe e outra ao pai.

— Que diabo é isto? — disse o barão, pegando as folhas. Não havia chegado à metade quando se levantou bruscamente, jogando a cadeira no chão.

— Você sabe muito bem, Otto.

— Jürgen! Mais respeito! — exclamou sua mãe, horrorizada.

— Depois do que eu li aqui, não tenho por quê.

— Onde está o original? — perguntou Otto, com a voz rouca.

— Em um lugar seguro.

— Traga-o!

— Não pretendo fazer isso. Estas são só algumas cópias. As restantes mandei para os jornais e para a chefatura de polícia.

— O que você fez? — gritou Otto, contornando a mesa. Tentou erguer o punho para golpear Jürgen, mas o movimento saiu em câmera lenta e se interrompeu no meio. Boquiabertos, Jürgen e mãe caram olhando o barão baixar de novo o braço e tentar levantá-lo sem conseguir.

— Não estou enxergando. Por que não estou enxergando? — perguntou Otto.

Despencou para a frente, arrastando na queda a toalha do café. Vários pratos, xícaras e talheres caíram em cima dele, esparramando seu conteúdo, mas o barão não pareceu perceber e cou imóvel no chão. O único som que se ouvia na sala de jantar eram os gritos da criada, que ainda carregava uma bandeja de torradas recém-preparadas.

De pé na entrada do quarto, Jürgen não pôde evitar uma careta de amargura ao recordar sua ingenuidade então. O médico disse que Otto havia sofrido uma apoplexia que o privara por completo da fala e do movimento das pernas.

— Com os excessos que este homem cometeu na vida, não é de estranhar. Não creio que dure mais de seis meses — disse o médico, enquanto guardava os instrumentos em sua maleta de couro. Foi uma sorte, porque assim se poupou do sorriso cruel que passou pelo rosto de Jürgen quando escutou o diagnóstico.

*E aqui está você, 11 anos depois.*

Entrou sem fazer ruído e, puxando uma cadeira, sentou-se diante do enfermo. A luz que entrava pela janela podia parecer a de idílicos raios de sol, mas não era mais do que o re exo deste na parede branca e desnuda do edifício em frente, que era toda a vista disponível para o barão.



Jürgen, farto de esperar que ele acordasse, pigarreou várias vezes. O barão pestanejou e por fim endireitou a cabeça. Ficou olhando xamente o jovem, mas, se houve surpresa ou medo, seus olhos não o expressaram.

Jürgen reprimiu sua decepção.

— Sabe, Otto? Durante muito tempo, me esforcei muitíssimo para conseguir sua aprovação. Claro que, para você, isso não importava nem um pouco. Você só tinha olhos para Eduard.

Fez uma breve pausa, esperando uma reação, um movimento, alguma coisa. Mas só obteve o mesmo olhar de antes, atento, mas gélido.

— Saber que você não era meu pai foi um enorme alívio para mim. De repente quei livre para odiar o porco chifrudo e repugnante que havia me ignorado durante todo aquele tempo.

Tampouco os insultos produziram o menor efeito.

— Em seguida você teve o ataque e por m deixou minha mãe e a mim em paz. Mas, como tudo o que fez na vida, cou pela metade. Eu lhe dei bastante margem para corrigir esse erro, e faz tempo que vinha pensando em como tirá-lo do meu caminho. Veja só... existe alguém que poderia me poupar desse incômodo.

Jürgen abriu o jornal que trazia embaixo do braço. Segurou-o diante do velho, a uma distância suficiente para que ele pudesse lê-lo. Enquanto isso, ia recitando de cor o conteúdo da matéria. Tinha lido aquele texto várias vezes durante a noite, antecipando o momento em que o velho o veria.

## IDENTIFICADO CADÁVER MISTERIOSO

Munique (Redação). O cadáver de um desconhecido, encontrado na semana passada em um beco perto de Hauptbahnhof, foi nalmente identi cado pela polícia. Trata-se do antigo tenente da marinha Clovis Nagel, que desde 1904 tinha uma audiência pendente com um conselho de guerra, por haver desertado de seu posto durante uma missão na África do Sudoeste. Embora ele tenha retornado ao país com nome falso, as autoridades puderam identi cá-lo graças ao grande número de tatuagens que lhe cobriam o tronco. Por enquanto não se conhecem mais detalhes sobre as circunstâncias de sua morte, a qual, como recordarão nossos leitores, ocorreu em consequência de uma queda de grande altura, provavelmente após um empurrão. A polícia assinalou que qualquer pessoa que tenha tido contato com Nagel é suspeita e portanto solicita que quem tiver alguma informação entre imediatamente em contato com as autoridades.

— Paul voltou. Não é genial?

Pelo olhar do velho barão passou um lampejo de medo. Durou somente alguns segundos, mas Jürgen o saboreou como se aquilo fosse a grande humilhação que havia imaginado em sua mente retorcida.

Levantou-se e foi até o banheiro. Pegou um copo e o encheu até a metade embaixo da torneira. Depois voltou a se sentar diante do barão.

— Você sabe que agora ele virá procurá-lo. E suponho que não vai querer ver seu nome nas primeiras páginas, não é, Otto?

Jürgen puxou do bolso uma caixinha metálica, não maior que um selo de correio. Abriu-a e tirou dali uma pequena pílula verde, que deixou sobre a mesa.

— Há um novo departamento das SS que está fazendo experiências com estas preciosidades. Temos agentes pelo mundo, pessoas que em certo momento devem desaparecer sem ruído e sem dor — disse o jovem, omitindo o fato de que a segunda parte ainda não fora conseguida. — Poupe-nos a vergonha, Otto.

Pegou seu quepe e colocou-o de novo. Caminhou até a porta e, ao chegar, virou-se. Viu Otto esticar a mão esquerda até a pílula e segurá-la entre os dedos, com um rosto tão inexpressivo quanto o que havia dirigido a ele. Depois a mão subiu até a boca, em uma viagem tão lenta que o movimento era imperceptível.

Jürgen foi embora. Por um instante, esteve fortemente tentado a car para ver o espetáculo, mas era melhor limitar-se ao plano, a fim de evitar possíveis problemas.

*A partir de amanhã, a criadagem se dirigirá a mim como barão von Schroeder. E, quando meu irmão vier buscar respostas, terá de pedi-las a mim.*

Duas semanas depois da morte de Nagel, Paul nalmente se atreveu a sair à rua de novo, desejoso de espaiarecer.

O ruído do corpo do ex-marinheiro impactando-se contra o solo do beco havia ricocheteado em sua cabeça como um eco escuro durante o tempo que ele tinha passado recolhido no quarto que alugara em uma pensão em Schwabing. Havia procurado o antigo edifício que compartilhara com a mãe, mas a pensão era agora um prédio de apartamentos.

Não era a única coisa que havia mudado em Munique durante sua ausência. As ruas estavam mais limpas e já não se viam desempregados nas esquinas. Tinham desaparecido as las diante das igrejas e das agências de emprego. As pessoas já não iam comprar pão carregando duas malas de notas pequenas. Não havia sangrentas brigas de taberna. As enormes colunas de avisos, que podiam ser encontradas nas ruas principais, tinham outras coisas a contar. Antes, abundavam convocações para comícios, in amadas proclamações e dezenas de cartazes de “Procura-se por roubo”. Agora, anunciavam paci cas reuniões de clubes de horticultura.

Em vez daqueles presságios funestos, Paul havia encontrado a profecia cumprida. Grupos de crianças com braceletes vermelhos exibiam a suástica por toda parte. À sua passagem, todos os transeuntes deviam levantar o braço e gritar “*Heil Hitler!*”, se não quisessem se arriscar a que dois agentes à paisana lhes tocassem o ombro e os intimassem a acompanhá-los. Alguns, a minoria, escondiam-se em portarias para fugir da saudação, mas essa saída nem sempre era possível, e mais cedo ou mais tarde todos acabavam erguendo o braço.

Por todos os lugares as pessoas caminhavam com a bandeira da aranha negra bem visível, sob as formas de al nete de gravata, bracelete ou echarpe para o pescoço. Nas paradas dos bondes e nas bancas de jornal, vendiam-nas junto com a passagem e o jornal. Aquela fúria patriótica se desatara desde que, no nal de junho, dezenas de líderes das SA haviam sido assassinados em plena noite por “traição à pátria”. Com isso, Hitler transmitia a dupla mensagem de que ninguém estava a salvo e de que na Alemanha só ele mandava. O medo era patente em cada rosto, por mais que todos se esforçassem por disfarçá-lo.

O passeio pela cidade o aliviou durante um bom tempo, embora ao preço da preocupação que ele sentia com o rumo que a Alemanha estava tomando.

— Quer um al nete de gravata, senhor? — ofereceu-lhe um rapazola, depois de examiná-lo de alto a baixo. Trazia uma longa tira de couro com vários modelos presos, desde a águia sustentando o escudo nazista até a simples cruz gamada.

Paul negou com a cabeça e continuou caminhando.

— É recomendável usar um, senhor. Um excelente sinal de apoio ao nosso glorioso *Führer* — insistiu o garoto, correndo alguns metros atrás dele. Ao ver que Paul não cedia, mostrou-lhe a

língua e procurou novos alvos.

*Prefiro morrer a exibir esse símbolo,* pensou Paul.

Lamentavelmente, em seguida sua cabeça voltou a mergulhar no estado febril e nervoso em que se encontrava desde a morte de Nagel. A história daquele que fora assistente de seu pai deixara-o imerso em dúvidas, não só acerca de como continuar sua investigação, mas também sobre a natureza dela. A julgar pelo que dizia Nagel, Hans Reiner tinha levado uma vida complexa e torta e cometera um crime por dinheiro.

Claro, o repugnante ex-tenente não era o mais conável dos informantes. Apesar disso, a canção que havia cantado não destoava da nota sombria que sempre havia ressoado no coração de Paul quando ele pensava no pai que jamais conhecera.

Ao ver o pesadelo tranquilo, luminoso e reto em que a Alemanha afundava com entusiasmo, o jovem se perguntou se não estaria ele mesmo acordando do seu.

*Na semana passada completei 30 anos,* pensou com amargura, passeando pela margem do Isar, onde os casais de namorados se acumulavam nos bancos, *e desperdicei mais de um terço de minha vida procurando um pai que talvez não merecesse o esforço. Deixei a pessoa a quem amava, sem obter em troca mais que sacrifícios e tristeza.*

Talvez por isso tivesse idealizado Hans sempre que sonhava acordado: pela necessidade de compensar a realidade sombria que se atrevia a intuir nos silêncios de Ilse.

Quando se deu conta, compreendeu que estava se despedindo de Munique mais uma vez. Por sua cabeça só passava o desejo de abandoná-la, ir embora da Alemanha e retornar à África, o lugar onde, sem ser feliz, ao menos tinha podido encontrar uma parte de sua alma.

*Mas já cheguei tão longe... Como posso me permitir renunciar agora?*

O problema era que não sabia como continuar. A morte de Nagel havia dissolvido não só suas esperanças como também a última pista sólida que lhe restava. Desejou ardentemente que sua mãe tivesse conado mais nele, pois, nesse caso, talvez continuasse viva.

*Eu podia ir procurar Jürgen... falar com ele sobre o que minha mãe me contou antes de morrer. Talvez ele saiba alguma coisa.*

Após um instante, descartou igualmente essa ideia. Tivera contato suficiente com os von Schroeder em sua vida, e o mais provável era que Jürgen continuasse odiando-o pelo que acontecera na cocheira do carvoeiro e pela perda do olho. Duvidava de que o tempo tivesse servido para aplacar uma personalidade como a dele. E se lhe dissesse, sem prova alguma, que tinha razões para pensar que eles dois podiam ser irmãos, a reação de Jürgen seria terrível. O barão e Brunhilda tampouco seriam interlocutores muito amáveis. Não; havia chegado a um beco sem saída.

*Acabou-se. Vou embora.*

Seus passos erráticos levaram-no até a Marienplatz. Decidiu ir fazer uma última visita a Sebastian Keller antes de deixar a cidade para sempre. A caminho da livraria, perguntou-se se ela ainda existiria, ou se seu dono teria sucumbido à crise dos anos 1920, como acontecera com tantos outros negócios.

Seus temores se revelaram infundados. O local estava como sempre, bonito e arrumado, com suas amplas vitrines, nas quais se oferecia uma cuidadosa seleção de poesia clássica alemã. Entrou sem se distrair muito, e logo Keller surgiu dos fundos, como no dia em que o conhecera em 1923.

— Paul! Santo Deus, que surpresa!

O livreiro se adiantou e lhe apertou a mão, com um cálido sorriso no rosto. O tempo mal havia passado para ele. Continuava tingindo o cabelo de branco e agora exibia óculos novos, com armação de ouro, e uma ou outra ruga ao redor dos olhos, mas no geral mantinha o mesmo ar de tranquila sabedoria.

— Boa tarde, senhor Keller.

— Mas que alegria, Paul! Onde você se meteu esse tempo todo? Nós o dávamos por desaparecido... Li nos jornais sobre o incêndio na pensão e temi que você também tivesse morrido. Podia ter escrito!

Meio envergonhado, Paul se desculpou por não ter dado sinal de vida durante todos aqueles anos. Keller, contrariando seu costume, fechou a livraria e levou o jovem para a sala dos fundos, onde tomaram chá e conversaram durante duas horas sobre os velhos tempos. Paul lhe narrou suas viagens pela África, os diversos trabalhos que havia desempenhado e suas experiências com culturas estranhas e diferentes.

— Você viveu verdadeiras aventuras... Seu admirado Karl May gostaria de ter estado em sua pele.

— Suponho que sim... embora nos romances as coisas sejam muito diferentes — disse Paul com um sorriso amargo, pensando no trágico fim de Nagel.

— E quanto à maçonaria, Paul? Continuou em contato com alguma loja durante todo esse tempo?

— Não, senhor.

— Bom, a nal de contas, a ordem é a essência de nossa Irmandade. Por sorte, esta noite haverá uma reunião. Você tem de ir, não aceito um não como resposta. Poderá retomar seus trabalhos no ponto onde os deixou — disse Keller, dando-lhe uma palmada no ombro.

Paul, incapaz de safar-se do compromisso, aceitou.

## Cápítulo 49

Naquela noite, de novo no templo, Paul voltou a ter a sensação de arti ciosidade imposta e de tédio que o inundara anos antes, quando comparecera pela primeira vez a uma reunião maçônica. O lugar estava lotado com mais de uma centena de pessoas.

Em dado momento, Keller, que continuava sendo o Grão-Mestre da Loja do Sol Nascente, levantou-se e apresentou Paul aos irmãos maçons. Muitos o conheciam, mas pelo menos uns dez novos membros o saudaram pela primeira vez.

Salvo quando Keller se referiu a ele diretamente, Paul esteve aéreo durante grande parte da reunião. Perto do nal, um dos irmãos mais antigos — alguém chamado Furst — se levantou para propor um assunto que não estava na ordem do dia.

— Venerável Grão-Mestre, um grupo de irmãos e eu estivemos falando sobre a situação atual.

— A que se refere, irmão Furst?

— À preocupante sombra do nazismo sobre a maçonaria.

— Irmão, você conhece as normas. Nada de política no templo.

— Mas o Grão-Mestre concordará comigo que as notícias vindas de Berlim e Hamburgo são preocupantes. Lá, muitas das lojas se dissolveram por vontade própria. Aqui na Baviera, não resta nenhuma das prussianas.

— Com isso, você está propondo a dissolução desta loja, irmão Furst?

— Em absoluto. Mas considero conveniente adotarmos medidas que foram tomadas por outras lojas para assegurar sua permanência.

— E quais são?

— A primeira, cortar laços com irmandades de fora da Alemanha.

Vários murmúrios se seguiram a essa a rmação. A maçonaria era, tradicionalmente, uma sociedade internacional, e as lojas eram tanto mais respeitadas quanto mais vínculos mantivessem com outras que as reconhecessem.

— Silêncio, por favor. Quando o irmão terminar, os outros poderão dar sua opinião sobre a questão.

— A segunda é dar outro nome à nossa sociedade. Outras lojas em Berlim mudaram sua denominação para “Ordem dos Cavaleiros Teutônicos”.

Aquilo desencadeou uma nova onda de murmúrios. Mudar o nome da ordem era inaceitável!

— E, por último, penso que deveríamos dispensar da loja, com todas as honras, os irmãos cuja condição coloque em perigo nossa sobrevivência.

— E que irmãos são esses?

Furst pigarreou antes de continuar, visivelmente constrangido.

— Os irmãos judeus, é claro.

Paul saltou de seu assento, surpreso. Tentou pedir a palavra, mas o interior do templo se transformara num pandemônio de gritos e reclamações. A algazarra se prolongou durante vários minutos, durante os quais todos tentaram falar sem conseguir. Keller deu vários golpes em sua tribuna com o maço que lhe servia para moderar as reuniões e que ele raramente usava.

— Ordem, ordem! Procuremos falar um de cada vez, ou terei de dissolver a reunião!

Os ânimos se acalmaram um pouco, e os oradores tomaram a palavra para apoiar ou repelir a medida.

Paul foi contando o número de intervenções, e cou muito surpreso ao constatar que havia um empate entre as duas posturas. Pensou em dizer algo que tivesse sentido e coerência, mas não lhe ocorreu nada. No entanto, precisava urgentemente expressar o quanto era injusto aquilo que estava escutando.

Finalmente, Keller o apontou com o maço. Paul se levantou e disse:

— Irmãos, esta é a primeira vez que tomo a palavra nesta loja. Muito possivelmente, será também a última. Assisti atônito ao debate suscitado pela proposta do irmão Furst, e o que me assombra não é escutar as opiniões dos senhores, mas o simples fato de nos termos dedicado, por um instante que fosse, a debatê-las.

Houve murmúrios de aprovação.

— Eu não sou judeu. Pelas minhas veias corre sangue ariano, ou pelo menos é o que acredito. Na realidade, não estou muito seguro do que sou, ou de quem sou. Cheguei a esta nobre instituição seguindo os passos do meu pai, sem outra pretensão além de indagar sobre mim mesmo. Circunstâncias da vida me afastaram dos senhores durante longo tempo, mas eu não imaginava que, ao voltar, encontraria as coisas tão diferentes. Entre estas paredes, supostamente buscamos a iluminação. Podem me explicar, irmãos, desde quando esta instituição discrimina os homens por outra coisa que não sejam seus atos, justos ou injustos?

Houve novos murmúrios de concordância, e Paul viu que Furst se levantava de seu assento.

— Irmão, você passou muito tempo fora e não sabe o que está acontecendo na Alemanha!



— É verdade. Vivemos tempos obscuros. Mas é nesses momentos que precisamos nos agarrar com mais firmeza às nossas crenças.

— O que está em jogo é a sobrevivência da loja!

— Sim, mas ao preço de a loja deixar de ser o que é agora?

— Se for preciso...

— Irmão Furst, se o senhor, atravessando o deserto, notasse que o sol caía mais forte e que seu cantil está se esvaziando, mijaria dentro dele para evitar que o líquido se acabasse?

O teto do templo vibrou com a gargalhada geral. Furst fervia de fúria, pois estava perdendo a discussão.

— E pensar que quem fala assim é o reles filho de um desertor! — exclamou, raivoso.

Paul tomou o golpe como pôde. Apertou com força o espaldar do assento que estava à sua frente. Os nós de seus dedos ficaram brancos pelo esforço.

*Preciso me controlar, do contrário ele é quem ganha.*

— Venerável Grão-Mestre, vai permitir que o irmão Furst transforme minha exposição em um fogo cruzado?

— O irmão Reiner tem razão. Atenham-se à regra do debate.

Furst concordou com um amplo sorriso que deixou Paul em guarda.

— Com muito gosto. Nesse caso, peço que seja retirada do irmão Reiner a palavra.

— Como? Com que argumentos? — disse Paul, tentando não gritar.

— Vai negar que só assistiu às reuniões da loja durante alguns meses antes de desaparecer?

Paul ficou aturdido.

— Não, mas...

— Portanto, ainda não alcançou o grau de Companheiro, e não tem direito a intervir nas reuniões

interrompeu-o Furst.

— Faz mais de 11 anos que sou aprendiz. O grau de Companheiro é alcançado automaticamente depois de três anos.

— Sim, mas só quando o aprendiz assiste regularmente aos trabalhos. Do contrário, ele tem de ser aprovado antes pela maioria dos irmãos. Portanto, você não pode falar neste debate — disse Furst, sem conseguir esconder sua satisfação.

Paul olhou ao redor em busca de apoio. Todos os rostos o contemplavam em silêncio. Até Keller, que instantes antes parecia desejoso de ajudá-lo, agora se calava.

— Muito bem. Se esse é o espírito que vai prevalecer, então eu renuncio a pertencer à loja.

Levantou-se, saiu da bancada e caminhou até a tribuna ocupada por Keller. Tirou o avental e as luvas e lançou-os aos pés dele.

— Já não me sinto orgulhoso destes símbolos.

— Eu também não!

Um dos assistentes, alguém chamado Joachim Hirsch, levantou-se. Hirsch era judeu, lembrou-se Paul.

Ele também jogou seus símbolos aos pés da tribuna.

— Não vou aguardar que se faça uma votação sobre se devo ser expulso desta loja, à qual pertenci durante vinte anos. Prefiro ir embora — disse, colocando-se ao lado de Paul.

Ao ouvir aquilo, muitos outros se levantaram. A maioria era de judeus, mas uns poucos que não o eram, observou Paul com alegria, mostravam-se igualmente indignados. Em um minuto, mais de trinta aventais se empilharam sobre o mármore axadrezado, em meio ao caos e à vergonha do restante dos presentes.

— Chega! — gritou Keller, dando golpes com o maço, tentando inutilmente fazer-se ouvir. — Se meu posto não me impedisse de fazê-lo, eu também lançaria fora este avental. Respeitemos os que tomaram essa decisão.

O grupo de dissidentes começou a abandonar o templo. Paul foi dos últimos a sair, e o fez de cabeça erguida, mas, ainda assim, cheio de tristeza. Embora nunca tivesse se sentido à vontade entre os maçons, doía-lhe ver um grupo de pessoas inteligentes e cultas como aquele car dividido por culpa do medo e da intolerância.

Caminhou em silêncio até o saguão. Alguns dos dissidentes haviam formado uma roda, mas a maioria já pegara seus chapéus e ia saindo à rua por turnos, em grupos de dois ou três, para não chamar a atenção. Paul recolheu o dele e se dispunha a fazer o mesmo, quando alguém lhe tocou o ombro.

— Permita-me apertar sua mão. — Era Hirsch, o que havia jogado o avental no chão, depois de Paul. — Obrigado por nos dar o exemplo, pois, sem o senhor, eu não me atreveria.

— Não há de quê. Apenas reagi ante uma injustiça, só isso.

— Quem dera que mais pessoas zessem como você, Reiner. Desse modo, a Alemanha não estaria como está. Esperemos que seja só um vento passageiro.

— As pessoas têm medo — disse Paul, dando de ombros.

— Não é de estranhar. De três ou quatro semanas para cá, a Gestapo tem autoridade para agir extrajudicialmente.

— Como assim?

— Na prática, podem deter quem quiserem, apenas por “caminhar de maneira suspeita”.

— Mas isso é absurdo! — disse Paul, atônito.

— Não, não é — disse outro dos que ainda aguardavam sua vez de sair. — Após alguns dias, a família recebe um aviso.

— Ou é chamada para identi car o cadáver — interveio um terceiro, em tom lúgubre. — Já aconteceu com conhecidos meus, e a lista vem aumentando. Krickstein, Cohen, Tannenbaum...

Ao ouvir este último sobrenome, Paul sentiu um vazio no coração.

— Um momento! O senhor disse Tannenbaum? Que Tannenbaum?

— Josef Tannenbaum, o industrial. Conhece?

— Mais ou menos. Poderíamos dizer que sou... amigo da família.

— Então, lamento comunicar-lhe que Josef Tannenbaum morreu. O enterro será amanhã de manhã.

— Deveria ser obrigatório que chovesse nos enterros — disse Manfred.

Alys não respondeu. Limitou-se a segurar a mão dele com força.

*Tem razão*, pensou, olhando ao redor. As brancas lápides refulgiam sob o sol matinal, criando um ambiente de serenidade que não se harmonizava com seu estado de espírito.

Alys, que conhecia tão pouco suas emoções e que tão frequentemente era vítima desse desconhecimento, não sabia identificar como se sentia. Tinha odiado o pai com toda a sua alma, de maneira ininterrupta, desde que ele os obrigara a retornar de Ohio, 15 anos antes. Seu ódio fora adquirindo tonalidades diferentes.

Primeiro, tingiu-se de um matiz aborrecido de adolescente ressentida porque fora contrariada. Daí passou ao desprezo, quando virou o pai em toda a sua dimensão egoísta e cobiçosa, a do empresário disposto a tudo para progredir. Seguiu-se o ódio esquivo e assustadido da mulher que tem medo de transformar-se em um acessório.

Desde que os guarda-costas do pai a tinham capturado, naquela fatídica noite de 1923, seu ódio contra ele se convertera na forma de ojeriza mais fria possível. Sentimentalmente esgotada após sua ruptura com Paul, Alys havia despojado de emoção a relação com seu pai, enfocando-a sob um ponto de vista racional.

*Ele* — era melhor referir-se àquela pessoa como *ele*, pois doía menos — estava doente. *Ele* não compreendia que ela devia ser livre para viver sua própria vida. *Ele* queria casá-la com alguém que ela desprezava.

*Ele* pretendia matar o bebê que ela trazia no ventre.

Alys tivera de lutar com todas as suas forças para evitar isso. Seu pai a esbofeteara, chamando-a de cadela imunda e até de coisas piores.

— Você não vai ter essa criança! O barão não aceitará uma puta prenhe como noiva de seu filho!

*Tanto melhor*, pensou Alys. Fechou-se em si mesma, negou-se categoricamente a abortar e comunicou aos escandalizados criados que estava grávida.

— Tenho testemunhas. Se eu o perder por sua culpa, vou denunciar você, desgraçado — disse a ele, com uma calma e uma segurança que jamais havia sentido.

— Dou graças aos céus por sua mãe estar morta e não ser obrigada a ver a filha dela assim.

— Assim, como? Vendida pelo próprio pai a quem oferecer o melhor preço?

Josef, de pés e mãos atados, teve de comparecer ao palacete dos von Schroeder e confessar a verdade ao barão. Este, com uma expressão de pesar pobremente ngida, comunicou-lhe que, logicamente, naquelas condições o trato devia ser anulado.

Alys nunca mais falou com Josef depois da fatídica tarde em que o empresário, envolto num manto de raiva e humilhação, retornou do encontro com seu ex-futuro consogro. Uma hora depois que ele voltou, Doris, a governanta, comunicou à moça que ela devia ir embora imediatamente.

— O patrão a autoriza a levar uma mala de roupas, se precisar — disse, em um tom de voz que indicava claramente o que pensava a respeito.

— Informe ao patrão que muito obrigada, mas não preciso de nada dele — retrucou Alys.

Dirigiu-se à porta, mas, antes de sair, virou-se para a governanta.

— A propósito, Doris... procure não roubar a mala e depois dizer que eu a levei, como fez com o dinheiro que meu pai deixou em cima da bancada da pia.

Aquelas palavras esvaziaram por completo a enganosa fachada de superioridade moral da governanta. Ela enrubesceu e começou a ofegar.

— Escute, posso lhe garantir que eu...!

A jovem foi embora, batendo violentamente a porta e sufocando o final da frase de Doris.

Apesar de estar sozinha, apesar de tudo o que acabava de lhe acontecer, apesar da gigantesca responsabilidade que, minuto a minuto, crescia em seu interior, a expressão de desconcerto da governanta fora capaz de lhe arrancar um sorriso. O primeiro sorriso, desde que Paul a abandonara.

*Ou terei sido eu que o obriguei a me deixar?*

Passou os 11 anos seguintes tentando responder a essa pergunta.

Quando Paul apareceu no caminho arborizado do cemitério, a pergunta se respondeu sozinha. Alys o viu aproximar-se e parar a um lado, enquanto o sacerdote encomendava o corpo.

Esqueceu por completo as vinte pessoas que rodeavam o ataúde, uma caixa de madeira vazia, à exceção de uma urna com as cinzas de Josef. Esqueceu que havia recebido as cinzas pelo correio, junto com um comunicado da Gestapo informando que seu pai tinha sido preso por perturbação da ordem pública e morrera “ao tentar fugir”. Esqueceu que o enterrava sob uma cruz e não sob uma estrela, pois ele tinha morrido como católico em um país de católicos que votavam em Hitler. Esqueceu sua própria confusão e seu medo, pois no meio deste havia uma certeza que se apresentava diante de seus olhos como um farol numa tormenta.

*Foi culpa minha. Fui eu que o afastei, Paul. Que lhe oculte a verdade e não o deixei escolher livremente. E, maldito seja você, continuo tão apaixonada como na primeira vez em que o vi, há 15 anos, com aquele ridículo avental de garçom.*

Quis correr para ele, mas achou que, se zesse isso, poderia perdê-lo para sempre. E, embora tivesse amadurecido muito desde que se tornara mãe, a corrente dourada do orgulho continuava atando-lhe os pés, bem curta.

*Tenho que me aproximar dele devagar. Saber onde esteve, o que fez. Se ainda sente algo por mim.*

O funeral terminou. Manfred e ela receberam os pêsames dos presentes. O último era Paul, que se aproximou com um olhar cauteloso.

— Bom dia. Obrigado por vir — disse Manfred, sem o reconhecer, estendendo-lhe a mão.

— Meus sentimentos — respondeu Paul, adiantando-se para apertá-la.

— O senhor conhecia meu pai?

— Um pouco. Meu nome é Paul Reiner.

Manfred soltou a mão do rapaz como se ela queimasse e o encarou. Embora fosse bem mais baixo e mais magro do que Paul, conseguiu que este, surpreso, recuasse um passo.

— O que está fazendo aqui? Acha que pode aparecer outra vez na vida dela como se nada tivesse acontecido? Depois de 11 anos sem dar sinal de vida?

— Escrevi dezenas de cartas, mas nenhuma teve resposta — defendeu-se Paul, sobressaltado.

— Isso não muda o que você fez.

*Não conte!*, gritou Alys internamente.

— Tudo bem, Manfred — interveio, colocando a mão no ombro do irmão. — Vá indo para casa.

— Tem certeza? — perguntou ele, olhando de esguelha para Paul.

— Sim — mentiu Alys.

— Certo. Vou para casa, para ver como está o...

— Isso — interrompeu ela, antes que Manfred pronunciasse o nome. — Eu vou daqui a pouco.

Lançando uma última olhada rancorosa a Paul, ele colocou o chapéu e se afastou. Alys começou a andar pelo passeio central do cemitério em silêncio, com Paul ao seu lado. O contato visual entre os dois tinha sido muito breve, mas intenso e doloroso. Ela não estava disposta a repeti-lo, de

modo que preferiu caminhar para não ter que cruzar seu olhar com o dele.

— Quer dizer então que você voltou.

— Retornei na semana passada, seguindo uma pista que acabou mal. Ontem encontrei um conhecido de seu pai, que me contou o que aconteceu. Espero que, ao longo destes anos, você e ele tenham se reaproximado.

— Às vezes, o melhor é a distância.

— Compreendo.

*Por que eu disse isso? Agora, Paul vai achar que me referi a ele. Mas não posso desfazer o engano. O que digo?*

— E suas viagens, Paul, encontrou o que procurava?

— Não.

*Diga que se equivocou ao ir embora, seu idiota. Diga que se equivocou, e eu admitirei meus erros e os seus, até o último deles, e cairei de novo em seus braços. Diga!*

— Na verdade, resolvi desistir — continuou Paul. — Fiquei sem saída, sem pistas nem opções. Não tenho família, não tenho dinheiro, não tenho uma carreira, não tenho sequer um país aonde voltar, porque este que encontrei aqui não é a Alemanha.

Ela estacou e virou-se para olhá-lo de perto pela primeira vez. Surpreendeu-se ao ver que o rosto dele não tinha mudado quase nada. Os traços haviam se endurecido, profundas olheiras circundavam os olhos, e ele tinha engordado um pouco, mas continuava sendo Paul. O seu Paul.

— É verdade que você me escreveu?

— Muitas vezes. Enviei cartas para seu endereço da pensão e também para a casa de seu pai.

*Outra coisa pela qual devo ser grata ao meu pai...*

— E então? O que vai fazer agora? — perguntou, enquanto os lábios e a voz tremiam à sua revelia.

Talvez fosse seu corpo mandando a mensagem que ela não se atrevia a enviar, e que chegou ao destino ao menos em parte, pois Paul, quando respondeu, também o fez com um toque de emoção.

— Pensei em retornar à África, Aly s. Mas, quando soube o que aconteceu com seu pai, pensei...

— Pensou o quê?

— Não me interprete mal, mas eu gostaria de conversar com você com mais calma, contar tudo por que passei durante estes anos.

— Não é uma boa ideia — forçou-se a dizer.

— Alys, sei que não tenho nenhum direito de entrar em sua vida quando me der na telha. Eu... Foi um grande erro ter ido embora daquela vez, foi um erro tremendo, e eu me envergonho dele. Demorei muito para perceber isso e só lhe peço que combinemos de tomar algo juntos algum dia.

*E se eu lhe dissesse que você tem um lho, Paul? Um menino lindo, de olhos azuis como os seus, louro e teimoso como o pai? O que você faria, Paul? E se eu admitisse você em nossas vidas e depois tudo desse errado? Por mais que eu o deseje, por mais que meu corpo e minha alma queiram estar em sua companhia, não posso permitir que você o magoe.*

— Preciso de tempo para pensar.

Ele sorriu, e ao redor de seus olhos formaram-se rugas que Alys não conhecia.

— Estarei aqui — disse Paul, estendendo-lhe um pedaço de papel com seu endereço. — O tempo que você quiser.

Alys pegou o papel, e os dedos dos dois se roçaram por um instante.

— Está bem, Paul. Mas não lhe prometo nada. E agora, vá.

Meio magoado por aquela despedida brusca, Paul afastou-se sem dizer palavra.

Enquanto o jovem desaparecia passeio abaixo, Alys rezou para que ele não se voltasse e visse o tremor de suas pernas.



— Ora, ora. Parece que a ratazana mordeu a isca — disse Jürgen, apertando com força o binóculo.

Daquela posição, em uma colina a 80 metros do lugar onde enterravam as cinzas de Josef, só podia vê-lo de lado, avançando na la de pessoas que iam dar os pêsames aos Tannenbaum, mas o reconheceu instantaneamente. — Eu tinha razão, Adolf?

— Tinha razão, senhor — respondeu Eichmann, um tanto nervoso. Estava visivelmente incomodado com aquele desvio do programa. Nos seis meses em que vinha trabalhando com Jürgen, o ameijante barão conseguira penetrar em várias lojas exibindo seu título, seu encanto super cial e credenciais falsas, fornecidas pela Loja da Espada Prussiana. Seu Grão-Mestre, um obstinado nacionalista conhecido de Heydrich, apoiava os nazistas com toda a alma. Sem nenhum escrúpulo, tinha outorgado a Jürgen o grau de Mestre e dado a ele um curso intensivo sobre como parecer um maçom experiente. Depois lhe entregara uma carta pessoal sua aos Grão-Mestres das lojas humanitárias, instando-os à colaboração “para contornarmos o temporal da situação política”.

Com uma visita a uma loja diferente a cada semana, e valendo-se de truques e artimanhas, Jürgen já conseguira mais de 3 mil nomes de membros das lojas humanitárias. Heydrich estava exultante com aquele progresso, e Eichmann também, pois via cada vez mais próximo seu sonho de escapar ao apagado emprego em Dachau. Não se importava de datilografar as chas para Heydrich em seu tempo livre, nem de fazer ocasionais viagens de m de semana com Jürgen a cidades próximas, como Augsburg, Ingolstadt ou Stuttgart. Mas aquela obsessão que se desencadeara em Jürgen alguns dias antes o preocupava muito.

Praticamente, Jürgen não pensava em outra coisa senão naquele Paul Reiner. Nem sequer lhe explicara o papel de Reiner na missão que Heydrich lhes atribuíra; dissera apenas que queria encontrá-lo.

— Eu tinha razão — repetiu Jürgen, mais para si mesmo do que para seu nervoso acompanhante.  
— Ela era a chave.

Ajustou um pouco a lente do binóculo. Usar esse equipamento era muito incômodo devido ao fato de ele ter apenas um olho, e precisava retirá-lo de vez em quando. Quando focalizou de novo, desviou-se um pouco e a imagem de Alys entrou em seu campo de visão. Ela estava muito bonita, mais madura desde a última vez que a vira. Notou como a blusa preta de manga curta que ela usava lhe marcava os seios, e desejou que Alys levantasse um pouco a vista para poder observá-la melhor.

*Seria ótimo que meu pai não a tivesse rejeitado. Ter de se casar comigo e fazer o que eu quisesse teria sido uma grande humilhação para essa cadela*, fantasiou Jürgen. Sentindo que lhe surgia uma ereção, teve de meter a mão no bolso e acomodar discretamente o membro para que

Eichmann não notasse nada.

*Pensando bem, foi muito melhor assim. Casar-me com uma judia teria sido letal para minha carreira nas SS.*

*E, apesar de tudo, agora posso matar dois coelhos com uma cajadada só. Primeiro, atrair Paul para mim; segundo, possuí-la. Ela vai aprender. Ah, sim, vai aprender, aquela puta.*

— Continuamos com o previsto, senhor? — quis saber Eichmann.

— Sim, Adolf. Siga-o. Quero saber onde ele se hospeda.

— E depois? Vamos denunciá-lo à Gestapo?

Com o pai de Alys, tinha sido muito fácil. Um telefonema a um *obersturmführer* conhecido, pouco mais de dez minutos de conversa, e quatro homens haviam arrancado o judeu insolente de seu apartamento em Prinzregentenplatz sem dar nenhuma explicação. O plano se concretizara à perfeição, e Paul comparecera ao funeral, como Jürgen estava certo de que ele faria.

Seria tão simples repetir tudo... Descobrir onde Paul dormia, enviar uma patrulha e depois comparecer aos porões do palácio Witelsbacher, o quartel-general da Gestapo em Munique. Entrar na cela acolchoada — não para que ninguém se machucasse ao se lançar contra as paredes, mas para abafar os gritos de dor — e sentar-se diante dele para vê-lo morrer. Talvez até pudesse levar a judia até lá e estuprá-la diante de Paul, desfrutar dela enquanto ele tentasse desesperadamente se soltar das correias.

Mas precisava pensar em sua carreira. Não caria bem que as pessoas saíssem por aí falando de sua crueldade, muito menos agora que ele começava a ser mais conhecido, que por seus títulos e sucessos estava prestes a conseguir a promoção e uma passagem para Berlim, a fim de trabalhar lado a lado com Heydrich.

E também havia seu próprio desejo de medir-se com Paul de homem para homem. Devolver àquele merdinha com as próprias mãos, sem se esconder atrás da máquina do Estado, toda a dor que ele lhe causara.

*Tem de haver uma maneira melhor.*

De repente, soube o que queria fazer, e seus lábios se curvaram num sorriso cruel.

— Desculpe, senhor — insistiu Eichmann, achando que Jürgen não o ouvira. — Perguntei se denunciaremos Reiner.

— Não, Adolf. Isto vai requerer um enfoque mais pessoal.

— Já cheguei!

De volta do cemitério, Alys entrou no pequeno apartamento e se preparou para a habitual investida de Julian, que disparava como um louco pelo corredor para abraçá-la, sempre que ela entrava em casa. Mas, desta vez, isso não aconteceu.

— Olá? — gritou ela, intrigada.

— Estamos no estúdio, mamãe!

Alys atravessou o estreito corredor. Havia somente três aposentos. O dela, o menor, era tão austero quanto um armário. O de Manfred era praticamente igual, só que ele o mantinha cheio até o teto de manuais técnicos, livros raros em inglês e um monte de anotações do curso de engenharia concluído no ano anterior, as quais sempre dizia que ia jogar fora. Manfred morava com a irmã e o sobrinho desde que começara a frequentar a universidade e as brigas com o pai se intensificaram. Supostamente, era um arranjo temporário, mas já estavam juntos havia tanto tempo que Alys não conseguia imaginar como poderia desenvolver sua carreira de fotógrafa sem o irmão e sem a ajuda que ele lhe dava com Julian. Ele tampouco poderia ir muito longe sem os dois, porque, embora tivesse obtido excelentes qualificações no curso, suas entrevistas de emprego sempre terminavam com a mesma frase: *Que pena que o senhor seja judeu*. O único dinheiro que entrava na casa era o que Alys ganhava vendendo fotos, e estava cada vez mais difícil pagar o aluguel.

O “estúdio” era aquilo que, nos lares normais, se conhecia como salão. Os equipamentos de revelação de Alys tinham-no ocupado por completo. A janela havia sido recoberta com panos pretos, e a lâmpada que pendia do teto era vermelha.

Alys bateu à porta com os nós dos dedos.

— Entre, mamãe! Estamos terminando!

A mesa estava coberta pelas cubetas de revelação. Meia dúzia de cordas atravessavam o aposento de parede a parede, abarrotadas de pinças que seguravam as fotos em processo de secagem. Alys, divertida, correu a dar um beijo em Julian e em Manfred.

— Tudo bem? — perguntou o irmão.

Alys lhe indicou por gestos que conversariam depois. Não tinham dito a Julian aonde iam, antes de deixá-lo aos cuidados de uma vizinha. O menino não tivera direito a desfrutar do avô quando vivo, nem, após a morte deste, teria direito à herança — muito mais exígua nos últimos anos, pois Josef tinha perdido o ímpeto nos negócios —, a qual passara por completo a um fundo cultural.

*A última vontade do homem que dizia fazer tudo por sua família*, pensou Alys quando escutou o

advogado do pai. *Então, não pretendo falar a Julian sobre a morte do avô. Pelo menos lhe pouparemos esse mau momento.*

— O que é isto? Não me lembro de ter feito essas fotos.

— Parece que Julian andou usando sua velha Kodak, irmãzinha.

— Ah, é? A última coisa que lembro é que o obturador estava emperrado.

— O tio Manfred consertou — respondeu Julian, com um sorriso culpado.

— Dedo-duro! — disse Manfred, dando-lhe um empurrão de brincadeira. — Enfim, era isso ou então deixá-lo pegar sua Leica.

— Eu lhe arrancaria a pele em tiras, Manfred — retrucou Alys, ngindo aborrecimento. Nenhum fotógrafo gosta que os dedinhos pegajosos de uma criança cheguem perto de sua câmera, mas tanto ela quanto o irmão se sentiam fracos diante do pequeno Julian. Desde que aprendera a falar, o menino fazia com os dois o que queria, e ao mesmo tempo era o mais sensato e carinhoso dos três.

Alys se aproximou da leira de fotos e constatou que as primeiras já podiam ser manipuladas. Pegou uma e levantou-a com cuidado. Era um primeiro plano da lâmpada da escrivaninha de Manfred, com uma pilha de livros ao lado. A foto estava excepcionalmente bem tirada, com o cone de luz iluminando a meio os títulos, em um excelente contraste de luzes e sombras. Estava um tantinho tremida, sem dúvida como resultado do movimento das mãos de Julian ao apertar o disparador. Um pequeno erro de principiante.

*E isso com apenas 10 anos. Quando crescer, ele será um grande fotógrafo*, pensou Alys, orgulhosa.

Olhou de esguelha para o lho, que a observava com intensidade, desejando conhecer sua opinião. Alys fingiu não perceber.

— O que achou, mamãe?

— O que eu achei de quê?

— Ora, de quê? Da foto.

— Saiu um pouquinho tremida. Mas você escolheu muito bem a abertura e a profundidade. Na próxima vez em que quiser fotografar um ambiente, use o tripé.

— Sim, mamãe — disse Julian, sorrindo de orelha a orelha.

*Esse sem-vergonha sabe que eu estou destacando de propósito os defeitos dele*, pensou Alys, sem conseguir evitar sorrir por sua vez. Desde que o lho nascera, o temperamento dela havia se

abrandado bastante.

Remexeu-lhe o cabelo louro, coisa que sempre provocava nele uma risada.

— Julian, o que acha se hoje fizermos um piquenique no parque com o tio Manfred?

— Posso levar a Kodak?

— Se prometer ter cuidado... — disse Alys, resignada.

— Claro! Vamos ao parque, ao parque!

— Mas, antes, vá trocar de roupa no seu quarto.

Julian saiu correndo, e Manfred cou olhando em silêncio para a irmã. Sob aquela luz vermelha que esfumava traços e expressões, sentia-se incapaz de saber em que ela estava pensando. Alys, por sua vez, havia puxado do bolso o papel que Paul lhe entregara e cravava a vista ali como se aquela meia dúzia de palavras pudesse se transformar no próprio Paul.

— Ele lhe deu um papel com o endereço de onde está? — perguntou Manfred, lendo por cima do ombro dela. — E, para completar, é de uma pensão. Por favor...

— É possível que as intenções dele sejam boas, Manfred — disse ela, na defensiva.

— Não consigo entender você, irmãzinha. Sofreu todo esse tempo sem saber nada dele, achando que havia morrido ou algo pior. E de repente ele aparece...

— Você sabe o que eu sinto por ele...

— Podia ter pensado nisso antes.

Ela fechou a cara ao escutar isso.

*Muito obrigada, Manfred. Como se eu não tivesse me arrependido o suficiente durante todo esse tempo.*

— Desculpe — disse Manfred, ao notar que a aborrecera. Acariciou-lhe o ombro. — Falei sem querer.

Você é livre para fazer o que quiser, claro. Eu quero apenas evitar que a magoem.

— Tenho que tentar.

Ambos caram em silêncio por alguns instantes. Do quarto do menino, chegaram ruídos de coisas caindo no chão.

— Seguramente, ele está tentando pegar a bola.

— Já pensou como vai contar tudo a Julian?

— Não faço a menor ideia. Aos poucos, imagino.

— O que signi ca aos poucos, Alys? Primeiro vai mostrar a ele uma perna e dizer “esta é a perna do seu pai”? E no dia seguinte um braço? Quando você contar, terá que fazer tudo de uma vez, terá que admitir que vem mentindo para ele a vida toda, e será duro.

— Eu sei — disse ela, pensativa.

Houve um novo ruído estrondoso, mais forte que o anterior.

— Pronto! — gritou Julian do outro lado da porta.

— É melhor vocês irem na frente — disse Alys. — Eu vou fazer uns sanduíches e a gente se encontra daqui a meia hora, junto da fonte.

Quando eles saíram, Alys tentou organizar seus pensamentos e ao mesmo tempo o campo de batalha em que se transformara o quarto de Julian, mas teve de desistir quando percebeu que estava emparelhando meias de cores diferentes.

Foi até a diminuta cozinha e em uma cesta colocou frutas, vários sanduíches de queijo e geleia e uma garrafa de suco. Estava tentando decidir se levava uma ou duas cervejas quando escutou a campainha.

*Certamente esqueceram alguma coisa, pensou. Melhor, assim vamos todos juntos.*

Abriu de sopetão a porta da rua.

— Que cabeça desligada a de voc...

A última palavra se transformou em um ofego assustado. Qualquer outro cidadão o teria exalado ao ver o uniforme das SS.

Alys o fez porque reconheceu o rosto de quem o vestia.

— Estava com saudade de mim, sua puta judia? — disse Jürgen com um sorriso.

## Cápítulo 53

Quando bateram à porta, Paul tinha numa das mãos uma maçã meio comida e um jornal na outra. Havia deixado intacta sobre a mesa a comida que a dona da pensão lhe levava, pois a emoção de seu encontro com Alys tinha travado seu estômago. Obrigou-se a mastigar a fruta para acalmar os nervos.

Ao escutar os golpes, Paul se levantou, soltou o jornal e puxou a pistola de sob o travesseiro. Com ela atrás das costas, abriu a porta. Era a senhoria de novo.

— Senhor Reiner, estão aí umas pessoas que querem vê-lo — disse a mulher, com cara de preocupação.

Ele se afastou para o lado. No meio do corredor estava Manfred Tannenbaum, segurando pela mão um menino assustado, que se agarrava a uma velha e desgastada bola de futebol como se fosse um salva-vidas.

Paul cou observando-o xamente, e seu coração deu um salto. O cabelo louro-escuro, os traços marcados, a leve covinha no queixo e os olhos azuis. A maneira pela qual a criança o olhava, com medo mas sem baixar a vista.

— Ele é...? — disse, buscando em Manfred uma confirmação de que não necessitava, pois seu coração já lhe dissera tudo.

O outro fez que sim com a cabeça, e, pela terceira vez na vida de Paul, tudo o que ele sabia do mundo se desfez em um só instante.

— Oh, meu Deus. O que eu fiz?

Dez minutos mais tarde, Paul e Manfred observavam o menino atacar a salsicha com batatas cozidas que seu pai não conseguira comer. Ambos estavam em silêncio. Manfred, recuperando-se da perturbação de voltar para casa ante a demora de Alys e encontrá-la vazia, e Paul pelo choque sofrido ao ter seu olhar nos olhos pela primeira vez.

— O senhor é meu pai? — perguntara o garoto quando ele os fez entrar no aposento.

Manfred e Paul ficaram boquiabertos.

— Por que você diz isso, Julian?

O menino, sem responder ao tio, agarrou Paul pelo braço, obrigando-o a se agachar para que os dois pudessem car cara a cara. Percorreu com as pontas dos dedinhos as feições do pai, explorando-as como se olhar para ele não fosse suficiente. Paul fechou os olhos durante a exploração, sabendo que estava a ponto de chorar, mas não queria fazê-lo.

— Eu me pareço com o senhor — disse Julian, finalmente.

— Sim, filho. Parece muito.

— Posso comer? Estou com muita fome — disse o menino, apontando a bandeja.

— Claro que sim — respondeu Paul, reprimindo a imperiosa necessidade de abraçá-lo. Não ousava se aproximar demais, porque percebia que a criança acabava de compreender que tinha um pai.

— Vá lavar o rosto e as mãos, ande — disse Manfred, empurrando carinhosamente o sobrinho para o banheiro.

— O que aconteceu? — perguntou Paul.

— Íamos fazer um piquenique. Julian e eu fomos na frente para esperar a mãe dele, só que ela demorou demais e então retornamos. Quando chegávamos à esquina de casa, um vizinho nos avisou que alguém com uniforme das SS havia levado Alys. Eu não me atrevi a voltar, por medo de que estivessem nos esperando, e não tenho outro lugar para onde ir.

Paul foi até o armário e, do fundo de uma maleta, tirou uma garrafa pequena e estreita de cor marrom, com tampa dourada. Girou o pulso, rompeu o selo e estendeu-a para Manfred, que deu um demorado trago e começou a tossir.

— Devagar, se não quiser acabar cantando.

— Caralho, como queima! Que diabo é isso?

— Chama-se *krügsle*. É destilado pelos colonos alemães em Windhoek. Esta garrafa foi presente de um amigo. Guardei-a para uma ocasião especial.

— Obrigado — disse Manfred, devolvendo-lhe o frasco. — Lamento que você tenha sabido assim, mas...

Julian voltou do banheiro e começou a devorar o almoço, e os dois homens caram em silêncio até que ele terminou. O menino comeu inclusive o resto da maçã de Paul.

— Preciso falar a sós com o senhor Reiner — disse-lhe Manfred.

O menino cruzou os braços.

— Não vou sair daqui. Os nazistas levaram a mamãe, e quero saber o que vocês vão conversar.

— Julian...

Paul colocou a mão no ombro de Manfred e o interpelou com o olhar. O jovem deu de ombros.



— Tudo bem — disse, algo incomodado pela intromissão.

Paul virou-se para o garoto e tentou esboçar um sorriso. Estar diante daquela pequena versão de seu rosto era uma dolorosa recordação da última noite que passara em Munique em 1923. Da horrível e egoísta decisão que tomara, deixando Alys sem lutar, sem procurar ao menos compreender as razões que a tinham impelido a gritar para que ele a abandonasse. Agora, as peças iam se encaixando lentamente, e Paul se dava conta do gravíssimo erro que havia cometido.

*Passei a vida inteira sem meu pai. Culpendo-o, e aos que o mataram, por sua ausência. Jurei milhares de vezes a mim mesmo que, se tivesse um filho, ele nunca cresceria sozinho.*

— Julian, eu me chamo Paul Reiner — disse, estendendo a mão para o garoto.

Este retribuiu o cumprimento.

— Eu sei, o tio Manfred já me contou.

— Ele também contou que eu não sabia que tinha um filho?

Julian negou com a cabeça, em silêncio.

— Alys e eu sempre dissemos a ele que seu pai tinha morrido — informou Manfred, evitando o olhar do cunhado.

Aquilo foi demais para Paul, que sentiu projetada em Julian toda a dor das noites de vigília de sua infância, nas quais imaginava o pai como um herói. Fantasias construídas sobre uma mentira. Perguntou-se com que devaneios aquele menino iluminaria os instantes antes de pegar no sono, e, sem conseguir resistir mais, levantou-se e correu para abraçá-lo. Suas mãos fortes levantaram-no da cadeira e o estreitaram contra o peito. Manfred se ergueu para impedi-lo, temendo por Julian, mas se deteve ao ver que ele, com os punhos crispados e lágrimas nos olhos, retribuía o abraço do pai.

— Onde você andava?

As lágrimas de Paul se misturaram às dele.

— Perdoe-me, Julian. Perdoe-me.

Quando as emoções se tranquilizaram um pouco, Manfred contou aos dois que, quando Julian chegou à idade de perguntar pelo pai, Alys tinha decidido dizer que este havia morrido. A nal, fazia muito tempo que ninguém tinha notícia de Paul.

— Não sei se foi a melhor decisão. Na época eu era um adolescente, mas sua mãe precisou pensar muito antes de tomá-la.

Julian ouviu muito sério a explicação, e, quando esta acabou, virou-se para Paul, que tentou lhe explicar o porquê de sua longa ausência, embora as palavras lhe saíssem tão complicadas de falar quanto pouco críveis.

No entanto, Julian, apesar da tristeza, parecia compreender muito bem a situação, e só interrompia para fazer uma pergunta ocasional.

*É um garoto esperto e inteligente e tem um caráter de ferro. Seu mundo acaba de ser virado de cabeça para baixo, e apesar disso ele não chora nem esperneia nem chama pela mãe, como faria qualquer outro.*

— Quer dizer que, durante todos esses anos, você foi procurar quem tinha feito mal ao seu pai? — perguntou o menino.

Paul concordou.

— Sim, mas foi um erro. Eu nunca deveria ter abandonado Alys, porque a amo muito — disse, sem nenhuma vergonha.

— Compreendo. Eu também procuraria por toda parte alguém que prejudicasse minha família — respondeu Julian com uma voz baixa e estranha, imprópria para alguém de sua idade.

Aquilo os levou novamente a Alys. Manfred contou a Paul o pouco que sabia sobre o desaparecimento da irmã.

— Acontece cada vez com mais frequência — disse o jovem, olhando de esguelha para o sobrinho. Não queria cometer um erro e mencionar Josef Tannenbaum, porque o menino já sofrera o bastante. — E ninguém faz nada para evitar.

— Existe alguém a quem possamos recorrer?

— Quem? — disse Manfred, erguendo as mãos em sinal de impotência. — Não trouxeram denúncia, nem mandado de busca, nem lista de acusações. Nada! Só deixaram um vazio onde antes havia uma pessoa.

E se nos apresentarmos ao quartel-general da Gestapo... você pode imaginar. Teríamos de ir

acompanhados por um exército de advogados e jornalistas, e temo que nem mesmo isso seria suficiente. O país inteiro está nas mãos dessa gente, e o pior é que ninguém se deu conta antes que fosse tarde demais.

Continuaram conversando durante muito tempo, sem chegar à conclusão alguma. Lá fora, o entardecer cobria com um manto cinzento as ruas de Munique, e os postes de luz começavam a se acender. Julian, cansado de tantas emoções, chutava desanimadamente sua bola de couro. Acabou por soltá-la e adormeceu sobre a colcha. A bola rodou até os pés do tio, que a apanhou e a mostrou a Paul.

— Reconhece?

— Não.

— É a bola com que eu atingi você na cabeça anos atrás.

Paul sorriu ao recordar sua queda pela escada e a série de acontecimentos que o tinham levado a se apaixonar por Alys.

— Graças a ela, Julian existe.

— Foi o que minha irmã me disse. Quando tive idade suficiente para enfrentar meu pai e retomar o contato com Alys, ela me pediu a bola. Precisei resgatá-la de um quarto de despejo, e a presenteamos a Julian em seu quinto aniversário. Acho que aquele dia foi a última vez em que vi meu pai — recordou Manfred com amargura. — Paul, eu...

Interromperam-no batidas na porta. Paul, alarmado, fez gestos para que ele zesse silêncio e se levantou para pegar a pistola, que havia colocado no armário. Abriu a porta devagar. Era a dona da pensão de novo.

— Senhor Reiner, telefone.

Paul trocou um olhar intrigado com Manfred. Ninguém sabia que ele estava hospedado ali, à exceção de Alys.

— A pessoa disse quem é?

A mulher deu de ombros.

— Disse ser alguém com notícias da senhorita Tannenbaum. Não perguntei mais nada.

— Obrigado, senhora Frink. Um momento, por favor. Vou buscar meu paletó — disse Paul, encostando a porta.

— Pode ser uma armadilha para você sair — disse Manfred, agarrando-o pelo braço.

— Eu sei.

Paul se aproximou do jovem engenheiro e colocou a pistola em sua mão.

— Eu não sei usar isto — disse Manfred, assustado.

— Você tem que guardá-la para mim. Se eu não voltar, procure na mala. Embaixo do fecho eclair, há um fundo duplo, com algum dinheiro. Não é muito, mas é o que me resta. Pegue Julian e fuja do país.

Paul seguiu a senhoria escada abaixo. A mulher estava morta de curiosidade por todo aquele movimento em torno do misterioso inquilino, que havia passado duas semanas fechado em seu quarto e agora recebia visitas estranhas e telefonemas ainda mais estranhos.

— Aí está, senhor Reiner — disse ela, indicando o telefone no meio do corredor. — Talvez, depois, o senhor queira tomar alguma coisa na cozinha. A casa convida.

— Obrigado, senhora Frink — respondeu Paul, pegando o fone. — Pronto, Paul Reiner falando.

— Boa noite, irmãozinho.

Ao escutar aquela voz, Paul sentiu um calafrio. Dentro dele, algo lhe dizia que Jürgen tinha a ver com o misterioso desaparecimento de Alys, mas seu próprio medo havia abafado essa impressão. Naquele instante, retrocedeu 15 anos no tempo, voltou a se sentir tão sozinho e indefeso como quando Jürgen e seus amigos o rodearam na festa. Quis gritar, mas as palavras lhe saíram inexpressivas e baixas por causa da tensão.

— Onde ela está, Jürgen? — inquiriu, apertando o punho com ansiedade.

— Eu a estuprei, Paul. Machuquei-a e bati nela com força, muitas vezes. Agora, está em um lugar do qual não sairá nunca.

Em meio à raiva e à dor, Paul se agarrou a uma mínima esperança. Alys estava viva!

— Continua aí, irmãozinho?

— Vou matar você, filho da puta.

— É possível. Na realidade, é a única saída que temos, você e eu, não é? O destino nos pendurou há muitos anos com a mesma corda, mas é uma corda muito fina. Um dos dois tem que cair.

— O que você quer?

— Quero que nos encontremos.

Aquilo era uma armadilha. *Tinha de ser uma armadilha.*

— Primeiro, quero que você liberte Alys.

— Lamento, Paul, mas isso eu não posso prometer. Quero que você e eu combinemos de nos encontrar em um lugar tranquilo, onde possamos concluir esta história sem que ninguém nos incomode.

— Por que você simplesmente não manda seus gorilas atrás de mim? Por que desse jeito?

— Não pense que não considere isso. Seria fácil demais.

— Se eu for, o que ganho?

— Nada, porque vou matá-lo. Se, por alguma casualidade, você sobreviver, Alys morrerá. Se você morrer, Alys morrerá também. Aconteça o que acontecer, ela morrerá.

— Então, pode ir apodrecer no inferno, canalha.

— Ah, ah, ah. Não tão depressa. Escute isto: Querido lho, dois-pontos. Não há uma forma correta de começar esta carta. De fato, esta é só uma das tentativas...

— Que diabo é isso, Jürgen?

— Ficou surdo? Uma carta, cinco folhas em papel-cebola. Para uma faxineira, sua mãe tinha uma letra muito boa, sabia? O estilo é deplorável, mas o conteúdo é muito informativo. Venha buscá-la, e eu lhe entrego.

Paul, desesperado, deixou a cabeça despencar sobre o painel negro do telefone, que emitiu uns queixumes metálicos. Não via outra solução, a não ser dobrar-se às exigências do outro.

— Irmãozinho... você não desligou, não é?

— Não, Jürgen. Continuo aqui.

— E então?

— Você venceu.

Jürgen emitiu uma risadinha de triunfo.

— Há um Mercedes preto estacionado em frente à pensão. Diga ao motorista que eu enviei você. Ele tem instruções para lhe entregar a chave e informar onde estou. Venha sozinho e sem armas de fogo.

— Farei isso. Mas, Jürgen...

— Sim, irmãozinho?

— Pode ser que me matar não seja assim tão fácil.

A ligação foi interrompida e Paul correu para a saída, quase derrubando a dona da pensão. Lá fora, o luxuoso veículo estava à espera, completamente deslocado num bairro como aquele. Um motorista de libré se levantou quando Paul se aproximou.

— Eu sou Paul Reiner. Fui enviado por Jürgen von Schroeder.

O homem abriu a porta para ele na mesma hora.

— Entre, senhor. A chave está na ignição.

— Aonde devo me dirigir?

— O barão não me deu um endereço concreto. Só lhe pediu que compareça ao lugar no qual, graças ao senhor, ele teve de começar a usar um tapa-olho. Disse que o senhor entenderia.

## Mestre

1934



No qual o herói vence quando aceita sua própria morte

*O aperto de mãos secreto do mestre maçom é o mais complexo dos três graus. Conhecido comumente como “a garra do leão”, os dedos polegar e mínimo servem de pinça, enquanto os outros três devem ser apertados contra a face interna do pulso do irmão maçom. Historicamente, era dado numa determinada posição do corpo, conhecida como os cinco pontos da amizade: pé com pé, joelho com joelho, peito com peito, a mão no ombro e as faces juntas.*

*No século XX, abandonou-se essa prática. O nome secreto desse aperto de mãos é MAHABONE, e a maneira especial de soletrá-lo é mediante a divisão em três sílabas: MA-HA-BONE.*

## Cápítulo 55

As rodas se detiveram com um chiado suave, e Paul estudou o beco através do para-brisa. Uma chuva na havia começado a cair. Naquela zona escura, a vista mal a perceberia se não fosse por um solitário poste, sob cujo cone de luz amarelenta as gotas redemoinhavam.

Ao cabo de uns dois minutos, ele se atreveu a sair do carro. Fazia 14 anos que não pisava naquele beco às margens do Isar. O lugar mantinha o mesmo cheiro desagradável de turfa molhada, restos de peixe e mofo.

Àquela hora da noite, o único som que se ouvia era o de seus passos na calçada.

Chegou diante da porta do armazém. Nada parecia ter mudado. O conjunto descascado de manchas verde-escuras que salpicava a madeira talvez fosse maior do que quando Paul cruzava aquele umbral a cada manhã. As dobradiças continuavam emitindo o mesmo queixume agudo ao se abrirem, e a porta continuava emperrando no meio do caminho e precisava de uma pancada para se abrir por completo.

Paul entrou. Do teto pendia uma lâmpada nua. As baías, o solo de terra e a carroça do carvoeiro.

E, em cima da carroça, Jürgen com uma pistola na mão.

— Olá, irmãozinho. Feche a porta e adiante-se, com as mãos para cima.

Jürgen usava apenas a calça preta e as botas de seu uniforme. Da cintura para cima, estava despido, exceto pelo tapa-olho.

— Combinamos sem armas de fogo — reclamou Paul, erguendo os braços com cautela.

— Levante a camisa — disse Jürgen, fazendo gestos com a pistola, enquanto Paul obedecia às suas ordens.

— Devagar. Assim, muito bem. Agora, vire-se devagar. Muito bem. Parece que você respeitou as normas, Paul. Portanto, eu também vou respeitar.

Tirou o carregador da pistola e lançou-o longe, por cima dos tapumes que protegiam as cavalariças. Mas a pistola ainda devia ter uma bala na agulha, e o cano continuava apontado para Paul. Ele olhou ao redor.

Estavam sozinhos ali.

— Encontrou tudo como estava em sua lembrança? É o que espero. O negócio do seu amigo carvoeiro quebrou há cinco anos, e eu quei com este armazém por uma ninharia. Tinha esperança de que um dia você voltasse.



— Onde está Alys, Jürgen?

Seu irmão passou a língua pelos lábios antes de responder.

— Ah, a puta judia. Já ouviu falar de Dachau, irmãozinho?

Paul fez que sim, devagar. O campo de concentração de Dachau era um lugar do qual pouco se falava, mas tudo o que se dizia sobre ele era ruim.

— Tenho certeza de que ela está se sentindo muito bem lá. Pelo menos, pareceu contente quando meu amigo Eichmann a levou esta tarde.

— Você é um porco repugnante, Jürgen.

— O que eu posso dizer? Você não sabe proteger suas mulheres, irmãozinho.

Paul cambaleou ao ouvir aquelas palavras como se tivesse recebido um soco. Agora compreendia a verdade.

— Você a matou, não foi? Matou minha mãe.

— Caralho, como levou tempo para você chegar a essa conclusão — zombou Jürgen, com uma gargalhada de desprezo.

— Estive com ela pouco antes de sua morte. Ela... me disse que não tinha sido você.

— O que lhe parece? Com seu último alento, mentiu para protegê-lo. Aqui, porém, ela não conta mentiras, Paul — disse Jürgen, erguendo a carta de Ilse Reiner. — Aqui você tem tudo, toda a história, do princípio ao fim.

— Vai me dar ou não? — disse Paul, olhando aquele retângulo de papel com ansiedade.

— Não. Já lhe disse, não há possibilidade alguma de você ganhar. Vou matá-lo com minhas próprias mãos, irmãozinho. Mas se, por uma casualidade, um raio descer do céu e me fulminar... aqui está.

Jürgen se inclinou e espetou a carta num prego isolado que se destacava na parede.

— Tire o paletó e a camisa, Paul.

O jovem obedeceu, lançando ao solo ambas as peças. Seu peito, que já não era o do adolescente mirrado e esquelético que havia sido tempos antes, cou descoberto. Poderosos músculos se ocultavam sob sua pele morena, que se mostrava sulcada de pequenas cicatrizes.

— Satisfeito?

— Ora, ora... parece que alguém andou tomando umas vitaminas — disse Jürgen, pensativo. — Eu me pergunto se deveria lhe dar logo um tiro e me poupar o incômodo.

— Faça isso, Jürgen. Você sempre foi uma criança covarde.

— Nem pense em me chamar assim, irmãozinho.

— Sete contra um? Navalhas contra mãos nuas? Que nome você dá a isso, *irmãozinho*?

Com um gesto de fúria, Jürgen lançou longe a pistola e pegou uma faca de caça que repousava junto dele, na boleia da carroça.

— A sua está ali, Paul — disse, apontando para o outro extremo da carroça. — Vamos acabar com isto.

Paul se aproximou do veículo. Catorze anos antes, era ele quem estava ali em cima, defendendo-se de um bando de capangas.

*Era meu barco. O barco do meu pai, assaltado pelos piratas. Hoje, os papéis mudaram tanto que já não sei quem é bom e quem é mau.*

Chegou junto da traseira da carroça. Ali havia outra faca de cabo vermelho, idêntica à que o irmão empunhava. Agarrou-a com a mão direita, com a ponta para cima, tal como lhe haviam ensinado os hereró.

Jürgen segurava a sua com a ponta para baixo, o que obrigaria Paul a evitar qualquer movimento dos braços dele.

*Eu até posso estar mais forte agora, mas ele é mais forte ainda. Tenho de cansá-lo do jeito que for, impedir que me jogue no chão ou contra as laterais da carroça. Usar o ângulo morto de seu olho direito.*

— Quem é o cagão agora, irmãozinho? — disse Jürgen, chamando-o com um gesto.

Paul apoiou a mão livre na borda da carroça e se impulsionou para cima. Agora estavam ambos frente a frente, pela primeira vez desde que Jürgen cara caolho numa luta que, contra todos os prognósticos, acabara perdendo.

— Jürgen, não há necessidade de fazer isso. Poderíamos...

O irmão não o escutou. Empunhando a faca, lançou-lhe um golpe na altura do rosto que falhou por milímetros, porque Paul desviou o corpo para a direita. Quase caindo da carroça, precisou se apoiar com a mão na borda do veículo, o que deixou o anco de Jürgen ao alcance de suas pernas. Lançou um pontapé que acertou o tornozelo do irmão, e este tropeçou para trás, o que deu a Paul tempo para se reerguer.

Os dois se estudaram cara a cara, a dois passos de distância, um com a vista cravada na do outro. Paul apoiou o peso do corpo sobre a perna esquerda, um gesto que Jürgen interpretou como intenção de feri-lo pelo lado contrário. Tentando se adiantar a isso, atacou pela esquerda, que era o que Paul estava esperando.

Quando o braço dele se estendeu para a frente, Paul se agachou e deu uma facada curta e rápida para cima.

Não muito forte, o suficiente para cortá-lo com o gume da arma. Ao sentir a dor, Jürgen soltou um berro, mas, em vez de se lançar para trás como Paul esperava, desceu duas vezes o punho contra o dorso indefeso de Paul, que gritou por sua vez.

Retrocederam os dois. Paul com os pés roçando a borda da carroça, notando que a corrente que servia para baixar aquela lateral rangia a cada movimento. Jürgen, com os ombros apoiados contra o fundo, sentindo a borda da boleia contra sua nuca. O primeiro apertava com o braço as costelas doloridas, o segundo tinha o antebraço direito sangrando pelo corte, longo mas pouco profundo.

— O primeiro sangue é meu. Veremos quem derrama o último — disse Jürgen.

Paul não respondeu. Depois dos dois socos do irmão, estava quase sem fôlego e não queria que ele percebesse. Precisava de alguns segundos para se recobrar, mas não ia poder dispor deles. Jürgen avançou em sua direção a toda a velocidade, com a faca levantada em ângulo acima do ombro, numa versão letal da ridícula saudação nazista. No último instante, quando parecia que ia golpear, inclinou o torso para a esquerda e traçou com o gume um talho curto e paralelo ao peito de Paul. Este, que cara sem espaço para retroceder, teve de se deixar cair da carroça, mas não conseguiu evitar um corte que o marcou desde abaixo do mamilo esquerdo até o esterno.

Quando seus pés tocaram o solo, obrigou-se a não fazer caso da dor e a se lançar embaixo da carroça para evitar a acometida de Jürgen, que já saltara atrás dele. Rolou pelo chão, e o sangue, o suor e a terra escura formaram uma pasta pegajosa sobre seu tronco. Saiu pelo lado contrário e tentou subir de novo à carroça pela parte dianteira, mas Jürgen havia antecipado esse movimento e subido por sua vez. Corria em sua direção disposto a espetá-lo assim que ele colocasse o primeiro pé sobre o assoalho, e Paul teve de retroceder.

Jürgen aproveitou para se apoiar na boleia e saltar em cima dele, de novo com a faca levantada. Paul tropeçou em sua tentativa de se esquivar da acometida e caiu. Aquele teria sido seu fim, se a lança da carroça não tivesse cado entre Jürgen e ele; seu irmão teve de se agachar por baixo da madeira espessa. Paul, que tentava ficar de pé, aproveitou o momento para dar-lhe um chute no rosto que o golpeou em plena boca.

Paul virou-se e se esforçou por arrastar-se para longe do alcance de Jürgen. Este, louco de fúria e com uma espuma sanguinolenta escorrendo-lhe dos lábios, conseguiu segurá-lo por um tornozelo, mas perdeu o apoio quando uma sapatada do irmão para trás o golpeou no braço.

Respirando afanosamente, Paul conseguiu car de pé quase ao mesmo tempo que Jürgen. Este, agachando-se, agarrou um balde de madeira rachado que encontrou no chão e o lançou contra Paul. O jovem não conseguiu se afastar da trajetória, e o balde o atingiu no peito. Com um grito de triunfo, Jürgen correu para ele. Paul, atordoado pela pancada, caiu derrubado pelo peso do irmão. Ficaram ambos no solo, lutando. Jürgen tentava rasgar a garganta de Paul com o gume da faca paralelo ao antebraço, enquanto Paul interpunha seus próprios braços para que ele não o alcançasse.

À custa de vários cortes, impediu que Jürgen o degolasse, mas aquela situação não podia durar. O irmão era quase 20 quilos mais pesado do que ele, e além disso estava por cima. Mais cedo ou mais tarde, os braços de Paul cederiam, e o aço lhe seccionaria a jugular.

— Está perdido, irmãozinho! — gritou Jürgen, salpicando de sangue o rosto de Paul.

— Perdido, uma merda.

Reunindo todas as suas forças, Paul lançou uma joelhada contra o anco de Jürgen, e este tombou para o lado, mas em seguida voltou a se jogar sobre ele. Sua mão esquerda agarrou Paul pelo pescoço, e a direita tentava livrar-se da mão com que seu irmão mantinha o gume afastado da própria garganta.

Tarde demais, Jürgen se deu conta de que perdera de vista a mão com que Paul empunhava sua própria faca. Inclinou a vista e viu a ponta da lâmina de Paul roçar seu abdome. Levantou de novo a cabeça, com o medo estampado no rosto e os lábios trêmulos.

— Você não pode me matar. Se você me matar, Alys morrerá.

— Errado, *irmãozinho*. Com sua morte, Alys viverá.

Ao escutar isso, Jürgen se remexeu desesperado e conseguiu liberar a mão que segurava sua arma. Ergueu-a e a deixou cair sobre a garganta de Paul, mas o movimento se produziu com lentidão exasperante, e o braço de Jürgen desceu já sem forças.

A faca de Paul estava enterrada em seu ventre até o cabo.

Jürgen caiu de costas.

Paul, totalmente esgotado pela luta e pelos ferimentos, cou estendido ao lado dele, de barriga para cima.

Ambos respiravam com di culdade, e suas respirações ofegantes se misturaram em progressão descendente.

Mas, ao cabo de um minuto, Paul havia melhorado, e Jürgen estava morto.

Com grande esforço, Paul conseguiu se levantar. Tinha várias costelas quebradas, cortes superficiais por todo o corpo e um bem mais feio no peito, o qual estava coberto de terra. Devia procurar ajuda quanto antes.

Teve de passar por cima do cadáver de Jürgen para alcançar sua roupa. Rasgou em tiras as mangas da camisa e fabricou ataduras precárias, com as quais cobriu os ferimentos dos antebraços. Ensoparam-se de sangue na mesma hora, mas por enquanto ele não podia pensar nisso. Por sorte, o paletó era escuro, e camuflaria um pouco o efeito.

Saiu para a rua. No estado em que se encontrava, não se deu conta de que, quando a porta se abriu, as sombras à direita do beco se agitaram, enquanto um vulto tentava se esconder. Paul passou ao seu lado sem notar a presença de quem o espiava, tão perto que poderia tocá-lo apenas estendendo o braço.

Chegou até o carro. Quando se sentou ao volante, sentiu no peito uma intensa pontada de dor, como se uma mão gigantesca o comprimisse sem compaixão.

*Espero que ele não tenha me perfurado um pulmão.*

Deu a partida, tentando esquecer a dor. Não precisou ir longe. Ao chegar, havia notado um hotel barato, um lugar de baixa categoria, de onde provavelmente o irmão lhe telefonara. Ficava a pouco mais de 600

metros da cocheira.

O empregado empalideceu atrás do balcão quando Paul entrou.

*Devo estar com belo aspecto para que alguém se assuste comigo numa espelunca como esta,* pensou Paul.

— Vocês têm telefone aqui?

— Naquela parede, senhor.

O aparelho era velho, mas funcionava. No sexto toque, a dona da pensão atendeu, com voz desperta apesar da hora inoportuna. Costumava deitar-se tarde, escutando música e seriados em seu rádio de galena.

— Pronto?

— Senhora Frink, aqui é Paul Reiner. Gostaria de falar com o senhor Tannenbaum.

— Senhor Reiner! Eu estava muito preocupada, me perguntando o que o senhor estaria fazendo na rua a esta hora. E, ainda por cima, com aquela gente no seu quarto...

— Estou bem, senhora Frink. Poderia...

— Sim, sim, claro, o senhor Tannenbaum. Vou chamá-lo agora mesmo.

Os cinco minutos que Paul teve de esperar foram longuíssimos. Ele voltou-se para o balcão e viu que o recepcionista o estudava atentamente por trás de um exemplar do *Volkischer Beobachter*.

*Era só o que me faltava. Um simpatizante dos nazistas.*

Baixou a vista e percebeu, apavorado, que o sangue pingava do braço direito, deslizando pela mão e formando um estranho desenho sobre o piso de madeira. Levantou o braço para evitar o gotejamento e arrastou a sola do sapato por cima do sangue, com a intenção de que as manchas parecessem simplesmente de sujeira.

Virou-se de novo. O empregado não tirava o olho de cima dele, e o mais provável era que, se notasse algo suspeito, avisasse à Gestapo assim que Paul colocasse um pé fora do hotelzinho. E isso seria o fim. Paul não teria como explicar os ferimentos que sofrera, nem o fato de estar dirigindo o carro de um barão. Se Paul não se despedisse dele logo, era apenas questão de dias que achassem o cadáver, quando algum vagabundo notasse o fedor proveniente do corpo.

*Venha atender, Manfred. Venha, pelo amor de Deus.*

Finalmente escutou a voz do irmão de Alys, cheia de ansiedade.

— É você, Paul?

— Sou eu.

— Onde você se meteu, droga? Quando não o vi retornar, eu...

— Escute atentamente, Manfred. Se quiser voltar a ver sua irmã viva, escute. Preciso de sua ajuda.

— Onde você está? — perguntou Manfred, muito sério.

Paul lhe deu o endereço do armazém.

— Pegue um táxi e venha. Mas não diretamente. Antes, procure uma farmácia de plantão e compre gaze, ataduras, álcool e utensílios para costurar ferimentos. E, muito importante, anti-inflamatórios. E traga minha mala com todas as minhas coisas. Não se preocupe com a senhora Frink, eu já...

Nesse momento, precisou fazer uma pausa. Começava a sentir tonturas, fruto do cansaço e da perda de sangue. Precisou se agarrar ao telefone para não cair.

— Paul?

— ... já adiantei o pagamento de dois meses.

— Pode deixar, eu farei tudo, Paul.

— Ande depressa, Manfred.

Desligou e se encaminhou para a porta. Ao passar junto do empregado, saudou-o fazendo uma versão breve e espasmódica do braço erguido nazista, com ando em que ele não atentasse para as manchas de sangue. O empregado respondeu com um entusiástico *Heil Hitler!* que fez os quadros das paredes balançarem em seus pregos enferrujados. Adiantando-se a Paul, abriu-lhe a porta da rua e se surpreendeu ao ver um luxuoso Mercedes estacionado ali.

— Bonito carro, amigo.

— É, sim.

— Está com ele há muito tempo?

— Uns dois meses. É de segunda mão.

*Pelo amor de Deus, não chame a polícia... Você só viu um honrado trabalhador parando um momento para dar um telefonema.*

Quando entrava no veículo, sentiu de novo sobre a nuca o olhar de suspeita do empregado. Ao se sentar, precisou apertar os dentes com força para não gritar de dor.

*Tudo está normal*, pensou, concentrando todos os seus sentidos em arrancar com o carro sem desmaiar.

*Volte ao seu jornal, amigo. Volte à sua noite tranquila. Você não quer complicações com a polícia.*

O recepcionista não afastou a vista até que o Mercedes dobrou a esquina, mas Paul não podia saber se ele estava simplesmente admirando a carroceria ou anotando mentalmente a placa. Por sorte, daquele ponto, o homem não podia ver que Reiner se dirigia à cocheira.

Quando chegou, Paul despencou sem forças para a frente, abraçando o volante na tentativa de não cair.

Foi acordado por pancadas no vidro. O rosto de Manfred o contemplava com preocupação. Ao lado havia outro rosto, menor.

*Julian.*

*Meu filho.*

Os minutos seguintes foram um acúmulo de cenas desconexas em sua memória. Manfred arrastando-o do carro até o interior da cocheira. Limpando e suturando seus ferimentos. Ardência. Julian lhe oferecendo uma garrafa de água. Ele bebendo durante o que parecia uma eternidade, sem conseguir saciar a sede. E depois, de novo o silêncio.

Quando voltou a abrir os olhos, Manfred e Julian estavam sentados na carroça, contemplando-o.

— O que ele está fazendo aqui? — perguntou Paul, com voz rouca.

— O que você queria que eu fizesse? Não podia deixá-lo sozinho na pensão!

— O que vamos fazer esta noite não é trabalho para crianças.

Julian desceu da carroça e correu para abraçá-lo.

— Estávamos muito preocupados.

— Obrigado por vir me salvar — disse Paul, remexendo-lhe o cabelo.

— Mamãe também faz isso — disse o garoto.

— Vamos buscá-la, Julian. Eu prometo.

Levantou-se e foi se lavar numa pequena pia que havia na parte dos fundos. Era pouco mais que um balde —

agora coberto de teias de aranha — colocado embaixo de uma torneira, encimado por um velho espelho denteado e todo descascado.

Paul estudou seu reflexo com cuidado. Tinha os dois antebraços e o tronco completamente cobertos por ataduras. No lado esquerdo, o sangue lutava para sair através do tecido branco.

— Seus ferimentos eram muito feios. Você não imagina como gritou quando passei o antisséptico —

disse Manfred, que se aproximara da porta.



— Não me lembro de nada.

— Quem é o morto?

— O homem que levou Alys.

— Julian, largue essa faca no chão! — gritou Manfred, que de vez em quando dava uma olhada por cima do ombro para ver o que o menino fazia.

— Lamento que ele tenha tido de ver o cadáver.

— É um menino muito valente. Segurou sua mão o tempo todo, e posso lhe jurar que não foi agradável.

Eu sou engenheiro, e não médico.

Paul sacudiu a cabeça, tentando ficar mais desperto.

— Você vai ter que ir comprar sulfamidas. Que horas são?

— Sete da manhã.

— Vamos descansar um pouco. Esta noite, iremos buscar sua irmã.

— Onde ela está?

— Em Dachau.

Manfred abriu os olhos de par em par e engoliu em seco antes de prosseguir.

— Sabe o que é Dachau, Paul?

— Um daqueles campos de concentração que os nazistas tiraram da manga para meter lá dentro seus inimigos políticos. Basicamente, uma prisão ao ar livre.

— Nota-se que você acaba de voltar à Alemanha — disse Manfred, balançando a cabeça. —

O cialmente, esses lugares são maravilhosos acampamentos de verão para crianças bagunceiras e indisciplinadas. Mas, se escutarmos os poucos jornalistas honrados que ainda restam aqui fora, os estabelecimentos como Dachau são infernos em miniatura. Dos quais ninguém foge, é claro.

— Alys não vai fugir.

Paul lhe explicou em linhas gerais o seu plano. Foram só umas dez frases, mas, quando ele terminou, Manfred estava ainda mais preocupado do que antes.

— Há um milhão de coisas que poderiam dar errado.

— Também poderiam funcionar.

— Também poderia nascer uma lua verde esta noite.

— Vai me ajudar a salvar sua irmã ou não?

Manfred olhou para Julian, que subira de volta à carroça e brincava de jogar a bola contra as paredes.

— Suponho que sim — respondeu, suspirando.

— Então, vá descansar um pouco. Quando acordar, você me ajudará a matar Paul Reiner.

Minutos mais tarde, ao ver Manfred e Julian deitados no solo tentando descansar, Paul se deu conta de como estava exausto. Mas ainda lhe restava algo a fazer antes de dormir um pouco.

No outro extremo da cocheira, espetada em um prego, estava a carta de sua mãe.

Paul devia passar novamente por cima do corpo de Jürgen, e isso se revelou uma provação muito mais dura do que havia sido na vez anterior. Ficou olhando-o durante longos minutos, observando o olho desgurado, a palidez crescente da pele à medida que o sangue se acumulava nas zonas inferiores, a simetria do tronco alterada pela faca atravessada obliquamente no abdome.

Embora, durante toda a sua vida, aquela pessoa só lhe tivesse causado sofrimento, não pôde evitar sentir uma profunda pena dele.

*As coisas deviam ter sido de outra forma*, pensou, decidindo-se nalmente a transpor a parede de ar sólido que se formara em cima do cadáver.

Com extremo cuidado, arrancou a carta do prego.

O cansaço agia como um bálsamo sobre seus nervos, mas ainda assim a emoção que ele sentiu ao abrir a carta foi enorme.

Querido filho,

Não há uma forma correta de começar esta carta. Na verdade, esta é uma das tentativas que faço a cada quatro ou cinco meses. Após algum tempo, que é cada vez mais breve, tenho que pegar de novo o lápis para reescrevê-la. Sempre espero que você não esteja na pensão para queimar a versão anterior e espalhar as cinzas pela janela. Depois me lanço à tarefa, em vez de fazer o que preciso, que é contar-lhe a verdade.

Seu pai. Quando você era pequeno me perguntava frequentemente por ele. Eu desconversava ou me calava, pois tinha medo. Naquela época, nossa vida dependia da caridade dos von Schroeder, e eu era fraca demais para buscar uma alternativa. Se naquele momento... mas não, não me dê ouvidos. Minha vida tem estado cheia de frases como essa, e faz tempo que me cansei de me arrepender.

Também faz tempo que você se cansou de me perguntar por seu pai. De certo modo, isso me afetou ainda mais que seu ativo interesse quando você era pequeno, porque sei que continua obcecado por ele. Sei o quanto lhe custa dormir à noite, e sei que, em seu coração, o que você mais deseja é saber o que aconteceu.

Por isso, devo calar. Minha mente não funciona muito bem, às vezes perco a noção de tempo e de onde me encontro, e só espero que nesses instantes de atordoamento eu não lhe revele a situação desta carta. No resto do tempo, enquanto estou lúcida, a única coisa que sinto é medo de que, no dia em que descobrir a verdade, você corra a enfrentar os homens que causaram a morte de Hans.

Sim, Paul: ao contrário do que lhe dissemos, seu pai não morreu em um naufrágio, algo que você já intuiu pouco antes de nos expulsarem do palacete do barão. No entanto, teria sido uma morte apropriada para ele.

Hans Reiner nasceu em Hamburgo, em 1876, mas sua família se mudou para Munique quando ele ainda era menino. No final, acabou amando ambas as cidades, mas o mar foi sua única paixão.

Era um homem ambicioso. Queria ser capitão e conseguiu. Já o era quando nos conhecemos num baile, pouco depois do início do século. Não recordo exatamente a data, acho que era nal de 1902, mas não tenho certeza. Ele me tirou para dançar, e eu fui. Era uma valsa. Antes do m da música, já estava perdidamente apaixonada por ele.

Entre uma viagem e outra, Hans me cortejava e acabou estabelecendo sua residência permanente em Munique só para me agradar, por mais incômodo que isso fosse para sua pro ssão. O dia em que entrou na casa dos meus pais para pedir minha mão ao seu avô foi o mais feliz da minha vida. Meu pai era um homem bonachão e jovial, mas nesse dia cou muito sério e

até deixou escapar uma pequena lágrima. É pena que você não o tenha conhecido, pois gostaria muito dele.

Meu pai disse que devíamos comemorar com uma festa, um grande noivado, como os tradicionais.

Um fim de semana completo, com dezenas de convidados e um bom banquete.

Nossa pequena residência não era apropriada para tal recepção, de modo que meu pai pediu à nossa irmã para fazer o evento na casa de campo do barão, em Herrsching. Naquela época, o apego de seu tio ao jogo ainda estava sob controle, e eles tinham várias propriedades espalhadas por toda a Baviera.

Brunhilda aceitou, mais para ficar bem com minha mãe do que por outro motivo.

Quando éramos pequenas, minha irmã e eu nunca fomos muito unidas. Ela se importava mais com garotos, com bailes e com roupas bonitas. Eu preferia car em casa com meus pais. Ainda brincava com bonecas quando Brunhilda foi ao seu primeiro encontro amoroso.

Ela não é má pessoa, Paul. Nunca foi; é apenas egoísta e mimada, mas não má. Quando se casou com o barão, uns dois anos antes de eu conhecer seu pai, foi a mulher mais feliz do mundo. O que a fez mudar? Não sei. Talvez o tédio, talvez a in delidade do seu tio, que era um mulherengo declarado, algo que ela não soube ver antes, porque estava cega pelo brilho do dinheiro e do título dele. Depois, porém, isso cou evidente demais para que não se desse conta. Ela teve um lho com ele, algo que eu nunca esperaria. Eduard foi um menino doce e solitário, que cresceu sob os cuidados de criados e amas de leite.

A mãe nunca lhe deu muita atenção, porque o menino não lhe servira para encurtar as rédeas do barão e afastá-lo de suas vagabundas.

Voltemos ao m de semana da festa. Na sexta-feira ao meio-dia, começaram a chegar os convidados.

Eu estava radiante, passeando ao sol com minha irmã e esperando que seu pai viesse para apresentá-lo a ela. Finalmente ele chegou, com sua jaqueta militar e seu quepe de capitão, uma espada de gala e luvas brancas. Vestia-se tal como devia aparecer no momento do pedido de casamento, no sábado à noite, e disse que fizera isso só para me impressionar. Eu fiquei rindo.

Quando o apresentei a Brunhilda, porém, aconteceu algo estranho. Seu pai apertou a mão dela e segurou-a um pouco mais do que seria decoroso e conveniente. E ela pareceu transtornada, como se atingida por um raio. Naquele momento, boba que eu era, achei que ela estava encabulada, com vergonha, mas essa é uma qualidade que Brunhilda nunca possuiu de modo algum.

Seu pai acabava de retornar de uma missão na África. Trazia-me um perfume exótico dos

nativos das colônias, feito com sândalo e melaço, creio. Tinha um aroma forte e muito característico, mas ao mesmo tempo delicado e gostoso. Bati palmas como uma boba. Fiquei empolgada e prometi que o usaria na hora do pedido.

Naquela noite, enquanto todos dormíamos, Brunhilda entrou no quarto de seu pai. O aposento estava completamente às escuras, e Brunhilda nua por baixo da camisola, sem outro complemento além do perfume que seu pai havia me presenteado. Meteu-se na cama em silêncio e fez amor com ele. Ainda me custa escrever estas palavras, Paul, e isso aconteceu há quase vinte anos.

Seu pai, achando que eu quisera adiantar nossa noite de núpcias, deixou-se levar. Pelo menos, foi o que me disse no dia seguinte, enquanto eu o olhava com cara de espanto.

Ele jurou de pés juntos que não se dera conta de nada até que terminaram, e Brunhilda falou pela primeira vez. Disse que o amava e pediu que fugissem juntos. Seu pai a expulsou do quarto discretamente e, de manhã, me puxou de lado e me contou o que tinha acontecido.

— Podemos cancelar o casamento, se você quiser — disse.

— Não — respondi. — Eu o amo e me casarei com você, se jurar que não sabia que se tratava da minha irmã.

Seu pai jurou de novo, e eu acreditei. Com o passar dos anos, não tenho tanta certeza assim, mas agora há amargura demais no meu coração.

Mais adiante tiveram lugar o pedido e, três meses depois, o casamento em Munique. Por essa época, a barriga avultada de sua tia era claramente perceptível sob o vestido vermelho de renda que ela usava. O barão se exibia orgulhoso por ser pai outra vez, e todo mundo estava feliz, menos eu, que sabia perfeitamente de quem era aquela criança.

Finalmente, o barão também soube. Não por mim. Eu nunca enfrentei minha irmã para recriminá-la pelo que fez, porque sou covarde, tampouco contei a ninguém o que sabia. Mas a verdade tinha de vir à luz, mais cedo ou mais tarde, e Brunhilda deve tê-la lançado à cara do barão, como vingança pelas muitas traições dele. Não sei ao certo, mas o fato é que ele soube, e isso teve parte da culpa pelo que aconteceu depois.

Eu também engravidei logo, e você veio ao mundo quando seu pai se encontrava naquela que seria sua última missão na África. As cartas que me escrevia eram progressivamente mais obscuras, e, embora eu não saiba exatamente por que, ele se sentia cada vez menos orgulhoso da tarefa que estava desempenhando.

Um dia, parou de escrever. A carta seguinte que me chegou era da Marinha Imperial, avisando que meu marido havia sido declarado desertor, e que eu tinha a obrigação de alertar as autoridades se voltasse a ter notícias dele.

Chorei amargamente. Ainda não sei o que o motivou a desertar, nem quero saber. Descobri coisas demais sobre Hans Reiner após sua morte, traços que não pertencem em absoluto ao retrato que eu fazia dele. Por isso nunca lhe falei de seu pai, pois não foi alguém que lhe servisse de modelo ou de quem você pudesse ter orgulho.

No nal de 1904, seu pai voltou a Munique, mas eu não soube. Ele veio às escondidas, com o assistente, um tal de Nagel, que sempre o acompanhava a todos os lugares. Em vez de vir para casa, foi buscar refúgio no palacete de seu tio, o barão. De lá, me mandou um bilhete, que dizia textualmente:

“Querida Ilse: cometi um erro grave e estou tentando corrigi-lo. Pedi ajuda ao seu cunhado e a outro bom amigo, os quais talvez possam me socorrer. Às vezes o maior tesouro se esconde no mesmo lugar que a maior destruição, ou pelo menos sempre pensei assim. Com amor, Hans.” Nunca entendi o que seu pai queria me dizer com essas palavras. Li várias vezes o bilhete quando o recebi, mas o queimei algumas horas depois, por medo de que caísse em mãos erradas.

Sobre a morte de seu pai, só sei que ele estava hospedado no palacete dos von Schroeder e que certa noite houve uma forte discussão, após a qual ele morreu. O cadáver foi jogado de uma ponte no Isar por um grupo de várias pessoas, amparadas pela madrugada.

Não sei quem matou seu pai. Sua tia me contou isso, usando quase as mesmas palavras que usei, embora ela não estivesse presente quando tudo aconteceu. Contou-me com lágrimas nos olhos, e eu soube que ela continuava apaixonada por ele.

O menino que Brunhilda deu à luz, Jürgen, era a imagem viva do seu pai. Não são de estranhar o amor e a devoção doentia que ela sempre demonstrou por ele. Aliás, não foi a única coisa tortuosa e doentia que começou com aquela noite terrível.

Eu, indefesa e assustada, aceitei a proposta feita por Otto de ir morar no palacete. Para ele, era ao mesmo tempo uma expiação pelo que haviam feito a Hans e uma maneira de castigar Brunhilda, recordando-lhe quem Hans havia preferido. Para Brunhilda, era sua maneira de me castigar por ter-lhe roubado o homem por quem ela se apaixonara, embora esse homem não lhe pertencesse.

Para mim, era um modo de sobreviver, pois de seu pai só restaram dívidas quando o governo se dignou a declará-lo morto, após alguns anos. O cadáver jamais apareceu. E você e eu sofremos o destino de viver naquela mansão onde só havia ódio.

Há mais uma coisa. Para mim, Jürgen nunca foi seu meio-irmão, mas seu irmão, pois, embora concebido no seio de Brunhilda, sempre foi como meu lho. Nunca pude dar-lhe carinho, mas ele era uma parte de seu pai, do homem que amei com toda a minha alma. Vê-lo todos os dias, embora apenas por alguns instantes, era como ter de novo Hans junto de mim.

Minha covardia e meu egoísmo condicionaram sua vida, Paul. Eu nunca quis que a morte de seu

pai também o zesse. Tentei mentir e ocultar os fatos para evitar que, quando crescesse, você buscasse uma vingança absurda. Por favor, não faça isso.

Se for esta a carta que nalmente chegar às suas mãos, coisa de que duvido, quero que saiba que o amo muitíssimo e que, se algo busquei com minhas ações, foi protegê-lo. Perdoe-me.

Sua mãe que o ama,

Ilse Reiner

## Cápítulo 58

Paul chorou durante muito tempo quando terminou de ler as palavras da mãe.

Derramou lágrimas por Ilse, que tivera uma vida de sofrimento por amor, e que por amor havia errado.

Derramou lágrimas por Jürgen, que nascera no lugar menos apropriado. Derramou lágrimas por si mesmo, que havia chorado por um pai que não o merecia.

Finalmente adormeceu rodeado por uma estranha paz, um sentimento que ele não recordava ter experimentado nunca. Fosse qual fosse o desenlace da loucura que iriam tentar horas depois, havia alcançado seu objetivo.

Manfred o despertou, dando-lhe uns tapinhas no ombro. Julian comia um sanduíche de salsicha a poucos metros de distância.

— Está na hora. São sete da tarde.

— Por que me deixou dormir tanto?

— Você precisava descansar. Enquanto isso, fui comprar e trouxe tudo o que me pediu. As toalhas, uma colher de aço, a pá, tudo.

— Então, vamos começar.

O jovem fez Paul tomar a sulfamida para evitar que os ferimentos se infectassem. Depois, ambos mandaram Julian para o carro.

— Posso ligar o motor?

— Nem pense nisso! — gritou Manfred.

Os dois juntos tiraram do morto a calça e as botas e o vestiram com as roupas de Paul. No bolso do paletó, colocaram os documentos dele. Depois cavaram um buraco profundo no solo de terra e o puseram dentro.

— Isto os confundirá durante algum tempo, suponho. Acho que não o encontrarão antes de algumas semanas, e então já não restará muito dele — disse Paul.

Pendurado em um prego na cavalaria, encontraram o resto do uniforme de Jürgen. Ele e Paul tinham mais ou menos a mesma altura, mas o primeiro era mais corpulento. Com as vistosas ataduras que Paul trazia em torno dos braços e do peito, o uniforme lhe caía razoavelmente bem. As botas o apertavam, mas o resto se encaixava.

— O uniforme caiu como uma luva. O que não vai convencer de maneira alguma é isto aqui.



Manfred mostrou ao cunhado a carteira de identidade de Jürgen, junto com a do partido nazista e um cartão das SS. A semelhança entre Jürgen e Paul se acentuara com o passar dos anos. Ambos tinham uma mandíbula forte, olhos azuis e traços parecidos. O cabelo de Jürgen era mais escuro, mas isso se resolveria com a brilhantina que Manfred havia comprado.

Pela foto da identidade, Paul poderia perfeitamente passar por Jürgen. Exceto por um pequeno detalhe, que era o que Manfred assinalava com o dedo. No item “traços característicos”, gurava claramente escrito: *desprovido do olho direito*.

— Um tapa-olho não será suficiente, Paul. Se mandarem você levá-lo...

— Eu sei, Manfred. Por isso, preciso que você me ajude.

O jovem ficou olhando para ele, completamente atônito.

— Você não está pensando em...

— Tenho que fazer isso.

— Mas é uma loucura!

— Assim como todo o plano. E esse é o ponto mais fraco.

Finalmente, Manfred aceitou. Paul se sentou na boleia da carroça, com as toalhas lhe cobrindo o peito como se ele estivesse na barbearia.

— Pronto?

— Espere — disse Manfred, que parecia aterrorizado. — Vamos repassar mais uma vez, para não haver erros.

— Eu agora vou colocar a colher na borda de minha pálpebra direita e arrancar o olho de um golpe só.

Quando eu o tirar, você tem que me jogar os antissépticos e depois colocar as gazes. De acordo?

Manfred assentiu. Estava tão assustado que mal conseguia falar, e Paul compreendeu que o pavor do rapaz o estava ajudando a ignorar seu próprio medo.

— Pronto? — perguntou de novo.

— Pronto.

Dez segundos depois, só houve gritos.

Por volta das onze da noite, Paul consumira quase um tubo inteiro de aspirinas dos três que

Manfred havia comprado. O ferimento havia parado de sangrar, e Manfred o desinfetava de 15 em 15 minutos, colocando gazes novas a cada vez.

Julian, que entrara algumas horas antes, alarmado ao escutar os gritos, havia topado com o pai agarrando a cabeça e urrando a plenos pulmões, enquanto o tio, histérico, gritava para que ele saísse dali. Trancara-se de novo no Mercedes e caíra no choro.

Quando tudo se acalmou, Manfred saiu para buscar o sobrinho e lhe explicou o plano. Julian entrou e se aproximou de Paul.

— Você está fazendo isto só pela minha mãe? — perguntou, e em sua voz havia um respeito quase reverencial.

— E por você, Julian. Porque quero que fiquemos todos juntos.

O menino não respondeu, mas se agarrou com força ao braço de Paul, e ali continuou quando ele decidiu que chegara a hora de partir. Os dois se instalaram no assento traseiro do carro.

Manfred dirigiu com uma careta tensa nos lábios os 16 quilômetros que os separavam do campo de concentração. Levaram quase uma hora até chegar ao local, pois Manfred mal sabia dirigir, e o carro morria a toda hora.

— Quando chegarmos lá, você não pode deixar o carro morrer de jeito nenhum, Manfred — disse Paul, preocupado.

— Farei o possível.

Ao se aproximar de Dachau, Paul observou uma mudança radical em relação a Munique. Até na escuridão da noite, a pobreza da cidade era evidente. As calçadas estavam malcuidadas e sujas, os sinais de trânsito apedrejados, as fachadas dos edifícios, velhas e descascadas.

— Que lugar triste — disse Paul.

— De todos os lugares para onde podiam ter trazido Alys, este sem dúvida é o pior.

— Por que você diz isso?

— Nosso pai era o dono da fábrica de pólvora que havia nesta cidade.

Paul esteve prestes a contar a Manfred que sua própria mãe tinha trabalhado naquela fábrica de munições e fora demitida, mas estava cansado demais para começar a conversar.

— O mais irônico é que meu pai vendeu os terrenos aos nazistas, que construíram neles o campo.

Finalmente, viram um cartaz amarelo com letras pretas no qual se anunciava que o campo cava a 800

metros dali.

— Pode parar, Manfred. Faça a volta devagar e retroceda um pouco.

Manfred obedeceu, e eles rezeram o caminho até uma pequena edificação que haviam deixado para trás minutos antes. O lugar parecia uma cabana de guarda-oresta, embora desse a impressão de estar desabitado havia algum tempo.

— Julian, escute com atenção — disse Paul, segurando o menino pelos ombros e obrigando-o a tá-lo cara a cara. — Seu tio e eu vamos entrar no campo de concentração e tentar tirar sua mãe. Mas você não pode ir conosco. Agora, quero que desça do carro com a minha mala e espere na parte de trás dessa construção. Esconda-se bem, não fale com ninguém nem saia, a não ser que ouça seu tio ou eu chamá-lo.

Entendeu?

Julian fez que sim, com os lábios trêmulos.

— Garoto corajoso — disse Paul, abraçando-o.

— E se vocês não voltarem?

— Nem pense nisso, Julian. Porque vamos voltar.

Instalado Julian em seu esconderijo, Paul e Manfred entraram de volta no automóvel.

— Por que você não deu a ele instruções sobre o que fazer se nós não voltarmos? — perguntou Manfred.

— Porque ele é um menino esperto. Olhará na mala, achará o dinheiro e deixará o resto. E, de todo modo, não tenho ninguém a quem enviá-lo. Como está meu ferimento? — perguntou Paul, acendendo a luz do teto do veículo e afastando a gaze.

— Inflamado, mas não muito. As pálpebras não estão vermelhas. Dói?

— Muitíssimo.

Paul se olhou no retrovisor. Onde antes estava o globo ocular havia agora um vazio plano de pele enrugada. Um fiozinho de sangue descia pelo canto do olho, como uma lágrima escarlate.

— Caralho, tem que parecer antigo.

— Pode ser que não o mandem tirar o tapa-olho.

— Obrigado por me lembrar.

Tirou o tapa-olho do bolso e colocou-o, jogando as gazes na sarjeta pela janela. Quando voltou a se observar no espelho, sentiu um calafrio.

Era Jürgen que lhe devolvia o olhar no reflexo.

Examinou o bracelete com a bandeira nazista que se destacava em seu braço esquerdo.

*Certa vez, pensei que preferiria morrer a usar este símbolo,* recordou Paul. *E hoje Paul Reiner está morto.*

*Agora sou Jürgen von Schroeder.*

Abandonou o assento do passageiro e ocupou o de trás, tentando se lembrar de como era seu irmão, como era seu ar depreciativo, seus modos altaneiros. A forma pela qual projetava a voz para diante, como uma extensão de si mesmo, pretendendo levar o interlocutor a se sentir um ser inferior.

*Posso fazer isso,* disse Paul a si mesmo. *Vejamos...*

— Dê a partida, Manfred. Não percamos mais tempo.

## O TRABALHO LIBERTA

Essa era a frase que se lia, em letras de ferro, sobre o portão de acesso ao campo. As palavras, contudo, não passavam de grades com outra forma. Nenhuma das pessoas que estavam ali ganharia a liberdade trabalhando.

Quando o Mercedes se deteve diante da entrada, um guarda sonolento, de uniforme preto, saiu de uma guarita lateral, deu uma breve olhada no interior, com sua lanterna, e acenou para que passassem. O portão começou a se abrir na mesma hora.

— Como é simples! — sussurrou Manfred.

— Você conhece alguma prisão onde seja difícil entrar? Os problemas costumam surgir na saída — replicou Paul.

O portão se abriu por completo, mas o carro não se moveu.

— Que diabos deu em você? Não fique aí parado!

— Não sei aonde ir, Paul — respondeu Manfred, crispando as mãos sobre o volante.

— Merda.

Paul baixou o vidro e fez sinal ao guarda para que se aproximasse. O homem veio correndo.

— Pois não, senhor?

— Soldado, estou com uma dor de cabeça insuportável. Faça o favor de explicar ao idiota do meu motorista como chegar até quem está no comando. Trago ordens de Munique.

— Neste horário, só resta gente no posto de guarda, senhor.

— Pois então proceda, soldado. Este imbecil e eu falamos idiomas diferentes.

O guarda deu instruções a Manfred, que não precisou fingir a cara de aborrecimento com seu “patrão”.

— Não acha que exagerou um pouco?

— Se você tivesse visto meu irmão tratando os subalternos... Estou imitando-o em um dos seus dias bons.

O carro percorreu uma zona cercada. Do outro lado, um grupo de prisioneiros enleirados corria em círculos ao redor de um poste, com os respectivos pés direitos atados entre si. Quando um

caía, pelo menos quatro ou cinco o seguiam ao solo.

— Vamos, seus cachorros! Vão car assim até darem dez voltas seguidas sem tropeçar! — gritava um guarda que contemplava a cena.

— Lar, doce lar — disse Manfred.

O automóvel se deteve onde o soldado da guarita havia indicado, diante de um edifício baixo, pintado de branco, cuja porta iluminada por vários focos era vigiada por outros dois soldados. Paul já ia colocando a mão na maçaneta para abrir o carro quando Manfred o deteve.

— O que está fazendo? — sussurrou. — Eu é que devo abrir para você!

Paul se deteve bem a tempo. Sua dor de cabeça e sua desorientação haviam aumentado nos últimos minutos, e custava-lhe coordenar os pensamentos com clareza. Sentiu uma pontada de medo ante o que ia fazer. Por um instante, ficou tentado a mandar Manfred dar a volta e se afastar dali o mais depressa possível.

*Não posso fazer isso com Alys. Nem com Julian, nem comigo mesmo. Tenho que entrar... aconteça o que acontecer.*

A porta do carro já estava se abrindo. Paul colocou um pé sobre o piso de cimento, assomou a cabeça e na mesma hora os dois soldados se per laram e levantaram o braço. Paul desceu do Mercedes e devolveu a saudação.

— Descansar — disse, cruzando a porta.

O interior do posto de guarda consistia em uma sala pequena com aspecto de escritório, três ou quatro escrivaninhas despojadas e desocupadas, cada uma com sua bandeirinha nazista junto ao porta-lápis, e, nas paredes, um retrato do *Führer* como única decoração. Perto da porta havia uma mesa comprida, semelhante a um balcão, atrás do qual aguardava um único funcionário de cara azeda. Ao ver Paul entrar, endireitou os ombros.

— *Heil Hitler!*

— *Heil Hitler!* — respondeu Paul, estudando o aposento. No fundo havia uma vidraça que dava para o que parecia ser uma sala de lazer. Através dela viam-se uns dez soldados jogando cartas em meio a uma nuvem de fumaça.

— Boa noite, senhor *obersturmführer* — disse o funcionário. — Em que posso lhe ser útil, a esta hora?

— Pode me ser útil se se apressar. Tenho de levar a Munique uma interna para um... interrogatório secreto.

— Claro, senhor. Nome?

— Alys Tannenbaum.

— Ah, aquela que trouxeram ontem. Não temos muitas internas, não mais de meia centena, sabe? É uma pena que a levem. É uma das poucas... passáveis — disse o outro, com um sorriso lascivo.

— Você quer dizer... para uma judia, não é, funcionário?

O sujeito atrás do balcão engoliu em seco ante o tom de Paul.

— Claro. Para uma judia, senhor. Claro.

— Claro. Enfim, o que está esperando? Vá buscá-la!

— Imediatamente, senhor. Pode me mostrar a ordem de traslado, senhor?

Paul, que colocara os braços atrás das costas, apertou os punhos com força. Já preparara a resposta para essa pergunta. Agora, soltaria seu pequeno discurso. Se funcionasse, tirariam Alys, entrariam no carro e sairiam dali livres como o vento. Caso contrário, haveria um telefonema, talvez mais de um. E, em menos de meia hora, Manfred e ele seriam convidados de honra no campo, só que com roupas bem diferentes.

— Escute atentamente, funcionário...

— Faber, senhor. Funcionário Gustav Faber.

— Escute, funcionário Faber. Duas horas atrás, eu estava na minha cama com uma garota especial de Frankfurt, a quem vinha cortejando há dias. Dias! De repente, tocou o telefone, e sabe quem era?

— Não, senhor.

Paul se debruçou sobre o balcão e adotou um tom confidencial.

— Reinhard Heydrich em pessoa. Disse: “Jürgen, meu amigo, traga-me aquela judia que mandamos ontem para Dachau, porque parece que não a esprememos muito bem.” Eu respondi: “Não pode ir outro?” E ele: “Não, porque quero que você a trabalhe durante a viagem. Que a assuste com seu método especial.” Então, entrei no carro e aqui estou. Tudo para fazer um favor a um amigo. Mas isso não significa que eu não esteja de péssimo humor. Portanto, traga a puta judia de uma vez, para ver se eu consigo voltar com minha amiguinha antes que ela adormeça.

— Lamento, senhor, mas...

— Funcionário Faber, por acaso sabe com quem está falando?

— Não, senhor.

— Eu sou o barão von Schroeder.

Diante disso, a cara do homenzinho mudou.

— Por que não disse antes, senhor? Eu sou muito amigo de Adolf Eichmann. Ele me falou muito de sua pessoa — baixou a voz, em tom confidencial —, e sei que estiveram fazendo um trabalho especial para o senhor Heydrich. Enfim, não se preocupe, ajeitarei tudo. Vou mandar buscar a judia.

Levantou-se e caminhou até a sala de lazer. Mandou sair um dos soldados, que deu claras mostras de aborrecimento por ter de interromper a partida. Após alguns instantes, o soldado desapareceu por uma porta que não estava à vista de Paul.

Enquanto isso, o funcionário voltava. Tirou um impresso de cor roxa de sob o balcão e começou a preenchê-lo.

— Permite-me ver sua identificação? Preciso anotar seu número das SS.

Paul lhe estendeu a carteirinha de couro.

— Está tudo aqui. Abrevie.

O funcionário pegou o documento de identidade e cou olhando a foto durante alguns instantes. Paul o observava atentamente. Aquele era o momento decisivo. Viu que uma sombra de dúvida passava pelo rosto do funcionário, que levantava a vista para ele e a baixava de novo para a foto. Precisava agir. Distraí-lo, dar o golpe de misericórdia para que o sujeitinho parasse de duvidar.

— O que houve, não achou o número? Quer que eu dê uma olhada?

Quando o funcionário o tou, intrigado, Paul levantou o tapa-olho por um instante e soltou uma risadinha desagradável.

— Não... não, senhor. Já... já estou anotando.

Devolveu a carteirinha de couro com os documentos a Paul.

— Senhor... não pense que estou me metendo onde não sou chamado, mas... havia umas gotas de sangue no seu olho.

— Ah, obrigado, funcionário. O médico está removendo tecidos que se formam com o decorrer dos anos. Diz que poderia me colocar um olho de vidro. Enquanto isso, tenho que aguentar os instrumentos dele. Enfim...

— Pronto, senhor. Veja, aí vem ela.



Atrás de Paul abriu-se uma porta, a mesma pela qual ele tinha entrado, e ouviram-se passos. Paul não se voltou para vê-la nesse instante, por medo de que seu rosto traísse a mínima emoção ou, pior ainda, de que ela o reconhecesse. Somente quando a puseram ao seu lado foi que ele se atreveu a lhe dirigir uma breve olhada de esguelha.

Alys, vestida numa espécie de camisolão cinzento em tecido grosseiro, tinha a cabeça baixa e fitava o chão.

Seus pés estavam descalços e as mãos, algemadas.

*Não pense em como está ela*, refletiu Paul. *Pense apenas em como tirá-la viva daqui.*

— Bom, então, se isso é tudo...

— Sim, senhor. Assine aqui e aqui, por favor.

O falso barão pegou a caneta, tomando grande cuidado em fazer uma garatuja ilegível. Depois segurou Alys pelo braço e virou-se, arrastando-a consigo.

— Só mais uma coisinha, senhor.

Paul virou-se de novo.

— O que diabos falta agora? — gritou, exasperado.

— Preciso chamar o senhor Eichmann para que autorize a saída da prisioneira, já que foi ele quem assinou a entrada.

Paul, apavorado, buscou desesperadamente algo para dizer, qualquer coisa, desde que impedisse que aquele homem fosse adiante.

— Acha necessário acordar o bom do Adolf por uma bobagem como esta?

— Será só um minuto, senhor — disse o funcionário, que já segurava o telefone.

*Estamos perdidos, pensou Paul.*

Uma gota de suor se formou em sua testa e lhe desceu pelo rosto, desviando-se das sobrancelhas e escoando para a órbita do olho bom. Paul pestanejou discretamente, mas aquela seria apenas a primeira de várias. Na sala do posto de guarda fazia muito calor, e mais ainda no ponto onde Paul estava situado, logo embaixo da lâmpada que iluminava a entrada. O quepe de Jürgen, que lhe cava muito justo, também não ajudava muito.

*Eles não podem notar que estou nervoso.*

— Senhor Eichmann?

A fala estridente do funcionário ressoou por toda a sala. Era uma daquelas pessoas que aumentam o volume da voz quando falam por telefone, para ajudar os cabos a transmiti-la melhor.

— Lamento incomodá-lo a esta hora. Está aqui o barão von Schroeder, que veio recolher a prisioneira que... — As pausas na conversa eram um alívio para os ouvidos de Paul e uma tortura para seus nervos. Ele daria qualquer coisa para poder escutar o outro lado do diálogo. — Pois é. Pois é, de fato. Sim, sim, compreendo.

Nesse momento, o funcionário levantou a cabeça e o tou, muito sério. Paul sustentou aquele olhar, com uma nova gota de suor percorrendo o caminho aberto pela anterior.

— Sim, senhor. Compreendi. Assim farei.

Desligou o telefone, devagar.

— Senhor barão?

— O que é?

— Importa-se de esperar aqui um instante? Volto logo.

— Está bem, mas ande depressa!

O funcionário saiu de novo pela mesma porta por onde havia saído quando mandara buscar Alys. Através do vidro, Paul o viu dirigir-se a um dos soldados, e este, por sua vez, a todos os outros.

*Fomos descobertos. Encontraram o cadáver de Jürgen e agora vão nos prender. Se não se lançaram sobre mim, é porque querem nos pegar com vida. Bem, pois isso não vai acontecer.*

Paul estava completamente aterrorizado. A dor de cabeça havia paradoxalmente diminuído, sem dúvida por causa dos rios de adrenalina que agora corriam por suas veias. Tinha consciência

sobretudo do roçar de sua mão com a pele de Alys. Ela ainda não levantara a cabeça desde que havia entrado. Do outro lado, o soldado que a trouxera esperava dando batidinhas impacientes no chão.

*Se vierem nos buscar, a última coisa que farei será beijá-la.*

O funcionário vinha retornando pela mesma porta, acompanhado por outros dois soldados. O grupo contornou o balcão e Paul se virou a fim de ficar de frente para eles, obrigando Alys a fazer o mesmo.

— Senhor barão?

— Sim?

— Falei com o senhor Eichmann, e ele me deu notícias surpreendentes. Não pude evitar compartilhá-las com o grupo de soldados. Estes homens querem falar com o senhor.

A dupla que havia saído da sala de lazer se adiantou.

— Permissão para apertar sua mão, em nome de toda a companhia, senhor.

— Permissão concedida, soldado — conseguiu dizer Paul, absolutamente atônito.

— É uma honra conhecer um autêntico Velho Lutador, senhor — disse o soldado, apontando a pequena medalha no peito de Paul. Uma águia em pleno voo, com as asas abertas, sustentando uma coroa de louros.

A Ordem do Sangue.

Paul, que não tinha a mais remota ideia do que era aquela medalha, limitou-se a concordar e apertar a mão dos soldados e do funcionário.

— Foi nessa ocasião que perdeu o olho, senhor? — perguntou o funcionário, com um sorriso.

Um alarme soou no cérebro de Paul. Aquilo podia ser uma armadilha. Mas ele não fazia ideia sobre o que responder, nem sobre o evento a que o soldado poderia estar se referindo.

*Que diabos Jürgen deve ter contado às pessoas? Diria que fora um acidente durante uma briga absurda em sua juventude, ou mentiria para aparentar ser o que não era?*

Os soldados e os funcionários o encaravam, atentos, na expectativa de suas palavras. Fosse qual fosse a resposta que ele escolhesse, tinha de ser já.

— Toda a minha vida tem sido dedicada ao *Führer*, cavalheiros. E também o meu corpo — disse, tentando ganhar tempo.

— Então, o senhor se feriu durante o golpe de Estado de 1923? — insistiu o funcionário.

*Antes disso ele já estava caolho, e não teria se atrevido a contar uma mentira tão evidente. Portanto, a resposta é não! Mas que desculpa poderia ter dado?*

— Temo que não, cavalheiros. Isto foi um acidente de caça.

Os soldados pareceram ligeiramente decepcionados, mas o funcionário não perdeu o sorriso.

*Talvez não fosse uma armadilha, afinal,* pensou Paul com alívio.

— Acabou com suas formalidades sociais, funcionário Faber?

— Na verdade, não. O senhor Eichmann me deu isto para lhe entregar — disse o homem, estendendo a ele uma caixinha. — São as notícias de que lhe falei.

Paul recebeu a caixinha e abriu-a. Dentro, havia uma folha datilografada e algo embrulhado em papel pardo.

Prezado amigo:

Parabéns por seu excelente desempenho. O trabalho do qual eu o encarreguei está mais do que completo, em minha opinião. Com as evidências que o senhor reuniu, começamos a agir muito cedo.

Também tenho a honra de lhe transmitir a gratidão pessoal do *Führer*. Ele me perguntou diretamente pela sua pessoa, e, quando eu disse que já pendiam do seu peito a Ordem do Sangue e a insígnia de ouro do partido, quis saber que distinção especial poderíamos lhe conceder. Conversamos alguns minutos e ocorreu ao *Führer* esta brilhante brincadeira. É um homem com grande senso de humor, tanto que mandou fabricá-la por seu joalheiro de confiança.

Venha quanto antes a Berlim. Tenho grandes planos para o senhor.

Cordialmente,

Reinhard Heydrich

Sem compreender nada do que acabava de ler, Paul tirou da caixa o objeto envolto em papel pardo e o desembulhou. Era um emblema de ouro com um diamante incrustado, uma águia bicéfala sobre uma cruz teutônica. As proporções eram incorretas, e os materiais, uma intencional e insultante paródia, mas ainda assim Paul logo reconheceu o símbolo.

Era o emblema de um maçom do grau 32.

*Jürgen, o que foi que você fez?*

— Senhores — disse o funcionário, apontando-o —, palmas para o barão von Schroeder, um homem que, segundo me contou o senhor Eichmann, realizou um trabalho tão importante para o Reich que o próprio *Führer* criou para ele uma condecoração única.

Os soldados aplaudiram, enquanto um confuso Paul se dirigia ao exterior com a prisioneira. O funcionário os acompanhou, abriu-lhes a porta e colocou algo na mão dele.

— A chave das algemas, senhor.

— Obrigado, Faber.

— Foi uma honra, senhor.

O carro se encaminhou para a saída. Manfred, virando-se ligeiramente, com a cara encharcada de suor, perguntou:

— Por que diabos você demorou tanto?

— Depois, Manfred. Primeiro vamos sair daqui — sussurrou Paul.

Buscou com suas mãos as de Alys, e ela lhe devolveu o aperto com força e em silêncio. Assim se mantiveram até ultrapassarem o portão.

— Alys — disse ele, segurando-lhe o queixo —, fique tranquila. Somos nós.

Ela finalmente ergueu o rosto. Estava coberto de hematomas.

— Percebi que era você desde que me agarrou pelo braço lá dentro. Oh, Paul, que medo enorme eu tive

— disse, apoiando a cabeça no peito dele.

— Você está bem?

— Sim — respondeu Alys, com a voz débil.

— Ele lhe fez alguma coisa, aquele degenerado? — perguntou Manfred, a quem Paul não tinha contado que Jürgen se gabara de haver estuprado Alys com grande violência.

Ela demorou alguns instantes a responder e, quando o fez, evitou o olhar de Paul.

— Não.

*Ninguém o saberá nunca, Alys, pensou Paul. E, principalmente, nunca deixarei que você saiba que eu sei.*

— Tanto melhor. Seja como for, você gostará de saber que Paul matou aquele lho da puta com suas próprias mãos. Você não sabe como este homem foi longe para tirar você dali.

Alys olhou para o rosto de Paul e então compreendeu em que havia consistido o plano, quão longe havia chegado o sacrifício dele. Levantou as mãos, ainda algemadas, e tirou-lhe o tapa-olho.

— Paul! — gritou, contendo um soluço, e ele a abraçou.

— Psit... não diga nada.

Manfred deixou a estrada e estacionou o carro junto à cabana do guarda-orestal. Paul aproveitou para tirar as algemas de Alys.

— Vamos buscá-lo todos juntos. Ele vai ter uma grande surpresa.

— Buscar quem? — perguntou ela, espantada.

— Nosso filho, Alys. Está escondido atrás da cabana.

— Julian? Vocês trouxeram Julian até aqui? Estão malucos? — gritou ela.

— Não tínhamos outra opção — defendeu-se Paul. — Foram horas terríveis.

Alys não o escutou, pois já estava descendo do carro e correndo para a parte dos fundos.

— Julian! Julian, meu amor, é a mamãe! Onde você está?

Paul e Manfred se apressaram a ir atrás, temendo que, nervosa como estava, ela caísse e se machucasse.

Encontraram-na bem na esquina da cabana, que se recortava à luz dos faróis do Mercedes como o último bastião de claridade antes da escuridão do bosque. Ali havia parado Alys, completamente horrorizada, com os olhos fora das órbitas.

— O que está acontecendo, Alys? — disse Paul.

— Acontece, meu amigo — respondeu uma voz vinda das trevas — que vocês três devem se comportar, se souberem o que convém a este homenzinho.

Paul conteve um grito de assombro e raiva e deu dois passos em direção à luz dos faróis, sem entrar em cheio na área iluminada. Apenas o necessário para que fosse possível reconhecer quem era aquela pessoa e o que fazia.

Era Sebastian Keller. E o que fazia era apontar uma pistola para a cabeça de Julian.

## Cápítulo 61

– Keller!

— Olá, Paul. O uniforme lhe cai bem.

— Mamãe! — gritou Julian, totalmente aterrorizado. O velho livreiro o prendia pelo pescoço com o braço esquerdo, apontando-lhe a arma com a outra mão. — Desculpe, mas ele me pegou desprevenido.

Depois revistou a mala, pegou a pistola...

— Julian, meu amor — disse Alys, com suavidade. — Não se preocupe com isso agora. Eu...

— Silêncio, todos! — gritou Keller. — Esta é uma questão privada entre Paul e eu.

— Vocês ouviram — disse Paul.

Tentou afastar Alys e Manfred da linha de tiro de Keller, mas o livreiro o interrompeu, apertando com mais força ainda o pescoço de Julian.

— Quietos, Paul. É melhor para a saúde do menino que você fique atrás da senhorita Tannenbaum.

— Você é uma ratazana, Keller. Só uma ratazana covarde se esconderia atrás de uma criança indefesa.

O livreiro começou a caminhar para trás, metendo-se pelas sombras, até uma zona onde não podiam vê-lo, mas somente escutar sua voz, proveniente de algum ponto situado 4 ou 5 metros adiante deles.

— Lamento, Paul. Lamento, acredite. Mas não quero acabar como Clovis e como seu irmão.

— Como...?

— Como é que eu sei? Venho seguindo sua pista desde que você pôs os pés na minha livraria, três dias atrás. E as últimas 24 horas foram exaustivamente instrutivas. Agora estou cansado e quero ir dormir, portanto me entregue o que estou procurando, e eu solto seu filho.

— Quem diabos é este louco, Paul? — interrompeu Manfred.

— O homem que matou meu pai.

A surpresa no rosto de Keller foi visível mesmo através da penumbra.

— Ora veja... então você não é tão ingênuo como parece.

Paul se jogou para a frente, colocando-se entre Alys e Manfred, que assistiam mudos àquela horrível confissão no escuro.

— Quando li a carta de minha mãe, quei sabendo que ele estava com o cunhado, com Nagel e com uma terceira pessoa, “um amigo”. E então compreendi que o senhor vinha me manipulando desde o princípio.

— Naquela noite, seu pai me chamou para que eu intercedesse por ele junto a algumas pessoas poderosas.

Queria que o assassinato que havia cometido nas colônias e sua deserção desaparecessem como por mágica.

Era complicado, mas talvez seu tio e eu tivéssemos conseguido. Em troca, ele nos ofereceu dez por cento das pedras. Dez por cento!

— E então vocês o mataram.

— Foi um acidente no calor da discussão. Ele sacou a pistola, eu me joguei sobre ele... O que importa isso agora?

— Só que importava, sim, não é, Keller?

— Esperávamos encontrar o mapa do tesouro nos papéis dele, mas não havia mapa. Sabíamos que ele tinha enviado um envelope à sua mãe e achamos que ela o tinha guardado, que algum dia... Mas os anos se passaram, e o mapa nunca apareceu.

— Porque ele não tinha enviado um mapa a ela, Keller.

Então Paul compreendeu tudo. A última peça do quebra-cabeça se encaixou no respectivo lugar, ajustando-se com perfeita simetria.

— Já o descobriu, Paul? Não minta, porque eu posso ler em você como num livro aberto.

Paul olhou ao redor antes de responder. A situação não podia ser pior. Keller tinha Julian nas mãos, e eles três estavam desarmados. Com os faróis do carro ligados, iluminando-os, eram um alvo perfeito para o livreiro, que continuava encoberto pelas sombras da cabana. Mesmo que Paul decidisse atacar e Keller desviasse a arma da cabeça do menino, o corpo iluminado de Paul continuaria como um alvo.

*Preciso desviar a atenção dele. Mas como?*

A única ideia que lhe ocorreu foi usar a verdade.

— Meu pai não lhe deu nenhum envelope para mim, não é?



Keller soltou uma risada depreciativa.

— Seu pai, Paul, era um dos maiores canalhas que já conheci. Mulherengo, mentiroso e covarde, mas também um alegre companheiro. Nós nos dávamos bem, mas a única pessoa com quem Hans se preocupou na vida foi o próprio Hans. Aquilo do envelope, eu inventei para colocar você em marcha, para que levantasse a poeira depois de todos esses anos. Quando recuperou a Mauser, Paul, você recuperou a arma que matou seu pai. E que, caso não tenha notado, é a mesma que estou apontando para a cabeça de Julian.

— Esse tempo todo...

— Esse tempo todo eu esperei para ter o prêmio. Tenho 59 anos, Paul. Com sorte, ainda me restam uns dez em forma. Sem dúvida, um baú cheio de diamantes me alegrará a aposentadoria. E agora, diga-me onde está o mapa, porque sei que você sabe.

— Está na minha mala.

— Não é verdade. Procurei nela por todos os cantos.

— Afirmo que está lá.

Houve alguns segundos de silêncio.

— De acordo — disse Keller, por m. — Vamos fazer o seguinte. A senhorita Tannenbaum dará uns passos até o escuro e seguirá minhas instruções. Arrastará a mala até a luz dos faróis, e então você se agachará e me mostrará onde está o mapa. Fui claro?

Paul fez que sim.

— Repito: está tudo claro? — insistiu Keller, elevando a voz.

— Alys — chamou Paul.

— Sim. Está claro — disse ela em tom neutro, começando a caminhar para diante.

Preocupado com o tom, Paul segurou-a pelo braço.

— Alys, não faça nenhuma bobagem.

— Não fará, Paul. Não se preocupe — disse Keller, mais ameaçador do que nunca.

Alys moveu o braço e se soltou. Em sua maneira de andar, em sua aparente passividade, no modo como abandonava a zona iluminada e adentrava as sombras sem que seu rosto nem sua voz destilassem a mínima emoção, havia algo que provocou um aperto no coração de Paul. De repente, ele teve a certeza desesperada de que tudo fora inútil. De que em poucos minutos haveria quatro clarões no bosque e quatro corpos caídos sobre um leito de agulhas de pinheiro,

contemplando a silhueta escura das árvores com olhos frios e mortos.

Mas Alys estava aterrorizada demais com o que pudesse acontecer com Julian para tentar alguma coisa.

Sem opor resistência, seguiu as ordens breves e secas de Keller e em seguida apareceu na zona iluminada caminhando para trás, arrastando uma mala aberta e repleta de roupa amontoada.

Paul se agachou e começou a remexer naquela confusão de objetos.

— Muito cuidado com o que faz — disse Keller.

Paul não respondeu. Havia encontrado o que estava procurando, a pista à qual as palavras de seu pai o tinham conduzido.

*Às vezes o maior tesouro se esconde no mesmo lugar que a maior destruição.*

A caixa de mogno onde seu pai guardava a pistola.

Com movimentos muito lentos e mantendo as mãos à vista, abriu-a. Meteu os dedos no esmerado forro de feltro vermelho e deu um forte puxão. O pano se rasgou com um leve chiado, e no vão que a pistola havia ocupado apareceu um quadradinho de papel. Paul tomou-o com as pontas dos dedos e o abriu. Havia vários desenhos e números manuscritos em nanquim.

— E então, Keller? Como se sente, sabendo que teve o mapa ao alcance da mão durante todos esses anos?

— disse, erguendo o papel, que ficou brilhando sob os faróis do carro.

Houve um novo silêncio. Paul daria qualquer coisa para poder ver a raiva e o desencanto que naquele momento deviam estar passando pelo rosto do velho livreiro.

— Está bem — retrucou Keller, com a voz rouca. — Agora, dê esse papel a Alys e aproxime-se muito devagar.

Paul, tranquilamente, guardou o papel no bolso da calça.

— Não.

— Será que não me ouviu bem?

— Eu disse que não.

— Paul, faça o que ele mandou! — pediu Alys.

— Este homem matou meu pai.

— E vai matar nosso filho!

— Você tem que obedecer, Paul — disse Manfred.

— Está bem — respondeu Paul, metendo a mão no bolso e tirando o papel. — Neste caso...

Com gestos rápidos, amassou o papelzinho, meteu-o na boca e começou a mastigá-lo.

— Nãããão!!!

O grito de fúria de Keller ecoou por todo o bosque. O velho livreiro saiu de entre as sombras, arrastando consigo Julian e ainda apontando-lhe o crânio com a pistola. Mas, ao se aproximar de Paul, desviou-a e apontou para o peito dele.

— Maldito filho da puta!

*Aproxime-se um pouco mais*, pensou Paul, preparando-se para saltar.

— Você não tinha o direito!

Keller se deteve, ainda longe do alcance de Paul.

*Mais perto!*

O livreiro começou a apertar o gatilho. Paul tensionou os músculos das pernas, disposto a que a bala, se tivesse de alcançá-lo, ao menos o fizesse em pleno salto.

— Esses diamantes eram meus!

A última palavra da frase se transformou num grito agudo e informe. A bala saiu da pistola, mas o braço se desviara para cima. Keller soltou Julian e deu um giro esquisito sobre seus pés, como se quisesse alcançar algo que havia atrás dele. Quando ele se virou, a luz incidiu sobre um estranho apêndice de cabo vermelho que lhe surgira nas costas.

A faca de caça que, 24 horas antes, havia caído da mão de Jürgen von Schroeder.

Julian, que por todo aquele tempo havia guardado a faca no cinto, tinha esperado uma ocasião em que a pistola parasse de mirá-lo para cravar a lâmina com todas as suas forças. Fizera isso, porém, em um ângulo desajeitado e muito débil, e o ferimento apenas enfurecera Keller. Gritando de dor, o livreiro apontou de novo para a cabeça do menino.

Nesse instante, Paul completou o salto, e seu ombro golpeou em cheio a cintura de Keller. O livreiro caiu no chão e tentou se levantar, mas Paul já estava sentado em cima dele, golpeando-o repetidamente no rosto com os punhos, sem lhe dar a mínima trégua, empurrando-lhe os braços para trás com os joelhos.

Golpeou mais de duas dúzias de vezes, sem notar a dor nas mãos — que no dia seguinte estariam completamente inchadas —, sem notar os nós dos dedos esfolados, sem notar como sua consciência desaparecia e cedia lugar a um animal selvagem.

Só lhe importava a dor que estava causando, e ele só parou quando não podia mais.

— Chega, Paul — disse Manfred, pondo a mão no ombro dele. — Está morto.

Paul se voltou. Julian estava nos braços da mãe, com a cabeça enterrada no peito dela. Paul rogou aos céus que o menino não tivesse visto o que ele acabara de fazer. Despiu a jaqueta militar de Jürgen, encharcada até os cotovelos pelo sangue de Keller, e aproximou-se para abraçar Julian.

— Você está bem?

— Peço desculpas por não ter obedecido vocês e cado com a faca — disse o menino, começando a chorar.

— Você foi muito corajoso, Julian. E salvou a vida de todos nós.

— Verdade?

— Verdade. E agora, temos que sair daqui — respondeu Paul, encaminhando-se para o carro. — Alguém pode ter ouvido o tiro.

Alys e Julian entraram na parte de trás, e Paul se acomodou no assento do carona. O jovem engenheiro ligou o carro, e eles voltaram para a estrada.

— Eu queria saber uma coisa, Paul — disse Manfred, quebrando com um sussurro o silêncio do interior do veículo meia hora depois, quando Alys e Julian já dormiam abraçados no banco traseiro.

— Diga.

— Aquele papelzinho realmente levava a um baú cheio de diamantes?

— Creio que sim. Enterrado na África do Sudoeste.

— Pois é — disse Manfred, decepcionado.

— Você ficou com vontade de ir procurá-lo?

— Nós vamos ter que sair da Alemanha. Ir procurar um tesouro não seria uma má ideia. Uma pena que você o tenha engolido.

— Na realidade — disse Paul, puxando o mapa do bolso com grande di culdade —, o que eu

engoli foi uma nota em que concediam uma medalha ao meu irmão. Mas, a esta altura, acho que ele não vai se importar.

## Epílogo

*Estreito de Gibraltar,*

*12 de março de 1940*

Paul começou a se preocupar quando as ondas golpearam o bote improvisado. A travessia não devia ser difícil: apenas umas poucas milhas num mar calmo, protegidos pela noite.

Depois, tudo se complicara.

Evidentemente, nada havia sido muito normal nos últimos anos. Tinham escapado da Alemanha pela fronteira com a Áustria sem grandes contratempos e chegado à África do Sudoeste no início de 1935.

Aquela foi uma época de começos. Alys começava a recuperar o sorriso, a ser a mulher forte e obstinada que sempre havia sido. Julian tinha um medo tremendo do escuro, que aos poucos começava a diminuir. E Manfred começava a se entender muito bem com seu cunhado, sobretudo porque este se deixava vencer no xadrez.

A busca do tesouro de Hans Reiner foi mais complexa do que podia parecer. Paul voltou ao seu trabalho numa mina de diamantes durante vários meses, desta vez acompanhado por Manfred, que, graças ao seu título de engenheiro, se tornou chefe de Paul. Alys, por sua vez, não demorou a assumir a função de fotógrafa oficial de qualquer acontecimento social do protetorado.

Juntos, conseguiram economizar dinheiro suficiente para adquirir uma pequena chácara na bacia do Orange, a mesma em que Hans e Nagel haviam roubado os diamantes 32 anos antes. A propriedade mudara várias vezes de mãos nas últimas três décadas, e muitos diziam que era amaldiçoada. Várias vezes se ergueram para avisar a Paul que ele estaria desperdiçando seu dinheiro se comprasse aquele lugar.

— Não sou supersticioso — disse Paul. — E tenho o pressentimento de que isso pode mudar minha sorte.

Foram discretos. Esperaram vários meses antes de ir buscar os diamantes. Fizeram-no os quatro juntos numa noite de lua cheia no verão de 1936. Conheciam perfeitamente os terrenos vizinhos, após tê-los percorrido a cada domingo armados com cestas de piquenique, fingindo dar um passeio.

O mapa de Hans era surpreendentemente preciso, como seria cabível esperar de alguém que passara metade da vida inclinado sobre cartas náuticas. Mostrava uma trilha e o curso de um riacho, e no cruzamento de ambos uma rocha com forma de ponta de echa. Trinta passos ao norte, a partir da rocha, cavaram. A terra era fofa, e não demoraram muito a encontrar o baú. Manfred suspirou quando o abriram e viram as pedras brutas à luz das lanternas. Julian havia começado a brincar com elas, e Alys dançou com Paul um animado foxtrote, sem outra música

além da dos grilos da trilha.

Três meses mais tarde, celebraram seu casamento na igreja da aldeia. Seis meses depois, Paul se apresentou no escritório de avaliação gemológica da mina e disse que havia encontrado umas pedras no riacho de sua propriedade. Levou algumas das menores e cou olhando o avaliador com a alma em suspenso, enquanto este as examinava na contraluz, raspava-as sobre feltro, acariciava o bigode e fazia todos aqueles trejeitos afetados e desnecessários que os especialistas em algum campo realizam para dar-se importância.

— São de excelente qualidade. Eu, no seu lugar, compraria uma gamela para garimpar e começaria a remexer essas águas, rapaz. Compro tudo o que você me trouxer.

Ficaram “tirando” diamantes do riacho durante dois anos. Na primavera de 1939, Alys intuiu que a situação na Europa estava ficando muito feia.

— Os sul-africanos estão do lado dos ingleses. Dentro em pouco, seremos pessoas indesejáveis nas colônias.

Paul compreendeu que era hora de partir. Venderam um lote de pedras maior que o normal — tanto que o avaliador precisou chamar o administrador da mina para que lhe enviasse dinheiro — e, numa noite, abandonaram a chácara sem se despedir de ninguém, levando pouco mais que alguns objetos pessoais e cinco cavalos.

Tinham tomado uma decisão importante sobre o que fazer com o dinheiro dos diamantes. Dirigiram-se ao norte, à península de Waterberg. Ali, viviam pobremente os sobreviventes dos hereró, aqueles que o pai de Paul contribuíra para exterminar, aqueles com quem ele havia convivido longas temporadas durante sua primeira estada na África do Sudoeste. Quando Paul entrou de novo no povoado, o feiticeiro da tribo o recebeu com um cântico de boas-vindas.

— Voltou Paul Mahaleba, Paul o caçador branco — dizia, agitando sua varinha emplumada.  
— Alegrem-se!

Paul foi diretamente falar com o chefe da tribo e lhe entregou uma enorme pasta que continha três quartos do valor que eles haviam conseguido com a venda dos diamantes.

— Isto é para os hereró. Para devolver a dignidade à sua gente.

— É você quem recupera assim a dignidade, Paul Mahaleba — replicou o feiticeiro da tribo. — Os hereró nunca a perderam. Mas seu presente será bem-vindo ao nosso povo.

Paul concordou com humildade diante da sabedoria daquelas palavras.

Passaram no povoado vários meses maravilhosos, ajudando como podiam na reconstrução do que ele havia sido no passado. Até que, um dia, um dos vendedores ambulantes que passavam de vez em quando por Windhoek contou a Alys notícias terríveis.

— A guerra na Europa começou.

— Já zemos o suficiente aqui — disse Paul, pensativo, olhando para o lho. — É hora de pensar em Julian. Ele já tem 15 anos e precisa de uma vida normal, em um lugar com futuro.

E assim iniciaram a longa peregrinação rumo ao outro lado do Atlântico. Primeiro até a Mauritània, de barco, depois até o Marrocos francês, de onde tiveram que escapar daquela maneira estranha com destino a Portugal, quando as fronteiras se fecharam para aqueles que não tivessem visto. Uma formalidade que não era muito factível para uma judia sem documentos e para alguém o cialmente morto, que não tinha outra identificação além de uma velha carteira de identidade de um oficial das SS desaparecido.

Depois de conversar com vários refugiados, Paul decidiu atravessar o Estreito partindo de um lugar fora de Tânger.

— Não será difícil. As condições são boas, e são apenas 13 milhas.

O mar, porém, gosta de contradizer as palavras tolas dos homens ousados, e naquela noite levantou-se uma repentina tempestade. Lutaram contra ela durante longo tempo, e Paul chegou ao extremo de amarrar toda a sua família com cordas à canoa, para que as ondas não os arrancassem da patética embarcação comprada a preço de ouro de um mafioso tangerino.

Se aquela patrulha espanhola não tivesse aparecido providencialmente, os quatro não escapariam da morte.

Ironicamente, Paul sentiu ainda mais medo no porão do barco do que durante a espetacular abordagem, na qual cou pendurado ao costado do patrulheiro por segundos intermináveis. Uma vez a bordo, todos temeram ser levados para Cádiz, algo que ameaçava devolvê-los à Alemanha. Paul se reprovou por sua imprudência de não ter tentado sequer aprender algumas palavras em espanhol.

Seu plano era alcançar uma praia a leste de Tarifa, onde supostamente estaria esperando por eles um contato do ma oso que lhes vendera a canoa, o qual os levaria até Portugal numa caminhonete. Mas não tiveram oportunidade de comprovar isso.

Paul passou muitas horas no porão tentando achar uma solução. Roçou com os dedos um bolso oculto da camisa, onde guardava uma dúzia dos diamantes maiores, os últimos de Hans Reiner. Tanto Alys como Manfred e Julian tinham em suas roupas um esconderijo similar. Talvez se subornassem a tripulação com um punhado deles...

Foi grande sua surpresa quando o capitão espanhol os tirou do porão em plena noite, deu-lhes um bote e lhes indicou por acenos onde ficava a costa de Portugal.

À luz do fonal que iluminava o convés, Paul cou olhando o rosto daquele homem que devia ter a sua idade. A mesma idade que seu pai tinha quando morreu, a mesma pro ssão. Paul se



perguntou como teriam corrido as coisas em sua vida se seu pai não tivesse sido um assassino, se ele não tivesse empregado a maior parte de sua juventude procurando os que o mataram.

Meteu a mão entre as roupas e tirou a única lembrança que lhe restava daquela época. O fruto do lado malvado de Hans, o emblema da traição de seu irmão.

*Talvez as coisas tivessem sido diferentes para Jürgen se seu pai tivesse sido um homem honrado,* pensou.

Perguntou-se como poderia fazer aquele homem entender isso. Colocou o emblema na mão dele e depois repetiu duas palavras simples.

— Traição — disse, tocando o próprio peito com o indicador. — Salvação — acrescentou, tocando o peito do espanhol.

Talvez algum dia o capitão encontrasse alguém que lhe explicasse o que significavam.

Pulou para o bote com um salto e começou a remar com os outros. Em poucos minutos escutaram o rumor da água nas margens do rio, e o leve roçar do bote contra as pedras do fundo.

Estavam em Portugal.

Olhou ao redor antes de desembarcar, para assegurar-se de que não havia perigo, mas não identificou nenhum.

*É curioso,* pensou Paul. *Desde que arranquei meu olho, tenho de girar a cabeça constantemente para ver bem o que acontece ao meu redor.*

*No entanto, agora vejo tudo muito mais claro.*

*Santiago de Compostela, junho de 2008*

## Nota do autor

O romance terminou, leitor, mas não a história do emblema do traidor. E isso merece uma explicação.

Quando, três anos atrás, conheci Juan Carlos González, não imaginava que rumos nossa amizade tomaria.

Naquela época ele já era diretor de uma famosa livraria de Vigo, que não identi co aqui para preservar sua intimidade. Numa tarde de ócio, lhe contei, muito por alto, o argumento do romance para o qual estava pesquisando naquele momento, e que seria aquele que agora você poderia não estar segurando em suas mãos.

Assim teria sido se ele não tivesse aberto a boca e dito:

— Quer que eu lhe conte algo digno de um romance?

Fiz que sim com resignada cortesia. Se me dessem dez centavos a cada vez em que escutei essa frase, eu poderia convidar minha família para comer num bom restaurante.

Mas, dessa vez, foi diferente.

Dessa vez era verdade.

Juan Carlos me contou a história de como o patrulheiro no qual seu pai servia salvara quatro misteriosos alemães de morrerem afogados no Estreito, e como um deles o recompensara com um emblema de ouro.

Sua história ia além da minha, já que seu pai *voltou a encontrar* o homem que lhe presenteara o emblema, embora a 5 mil quilômetros de distância e vinte anos mais tarde. Esse é outro enredo, e talvez eu me anime a contá-lo em outra ocasião.

Quando me despedia de Juan Carlos, antes de entrar no carro com Moncho Paz, um bom amigo jornalista, comentei com os dois que, embora o relato fosse muito bom, jamais daria um romance. Ao chegar à minha casa, contei toda a história a Katuxa, minha mulher.

— Vejo que você vai mudar de enredo — disse ela, balançando a cabeça.

— É impossível escrever um livro com esses dados. Não há interesse humano, não há matizes, não há conflito. É apenas uma historieta. Além disso, já concluí a documentação para [ *censurado* ].

— Acredite em mim... você vai escrever esse — disse Katuxa, com a insultante segurança que me faz amá-la e detestá-la tanto.

Descobri — graças a ela — que, quando insisto sobre quão pouco alguma coisa me atrai ou me interessa, todos os que me rodeiam sabem de imediato que essa é justamente a única coisa que me preocupa naquele instante. De modo que passei as dez semanas seguintes tentando demonstrar a todos eles que estavam enganados.

Evidentemente, fui o último a constatar que o único enganado era eu.

Por sorte, a essa altura já dispunha de uma centena de livros e umas mil folhas de documentação. Destas, a mais importante cabia em dois parágrafos:

Os maçons foram objeto de perseguição durante a ditadura nazista na Alemanha: mais de 80 mil deles morreram nos campos de concentração. Conta uma antiga lenda maçônica que o causador da queda das lojas foi um só maçom, que vendeu todas aos nazistas.

Para recompensá-lo, dizem que Hitler mandou seu ourives de conança fabricar uma cruz de ouro, uma réplica burlesca da medalha de latão do grau 32 do maçom traidor. O ourives engastou nela um diamante muito especial, que pertencera a um jogo desfalcado de diamantes da própria sobrinha — e amante — de Hitler, Geli Raubal.

O objeto de ouro maciço de Juan Carlos González seria o famoso emblema do traidor? Não sabemos com certeza, mas sua manufatura e a avaliação que dele zera joalheiros especializados e independentes indicam que é possível. E isso, unido ao fato de que Juan Carlos recebeu ofertas milionárias por parte de elevados maçons a cujo conhecimento chegou “casualmente” a existência do objeto...

Lenda ou não, naquele momento compreendi que aquela história podia, sim, virar um romance. Faltava, porém, um componente essencial, a saber: por que alguém cometeria uma traição como aquela. É nesse ponto que minha história se separa por completo da lenda e viaja até a alma de Paul, Jürgen e Alys, os quais, lutando contra os pecados de seus pais, cometeram outros tantos por sua própria iniciativa. No nal, como em todos os bons relatos, os personagens e seus problemas acabaram engolfando o pretexto do qual partiram.

Sem dúvida, como bem diz Paul a certa altura do romance, a maçonaria é tremendamente tediosa. Por isso, as cerimônias dos maçons foram drasticamente encurtadas em benefício da história (e para não adormecer o leitor).

Foram três as fontes de inspiração deste livro. A primeira, a própria história de Juan Carlos González, seu emblema e a lenda. A segunda foram os ensaios autobiográficos de Sebastian Haffner e Viktor Klemperer, que me ajudaram a entrar na complexíssima mentalidade da Alemanha do entreguerras. A terceira, o romance de Alexandre Dumas *O conde de Monte Cristo*, com o qual o meu não se parece em nada (lamentavelmente para mim), mas que parte da mesma ideia, uma vingança adormecida durante décadas.

Há ainda uma última, e esta é sobretudo para as leitoras. A personagem de Alys é minha

tentativa de expandir em palavras os sentimentos contidos na canção *Who's gonna ride your wild horses*, uma das melhores canções do melhor grupo de rock de todos os tempos: U2. Um aplauso, por favor, para sua primeira estrofe: *You're dangerous 'cause you're honest*

*You're dangerous 'cause you don't know what you want*

Foi na Alemanha do entreguerras que pela primeira vez surgiu na Europa a gura de uma mulher independente, sexualmente liberada, com igualdade de oportunidades, ou algo bastante próximo disso, levando-se em conta as circunstâncias. Ela chegou a essa posição por si mesma, embora muitos tentassem colocar pedras em seu caminho.

Foi a primeira vez que brilhou uma luz que nunca deve se apagar.

## Agradecimentos

Quero agradecer.

Como sempre, a Antonia Kerrigan, por ser a melhor agente do mundo, assim como a Lola Gulias e Victor Hurtado, por seu trabalho impecável.

Em Vigo, a Juan Carlos González, que me deu a ideia para este romance.

Em Munique, a Isold e Berdy Brugmann, que não se cansaram de me fazer perambular pela cidade; ao indivíduo desconhecido que me roubou a carteira no ônibus, pois me permitiu conhecer os comissariados da Baviera por dentro e os agentes Schmidt e Ziegler, os quais, quando lhes contei o objeto de minha pesquisa, mostraram-me o apartamento de Hitler em Prinzregenten Platz, um andar abaixo do da família Tannenbaum. O apartamento pertence hoje à polícia, e o único móvel que restou do ditador é uma estante onde se exibem os troféus esportivos do comissariado.

Em Nova York, a Tom e Elaine Colchie, a quem devo não só a posição privilegiada de que meus livros gozam no mundo de língua inglesa como também o carinho e a atenção com que eles leem e aconselham.

Em Madri, a Eric Frattini, a quem eu devia um agradecimento desde *Espião de Deus*.

Em Santiago de Compostela, a Manuel Soutiño, que perde horas de sono para ler meus manuscritos em nome da amizade.

Em Pontevedra, a Manel Loureiro, em cuja opinião Brunhilda é exageradamente má. E quem o diz é um autor de romances de terror que espalha por eles milhões de zumbis.

Em Bueu, a Araceli e Sebastián, que cuidaram de mim e me alimentaram com as melhores sardinhas e os melhores conselhos do mundo na fase final de redação do livro. Sem eles, não teria sido possível!

Em Málaga, a Javier Sierra, jornalista inquieto, escritor best-seller, *esquisitólogo*. Você foi o primeiro de nossa geração a vender literatura espanhola pelo mundo, e além disso é um bom amigo.

Em minha própria casa, a Katuxa, por escutar e me ensinar, especialmente neste romance que foi tão difícil de escrever e que me exigiu um sacrifício especial, pelo qual estarei sempre — ainda mais! — em dívida com ela.

A Andrea e Javi, por me recordarem diariamente a coisa mais importante do mundo.

E a você, leitor. Por haver transformado meus dois primeiros romances em sucessos em quarenta países, por haver chegado a esta página, por me escrever contando o que achou do

livro. Muito obrigado, de verdade.